00046071

BOMBAY BRANCH
OF THE
ROYAL ASIATIC SOCIETY.
TOWN HALL, BOMBAY.

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016

46071

DA ASIA
DE
DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA SEXTA

PARTE PRIMEIRA.

Vol 6 Pt I

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M.DCCLXXXI. (1781)

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

H.L.I.1.2G

46071

Por 915
Cou/ASI
46071

00046071

INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE I. DA DECADA VI.

LIVRO I.

CAP. I. *De como foi eleito pera Governador da India D. João de Castro e da Armada com que partio pera a India no anno de 1545: e de como chegou a Goa, e tomou posse da governança: e das cousas em que proveo: e da viagem que Martim Affonso de Sousa teve até o Reyno.* Pag. 1.

CAP. II. *Da dissimulação com que Coge Cofar mandou visitar o Governador: e das pazes que se fizeram com ElRey de Cananor: e dos recados que passáram antre o Governador, e o Idalxá sobre Mealecan.* 11.

CAP. III. *Do que aconteceo a Diogo Soares de Mello indo pera Patane: e de como foi ter a Pegú, e foi em companhia daquelle Rey contra o de Arracão: e do que lhe succedeo até chegar a Patane.* 16.

CAP. IV. *Da chegada d'ElRey de Maluco a Goa: e de como o Governador Dom João de Castro o tornou a mandar pera*

 seu

seu Reyno, e Bernaldim de Sousa foi entrar naquella fortaleza: e do que aconteceo na viagem a Fernão de Sousa de Tavora: e dos partidos com que Ruy Lopes de Villa-lobos se entregou. 22.

CAP. V. *Do que mais passou Fernão de Sousa de Tavora com os Castelhanos: e de como foram todos contra o Rey de Geilolo, e o cercáram na sua fortaleza: e de como se recolhêram sem fazerem cousa alguma.* 30.

CAP. VI. *Das intelligencias que Coge Çofar teve com hum Ruy Freire, estando em Surrate, sobre lhe entregar a fortaleza de Dio: e da gente, que naquella Ilha entrou dissimuladamente.* 40.

CAP. VII. *De como Ruy Freire chegou a Goa com as cartas que o Capitão da fortaleza de Dio mandava ao Governador D. João de Castro: e elle mandou de soccorro seu filho D. Fernando, e outros Fidalgos em nove navios: e da chegada de Coge Çofar a Dio: e do terceiro aviso, que D. João Mascarenhas teve: e dos recados que antre ambos corrêram.* 51.

CAP. VIII. *Do conselho que Coge Çofar tomou com seus Capitães sobre o modo de como cercaria a fortaleza: e de como assentáram ganhar primeiro o baluarte do mar: e de huma grande máquina que pera*

ra iſſo armáram : e de como o Capitão lha mandou queimar : e das couſas que mais paſſáram até chegar D. Fernando de Caſtro. 63.

CAP. IX. *De como Coge Çofar começou a fazer a parede : e das couſas que ſuccedêram com a chegada de D. Fernando de Caſtro : e de hum grande feito que fez Diogo da Nhaya Coutinho.* 69.

LIVRO II.

CAP. I. *De como ElRey Soltão Mahamude chegou a Dio : e de hum aſſignalado feito que ſeis ſoldados fizeram, em que tomáram hum Mouro: e das aſperas baterias que deram á fortaleza.* Pag. 78.

CAP. II. *De como os Mouros continuáram a bateria, e ElRey ſe foi da Cidade por hum ruim agouro que tomou : e do monte da rama que os inimigos alevantáram defronte do baluarte S. Thomé.* 86.

CAP. III. *De como os noſſos furtáram o entulho aos Mouros : e de como matáram Coge Çofar : e do ſoccorro que o Capitão mandou pedir a Goa : e de como os inimigos entulháram a cava : e de outras couſas.* 94.

CAP. IV. *Do recado que Rumecan mandou ao Capitão por Simão Feio : e do grande,*

de, e aspero combate que os inimigos deram á fortaleza: e de como entráram o baluarte S. Thomé. 103.

CAP. V. *De outro muito grande, e aspero combate, que Rumecan deo á fortaleza com todo o poder: e das cousas, que nelle succedêram.* 114.

CAP. VI. *De como os Mouros entráram pela banda da rócha: e de hum valoroso feito, que huma mulher fez: e de como acudio o Capitão, e os lançou fóra: e de como matáram Juzarcão.* 121.

CAP. VII. *De algumas cousas que passáram em Goa: e de como o Governador D. João de Castro mandou seu filho Dom Alvaro de Castro de soccorro a Dio: e dos assaltos que os Mouros deram áquella fortaleza, de que se recolhêram desbaratados.* 130.

CAP. VIII. *De outras baterias que deram á fortaleza: e de como chegou a ella o Vigario, que foi com recado a Chaul, e Baçaim: e de hum grande assalto que os Mouros deram: e das grandes fomes, e necessidades que havia na fortaleza: e de hum muito honroso, e valoroso feito que fez Martim Botelho.* 141.

CAP. IX. *De como Rumecan mandou minar o baluarte S. João: e do ardil de que usou de huma falsa espia pera segurar*

rar

var os nossos: e de como arrebentou o baluarte: e da morte de D. Fernando de Castro, e de outros Fidalgos, e Cavalleiros. 153.

CAP. X. De como os Mouros commettêram o baluarte S. João: e do grande valor, com que sinco homens o defendêram: e de outras cousas. 161.

LIVRO III.

CAP. I. Do que aconteceo na viagem a D. Alvaro de Castro até Chaul: e de como Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodrigues de Tavora chegáram a Dio: e do que fez Rumeçan. Pag. 168.

CAP. II. De alguns assaltos, que os Mouros deram á fortaleza: e de huns escravos que della fugíram pera os Mouros: e de como os inimigos ganháram ametade do baluarte Sant-Iago. 177.

CAP. III. Dos soccorros que partíram de Baçaim: e do que aconteceo a Luiz de Mello de Mendoça, e aos mais até chegarem a Dio: e do grande assalto que os Mouros deram, em que ganháram parte de todos os baluartes. 186.

CAP. IV. De outros assaltos, que os Mouros deram á fortaleza: e de hum muito arriscado feito, que commetteo Antonio Cor-

Correia por tomar huma espia, em que foi cativo: e do grande, e aspero martyrio que recebeo. 194.

CAP. V. *De algumas cousas, que mais succedêram: e do que aconteceo na viagem a D. Alvaro de Castro: e de hum grande motim que houve dos Portuguezes contra o Capitão.* 204.

CAP. VI. *De como D. João Mascarenhas por desconfiança sahio aos inimigos, e lhes ganhou as primeiras estancias, e a parede, e os commetteo no campo, onde foi desbaratado, e morto D. Francisco de Menezes, e outros Fidalgos.* 215.

CAP. VII. *De como os Mouros ganhâram as peças de artilheria do baluarte São Thomé: e de como Rumecan mandou fazer huma nova Cidade junto da nossa fortaleza: e das náos, que este anno de quarenta e seis partíram do Reyno, de que era Capitão mór Lourenço Pires de Tavora: e de como D. Manoel de Lima chegou a Goa: e das novas que deram ao Governador dos successos de Dio, e do soccorro que mandou.* 223.

CAP. VIII. *De como D. Alvaro de Castro mandou Luiz de Almeida a esperar as náos de Meca: e de como tomou duas: e dos mais damnos que algumas Armadas, que sahíram de Baça-*

ça-

çaim, e Chaul, fizeram na enceada de Cambaya. 232.

CAP. IX. *De como o Governador D. João de Castro partio pera Dio, e de Baçaim despedio D. Manoel de Lima pera a enceada de Cambaya, e da guerra que por ella fez: e de como as náos, que partíram do Reyno no anno de 1546., de que era Capitão mór Lourenço Pires de Tavora, chegáram a Cochim, e Lourenço Pires de Tavora se partio pera Dio de soccorro.* 239.

CAP. X. *De como o Governador D. João de Castro chegou á fortaleza de Dio: e do conselho que tomou sobre a desembarcação: e de como se ordenou pera dar batalha aos inimigos.* 248.

LIVRO IV.

CAP. I. *De como o Governador D. João de Castro sahio da fortaleza, e commetteo as estancias dos inimigos: e do muito primoroso, e honroso desafio que tiveram D. João Manoel, e João Falcão: e de como os nossos ganháram as estancias: e dos grandes, e espantosos casos que acontecêram a alguns Portuguezes.* Pag. 260.

CAP. II. *De como o Governador D. João de*

de Castro apresentou batalha aos inimigos, e da crueza della, e de como os desbaratou, e ganhou a Cidade com morte de Rumecan, e cativeiro de Juzarcan. 273.

CAP. III. *Das cousas que mais succedêram: e de como Lourenço Pires de Távora se embarcou pera o Reyno, e levou comsigo Rax Nordin, filho de Rax Xarrafo, Guazil de Ormuz: e de como o Governador D. João de Castro mandou D. Manoel de Lima a fazer guerra á costa de Cambaya: e de como destruio as Cidades de Goga, Gandar, e outras.* 286.

CAP. IV. *De como D. João Mascarenhas desistio da fortaleza de Dio, e o Governador D. João de Castro a entregou a D. Manoel de Lima: e de como Antonio Moniz Barreto foi esperar as náos de Cambaya: e de como chegáram a Goa as novas da vitoria: e de hum heroico feito que fizeram as matronas de Goa.* 296.

CAP. V. *Do tempo em que os Turcos tomáram a Cidade de Baçorá: e de como D. Manoel de Lima foi entrar na fortaleza de Ormuz: e D. João Mascarenhas tornou a ficar na de Dio.* 304.

CAP. VI. *Do grande triunfo com que o Governador D. João de Castro foi recebido na Cidade de Goa.* 311.

CAP.

CAP. VII. *Das cousas, que neste tempo acontecêram em Ceilão: e de como o Governador D. João de Castro mandou Antonio Moniz Barreto com huma Armada em soccorro de ElRey de Candea: e de como D. Jorge de Menezes tomou a Cidade de Baroche.* 321.

CAP. VIII. *De como o Madune persuadio a ElRey de Candea a levantar-se contra os Portuguezes: e do que aconteceo a Antonio Moniz Barreto na jornada: e de como atravessou toda a Ilha de Ceilão com as armas nas mãos, pelejando com o poder daquelle Rey.* 329.

CAP. IX. *De como o Idalxá mandou alguns Capitães sobre as terras de Salsete: e de como D. Diogo de Almeida, Capitão de Goa, o foi buscar, e desbaratou.* 338.

LIVRO V.

CAP. I. *Do que aconteceo na jornada a Bernaldim de Sousa: e de como huma Armada dos Achens foi a Malaca: e de como D. Francisco Deça sahio apôs ella, e do que lhe aconteceo.* Pag. 343.

CAP. II. *De como a nossa Armada achou os inimigos no rio de Parlés: e da vitória que os nossos alcançáram: e de como foi revelado ao Padre Mestre Francisco Xa-*

Xavier da Companhia de Jesus, estando prégando, e a denunciou logo a todos. 351.

CAP. III. *De como o Idalxá mandou outros Capitães sobre as terras de Salsete: e do recado que o Governador D. João de Castro teve de Dio: e das Armadas que este anno partíram do Reyno.* 361.

CAP. IV. *De como o Governador D. João de Castro partio pera Pondá, e tomou aquella fortaleza: e de hum Embaixador que o Rdo mandou ao Governador: e das pazes que com elle se assentdram.* 368.

CAP. V. *Do fundamento deste Reyno Canará, e origem de seus Reys com todos os que até hoje reináram: e donde nasceo chamarem a este Reyno de Bisnagá, e de Narsinga.* 375.

CAP. VI. *Da grande Armada com que o Governador D. João de Castro partio pera o Norte: e de como mandou seu filho D. Alvaro de Castro a Surrate: e do que lhe aconteceo.* 384.

CAP. VII. *Das cousas que o Governador D. João de Castro fez: e de como chegou a Surrate, e passou a Baroche, onde achou ElRey de Cambaya com hum poderoso exercito: e de como desembarcou á sua vista: e do mais que lhe aconteceo.* 391.

CAP. VIII. *De como o Governador Dom João*

João de Castro passou a Dio, e metteo de posse daquella fortaleza a Luiz Falcão, e D. João Mascarenhas se embarcou pera o Reyno: e de como o Governador destruio as Cidades de Pate, e Patane. 397.

CAP. IX. *De como o Idalxá mandou Calabatecan sobre as terras de Salsete: e de como os Vereadores de Goa não deixáram passar D. Diogo de Almeida, Capitão da Cidade, em busca delles: e da pressa com que o Governador D. João de Castro se embarcou pera Goa: e de como destruio a Cidade de Dabul.* 402.

CAP. X. *De como o Governador D. João de Castro passou a Salsete em busca dos inimigos, e batalha que lhes deo, em que os desbaratou de todo.* 408.

CAP. XI. *De como o Governador D. João de Castro proveo nas cousas das terras de Salsete: e de como partio pera o Norte, e destruio toda a costa do Idalxá.* 416.

DE-

DECADA SEXTA.

LIVRO I.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como foi eleito pera Governador da India D. João de Castro: e da Armada com que partio pera a India no anno de 1545. e de como chegou a Goa, e tomou posse da governança: e das cousas em que proveo: e da viagem que Martim Affonso de Sousa teve até o Reyno.

CHEGADA a Armada de Diogo da Silveira a Portugal, e informado ElRey D. João o III. delle das cousas da India, e vendo as cartas de Martim Affonso de Sousa, e a instancia com que lhe pedia mandasse successor, e que o mesmo mandava pedir por Diogo da Silveira, indo ElRey pera Evora passar o inverno,

começou de tratar de negocios, e entrar na eleição da pessoa, que havia de mandar por Governador da India, pera cujo cargo lhe inculcou o Infante D. Luiz seu irmão a Dom João de Castro, filho de D. Alvaro de Castro, Governador da Casa do Civel, (que já tinha andado d'antes na India, como no Capitulo V. do setimo Livro da Quinta Decada fica dito,) a quem pelas partes que tinha era muito affeiçoado. E como o Infante D. Luiz tinha já muito obrigado a ElRey pelo grande amor, e cortezia com que o tratava, nomeou a D. João de Castro por Governador da India em Janeiro de quarenta e cinco, e lhe assinou seis náos com dous mil homens.

Com o despacho desta Armada correo o Conde da Castanheira. Nos requerimentos se dizia que não ficára, D. João de Castro satisfeito, porque como hia contra o gosto dos do Conselho, que o teriam de ir outro com aquelle cargo, não lhe respondêram bem, do que elle andava pejado. Mas o Infante D. Luiz lhe disse, que se embarcasse, e se calasse, que como estivesse na India, segundo as novas que delle viessem, assim se lhe responderia, com o que se calou, e aviou, mandando negociar seus filhos Dom Alvaro, e D. Fernando de Castro pera irem com elle.

Aqui

Aqui ſe conta huma couſa de D. João de Caſtro, que ſe lhe notou por doudice, como outras muitas que o não eram. Eſta foi, que paſſando hum dia pela porta de hum calceteiro, vio eſtar humas calças de veludo mui ricas, e de muito feitio, e detendo o cavallo, as pedio, e olhou, e depois de notar a obra que era curioſa, perguntou cujas eram? O calceteiro não o conhecendo, diſſe que eram de hum filho do Governador, que hia pera a India. D. João de Caſtro, dando-lhe a paixão, tomou huma tiſoura; e as cortou todas em retalhos, e diſſe ao calceteiro: *Dizei a eſſe moço que faça armas*, e foi paſſando.

Em fim, como o tempo da embarcação ſe hia chegando, foi ElRey concluindo com os negocios da India, deſpachando Rax Xarrafo Guazil de Ormuz pera ſe ir naquella Armada, porque havia muitos annos que o tinha no Reyno, (como na Quarta Decada no Capitulo III. do Livro ſexto fica dito;) e não continuamos com elle, porque de induſtria o guardámos pera eſte lugar.

Depois deſte Mouro chegar ao Reyno, que foi no anno de vinte e ſete, o teve ElRey no Caſtello de Lisboa muitos annos ſem o ouvir, e depois a ſeu requerimento o mandou levar á Relação, onde lhe elle fez huma mui elegante falla ſobre ſuas cou-

ſas, allegando-lhe os ſerviços que lhe tinha feito, e contando-lhe os muitos aggravos, e tyrannias, que ſempre recebêra dos Capitães de Ormuz, concluindo que de tudo fizera muitas vezes queixas a S. A. por cartas, e iſſo meſmo aos Governadores da India, e que nem hum, nem outro lhe remediára ſuas queixas, por onde lhe pareceo que S. A. não fazia conta da fortaleza de Ormuz, e que elle por remir ſua vexação fizera o que fez.

ElRey o ouvio bem; e parecendo-lhe que tinha juſtiça, o mandou pera Montemór o novo, entregue ao Capitão mór dos Ginetes, em huma prizão livre, pera que pudeſſe ir á caça, e paſſear pela Villa. Alli eſteve até a entrada deſte anno, que o deſpachou pera ir com D. João de Caſtro, e lhe fez mercê dos cargos de Guazil, e Juiz da Alfandega de Ormuz, pera elle, e pera ſeu filho, e que pudeſſe mandar á Cidade de Goa cada anno vinte cavallos, e que os tiraſſe pera os Reynos do Decan fórros dos direitos, e outras mercês, e honras; e ao deſpedir-ſe, lhe diſſe ElRey, que folgaria de ver naquelle Reyno alguma couſa ſua pera lhe fazer mercês. Deſta palavra entendeo o Guazil, que ElRey ficava ainda deſconfiado delle, e beijando-lhe a mão, lhe reſpondeo, que elle ſatisfaria S. A. e aſſim ſe

em-

embarcou ſatisfeito. Contam deſte Guazil *muitas grandezas*, *entre ellas huma foi*, não querer acceitar mercês a ElRey de dinheiro, mandando-lhe dar muito, e muitas vezes. E que com ſaber mui bem a lingua Portugueza, nunca quiz uſar della, e dizia muitas vezes, que o homem honrado não havia de mudar lei, nem lingua.

Antre muitas couſas, que ElRey proveo pera a India, e que deo por regimento ao Governador foi, que proveſſe tres Veadores da Fazenda em Goa, que hiam nomeados, hum pera a Ribeira das Armadas de Goa, outro pera os Contos, e outro pera a carga das náos do Reyno em Cochim. E poſto que alguns digam que lhe pareceo a ElRey ſer aſſi neceſſario pelo grande creſcimento, em que hiam as couſas da India; o que ſe tem por mais certo he, que o fez por não ter tanta confiança de D. João de Caſtro, nem o haver por homem de muito negocio.

Deſpachadas as couſas todas, o Governador ſe embarcou, e ſe fez á véla meado Março, indo elle embarcado na náo S. Thomé. Os Capitães de ſua conſerva eram, D. Jeronymo de Menezes, de alcunha o bacalháo, filho herdeiro de D. Henrique de Menezes, irmão do Marquez de Villa-Real. Era eſte Fidalgo caſado com huma filha de D. Alvaro de Caſtro, irmão do

do Governador, que hia provído da fortaleza de Baçaim. Foi muito eſtranhada ſua ida á India, porque tinha que comer, e era filho mais velho de ſeu pai; ao menos ſeu irmão D. Franciſco de Menezes o ſentio tanto aſſim por iſſo, como por ir deſpachado com Baçaim, que quando chegou a Goa, fingio-ſe doente pelo não ir buſcar, porque dizia elle, que tinha eſcrito a El-Rey, que Baçaim era couſa pouca, e que não tirára della couſa alguma; e que vendo elle que ſeu irmão lho pediria, haveria que o enganára, e que lhe não eſcrevêra verdade. Os outros Capitães eram Jorge Cabral, que tambem hia provído com Baçaim. D. Manoel da Silveira, que levava a Capitanía de Ormuz, Simão de Andrade, e Diogo Rebello, que haviam de tornar com a carga. E tendo eſtas náos boa viagem, tomáram Moçambique, onde o Governador achou Simão de Mello com a gente da ſua náo, que ſe tinha perdido, (como na Quinta Decada, no Capitulo VI. do Livro decimo fica dito,) que o Governador repartio pela Armada, e fazendo-ſe dalli á véla, foram tomar a barra de Goa todas as náos a dez de Setembro, tirando a de Diogo Rebello, que era a náo Santo Eſpirito, que ficou invernando na coſta de Melinde.

A Cidade fez grande [illegible]

Governador , e Martim Affonſo de Souſa lhe entregou a India na fórma acoſtumada por termos , e papeis , que diſſo fez Coſme Anes , que hia provído do cargo de Secretario. A primeira couſa , em que o Governador proveo , foi nos cargos dos Veadores da Fazenda , que vinham nomeados em ſegredo. Simão Botelho (como já diſſemos) pera a Ribeira ; o Licenciado Manoel de Mergulhão pera os Contos ; e Braz de Araujo pera a carga das náos. Mandou ElRey pelo Governador Alvará de Fidalgo de ſua Caſa a Coge Cemaçadim com grande acoſtamento , e lhe eſcreveo cartas cheias de mimos , e honras , o que tudo o Governador lhe mandou logo , e huma Provisão pera as ſuas náos poderem navegar pera Méca , e pera os mais portos que quizeſſe livremente , ſem noſſas Armadas entenderem com ellas ; o que Coge Cemaçadim eſtimou muito , e o teve por mercê , e honra aſſinalada , mandando viſitar o Governador com preſentes , e couſas curioſas. O Guazil de Ormuz tanto que deſembarcou em terra , logo deſpedio recado a Ormuz a chamar ſeu filho Rax Nordim , porque determinava não ſe ir pera Ormuz ſem o deixar em Goa pera o mandar o anno ſeguinte pera o Reyno , por acabar de ſatisfazer ao goſto d'ElRey , e tanto que chegou a Goa , o entregou

gou ao Governador, e elle ſe embarcou pera Ormuz.

O Governador achou Mealecan prezo na torre da menagem, e tomando informação de ſuas couſas, o mandou ſoltar, e lhe fez muitas honras, mandando-lhe dar caſas, aſſinando-lhe dous mil xerafins pera ſeu entretimento, e deſpachou Simão de Mello pera ir entrar na fortaleza de Malaca, e com elle Diogo Soares de Mello, que eſ*tava provído pelo* Governador Martim Af*fonſo de Souſa da Capitanía* de Patane, além de Malaca, pera fazer ir os mercadores da China deſpachar ſuas fazendas a Malaca, porque por não pagarem direitos, tinham feito naquelle porto eſcala, no que a fazenda d'ElRey recebia notavel perda. E vendo quão neceſſario era acudir-ſe áquillo, o deſpachou, paſſando-lhe grandes Proviſões ſobre aquelle negocio, dando-lhe huma formoſa galeota com quarenta Portuguezes; e aſſim ſe fizeram á véla por fim de Setembro, e de ſuas viagens adiante daremos razão.

O Governador mandou dar grande aviamento ás náos da carreira pera irem a Cochim tomar a carga. E porque Martim Affonſo de Souſa andava pera ſe embarcar, o mandou requerer Baſtião da Fonſeca Feitor de Goa por cento quarenta e oito mil

oi-

oitocentos e vinte cinco pardáos de ouro; dos quatrocentos mil, que dissemos na Quinta Decada, no Capitulo I. do Livro decimo, lhe déra Coge Cemaçadim em Março, quando se foi ver com elle em Cananor, que carregou em receita sobre o mesmo Feitor, ficando-lhe em si, e passando-lhe escritos rasos, que lhe daria delles despeza, ou lhos entregaria. E como Martim Affonso de Sousa desejava de levar o dinheiro a ElRey, pois o cavára, (porque o Governador apertava por elle,) mandou-lhe dizer, que em Cochim pera onde hia o entregaria ao Veador da Fazenda, pois era pera a carga das náos. Com isto quietou o Governador, e elle se embarcou pera Cochim, pera onde foi tambem o Licenciado Manoel de Mergulhão pera fazer a carga. E sendo em Cochim, andou Martim Affonso de Sousa dilatando de dia em dia a entrega dos cento quarenta e oito mil oitocentos e vinte e cinco pardáos de ouro, até ser tempo de se embarcar, que desenganou o Veador da Fazenda, dizendo-lhe, que o dinheiro que elle cavára não queria que o Governador se lograsse delle, que em Portugal o entregaria a ElRey; e com isto se embarcou na náo S. Thomé, e deo á véla a treze de Dezembro, indo embarcado com elle Alvaro de Sousa, e Jorge de Sousa Chichor-

chorro irmãos, e Fernão da Silva Commendador, e Alcaide mór de Alpalhão, Martim Correa da Silva, Jorge Pimentel, Affonſo Pereira de Lacerda, Chriſtovão de Sá, D. João Coutinho, filho baſtardo de D. Gonçalo Coutinho de Caparica, e outros. Foi eſta náo tão leſtes, e negociada, que no convéz não levou mais que algumas capoeiras, amarras, e pipas de agua pera ſe gaſtarem nos primeiros dias.

Não deixou Martim Affonſo de Souſa embarcar nella matalotagem a peſſoa alguma, porque a todos os que ſe embarcáram deo de comer, até aos grumetes. E teve tão boa viagem, que ſurgio na barra de Lisboa a treze de Junho do anno de quarenta e ſeis, couſa nunca acontecida até então. E a meſma viagem farão todas as náos, que partirem tão cedo, e tão leſtes, como foi eſta. E em quanto as náos foram proprias d'ElRey, e a carga dellas corria por ſua conta, fizeram ſempre ſuas viagens, e aconteciam poucos deſaſtres; mas depois que ſe contratáram a mercadores, e que a carga dellas correo por elles, são acontecidas grandes perdas, e deſaventuras; porque a cubiça do ganho as faz carregar de feição, que nem lhes fica lugar pera ſe marearem, nem pera levarem bem huma amarra. E aſſim aſſogou, e ſumio o mar e muitas com o

ſo-

sobejo pezo que lhe põe ; e a mór parte das que são desapparecidas, se presume que foi nos primeiros dias com qualquer tempo, porque nem hiam pera se poderem marear, nem alijar cousa alguma, e assi as comeo o mar. E na barra de Cochim se foi huma náo (pelo grande, e espantoso pezo que tinha) ao fundo, porque como lhe mettêram mais daquillo com que podia, não pode tomar com ella, e assi a sorveo. E se estas desordens se não emendão, não deixará de haver todos os annos grandes desastres, e destruições; e porque sobre esta materia havemos de fallar adiante mais largamente, a deixamos agora. Este anno nasceo o Principe Carlos em Valladolid a oito de Junho, e a Rainha D. Maria sua mãi faleceo dahi a quatro dias.

CAPITULO II.

Da dissimulação com que Coge Çofar mandou visitar o Governador: e das pazes que se fizeram com ElRey de Cananor: e dos recados que passáram antre o Governador, e o Idalxá Jofre Mealecan.

Como Coge Çofar andava com a tenção damnada preparando com mui grande segredo as cousas necessarias pera o cerco, que com Soltão Mahamude tinha assenta-

ta-

tado de pôr á fortaleza de Dio na entrada de Maio ſeguinte, tempo em que não pudeſſe ſer ſoccorrida da India; e como corria neſte negocio com diſſimulação, quiz ſegurar D. João Maſcarenhas Capitão daquella fortaleza, e o mandou viſitar, e fazer-lhe queixas de Manoel de Souſa de Sepulveda quebrar o contrato das pazes em lhe mandar deſmanchar as paredes, pedindo-lhe quizeſſe conſentir em ſe tornarem a alevantar, porque pera iſſo mandava officiaes. Dom João Maſcarenhas recebeo bem eſte Embaixador, por quem lhe mandou reſponder que elle era ſeu ſervidor, e que em quanto alli eſtiveſſe por Capitão o moſtraria por obras; mas que no negocio das paredes não podia deixar bolir ſem recado do Governador D. João de Caſtro, que novamente era chegado, e que naquelle particular correſſe com elle; e que dando-lhe elle licença, eſtava muito preſtes pera com ſua peſſoa, e todos os ſeus ſoldados ajudar a carretar a pedra pera ellas. Com eſta reſpoſta (por encubrir mais ſua peçonha) deſpedio logo hum Capitão dos principaes da Corte pera ir viſitar o Governador, e a confirmar com elle as pazes, e lhe mandou hum preſente de duas peças de borcado de Turquia, e cinco de veludo de Méca de cores, tres de chamalotes azeitonados, e hum leito dourado ſo-

sobre preto. Este Embaixador foi muito bem recebido, e ouvido, e o Governador o despachou logo, confirmando-lhe as pazes em todos os Capitulos, tirando no da parede, sobre o que se tornou a tomar conselho, e se assentou que sería grande affronta do Estado se tal se lhe concedesse. Com este desengano ficou Soltão Mahamude mui melanconizado, porque com[illegible] tratava de levar aquelle negocio por via de cumprimentos, e dissimulação, sentio muito a mudança que se lhe fazia nos apontamentos, e isto lhe accendeo mais o desejo que tinha de tomar aquella fortaleza, pera o que mandou em muito segredo dar pressa ás cousas necessarias pera o cerco, [illegible]

O Governador teve visitações, e Embaixadores de todos os Reys vizinhos, e o do Idalxá lhe requereo com muita instancia que lhe comprisse os contratos, que estavão assentados antre elle, e o Governador Martim Affonso de Sousa nas materias de Mealecan, que ou o mandasse pera onde estava assentado, ou lhe tornasse ás suas terras de Salsete, e Bardes. O Governador lhe respondeo, que elle era chegado de novo, e que tomaria informação daquelle negocio, e faria nelle o que fosse justiça; e que pera mandar Mealecan pera fóra de Goa, tempo havia até Abril, que era a monção de Ma-

Malaca, e Maluco. Com este entretimento quietou o Idalxá por então; mas elle não largou João Fernandes de Nigreiros, que o Governador Martim Affonso de Sousa pouco antes que acabasse lhe tinha mandado por Embaixador, a quem elle tinha reteudo com mais de vinte Portuguezes sobre este mesmo negocio, com lhos o Governador mandar pedir, antes lhe estreitou as prizões, porque bem entendeo que aquillo do Governador eram cumprimentos; e não ousava de romper a guerra, porque tinha hum muito grande filho em Mealecan, porque receava que se se puzesse em campo, houvesse alguma perturbação em seus Capitães; e assi dissimulou por então até ver em que aquillo parava; porque a todo o tempo que lhe bem viesse, podia lançar mão das suas ferras.

Coge Cemaçadim com as cartas, e honras d'ElRey, e do Governador despedio logo hum homem seu com huma grande visitação ao Governador dos parabens de sua vinda, e agradecimentos da mercê que lhe ElRey fazia, e hum mui arrezoado presente de carlás finissimas, beitilhas, rambotins, e outras peças ricas, e curiosas, e huma muito fina alcatifa grande, e de muito preço, o que tudo foi avaliado em tres mil cruzados, mandando offerecer ao Governador

dor tudo o que delle cumprisse pera o serviço d'ElRey de Portugal, cujo vassallo era. O Governador recebeo este homem bem, e lhe fez muitas honras, mandando entregar o presente ao Thesoureiro d'ElRey, e carregar-lho em receita pera sua fazenda, e não quiz tomar pera si cousa alguma, porque em todo seu tempo viveo tão puro, e desinteressado, que até cousas muito poucas que lhe davam, mandava que se vendessem pera ElRey. E despedio este homem muito satisfeito, escrevendo a Coge Cemaçadim huma carta muito honrada, e de grandes agradecimentos; e assi escreveo a ElRey de Cananor outra cheia de mimos, pondo a culpa da morte de Pocrale ao Capitão que o matou, pedindo-lhe que pois Martim Affonso de Sousa, em cujo tempo aquellas cousas acontecêram, era ido pera o Reino, que quizesse correr com elle em paz, e amizade, porque ElRey seu Senhor lhe encommendava muito que corresse com as cousas de seu serviço muito a ponto, e que de sua parte estava prestes pera tudo, mandando-lhe as cartas d'ElRey, porque todos os annos lhe escrevia, encommendando a Coge Cemaçadim fosse terceiro nas pazes, sobre o que escreveo ao Capitão Diogo Alvares Telles. Todas estas cartas foram dadas, e o Coge Cemaçadim se metteo de permeio, e tra-

e tratou o negocio das pazes, e de temperar ElRey de feição, que o moderou, e o tornou á amizade antiga; e se houve alguma satisfação, nós a não achámos na India, por ser tudo perdido. O Governador, depois de escrever pera o Reino, ficou entendendo em alguns negocios de justiça, e fazenda, despachando D. Jeronymo de Menezes pera a Capitania de Baçaim, e Antonio de Sousa Coutinho pera a de Chaul, que lhe ElRey mandou pelos muitos serviços que lhe fez no cerco dos Rumes em Dio, onde elle esteve por Capitão do baluarte do mar.

CAPITULO III.

Do que aconteceo a Diogo Soares de Mello indo pera Patane: e de como foi ter a Pegú, e foi em companhia daquelle Rey contra o de Arracão: e do que lhe succedeo até chegar a Patane.

PArtidos Simão de Mello, e Diogo Soares de Mello, como atrás dissemos no primeiro Capitulo, pera Malaca, depois de passarem a Ilha de Ceilão, e entrarem no grande golfo de Nicubar, lhes deo tão grande tempo, que esteve Diogo Soares de Mello perdido, e foi-lhe necessario ir arribando, em poppa á vontade dos ventos. Simão de Mello como hia em hum galeão forte, e pos-

e possante, soffreo o tempo, e depois que lhe passou, ficando-lhe os geraes, foi tomar Malaca em fim de Outubro, e tomou posse da fortaleza, com que começou a correr. Diogo Soares de Mello foi lançado com aquelle tempo na costa de Pegú; e sendo-lhe já passada a monção pera Malaca, pareceo-lhe melhor ficar naquelle porto, que ir buscar outro, porque já havia de esperar até Abril; e chegando áquella barra, achou nella Alvaro de Sousa, hum Fidalgo, que foi casado com huma irmã de D. Christovão de Moura (o grande privado d'ElRey D. Filippe, Marquez de Castello-Rodrigo, e Commendador mór de Alcantara, e hoje segunda vez Viso-Rey dos Reynos de Portugal.) Este Alvaro de Sousa estava alli com hum galeão fazendo aquellas viagens, e festejou muito Diogo Soares de Mello, porque era muito seu parente, deixando-se ficar no Bandel fazendo seu negocio.

Andava naquelle tempo o Bramá Rey de Pegú ajuntando hum muito grosso exercito pera ir contra o Rey de Arracão, que era seu vassallo, porque se lhe tinha rebelado. Alvaro de Sousa como hia muitas vezes á Cidade, e fallava com ElRey, lhe fez a saber como era chegado áquelle porto hum grande Capitão Portuguez, que hia pera a banda de Malaca, que trabalhasse

de o levar comsigo naquella jornada, porque era muito bom cavalleiro, e levava outros Fidalgos, e bons soldados. ElRey mandou logo pedir a Diogo Soares de Mello se visse com elle, porque importava muito. Diogo Soares foi a elle acompanhado de todos os seus, muito lustrosamente vestidos; ElRey o recebeo muito bem, e lhe fez muitas honras, e gazalhados, e lhe pedio logo que em quanto lhe não fazia tempo pera sua jornada, o quizesse acompanhar naquella, pera que estava de caminho, e que a elle, e a todos os seus faria muitas mercês. Diogo Soares de Mello se lhe offereceo com muito gosto, e assentáram que elle, e Alvaro de Sousa fossem por mar com toda a Armada, e que ElRey iria por terra, mandando-lhes logo dar huma quantidade de dinheiro pera partirem com seus soldados.

Prestes o exercito, e negociada a Armada, mandou ElRey que o fossem esperar sobre a barra de Arracão, indo Alvaro de Sousa no seu galeão, e Diogo Soares de Mello na sua galeota, e todos os Portuguezes, que estavam em Pegú, em outra, que ElRey tinha, e perto de outras sessenta embarcações da terra, em que hiam alguns Capitães Pegús com gente d'ElRey, e dada á véla, foram seguindo seu caminho. ElRey tambem começou a marchar, levando

hum

hum milhão de homens, e tres mil Elefantes, e hum grande número de embarcações, que navegam por aquelles rios, que são muitos, e grandes, e retalham todo aquelle Reyno, que sahem de huma mesma vêa com o Ganges, e tem como elle suas correntes, e inundações.

Dividem o Reino de Arracão do de Pegú outros Alpes maiores, e mais intrataveis, que os que dividem Italia de França, e de Alemanha, por onde era necessario abrir-se caminho, porque lho não deixou a natureza, e pera isso hia o Bramá negociado de todas as cousas necessarias; e chegando a elles, começou a pôr as mãos á obra, mettendo nella duzentos mil gastadores, que os começáram a cortar por huma parte, que lhes pareceo melhor de abrir; mas como tudo eram penedias asperissimas, e muito ingremes, e a serra, que se havia de cortar, tinha perto de duas leguas de grossura, foi luzindo a obra pouco, com ElRey mandar dobrar a gente que andava no serviço della, e deixallos-hemos por ora em seu trabalho por continuarmos com a Armada.

Partidos Alvaro de Sousa, e Diogo Soares de Mello de Pegú, tanto que entráram no mar de Bengala, lhes deo hum tempo tão grosso, que os houvera de comer; e co-

mo os Pegús não são homens do mar, e os seus navios hiam mal apparelhados, alguns se soçobráram, e outros deram á costa. Alvaro de Sousa foi correndo no seu galeão pera a banda de Ceilão; e vendo que o tempo lhe não dava lugar pera mais, correo a Ilha por fóra, e foi demandar a costa da India. Diogo Soares de Mello na sua galeota, e a outra de Pegú, em que hiam os Portuguezes, chegáram-se á terra; e á sombra della surgíram, onde estiveram em grande perigo; e todavia crescendo o tempo lhes foi necessario levarem-se, o que fizeram com muito trabalho; e dando traquetes, foram correndo tormenta pera a banda de Pegú, e quiz Deos que ferráram áquelle porto, onde entráram sem saberem novas de Alvaro de Sousa.

Diogo Soares de Mello despedio logo hum soldado chamado Luiz Alvares em companhia de alguns Pegús pera ir dar novas a ElRey do que passava, e a pedir-lhe que pois o tempo era gastado, (por ser já em Março,) lhe mandasse licença pera ir aonde o Governador o mandava, e que lhe fizesse mercê da fusta, que mandou em sua companhia. Este homem foi em doze dias aonde ElRey estava occupado na obra da serra, que era infinita, de que hia já desconfiando; e dando-lhe o recado de Diogo Soares de

de Mello, e contando-lhe o successo da jornada, e perdição de sua Armada, e que de Alvaro de Sousa não havia novas, ficou El-Rey muito triste, e magoado; e mandando logo levar mão da obra, tornou a voltar pera Regú. E porque hia de vagar, despedio Luiz Alvares com resposta a Diogo Soares de Mello, mandando-lhe os agradecimentos de seu trabalho, e hum presente de tres moças muito formosas, e hum moço filho d'El-Rey de Chalão, e Porão, que cativou quando tomou aquelles Reynos, que podia haver perto de dous annos, e assi lhe concedeo a fusta que lhe pedio, e tudo o mais que lhe fosse necessario pera sua jornada. E escreveo a seus Veadores da Fazenda, que tudo se lhe désse em abastança; e lhe mandou rogar muito, que quando se tornasse pera Goa, tomasse aquelle porto, e que se visse com elle, porque era muito seu amigo, e desejava de lhe fazer mercês. Este recado chegou a Diogo Soares de Mello, que estimou muito o presente, porque era muito pera isso. E tendo licença d'ElRey, se fez prestes, negociando a fusta, de que lhe elle fez mercê, e tomando as cousas necessarias, deo á véla pera Malaca, aonde chegou, e dahi se partio pera Patane, escrevendo Simão de Mello Capitão de Malaca áquelle Rey, que estava de paz com o Esta-

tado, da qualidade, partes, e pessoa de Diogo Soares de Mello, pedindo-lhe o favorecesse em quanto estivesse em seu porto. E assi ficou Diogo Soares de Mello fazendo ir os mercadores a Malaca, com o que aquella Alfandega começou a crescer nas rendas.

CAPITULO IV.

Da chegada d'ElRey de Maluco a Goa: e de como o Governador D. João de Castro o tornou a mandar pera seu Reyno, e Bernaldim de Sousa foi entrar naquella fortaleza: e do que aconteceo na viagem a Fernão de Sousa de Tavora: e dos partidos com que Ruy Lopes de Villalobos se entregou.

DOm Jorge de Castro, que trazia ElRey Aeiro de Maluco, (que na Quinta Decada no Capitulo V. do Livro decimo fica dito, que deixámos em Malaca,) partio daquella fortaleza tão cedo, que chegou a Goa em Fevereiro deste anno de quarenta e seis, em que com o favor Divino entramos. O Governador recebeo aquelle Rey com muita honra, mandando-o agazalhar, e dar-lhe todo o necessario. E porque era tempo de prover nas cousas de Malaca, e Maluco, principalmente nas daquelle Reyno, onde por morte d'ElRey D. Manoel,

que

que morreo em Malaca, não ficava outro herdeiro senão este Aeiro, que pudesse governar; posto que ElRey D. João de Portugal ficou no testamento do Rey morto nomeado por herdeiro dos Reynos de Maluco, (como no fim da Quinta Decada no Capitulo X. do Livro decimo fica dito,) tomando o Governador o parecer dos Fidalgos, e Capitães sobre aquellas cousas, se assentou, que pois Jordão de Freitas Capitão de Maluco não mandava aquelle Rey por culpas que delle tivesse, senão por se recear que com a chegada d'ElRey D. Manoel feito Christão, houvesse alguma alteração, que se tornasse a governar aquelle Reyno da mão d'ElRey de Portugal.

Assentado isto, o Governador em hum dia solemne, tendo pera isso dado recado aos Vereadores, Fidalgos, Capitães, e Officiaes da Fazenda, e Justiça em sala pública, investio ElRey Aeiro no Reyno de Maluco, e o alevantou por esse: com condição, e declaração, que recebia aquelle Reyno da mão d'ElRey de Portugal, e que todas as vezes que o quizesse, lho tornaria a entregar livre, e desembargado á pessoa que elle mandasse, do que tudo se fizeram autos assinados por ElRey, e jurou nas mãos do Governador de ser servidor, e vassallo d'ElRey de Portugal, elle, e todos os que

del-

delle herdassem aquelle Reyno, o que tudo se fez com o mór apparato, e solemnidade que pode ser.

E pera ir fazer esta investidura deste Reyno, mandou o Governador D. João de Castro a Bernaldim de Sousa que se fizesse prestes, porque havia de ir a Maluco levar aquelle Rey, por cumprir assi ao serviço d'ElRey de Portugal. Bernaldim de Sousa lhe disse, que elle pera o servir viera á India, e que em tudo o faria com muito gosto. O Governador lhe deo todas as cousas que lhe pedio, assi pera a viagem, como pera o provimento da fortaleza, e aos quinze dias de Abril se embarcou, entregando-lhe o Governador pela mão ElRey Aeiro, que foi acompanhando até o terreiro dos Paços, onde se despedio do Governador muito satisfeito das honras, e mercês que lhe fez; e assi se mostrou sempre agradecido, tanto, que podemos dizer, que o matáram por serviço d'ElRey de Portugal, como em seu lugar diremos. Embarcados todos, foram seguindo sua viagem, em que os deixaremos por continuarmos com Fernão de Sousa de Tavora, que no fim da Quinta Decada no Capitulo X. do Livro decimo deixámos partido de Malaca pera Maluco de soccorro contra os Castelhanos.

Foi este Capitão seguindo sua viagem

sem

sem achar contrastes até surgir no porto de Talangame da Ilha de Ternate em Novembro passado. Jordão de Freitas o foi buscar, e lhe deo conta do estado em que as cousas daquellas Ilhas estavam, e do que tinha passado com os Castelhanos, que El-Rey de Tidore tinha muito mimosos; e estava com elles tão soberbo, que cuidava que mui cedo seria Senhor de todas aquellas Ilhas. Fernão de Sousa desembarcou na fortaleza, onde se agazalhou Ruy Lopes de Villa-lobos: tanto que soube ser chegado hum Capitão novo, sem saber quem era, despedio hum Hespanhol em huma corocora com huma carta pera elle toda cheia de cumprimentos, offerecimentos, e desculpas; resumindo-se em lhe pedir que quizesse corressem em paz, e amizade, como era razão tivessem duas nações, vassallos de dous Reys tão conjuntos em parentesco, e mais em terras tão apartadas antre Mouros, e Gentios, que por natureza eram inimigos mortalissimos de Christãos, porque não amavam a algum senão por seu interesse, ou grande necessidade. Fernão de Sousa vendo a carta tão palavrosa, e tão copiosa de cumprimentos, (cousa de que os Hespanhoes não são avaros,) respondeo-lhe por outra muito breve, que continha o seguinte:

» Senhor. O Governador da India me

» man-

» mandou nesta Armada, sabendo que era
» chegada outra de Hespanhoes a estas Ilhas,
» contra os contratos que estam feitos an-
» tre os Reys de Portugal, e Castella. A
» mim me chamam Fernão de Sousa de
» Tavora; e assi como sou pequeno de cor-
» po, sou muito curto de cumprimentos.
» V. m. se determine, porque eu não venho
» cá senão a fazer o serviço d'ElRey de
» Portugal, como me he mandado. Aqui
» está esta fortaleza, onde se póde agaza-
» lhar até se ir pera Hespanha, porque não
» he razão que perturbe o commercio, e
» trato destas Ilhas, que são d'ElRey de Por-
» tugal; quando o não quizer fazer, far-se-
» ha o que convem. »

Com esta carta assi secca despedio o Hespanhol, que pasmou de ver em homem tão pequeno tamanha determinação; porque Fernão de Sousa de Tavora era hum dos pequenos homens de Portugal, mas muito grande de animo, e saber. Ruy Lopes de Villa-lobos pela carta bem entendeo que aquelle homem era de conclusão; e porque não tinha nem gente, nem Armada pera se defender, mandou tratar com Fernão de Sousa de Tavora sobre se verem ambos, onde, e como lhe a elle parecesse. E correndo sobre isto recados de parte a parte, vieram a concluir que se vissem cada hum em sua

co-

corocora, com levar cada hum tres companheiros, e que fossem as vistas no mar antre Ternate, e Tidore, tanta distancia de huma, como de outra. E ao dia limitado embarcou-se Fernão de Sousa de Tavora na sua corocora mui bem negociado, levando por companheiros Leonel de Lima, Manoel de Mesquita, e João Galvão, e hum pagem nascido na India, que se chamava Caceres, que este anno de noventa e sete, em que isto escrevemos, faleceo nesta Cidade de Goa, onde sempre viveo rico, e honrado, e chamava-se Gaspar de Caceres, de quem nós soubemos o successo desta jornada, porque dava de tudo muito boa razão. Ruy Lopes de Villa-lobos partio de Tidore em outra corocora muito ligeira, levando comsigo D. Alonso Henriques, Bernardo de la Torre, Gonçalo de Avila, e hum pagem Naraval.

Chegadas as embarcações huma á outra, proa com proa, onde os Capitães hiam em pé, e sobre quem entraria primeiro hum na outra, se passou hum grande espaço em cumprimentos, e todavia Ruy Lopes de Villa-lobos saltou na de Fernão de Sousa de Tavora, que o levou nos braços, e isso mesmo aos companheiros. Recolhidos ao toldo, que estava alcatifado, e com alguns coxins de borcado, e veludo, se assentáram todos.

Fer-

Fernão de Sousa de Tavora, depois de passarem as palavras de cumprimentos, disse que elle era alli vindo por mandado do Governador da India, por saber que eram chegadas náos de Hespanha áquellas Ilhas contra os contratos, que estavam feitos antre os Reys de Castella, e Portugal, que logo alli mostrou, (porque os trazia muito autenticos,) e continham em soma, que o Emperador Carlos V. havia por bem, que nenhum vassallo seu, assi dos portos dos Reynos de Castella, como da nova Hespanha, fossem ás Ilhas de Maluco, em quanto durasse o tempo do concerto, que sobre ellas tinha feito com ElRey D. João de Portugal seu cunhado, sob pena que o dito Rey de Portugal pudesse mandar prender, e castigar qualquer Capitão, ou Capitães Hespanhoes que a ellas fossem, como revéis, e quebrantadores da paz, e amizade, que antre ambos os Reys havia, (como melhor se veram na nossa Quarta Decada no Capitulo I. do Livro setimo.)

Depois de lidos estes contratos, e lhos mostrarem pera os verem á sua vontade, lhe disse Fernão de Sousa de Tavora, que lhe pedia muito não quizesse quebrantar, e perturbar esta paz, e amizade antre estes Reys tantas vezes conjuntos em parentesco, que em lugar do castigo que o Emperador

man-

mandava que se lhe désse, quizesse ir com elle pera a India com todos os seus, e que se lhe daria todo o necessario, e se lhe não buliria em navio, artilheria, nem fazenda. E que os que se quizessem ir pera o Reyno, lhes daria o Governador embarcação franca, e livre; e que os que quizessem ficar em Goa, e pela India nas Cidades, e fortalezas d'ElRey de Portugal, seriam nellas agazalhados como naturaes, e que usariam dos privilegios, e liberdades, de que usavam os Cidadãos, e moradores Portuguezes. Ruy Lopes vendo os papeis, e considerando os partidos que Fernão de Sousa de Tavora lhe commettia, veio a concluir que os acceitava, pois que assi era serviço do Emperador; e que elle, e todos os da sua companhia, se iriam pera a fortaleza de Ternate dentro em tres dias primeiros seguintes; com condição que ElRey de Tidore ficasse na graça dos Portuguezes, e tornassem a correr em amizade como dantes. Disto se fez hum auto por hum daquelles companheiros, em que Ruy Lopes, e os seus se assignáram com Fernão de Sousa de Tavora, e seus companheiros.

Acabado este auto com grandes exteriores de alegria de todos, despedio Fernão de Sousa de Tavora o seu pagem Caceres na corocora de Ruy Lopes, pera que fos-

fosse ao seu galeão buscar de jantar, porque tinha deixado recado que se lhe fizesse pera convidar os Castelhanos, o que se fez em quanto se trasladáram os papeis; e Caceres voltou muito depressa com o jantar, e foram todos servidos muito bem, e com muita abastança de tudo o que na terra havia. Alli estiveram em conversação até bem tarde, dando Fernão de Sousa de Tavora a Ruy Lopes de Villa-lobos algumas peças curiosas da India, que pera isso levava já, e o mesmo fez aos companheiros, que todos se despedíram muito contentes, e satisfeitos; ficando Fernão de Sousa de Tavora com Ruy Lopes de Villa-lobos de o ir visitar a Tidore dahi a tres dias, primeiro que se elle passasse pera Ternate pera o fazer amigo com aquelle Rey.

CAPITULO V.

Do que mais passou Fernão de Sousa de Tavora com os Castelhanos: e de como foram todos contra o Rey de Geilolo, e o cercáram na sua fortaleza: e de como se recolhêram sem fazerem cousa alguma.

CHegado Ruy Lopes de Villa-lobos à Tidore, começou a haver antre os seus grandes murmurações sobre os contratos que fi-

fizera com Fernão de Sousa de Tavora; estranhando-lhe muito fazer huma cousa como aquella, sem parecer de todos, (porque estavam mais com o olho no interesse do cravo, que esperavam levar á nova Hespanha, que no serviço de seu Rey,) havendo que não podiam tambem ser os Portuguezes tão puros, que lhe cumprissem os contratos em todo; pelo que começou a haver alterações, e bandos contra Ruy Lopes de Villa-lobos, fazendo-se cabeça delles D. Alonso Henriques, que se achou presente aos contratos, e lhe parecêram bem, e se assignou nelles, pondo-se todos em armas pera matarem Ruy Lopes de Villa-lobos, que se recolheo em suas casas com cincoenta arcabuzeiros, trabalhando por apaziguar D. Alonso Henriques, sem o poder reduzir á razão, porque estavam todos determinados a lhe não obedecer naquelle particular, nem se passarem a Ternate, no que ElRey os favorecia em segredo, pelo proveito que tinha de ter comsigo os Hespanhoes, e tambem porque ficava odiado com os Portuguezes, de quem já determinava de se não fiar.

Destas alterações não sabia Fernão de Sousa de Tavora cousa alguma, e estava prestes pera recolher os Castelhanos por quem esperava no cabo dos tres dias assigna-

nados, como tinham assentado. Ao terceiro dia pela manhã se embarcou Fernão de Sousa de Tavora em huma corocora com os mesmos companheiros que da outra vez levou, e partio pera Tidore a visitar Ruy Lopes de Villa-lobos, como lhe tinha promettido, porque aquelle dia por noite esperava que se passassem todos os Hespanhoes a Ternate. E antes de chegar a Tidore hum tiro de espingarda, chegou a elle huma corocora mui ligeira, em que hia hum criado de Ruy Lopes de Villa-lobos, por quem lhe mandava pedir por mercê que não quizesse por então chegar a terra, porque cumpria assi ao serviço d'ElRey de Portugal, e que ficassem as visitações pera o dia seguinte. Fernão de Sousa de Tavora, que não sabia o que hia em Tidore, ficou apaixonado, cuidando que este recado de Ruy Lopes de Villa-lobos era estar arrependido dos concertos que estavam feitos; e disse ao homem que dissesse a seu amo, que aquelle recado lhe houvera de mandar primeiro que partíra de Ternate; e que pois já estava tão perto, não havia de deixar de o ver, e visitar: e com isso mandou remar pera diante. Ruy Lopes de Villa-lobos da sua janella vio ir ambas as corocoras, e indireitarem com a terra; e porque não houvesse alguma alteração nos do bando, sahio de

ca-

casa muito apressado com os cincoenta arcabuzeiros, e foi esperar na praia a Fernão de Sousa de Tavora, que chegando a terra, saltou nella com os companheiros. Ruy Lopes de Villa-lobos o recebeò muito bem, e tomando-o em meio dos arcabuzeiros, se foi recolhendo pera sua casa, dando ordem pera que os arcabuzeiros ficassem sempre em guarda, festejando muito a Fernão de Sousa de Tavora; dando-lhe muito bem de jantar, e sobremeza, lhe deo conta de tudo o que era passado, e de como D. Alonso Henriques com os Hespanhoes estavam bandeados contra elle, e que essa fora a razão, por que lhe mandára pedir que não chegasse a terra, por escusar alguma união, porque queria primeiro ver se os podia quietar. Fernão de Sousa de Tavora sentio muito aquelle negocio, e teve a Ruy Lopes de Villalobos por homem de muita honra, e primor. E parecendo-lhe necessario temperar aquellas cousas, mandou pedir a D. Alonso Henriques, que se quizesse ver com elle da maneira que ordenasse, porque cumpria assi ao serviço do Emperador; e tantos recados corrêram de parte a parte, que lho concedeo D. Alonso Henriques, mandando-lhe dizer, que as vistas fossem junto das casas de Ruy Lopes de Villa-lobos com dous companheiros. E chegados ao lugar orde-

nado, por taes modos ſe houve Fernão de Souſa de Tavora com D. Alonſo Henriques, e tantas obrigações lhe poz, e tantas couſas lhe diſſe, que o quietou, ficando com elle de ir moderar os do ſeu bando, e de logo tornar a elle, como fez, deixando os ſeus apaziguados, e Fernão de Souſa de Tavora levou D. Alonſo Henriques pela mão a caſa de Ruy Lopes de Villa-lobos, e os fez amigos, e pela meſma maneira a todos os mais. ElRey tambem veio a caſa de Ruy Lopes de Villa-lobos a viſitar Fernão de Souſa de Tavora, que o recebeo com muita honra, e ſe fizeram amigos; e deixando tudo quieto, ſe deſpedio de todos, ficando elles de ſe irem pera a fortaleza ao outro dia, como fizeram; recebendo-os Fernão de Souſa de Tavora com muitas honras, agazalhando na fortaleza a Ruy Lopes de Villa-lobos, D. Alonſo Henriques, e Bernardo de la Torre, e aos mais mandou dar caſas pela Cidade, com que ficáram ſatisfeitos. Alli ficáram todos correndo com grande amizade, não lhe tocando Fernão de Souſa de Tavora em ſuas fazendas, nem em couſa alguma ſua.

E porque aquelle negocio, que era o principal a que Fernão de Souſa de Tavora particularmente foi, eſtava acabado, determinou de entrar no de Catabruno Rey

de

de Geilolo. E praticando com Jordão de Freitas sobre suas cousas, e tomando informação dellas, soube como aquelle tyranno matára o seu Rey, e tinha inquietas todas aquellas Ilhas, avexando muito aquella Christandade, (que era muita,) e que por mar, e por terra fazia guerra aos Portuguezes, defendendo-lhes os mantimentos, e navegações com suas Armadas. E praticando aquelle negocio com os Capitães Portuguezes, e Castelhanos, assentáram que era necessario acudir áquillo, e castigar aquelle tyranno, o que se havia de fazer com ir todo o poder dos Portuguezes, e Castelhanos, e de toda a Ilha, offerecendo-se Ruy Lopes de Villa-lobos pera isso. Fernão de Sousa de Tavora mandou pedir á Rainha, e aos Regedores do Reyno, que os quizessem ajudar com suas corocoras, e com toda a gente que pudessem, o que elles lhe concedêram, mandando fazer prestes a que lhes pareceo. Ruy Lopes de Villa-lobos, D. Alonso Henriques, Bernardo de la Torre, que entráram no Conselho, com todos os Hespanhoes se fizeram prestes. E como Fernão de Sousa de Tavora desejava de se tornar aquelle anno pera a India, deo tanta pressa a estas cousas, que em Fevereiro poz todo o poder no mar, indo elle no seu galeão, e Jordão de Freitas no S. Joani-

nilho de Ruy Lopes de Villa-lobos, e os Heſpanhoes repartidos por toda a Armada, e as corocoras de Ternate, em que hia hum dos Regedores; e dando á véla, em poucos dias foram ſurgir no porto de Geilolo, onde o tyranno Catabruno tinha huma formoſa fortaleza, mui bem provída de gente, artilheria, e mantimentos pera dous annos, em que elle eſtava muito confiado, eſperando pelos Portuguezes, de cuja jornada elle logo foi aviſado, e por iſſo ſe tinha repairado muito á ſua vontade, mandando fazer derredor do muro mui grandes cavas cheias de eſtrepes perigoſiſſimos.

Fernão de Souſa de Tavora tanto que ſurgio, tomou conſelho com os Heſpanhoes, e com os ſeus Capitães, e com a gente de Ternate ſobre o modo que teria em ſe commetter á fortaleza, e aſſentou-ſe que a bateſſem os galeões pela banda do mar, (por ficar a tiro de bateria,) e com o poder todo ſe commetteſſe por aſſaltos.

Ordenado tudo o que era neceſſario, deſembarcáram os noſſos hum pouco affaſtados da fortaleza, tendo algumas eſcaramuças com os Geilolos, que lhes ſahíram a defender a deſembarcação; mas a pezar de todos, e com damno ſeu ſe foram aſſentar perto da fortaleza, onde fizeram ſeus valos, e trincheiras mui fortes, e defenſaveis,

e aſ-

e aſſeſtáram algumas peças de campo nos lugares mais commodos pera a bateria. Havia no exercito entre Portuguezes, e Heſpanhoes quatrocentos, toda gente mui limpa, e eſcolhida, e mil e quinhentos Ternatezes.

Preſtes, e negociado tudo pera a bateria, foram-ſe os galeões chegando perto á terra, e começáram de huma, e de outra parte a bater o muro com tão grande força, que lhe derribáram os altos, que logo foram repairados. Catabruno, que era homem esforçado, e animoſo, não ſe contentando com ſe defender dentro na fortaleza, ſahia cada dia fóra a dar aſſaltos aos noſſos, e a travar com elles eſcaramuças, de que ſempre houve damno. Niſto ſe foram gaſtando alguns dias, não ceſſando a bateria, que não fez mais que derribar o muro pelos altos.

Fernão de Souſa de Tavora ſendo informado do modo de como o tyranno eſtava provído, e fortificado, entendeo que havia miſter muito vagar pera ſe concluir aquelle negocio; e vendo que ſe lhe hia gaſtando o tempo, determinou de commetter a fortaleza á eſcala viſta, e metter daquella feita todo o reſto, ou pera a tomar, ou pera ſe deſenganar. E preparando-ſe de eſcadas, alavancas, picões, machados, e

to-

todos os mais petrechos desta sorte, em vindo o dia limitado de madrugada, sahíram todos do arraial postos em armas, e foram commetter a fortaleza, levando a dianteira João Galvão, e Bernardo de la Torre. E chegando-se aos muros pera lhe encostarem as escadas, deram nas trapeiras, que estavam cubertas, em que cahíram muitos, encravando-se nos estrepes, que eram mui agudos, e acudindo-lhes os outros, tiráram os vivos com muito trabalho, e risco, porque de cima do muro choviam sobre elles espingardadas, e fréchadas, de que a mór parte sahíram empenados.

Vendo Fernão de Sousa de Tavora aquelle negocio, tocou a recolher, porque lhe não matassem toda a gente, ficando muito enfadado de Jordão de Freitas, sendo Capitão de Ternate, não ter intelligencias pera saber de como os inimigos estavam fortificados, e donde se haviam os nossos de guardar, e poz-lhe toda a culpa desta jornada.

Vendo Catabruno que os Portuguezes se recolhiam quasi desbaratados, ficou tão soberbo, que sahio da fortaleza com perto de tres mil homens, e com grande determinação os foi commetter, estando já recolhidos dos valos pera dentro. Vendo Fernão de Sousa de Tavora aquelle atrevimento,

lhe

lhe ſahio ao campo, e lhe apreſentou batalha, que elle não refuſou, e aſſim travados todos ſe começáram a ferir, e matar com muita crueza, fazendo os Portuguezes, e Heſpanhoes neſte dia couſas tão aſſinaladas, que com damno muito conhecido dos inimigos os arrancáram do campo.

Ao outro dia tornou Catabruno a provar ſua ventura, lançando diante alguns dos ſeus pera obrigar aos noſſos a lhes ſahirem, porque deſejava de ſe tornar a baralhar com elles. Eſtes corredores chegáram perto dos valos, a quem ſahio João Galvão com cem homens, e dando nelles, os foi arrancando do campo. Catabruno como vio a couſa travada, arrebentou com grande poder ſobre os noſſos, que lhe tiveram o roſto com grande determinação, e antre todos ſe travou huma muito aſpera batalha, em que João Galvão, depois de ter bem moſtrado o valor, e esforço de ſua peſſoa, quiz a fortuna que acabaſſe naquelle feito de muitas, e mui grandes feridas, que elle eſtimou pouco até as forças o deſampararem.

Os ſeus vendo-o morto, ſe foram recolhendo desbaratados; mas ſahíram-lhes os Capitães Portuguezes, e Heſpanhoes aos recolher, o que não puderam fazer ſem ſe travarem com inimigos, a que aſſinaláram bem de ſeu ferro, e houveram por ſeu parti-

tido recolherem-ſe pera a ſua fortaleza. Fernão de Souſa de Tavora ſentio tanto a morte de João Galvão, que ſe veſtio de preto por ſer muito ſeu amigo. E deſenganando-ſe daquelle negocio, entendendo, ou imaginando que Jordão de Freitas eſtava já contra ſeu goſto, havendo quarenta dias que alli eram chegados, ſe tornou a embarcar, e ſe recolheo a Ternate, onde pouco depois faleceo de febres Ruy Lopes de Villa-lobos. Fernão de Souſa de Tavora como foi tempo ſe partio pera Malaca, levando comſigo os Heſpanhoes, e o ſeu galeão São Joanilho, e em Malaca ſe encontráram com Bernaldim de Souſa, e com ElRey Aeiro, e alli eſtiveram até ſer tempo de partirem huns pera Maluco, e outros pera a India.

CAPITULO VI.

Das intelligencias, que Coge Çofar teve com hum Ruy Freire, eſtando em Surrate, ſobre lhe entregar a fortaleza de Dio: e da gente, que naquella Ilha entrou diſſimuladamente.

VEndo o Governador D. João de Caſtro que ſe gaſtava o verão, proveo as fortalezas do Norte de gente, e munições, principalmente a de Dio, pera onde mandou duzentos homens debaixo das capi-

pi-

pitanias de D. João, e D. Pedro de Almeida, filhos de D. Lopo de Almeida, de Gil Coutinho, e de Luiz de Sousa, filho do Chanceller mór do Reyno. Estava neste tempo Coge Çofar em Surrate ajuntando as cousas necessarias pera o cerco, que determinava pôr á fortaleza de Dio, tanto que entrasse o mez de Maio, em que se não podia esperar soccorro de Goa. E como traçava de contínuo em sua imaginação modos, e ardis contra aquella fortaleza, tentou hum muito diabolico, que se o Deos não atalhára, não pudera deixar de se perder, e foi desta maneira.

Estava no mesmo tempo em Surrate hum Portuguez morador em Dio, chamado Ruy Freire, tão familiar amigo de Coge Çofar de muitos tempos atrás, que tinha delle tença; e quando hia a Goa, lhe negociava peças, e brincos, e ainda fazendas, que por elle mandava ás náos do Reyno, e a mór parte do verão residia em Surrate, onde em quanto estava comia, e bebia com o Coge Çofar. Em fim era tanta sua amizade, que o commetteo pera lhe dar entrada na fortaleza de Dio, promettendo-lhe huma somma de ouro, e humas aldeias de muita importancia. E como o diabo o venceo com tão grande interesse, vieram a se concertar, que se viesse o Ruy Freire pera Dio, e que el-

elle Coge Çofar sería naquella Ilha na entrada de Maio, e que como lá estivesse, lançasse peçonha (que lhe logo deo) na cisterna, donde todos bebiam, e que trabalhasse por dar fogo á casa da polvora. E quando não tivesse lugar pera isso, ordenasse chaves falsas pera lhe abrir hum postigo da fortaleza de noite, quando lhe elle fizesse hum sinal. E que quando tambem isto não pudesse vir a effeito, que então o metteria huma noite escura dentro na fortaleza pela banda do mar, onde elle pousava, e sobre quem tinha humas varandas baixas, por onde com escadas de corda podia metter dentro toda a gente que quizesse. Ordenado isto antre elles, desta maneira o Ruy Freire se fez prestes pera se ir pera Dio.

Andava alli tambem hum mourisco estante em Dio, chamado Francisco Rodrigues, de quem o Ruy Freire era amicissimo; e sentindo nelle natureza pera ser seu companheiro em tão grande maldade, e perversidade, lhe deo conta do negocio, sem o Coge Çofar saber, promettendo-lhe hum grande quinhão de tudo o que lhe déssem. O mourisco não foi muito de rogar, e acceitou acompanhallo, e ajudallo em tudo. Com esta determinação se foram pera Dio, aonde como homens de casa começáram a notar a casa da polvora pera verem

por

por onde ſe lhe podia pôr o fogo, (deſcuidando-ſe por então da ciſterna, pelo permittir Deos Noſſo Senhor aſſi, porque bem lhe puderam lançar a peçonha, ſe logo o tentáram.)

Partidos eſtes homens, deſpedio logo Çoge Çofar hum Capitão com quinhentos Turços, que lhe ElRey de Zebit tinha mandado de Méca, com regimento que ſe foſſem metter na Cidade de Dio, e que com a mór diſſimulação que pudeſſem defendeſſem vender-ſe na Cidade lenha, nem mantimentos, por os Portuguezes os não comprarem, porque não queria ſe declaraſſe a guerra até elle chegar; e pera ſegurar Dom João Maſcarenhas, lhe eſcreveo pelo meſmo Capitão huma carta, cuja ſubſtancia era eſta:

» Que ElRey lhe tinha feito mercê da-
» quella Ilha, e que ficava pera ir tomar
» poſſe della, e que o que diſto mais eſti-
» mava era ficar tão ſeu vizinho pera de
» mais perto o ſervir; que lhe pedia muito
» tiveſſe lembrança da ſua tão antiga ami-
» zade, e que entendeſſe que todos os Por-
» tuguezes teriam nelle muitos favores, e
» gazalhados, aſſi em ſuas fazendas, como
» em tudo o mais que lhes delle cumpriſ-
» ſe; e que aquelle Capitão, que mandava
» diante, lhe faria mercê favorecer, e aju-
» dar,

» dar, e que o trataſſe como ſeu vaſſallo;
» porque hia fazer certos negocios, que lhe
» importavam, pera o que lhe havia de ſer
» neceſſario ſeu favor, e que ſe não pejaſ-
» ſe com elle, porque não hia ſenão pera
» o ſervir. »

Chegado eſte Capitão a Dio aos quinze de Abril, mandou a carta a D. João Maſcarenhas, que vendo-a tão cheia de cumprimentos, não deixou de lhe parecer novidade; e diſſimulando com o negocio, mandou fazer ſeus offerecimentos ao Capitão Turco, e ordenou logo comprar á formiga todos os mantimentos, e lenha que pode, lançando ſuas eſpias pera ſaber a determinação do Turco, e deſpedindo outras pera a Corte a ſaber o que lá ſe tratava. Coge Çofar deo ordem pera que de todos os lugares vizinhos a Dio ſe levaſſem todos os mantimentos que havia, e ſe recolheſſem na Ilha os que pudeſſem, e os mais ſe puzeſſem na Villa dos Rumes, aonde mandou fazer grandes celeiros pera iſſo, e aſſi começáram a ſe recolher huma grande ſomma delles.

D. João Maſcarenhas foi aviſado pelas eſpias da Cidade dos muitos mantimentos, que nella ſe recolhiam, e com muita preſſa, e com iſſo lhe fizeram os moradores queixume, que já na Cidade lhe negavam le-

lenha, arroz, e mais cousas, e que as praças eram de todo alevantadas, estando até então cheias de tudo, e comprando nellas os nossos o que queriam pelos preços ordinarios. D. João Mascarenhas bem entendeo o negocio, e logo mandou com muita pressa recolher pera a fortaleza (porém com dissimulação, porque queria que os inimigos se declarassem primeiro) todos os pedreiros, cavouqueiros, carpinteiros, e todos os mais officiaes que viviam fóra, e assim mastos, vergas, taboado, madeira, e tudo o desta sorte; e mandou pelo lingua hum recado ao Capitão Turco, cuja substancia era:

» Que lhe parecia novidade fecharem-se » as tendas na Cidade, e não se venderem » as cousas, que até então os Portuguezes » compravam por seu dinheiro; e que Co- » ge Çofar lhe escrevêra, que acceitára aquel- » la Cidade pera serem amigos de mais per- » to, mais firmes, e mais verdadeiros, que » elle o não mostrava nas cousas que de- » fendia, que aquillo eram indicios de guer- » ra; que logo mandasse abrir as tendas, » e vender aos Portuguezes todas as cou- » sas, de que tivessem necessidade, senão que » elle iria em pessoa á Cidade, e as faria » abrir, e o castigaria por traspassar os man- » dados de Coge Çofar. »

O Turco mandou-ſe-lhe deſculpar com affirmar que tal não ſabia, que ſeria aquillo alguma deſordem dos ſeus ſoldados por algum intereſſe, que elle tiraria devaſſa do caſo, e que os que achaſſe culpados na perturbação das pazes, ſeriam logo caſtigados, porque elle não era alli vindo ſenão pera conſervar a antiga amizade dos Portuguezes, porque aſſi lho mandava Coge Çofar. E logo mandou lançar pregões, que ſe vendeſſem aos Portuguezes todas as couſas como d'antes, franca, e liberalmente, ſob pena de morte.

D. João Maſcarenhas bem via que tudo eram invenções, mas diſſimulava com iſſo por ſe aproveitar do tempo, mandando comprar pelos caſados todo o mantimento, lenha, madeira, murrões, e tudo o mais que achaſſem, e pudeſſem. Neſta conjunção chegáram as eſpias da Corte, e affirmáram que na Cidade de Champanel ſe ajuntava hum exercito tão poderoſo de gente, artilheria, e munições, que aſſombrava o mundo, e que claramente ſe dizia ſer contra aquella fortaleza de Dio. D. João Maſcarenhas não perdendo com aquellas novas ſeu animo, e conſelho, deſpedio logo huma embarcação com cartas aos Capitães de Chaul, e Baçaim, em que lhes dava conta do eſtado em que ficava, pedindo-lhes que

com

com muita pressa o soccorressem com gente, e munições, e que avisassem ao Governador, e lhe mandassem as cartas que lhe escreveo então, e com isso ficou dando pressa ás cousas que se recolhiam; e naquella liberdade, que durou só tres dias, se metteo na fortaleza huma grande somma de tudo, porque logo se tornáram a alevantar as praças com a chegada do outro exercito, que entrou na Ilha a vinte de Abril, com que se começou a romper o segredo da guerra.

D. João Mascarenhas foi avisado logo, e no mesmo dia despedio outra embarcação com cartas aos Capitães da outra costa, em que lhes pedia o soccorressem, porque estava com pouco mais de duzentos homens; e o mesmo escreveo ao Governador Dom João de Castro. Ao outro dia, depois que este exercito chegou, se tornáram a fechar as praças, e logo o Capitão mandou recolher os Portuguezes, e não consentio irem mais á Cidade.

E inspirando Deos em hum Abexim, (pera que se descubrisse a maldade de Ruy Freire,) se sahio da Cidade onde pousava, e se foi á fortaleza, e disse aos porteiros, que o levassem ao Capitão, o que logo foi feito, e lhe disse, que tinha cousas de importancia que tratar com elle; e recolhendo-se pera huma camera, lhe disse, que elle

era

era natural do Reyno da Abaſſia , naſcido Chriſtão , mas que fora cativo moço , e feito Mouro por força , e que no ſeu coração confeſſava a Deos verdadeiro , e que elle o movêra ao vir aviſar de huma grande traição , que lhe eſtava ordenada ; e que em paga daquelle ſerviço que lhe fazia , não queria mais delle , ſenão que ordenaſſe , quando foſſe tempo , com que ſe pudeſſe paſſar á ſua patria. E então lhe contou todos os tratos , que eſtavam feitos antre Ruy Freire , e Coge Çofar , ſem lhe nomear o Ruy Freire , mas ſómente dizer-lhe que eſtava o Coge Çofar concertado com hum Portuguez da fortaleza pera deitar peçonha na ciſterna , e dar fogo ao armazem da polvora , e pera o metter dentro na fortaleza. D. João Maſcarenhas ficou confuſo , e embaraçado com aquelle negocio , e revolvendo mil couſas pela fantaſia , cuidando ſe poderia aquillo ſer ardil do Coge Çofar pera lançar zizania na fortaleza , e pera fazer deſacoroçoar os Portuguezes todos. Mas por outra parte a confiança do Abexim (que lho affirmou muitas vezes , dando-ſe por penhor de ſua verdade) lhe fazia crer que aquillo era obra de Deos , que queria que aquella fortaleza ſe não perdeſſe. E tendo tudo aquillo em ſegredo , defendeo ao Abexim , que não diſſeſſe a peſſoa viva couſa alguma

deſ-

deſte negocio, encommendando-o ao Alcaide mór que o agazalhaſſe, e o trataſſe muito bem livremente, porém com reſguardo, e olho nelle; e começou a tirar muito em ſegredo inquirição daquelle negocio, ſem achar raſto algum. Mas como Deos Noſſo Senhor tinha póſtos ſeus Divinos olhos naquella fortaleza fundada ſobre oſſos de tantos cavalleiros, e martyres de Chriſto, não querendo que ſeus templos foſſem profanados de Mouros, ordenou que aquella verdade ſe deſcubriſſe por outra via; e foi deſta maneira.

Havia na fortaleza huma mulher Turca de nação, caſada com hum homem da terra, que ſe fez alli Chriſtão, vivia bem, e era muito amiga de Deos. Coſtumava eſta mulher ir á Cidade a comprar algumas couſas, e neſtas idas foi conhecida de hum daquelles Turcos por natural, e tomou amizade com ella de feição, que a perſuadio a ſe deixar ficar na Cidade, deſcubrindolhe o ſegredo que o Abexim tinha dito ao Capitão; affirmando-lhe, que tanto que Coge Çofar chegaſſe, ſe lhe entregaria a fortaleza; porque hum Portuguez, que pouſava ſobre o mar, o havia de metter nella por huma varanda que tinha. A Turca como boa mulher diſſimulou com o negocio, moſtrando folgar com o aviſo, e diſſe que

hia negociar ſuas couſas pera ſe tornar pera a Cidade. E indo-ſe pera a fortaleza, deſcubrio ao Capitão tudo o que paſſára com o Turco, do que elle ficou maravilhado.

E vendo que conformava com o que o Abexim lhe tinha dito, deo muitas graças a Deos por tão grande mercê, conhecendo que aquillo era obra ſua. E diſſimulando com o caſo, foi correr as eſtancias todas, como que as queria prover, e aſſi as caſas da banda do mar, e achou as de Ruy Freire com a varanda, por onde facilmente ſe podia metter gente dentro na fortaleza. E notando bem tudo, ſem fazer caſo de couſa alguma, tirou outra vez em muito ſegredo devaſſa, e achou que Ruy Freire, e Franciſco Rodrigues andavam ſempre juntos, e viviam ambos, e que foram os derradeiros Portuguezes que vieram de Surrate. E vendo que os indicios eram baſtantes pera lançar mão delles, não o quiz fazer pelos não infamar, até não haver prova mais clara; mas uſou de hum ardil de Capitão bom Chriſtão, e bom homem, que foi deſpedir o Ruy Freire em huma embarcação ligeira com cartas pera o Governador, em que por cifras lhe dava conta do negocio, pedindo-lhe o mandaſſe ter a bom recado; e ao Ruy Freire encommendou de palavra que trabalhaſſe por lhe tornar com

a reſ-

a reſpoſta, porque importava muito, e que lhe faria mercê pelo ſegurar.

Depois de elle partido, mandou em outra embarcação o mulato Franciſco Rodrigues com outras cartas pera o Capitão de Chaul da meſma maneira, pera que o mandaſſe ter em reſguardo, porque o tirava de Dio por ſer Mouriſco, e não confiar delle, ſem lhe deſcubrir o porque o mandava. Hum partio a vinte e hum de Abril, e o outro a vinte e tres.

CAPITULO VII.

De como Ruy Freire chegou a Goa com as cartas que o Capitão da fortaleza de Dio mandava ao Governador D. João de Caſtro: e elle mandou de ſoccorro ſeu filho D. Fernando, e outros Fidalgos em nove navios: e da chegada de Coge Çofar a Dio: e do terceiro aviſo, que Dom João Maſcarenhas teve: e dos recados que antre ambos corrêram.

PArtido Ruy Freire de Dio, como ventavam os Ponentes rijos, em ſete dias foi a Goa; e dando as cartas ao Governador, em que o certificava de tudo, mandou logo com grande preſſa lançar ao mar nove navios, em que mandou embarcar ſeu filho D. Fernando. As novas corrêram lo-

go pela Cidade de Goa, a que acudíram todos os Fidalgos a se offerecerem ao Governador pera a jornada, e os primeiros que chegáram, esses mandou que se embarcassem, que foram D. Francisco de Almeida, filho de D. Lopo de Almeida, que já tinha dous irmãos em Dio: Bastião de Sá, filho de João Rodrigues de Sá, Veador da Fazenda do Porto, a quem os soldados na India chamavam o Çapeca, (que he huma moeda a mais pequena que ha em Goa,) por ser elle muito pequeno, mas grande no animo, e no conselho: Diogo de Reinoso, Pero Lopes de Sousa, Diogo da Silva, Antonio da Cunha, e outros dous a que não achámos os nomes; e em tres dias os fez o Governador á véla, embarcando-se por soldados outros muitos Fidalgos, e cavalleiros desejosos de ganharem honra.

O Governador entregou seu filho Dom Fernando de Castro a Diogo de Reinoso, e escreveo a D. João Mascarenhas, que ficava descançado, e não receava todo o poder d'ElRey de Cambaya, pois o tinha naquella fortaleza, que lá lhe mandava seu filho pera ser seu soldado: que lhe pedia o ensinasse, e o puzesse nos lugares mais arriscados, e que se fosse necessario, todo o inverno o soccorreria. E mandou embarcar naquelles navios hum Armenio com cartas

pe-

pera o Reyno, em que dava conta a El-Rey do eſtado em que a India ficava, encommendando a D. João Maſcarenhas que logo déſſe aviamento pera o lançarem na coſta de Pôr pera dalli partir por terra pera Ormuz, e dalli paſſar ao Reyno. O Governador mandou ficar Ruy Freire em Goa com diſſimulação, eſcrevendo a D. João Maſcarenhas lhe mandaſſe a certeza daquelle negocio. E em quanto eſtes navios ſeguem ſua viagem, continuaremos com as couſas de Dio.

D. João Maſcarenhas, tanto que ſe declarou a tenção dos Mouros, tratou logo de ſe repairar, e fortificar, mandando quebrar a ponte que hia do poſtigo do baluarte Sant-Iago por ſima da cava até a outra banda, e mandou fazer outra levadiça, pera que ſe foſſe neceſſaria, ſe pudeſſe ſervir por ella. Neſtas couſas gaſtou até nove de Maio, que chegou Coge Çofar a Dio com o reſto do exercito, que logo ſe paſſou á Cidade, onde ſe apoſentou. O eſtrepito, e ruido das armas, e da gente foi logo ſentido na fortaleza, onde todos trabalhavam em ſua fortificação. Aquelle dia ſe paſſou ſem mais novidade; e tanto que anoiteceo, chegou á porta da fortaleza huma eſcrava, que ficára na Cidade, que vinha fogindo daquella confuſão que nella vio, e bradou

aos

aos guardas que a recolhessem, porque tinha muitas cousas que fallar com o Capitão, que cumpriam muito ao bem da fortaleza. Foi esta escrava logo recolhida, e levada a D. João Mascarenhas, que se apartou com ella, e lhe disse: » Sabe, senhor » Capitão, que Deos he comtigo. Eu me » achei em huma parte, onde huns Mou- » ros de casa de Coge Çofar estavam pra- » ticando, sem se recearem de mim, e di- » ziam que seu amo vinha mui alvoroçado, » cuidando que esta noite lhe entregassem » esta fortaleza; e depois de ser na Cida- » de, sabendo que o homem com quem » pera isso estava concertado era ido pera » Goa, ficou muito triste; por isso vê, se- » nhor, o que te cumpre, e não te descui- » des em cousa alguma; sabe a verdade » disto, porque sem dúvida se te tem ordi- » do traição, porque este homem, em que » elles vinham confiados, (segundo os Mou- » ros diziam,) tinha determinado de dei- » tar peçonha na cisterna, e de dar fogo » ao armazem da polvora, e depois metter » os Mouros nesta fortaleza por sua casa. »

O Capitão vendo quanto todos aquelles avisos conformavam, acabou de confirmar a presumpção que havia de Ruy Freire, e do Mourisco Francisco Rodrigues. E dando muitas graças a Deos, entregou a es-

cra-

crava a hum homem ſeu, pera que a provesse de tudo o necessario, e lhe mandou dar huma quantidade de dinheiro; e tratando todas eſtas couſas com muito grande diſſimulação, a aviſou que não fallaſſe couſa alguma. E como era de noite, repartio os quartos das vigias, e foi elle roldar a fortaleza toda, e a parte de ſobre o mar, entrando em todas as caſas por não fazer caſo; e chegando á de Ruy Freire, eſteve vendo a varanda muito devagar, e notou bem que por ella ſe podiam metter os inimigos dentro muito facilmente; e achando alli hum ſobrinho do Ruy Freire, o mandou pera o baluarte do mar, com lhe dar a entender que o fazia por lhe melhorar a eſtancia, e logo tapou a varanda de pedra, e cal; as caſas entregou a hum Capitão de muita confiança com alguns ſoldados. Ao outro dia pela manhã viſitou a caſa da polvora, e achou rota huma forte argamaſſa, que a cubria por cima á maneira de abobada, e nella hum grande buraco, por onde determinavam de lhe dar o fogo; e vendo tão grandes, e manifeſtos ſinaes de traição, deo muitas graças de novo ao Altiſſimo Deos por tantas mercês, quantas lhe tinha feitas com os aviſos. E ſem dar conta a peſſoa alguma do que paſſava, mandou mudar a polvora pera outra caſa, que man-

dou

dou fortificar bem, provendo-a de contínuas guardas de muita confiança, e a cisterna mandou cercar, e fechar com suas portas, que tambem entregou a pessoas mui apuradas.

Este dia, que foram dez do mez, chegou hum mercador gentio, morador na Cidade, muito conhecido dos da fortaleza, á porta della, e disse aos guardas, que levava hum recado de Coge Çofar pera o Capitão; e dando-se-lhe recado, o mandou levar diante de si, e elle lhe disse, que Coge Çofar lhe mandava dizer, que tinha muitas cousas que tratar com elle, que lhe enviasse hum homem de recado pera as communicar. O Capitão posto que entendeo serem tudo invenções de Coge Çofar, tomou parecer sobre aquelle negocio com os Fidalgos, e Capitães; assentou-se que se soubesse o que queria. Com isto elegeo o Capitão hum Simão Feio, homem honrado, sezudo, e de experiencia, que poderia notar mui bem as cousas. E indo em companhia do mercador, foi levado a Coge Çofar, que lhe disse, que ElRey Soltão Mahamude lhe mandava fazer a parede, que por contrato das pazes, que fizeram com o Viso-Rey D. Garcia de Noronha, estava assentada, que Manoel de Sousa de Sepulveda impedíra. E que além disso mandava El-

Rey

Rey pedir ao Capitão de Dio duas couſas, que como amigo lhe podia conceder.

A primeira, que todos os navios dos ...rcadores de Cambaya pudeſſem navegar ...mente por toda a coſta do ſeu Reyno, ...cartazes dos Capitães d'ElRey de Por...l, porque era menoſcabo ſeu, e de ſeu ...ado tamanha obrigação.

A ſegunda, que as náos dos mercado...es não foſſem conſtrangidas a tomar aquella fortaleza de Dio, mas que pudeſſem ir vender ſuas fazendas aos pórtos que lhes bem vieſſe. Pelo que lhe pedia muito por mercê tomaſſe logo reſolução naquelle negocio, porque eſtimaria (pois vinha ſer ſeu vizinho) não haver antre elles quebras, antes muita paz, e amizade. Com iſto deſpedio Simão Feio, que o Capitão ouvio, preſentes todos os Fidalgos, e Capitães, que pera iſſo chamou; e vendo a fórma do recado, lhe mandou logo a reſpoſta pelo meſmo Simão Feio, em que dizia, que aquellas couſas que pedia ſe haviam de tratar com o Governador da India, porque elle não tinha poderes pera innovar, nem alterar os capitulos das pazes, que eſtavam feitas. Coge Çofar lhe tornou a mandar dizer, que ElRey não lhe mandava tratar aquellas couſas ſenão com elle, como Capitão, e Governador daquella fortaleza; e que quan-

do

do lhe elle não quizesse differir a ellas, que mandaria elle correr com a parede como lhe mandavam; e que se elle lha defendesse, sería o quebrantador das pazes. Com[illegible] ta resolução entendeo claramente o [illegible] tão que lhe vinha Coge Çofar a fazer [illegible] ra. E tomando conselho sobre aquellas [illegible] sas, desejando de não ser elle o prime[illegible] que quebrasse a paz, senão o inimigo, p[illegible] ra na guerra lhe ficar mais justiça, se assentou que lhe mandasse dizer, que senão vinha a mais que a fazer as paredes conforme ao contrato das pazes, que bastava pera isso hum Tanadar seu, e não tomar tamanho trabalho, nem vir com tamanho exercito. Com este recado tornou Simão Feio, levando o traslado do contrato das pazes, pera que lho mostrasse, e que lhe dissesse mais, que se os elle quizesse quebrar, e fazer a parede fóra do termo, e grandeza que estava naquelles capitulos, que soubesse de certo que lho havia de defender, e que esperava em Deos que o havia de ajudar contra elle, como contra quebrantador das pazes feitas pelo seu Rey.

Dado este recado a Coge Çofar, e lendo-lhe o contrato das pazes, vendo o Capitão tão justificado, como não queria senão guerra, lançou mão de Simão Feio, e o prendeo, e logo mandou publicar a guerra

ra

ra pela Cidade, o que se fez com grande alvoroço de instrumentos, e bombardadas. E no mesmo dia foi hum grande esquadrão de Turcos com suas bandeiras desenroladas dar vista á fortaleza, fazendo suas algazarras, e dando huma grande salva de arcabuzaria, e com outras bizarrias, e soberbas, de que aquella barbara nação usa. O Capitão os mandou tambem salvar com algumas bombardas, de que alguns ficáram estirados no campo em sinal, e penhor dos muitos que por alli se haviam de espedaçar; e logo mandou embandeirar os baluartes, porque se visse na Cidade o alvoroço com que os esperavam, vestindo-se muito galante elle, e todos.

E porque os baluartes não estavam ainda provídos de Capitães, o fez logo, pondo D. João de Almeida em Sant-Iago, e com elle D. Pedro seu irmão com trinta soldados; e no baluarte S. Thomé poz Luiz de Sousa; no de S. João poz Gil Coutinho; e no de S. Jorge, Antonio Paçanha com trinta soldados cada hum. A couraça encarregou a Antonio Rodrigues Feitor d'ElRey, e a torre de sobre a porta ao Alcaide mór da fortaleza Antonio Freire, e por estas estancias repartio cento e cincoenta soldados, de duzentos que havia na fortaleza: dos cincoenta tomou alguns pera

an-

andarem com elle, e os mais poz em guarda da cisterna, e casa da polvora. Feito isto, ajuntou todos no terreiro da fortaleza, e posto no meio delles, lhes fez esta breve falla.

Falla, que o Capitão da fortaleza de Dio D. João Mascarenhas fez aos Capitães dos baluartes, e soldados, animando-os, e persuadindo-os á defensão da fortaleza.

» BEm pudéra, muito valorosos Capitães,
» e esforçados cavalleiros, escusar de
» vos fazer estas lembranças; porque a quem
» têm tantas obrigações pera tudo, nenhuma
» cousa os move mais, que o sangue, a
» opinião, e a honra, assi particular de ca-
» da hum, como em geral desta nossa na-
» ção Portugueza, que todos tanto deseja-
» mos conservar; mas satisfaço nisto a mi-
» nha obrigação pelas muitas que carregão
» sobre mim, como homem que ha de dar
» conta desta fortaleza, que eu pertendo
» defender com tão valorosos companhei-
» ros, não só a todo o poder d'ElRey de
» Cambaya, mas ainda ao do grão Turco,
» se com elle se ajuntar. E pera isto tomá-
» ra que não estiveramos rodeados destes mu-
» ros, porque então mostraremos a todos co-

» mo

» mo não ha outros mais fortes peitos, que
» nunca se rendêram a bombardas, trabu-
» cos, nem a outro algum ameaço de mor-
» te. E além de vosso esforço, e valor,
» que me assegura a victoria, ainda mo faz
» mais a justiça, que de nossa parte temos;
» porque bem vistes como me justifiquei com
» estes inimigos, porque quiz fossem elles
» os quebrantadores da paz pera nos ficar
» na guerra todo o direito. Não me em-
» baraça tomar-nos este cerco em tempo,
» que duvidosamente poderemos ser soccor-
» ridos de Goa, (pelas grandes tempestades
» do inverno que entra,) porque temos
» hum Deos justiçoso, que nos ha de dar
» a victoria, assim pela razão que de nossa
» parte temos, como porque havemos de
» defender sua Santa Fé, e a honra do nos-
» so Rey, que com tanto custo seu, e tra-
» balho de seus vassallos trouxe a Lei do
» sagrado Evangelho tantas mil leguas, por
» tantos riscos, e perigos, e a tem dilata-
» da por todo este Oriente, e ainda antre
» as mais barbaras nações delle. Estes Mou-
» ros, além de quebrantadores da paz, pele-
» jão por defenderem as mentiras do seu
» falso Profeta, que está no inferno pade-
» cendo tormentos eternos. Por isso, ó Por-
» tuguezes dignos de immortal nome, e
» fama, aqui vos convem mostrar a diffe-

» ren-

» rença que ha de nação a nação. Coſtuma-
» dos ſois todos a perigos, e trabalhos,
» por quem tendes alcançado grandes vi-
» ctorias, e engrandecido voſſa patria, e
» nome. Agora neſte tranſe não haja algum,
» que não trabalhe por fazer immortal a
» fama Portugueza, pondo os olhos em
» Deos, que tendes brando, e benigno, e
» depois nos feitos de voſſos antepaſſados,
» e nas grandes proezas, e cavallerias, que
» noſſos parentes, e amigos ha bem pou-
» cos annos obráram neſte lugar, onde al-
» cançáram victorias, que pareciam milagro-
» ſas, deſtes, e de outros inimigos mais po-
» deroſos, e de huma Armada, que pudé-
» ra aſſombrar a toda Europa ſe lá paſſára,
» pera aſſi vos accenderdes no deſejo de
» vos igualardes com elles, e alcançardes
» a fama que elles alcançáram. »

Acabada eſta falla, todos com os corações mui determinados, e deſejoſos de ſe verem já ás mãos com os inimigos, lhe reſpondêram, que todos eſtavam alvoroçados pera deſenganarem aquelles barbaros; e que em quanto os elle governaſſe os eſtimavam pouco, e dalli ſe foram todos armar o mais cuſtoſamente que puderam, pondo-ſe de plumas, e cores alegres, e foram dar viſta ao Capitão, que tambem ſe veſtio de eſcarlata, e em ſua companhia foram correr as

eſ-

eſtancias, e a tomar poſſe dellas. O Capitão mandou ſalvar a Cidade com toda a artilheria, que foi huma moſtra muito pera arrecear, e que não deixou de pôr grandes deſconfianças nos inimigos.

CAPITULO VIII.

Do conſelho que Coge Çofar tomou com ſeus Capitães ſobre o modo de como cercaria a fortaleza: e de como aſſentáram ganhar primeiro o baluarte do mar: e de huma grande máquina que pera iſſo armáram: e de como o Capitão lha mandou queimar: e das couſas que mais paſſáram até chegar D. Fernando de Caſtro.

VEndo Coge Çofar perdida a occaſião de Ruy Freire, que lhe havia de entregar a fortaleza, em que elle vinha mais confiado, que no poder que trazia, porque bem ſabia que lhe havia de ſer muito difficultoſo tomalla por armas aos Portuguezes, de quem já tinha tanta experiencia; e fazendo ajuntamento de ſeus Capitães, praticou com elles ſobre o modo de como ſe poria o cerco, e porque parte poderiam bater a fortaleza; e debatido antre elles eſte negocio, foi aſſentado que ſe ganhaſſe primeiro o baluarte do mar pera dous effeitos. O pri-

primeiro, pera defenderem os soccorros que viessem pera a fortaleza; e o segundo, pera dalli a baterem por aquella parte do mar, que era mais fraca, e por onde se podia tomar com mais facilidade, e que nisto se mettesse todo o cabedal, porque sem isto ficaria todo o seu trabalho perdido, e não fariam mais que gastar o tempo, e as munições.

Assentado isto, praticáram sobre o modo de como se commetteria o baluarte; e lembrando-lhe a Coge Çofar a grande máquina que no outro cerco fizeram pera abalroarem, e entrarem no castello da Villa dos Rumes, assentou que pera estoutro negocio sería de mais effeito, porque de maré cheia podia abordar o baluarte por qualquer parte que quizessem, por estar fundado sobre hum penedo, que está no meio do rio. E parecendo bem a todos, mandou logo armar sobre huma formosa náo, das que navegavão pera Méca, tres castellos mui grandes de madeira: hum na proa, outro na poppa, e outro no meio, liados, e atravessados com grossas vigas, em que mandou metter muitos artificios de fogo, barrís de alcatrão, e de outros materiaes, pera lançarem dentro no baluarte muitos dardos, lanças, pedras, e outros instrumentos de guerra, encommendando aquelle negocio a hum

Sar-

Sangiaco com duzentos Turcos, pera como fossem aguas vivas, na maré da noite abordar com a náo o baluarte, e ganhallo, o que lhe fora muito facil se Deos o não descubríra. Porque como o Capitão trazia espias mui fieis antre os inimigos, logo foi avisado daquella fabrica, que estava surta hum pouco abaixo da Alfandega com toda a gente já dentro esperando pelas aguas vivas. E não fazendo rumor algum por não alvoroçar a gente, tomou Jacome Leite, Capitão mór da Armada daquella fortaleza, homem muito determinado, e lhe deo conta daquelle negocio em muito segredo, encommendando-lhe que trabalhasse por queimar aquella máquina.

Jacome Leite o houve por muito grande alvitre, e logo se foi negociar. Tinha elle dous navios de remo no mar, chegados á couraça com suas esquipações dentro, e sem dar conta a seus soldados, mandou embarcar dez em cada navio, mettendo nelles muitas lanças de fogo, e panellas de polvora; e sendo meio quarto da modorra, tomou o remo no mór silencio que pode, e no começo da enchente da maré se deixou ir na vêa da agua; e pouco antes de chegarem á náo, foram vistos das vigias, que estavam nella bem álerta, e começáram a bradar. Os Turcos que estavam dentro

acudíram a bordo com as armas nas mãos pera verem o que aquillo era. Jacome Leite aos primeiros gritos apertou o remo pera fazer o a que hiam, primeiro que os Turcos se pudessem determinar. E pondo as proas na náo, cada hum por sua parte lhe lançou logo dentro huma grande somma de panellas de polvora, e o navio, que ficou da banda da proa, cortou logo as amarras á náo. Os Turcos tambem lançáram sobre os nossos muitos tiros, arremessos, e muito fogo. A náo como ficou desamarrada, começou a cabecear, e a levalla a maré pera dentro, não cessando antre os nossos, e os Turcos os arremessos, e espingardadas. Isto foi logo ouvido da terra, e o exercito todo se poz em armas, e acudindo á praia, se mettêram muitos em algumas embarcações pera irem soccorrer á náo; mas quiz a boa fortuna de Jacome Leite, que algumas das panellas de polvora, que se arremessáram dentro, cahissem em hum dos castellos, que estavam cheios de materiaes pestiferos; e pegando o fogo de huma cousa em outra, foi dar na polvora, cuja força, e furor lançou logo pelos ares as cubertas da náo, e os castellos, avoando abrazados os mais dos Turcos, que dentro estavam. A náo ficou entregue ás lavaredas, que foram taes, que descu-
bri-

briam a Cidade, e a gente do exercito, que se embarcava com muita pressa. Jácome Leite vendo sua boa fortuna, virou as proas a terra, e apontou os falcões nos cardumes dos inimigos que fervião, e desparando nelles as cargas, fez huma muito grande destruição, e tomando o remo em punho, se foi recolhendo com sete companheiros feridos, e queimados, deixando acabado hum feito digno de perpétua memoria; e chegados á fortaleza, foram todos recebidos nos braços do Capitão, e de todos os mais com louvores muito públicos.

Coge Çofar acudio ao caes da Alfandega; e vendo a grande máquina, em que fundava suas esperanças, abrazada, e desfeita, ficou pasmado, porque na náo perdêo mui grande quantidade de munições, e muitas peças grossas de artilheria, com que determinava de bater a fortaleza do baluarte do mar, depois que o tomasse, e sobre tudo sentio os Turcos, que elle estimava muito, com cujo esforço, e industria esperava de acabar aquelle cerco, e deitar os Portuguezes fóra daquella Ilha. E arrebentando em blasfemias, disse mal á sua ventura; e depois fez voto a Mafamede de se não alevantar de sobre aquella fortaleza até a não arrazar, e tomar. Mas bem differente era o pensamento do Capitão della, e de

todos os mais, porque toda a noite gastárão em danças, e folias, havendo aquelle principio de vitoria por hum muito certo signal de sempre a alcançar daquelles inimigos. Assim ficárão tres dias fortificando-se huns, e outros, ordenando as cousas necessarias pera a bateria.

Neste tempo foi tambem o Capitão pelas espias avisado, que se esperava no exercito por huma grande cafila de mantimentos, que lhes havia de vir por mar, de toda aquella costa de Balsar até Damão, pelo que logo despedio Jacome Leite com tres navios bem negociados, pera que a fosse esperar até á Ilha dos Mortos. E sahindo-se de noite pela barra fóra, foi correndo aquella costa por onde encontrou algumas cotias carregadas de mantimentos, que tomou, não dando a vida senão a alguns que guardou pera embandeirar os seus navios, quando entrasse em Dio; e depois de deixar feito huma mui grande destruição, se foi recolhendo, e entrou dahi a poucos dias pela barra com as vergas cheias daquelles estendartes, e huma grande cafila de mantimentos, que se recolhêram na fortaleza; e ás cotias todas, depois de descarregadas, se lhes mandou dar fogo no meio do rio, pera que os inimigos as vissem bem, o que foi pera todos elles huma mui-

to

to grande dor, e trifteza. Coge Çofar andava como areado; e vendo que lhe mandavam tomar os feus navios por aquella cofta, defpedio com muita preffa recado a Surrate, que armaffem vinte fuftas, e que fe foffem lançar fobre a barra de Dio, affim pera fegurarem os feus navios, como pera defenderem a entrada aos noffos, fe vieffem de foccorro da India. D. João Mafcarenhas efcreveo aos Capitães de Baçaim, e Chaul que trabalhaffem muito por impedirem a navegação aos Mouros por aquella cofta de Balfar, e Damão, porque lhes não foffem mantimentos ao exercito: o que elles fizeram armando alguns navios, que em poucos dias tomáram dous tauris grandes, e quinze cotias carregadas de mantimentos, mettendo todos os que nellas acháram á efpada.

CAPITULO IX.

De como Coge Çofar começou a fazer a parede, e das coufas, que fuccedêram com a chegada de D. Fernando de Caftro: e de hum grande feito, que fez Diogo da Nhaya Coutinho.

Vendo Coge Çofar que fem ter começado a guerra, tinha recebido tantas perdas, (porque logo teve avifo da deftrui-

çāo

ção que a Armada fez pela outra costa,) andava como fóra de sizo, e de juizo, porque receava ruim fim áquelle negocio, e mandou com muita pressa pôr as mãos na obra da parede, (ou pera lhe melhor chamarmos do muro,) o que começou a fazer com hum grande número de officiaes. Esta parede se fabricou pouco mais de hum tiro de bésta da fortaleza, pelo começo donde depois esteve o jogo da bola, e foi cortando da borda do rio por aquelle tejo assima até o mar, e tinha quinze palmos de largo. E porque de dia não podiam trabalhar por causa da nossa artilheria, e arcabuzaria, que lhe matava muitos obreiros, trabalhavão de noite, abrindo por baixo do chão caminhos intrincados, e em caracol, pera a gente poder passar ao serviço segura das bombardadas. E assim fizeram huma fábrica de ruas, travessas, e encruzilhadas, que parecia hum labyrintho de Creta; mas nem com isso deixavam de morrer muitos, porque a nossa arcabuzaria lá os hia descubrir, e derribar. O Capitão mandava de noite bater os lugares onde sentiam trabalhar, derribando-lhes a obra, que hiam fazendo por partes. Mas com tudo, como os officiaes eram muitos, foi o muro crescendo, e subindo nelle alguns baluartes fortes com bombardeiras rasteiras;

em

em que Coge Çofar mandou aſſentar baſaliſcos, leões, e outras peças groſſas com que determinava de bater a fortaleza. E defronte do baluarte Sant-Iago ſe poz hum quartão, que lançava pelouro de treze palmos em roda, que ſe entregou a hum bombardeiro Francez arrenegado, homem mui deſtro em ſeu officio, que o aſſeſtou por eſquadria tão certa na parte em que a ciſterna eſtava, que lhe lançava nella todos os pelouros que queria. Vendo Coge Çofar a parede já alevantada, mandou logo fazer valos, e trincheiras naquella parte baixa do jogo da bola pera ſe paſſar pera alli com o ſeu exercito, correndo com huma couſa, e com outra á mór preſſa que podiam.

D. Fernando de Caſtro, que deixámos partido de Goa no Capitulo VII. do primeiro Livro, foi ſeguindo ſua viagem até Baçaim, levando já ameaços do inverno; e tomando alli algumas couſas, atraveſſou logo o golfo, que achou tão ſoberbo, e alterado, que ſe vio muitas vezes perdido com toda a Armada: e paſſando por todos aquelles medos, chegou a Dio em fim de Maio, o que foi pera todos os noſſos a mór alegria que podia ſer, e embandeirando os navios, commettêram a barra, entrando por ella dentro, esbombardeando, e ſalvando a Cidade dos Mouros, deitando

do nella alguns pelouros por sinal dos mais, com que haviam de servir, e hospedar os inimigos; e assim foram surgir no caes aonde desembarcáram, achando já D. João Mascarenhas com todos os Fidalgos, que os leváram nos braços com grande alvoroço de todos. E recolhidos pera a fortaleza, os leitos dourados, e camas molles, em que os agazalháram pera repousarem do trabalho do caminho, foram os baluartes, guaritas, e mais lugares do muro por onde o Capitão os repartio. Os da fortaleza ficáram muito ufanos com este soccorro, que ainda que pequeno em número, era muito grande na estimação pelo grande valor, e esforço dos Capitães, e soldados, que nelle vinham. Esta noite passáram os nossos em grandes regozijos, e festas, lançando muitos foguetes, e outros artificios de fogo por esses ares pera mostrarem aos inimigos o alvoroço com que todos estavam, e o pouco temor que delles tinham.

Ao outro dia em amanhecendo appareceo sobre a barra a Armada que Coge Çofar mandou fazer em Surrate, que vindo correndo a costa de Dio, encontrou alguns navios, que os Capitães de Baçaim, e Chaul mandavam com gente, e provimentos; e como hiam espalhados, dous delles foram cahir nas mãos dos inimigos que

que os abalroarão; e posto que os poucos Portuguezes que nelles vinham pelejávam mui valorosamente, e vendêram muito bem suas vidas, (que todos quizeram antes perder, que ficar cativos,) foram mortos, e espedaçados. Outros alguns navios havendo vista desta Armada dos inimigos, e conhecendo-a, tornáram a voltar pera a outra costa. Os inimigos com aquella preza, e vitoria chegáram á barra de Dio embandeirados a dar vista aos nossos, salvando a fortaleza de longe. D. Fernando de Castro lhes quizera sahir, mas o Capitão lho não consentio, porque bem sabia que os inimigos o não haviam de esperar, e que sería trabalho perdido tornar a negociar as fustas, que estavam já recolhidas na couraça, e assim se não fez por então cousa alguma, nem foi necessario, porque logo ao outro dia desappareceo a Armada, que tambem receou que lhe sahissem os nossos. Esta Armada andou por aquella costa des da *Ilha dos Mortos* até Madre Faval, em quanto o tempo lhe deo lugar; e como entrou o inverno, recolheo-se a Surrate sem fazer mais prezas que aquellas primeiras.

D. João Mascarenhas ao outro dia, depois que D. Fernando de Castro chegou, mandou negociar hum catur muito ligeiro, em que mandou embarcar o Armenio, que ha-

havia de passar ao Reino, por quem também escreveo a ElRey o estado em que aquella fortaleza ficava. Este homem foi lançado na costa de Pór, e dalli em trajos de Jogue, (que he huma gente, que se préza de Religiosa, e que nos trajos mostra grande desprezo do mundo, porque não trazem mais vestido que humas capas como os mantos dos Capuchinhos, feitas de farrapos que achão nos monturos,) foi caminhando até o Cinde, onde achou ainda embarcação pera Ormuz, em que se metteo, e foi ter áquella fortaleza, e deo as cartas do Governador a Luiz Falcão; em que lhe encommendava muito désse logo ordem pera que aquelle homem se partisse pera o Reino, o que elle fez, negociando-se com os mercadores de Baçorá que o leváram, e o passáram a Babylonia pelo rio Eufrates assima, e dalli tomou seu caminho em companhia de cafilas que sempre as ha, e foi seguindo sua derrota. E porque não achámos as particularidades desta jornada, passamos por ellas, e de sua chegada ao Reyno adiante daremos razão.

Coge Çofar foi continuando com as obras da fortaleza até as pôr em sua perfeição, passando o seu exercito pera aquella parte, repartindo pelos lugares da bateria perto de sessenta peças grossas, de Baza-

zalifcos, falvagens, aguias, e camelos, e da outra miuda huma grande quantidade, mandando fazer muitas efcadas, huma grande fomma de picões, alavancas, cudilins, padiolas, e em fim toda a mais coufa defta qualidade, que lhe pareceo neceffaria pera aquelle negocio. D. João Mafcarenhas não eftava defcuidado, que tambem de dia, e de noite trabalhava em fua fortificação, vendo, e notando tudo o de que tinha neceffidade, efperando cada dia pelos combates com hum animo muito determinado, e feguro.

Mas como defejava muito faber de certo o intento, e determinação dos inimigos, era-lhe neceffario pera ifto tomar algum lingua, de que fe pudeffe informar. Ifto praticou algumas vezes com os Fidalgos, cavalleiros, e foldados, de que prefumia que preftariam pera efte feito; foi huma dellas em tempo, que fe achou prefente Diogo da Nhaya Coutinho, natural de Santarem, Fidalgo de nobre geração, de grande valor, e notaveis forças, que diffimulando feu intento, vindo a noite, fem dar conta a peffoa alguma, mais que a hum foldado, a quem pedio hum capacete emprestado, (por fer o bom Fidalgo tão pobre que até ifto lhe faltava, fobejando-lhe o animo pera pelejar com os inimigos,) lançando-fe por

hu-

huma corda do muro abaixo acompanhado de sua espada, e huma lança. E indo-se pera a parte onde os inimigos estavam, pouco affastado do caminho, se poz deitado com grande silencio, esperando algum bom encontro. Em pouco espaço vio vir dous Mouros bem dispostos, que vinham praticando, e bem descuidados de imaginarem o que lhes aconteceo. Bem sentio Diogo da Nhaya Coutinho serem dous, e receou commettellos; não porque senão atrevesse a pelejar com ambos, e com mais, mas porque temeo que brigando com ambos, de força havia de haver roido, e podia ser ouvido, e elle não poder pôr em effeito o negocio a que hia; mas tomando conselho com a necessidade do caso, e do tempo, determinou commettellos. E deixando-os passar, levantou-se, e deo a hum tal golpe com a lança, que logo o derribou, e remettendo ao segundo, o levou nos braços, sem lhe valer pernear, morder, nem bracejar, e assim asido chegou com elle á porta da fortaleza a que bradou, que lhe abrissem depressa; e abrindo-lhe a porta, deo com elle dentro, de que o Capitão, e os mais Fidalgos, e cavalleiros ficáram passmados, e maravilhados de tão raro successo, que festejáram muito alegres, e contentes.

E

E porque será roubo, que lhe faremos, calarmos o mais que na mesma noite lhe aconteceo, contarei o que fez, porque fiquemos satisfazendo assim a nossa obrigação, (que he dizermos as cousas, que neste cerco acontecêram, como a seu merecimento, e esforço, com fama depois de morto, já que na vida lhe faltou ventura de ter com que matasse a fome. Prometteo este Fidalgo ao soldado, que lhe emprestou o capacete, de lho tornar a trazer, certificando-lhe, que antes deixaria a vida, que o proprio capacete. Na briga, e revolta que teve com os Mouros lhe cahio da cabeça sem o elle sentir, nem achar menos, senão depois de entrar na fortaleza, e o soldado lho pedir. *Senhor*, disse elle, *eu o vou buscar*. E tornando a descer por onde descêra a primeira vez, havendo que pela porta o não deixaria o Capitão sahir, se foi á parte onde teve a briga, e achando o capacete, o trouxe, e tornou a subir, e o entregou a seu dono. Bem merecia este Fidalgo por isto que fez por seu Rey, que enxergáramos nós nelle as mercês que estes feitos estam pedindo; mas pois as não teve, não lhe faltemos nós com o deixarmos nesta nossa escritura dado a conhecer aos que o não alcançáram.

DE-

DECADA SEXTA.
LIVRO II.
Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como ElRey Soltão Mahamude chegou a Dio: e de hum assignalado feito que seis soldados fizeram, em que tomáram hum Mouro: e das asperas baterias que deram á fortaleza.

ACABADAS todas as obras, assim da parede, como dos valos, e trincheiras, desejou Coge Çofar de ver ElRey as primeiras baterias, porque lhe pareceo que nellas se averiguasse tudo, mandando-lhe recado a Champanel, onde elle estava com o resto de sua potencia pera acudir onde fosse necessario. E tanto que teve recado, se abalou afforrado só com dez mil de cavallo; e tanta pressa se deo, que chegou á Villa dos Rumes dez dias depois da chegada de D. Fernando de Castro.

tro. E ao outro dia depois de sua chegada se passou á Ilha pera de mais perto ver a notomia que Coge Çofar lhe prometia de fazer naquella fortaleza. E á sua entrada na Cidade lhe fez Coge Çofar tão grandes recebimentos, e foram os instrumentos tantos, que se ouvíram na fortaleza, enxergando na Villa dos Rumes novas bandeiras; mas pareceo-lhes que era gente que chegava de refresco, não imaginando que podia ser ElRey. E pera saberem daquella novidade, mandou o Capitão Dom João Mascarenhas dizer a Fernão Carvalho, (que estava no baluarte do mar,) que mandasse algumas pessoas de recado de noite no batel do serviço pera ver se podiam haver ás mãos algum Mouro, de quem pudessem saber o que hia na Cidade.

Fernão Carvalho, tanto que foi o quarto da modorra, despedio o batel com seis soldados, que pera aquillo escolheo, cujos nomes ficáram em esquecimento aos daquelle tempo, (porque os destes homens, que não nascêram illustres, e fizeram cousas abalizadas, não lhes luzíram nem em historias, nem em mercês, e satisfações; porque he muito antiga esta miseria Portuguesa não saber dar lugar ás virtudes, nem engrandecer honrosos pensamentos, antes atanhallos, e desprezallos pelos verem avanta-

tajar nas obras a alguns, que se contentão da gloria de seus passados.) E esta he a razão, por que muitos não trabalhão por obrarem grandes proezas, porque antes querem poupar as vidas, que arriscallas sem esperança de galardão. Mas diante daquelle famoso Antigono não se dava lugar senão ás virtudes, e ao valor ganhado per proprio braço, e não aos que os herdáram de seus avós, como elle disse áquelle mancebo, que por nascer nobre queria preceder a outros que o não eram, tendo mais merecimentos.

E tornando á nossa historia. Partidos os seis valorosos soldados, foram pelo rio assima em grande silencio, sem tocarem com os remos na agua por não serem sentidos na terra; e no lugar em que está a Alfandega, víram estancia muito perto do mar, em que não sentíram vigias, e parecendo-lhes que estariam dormindo, se chegáram á terra, e saltáram nella muito manso, e com grande determinação commettêram a estancia, em que estavam sessenta Mouros sepultados todos em hum profundo somno, como homens que alli se não receavam de cousa alguma; e dando nos primeiros que acháram, matáram nelles á vontade, e ao tom dos golpes, e dos gritos acordáram os outros, andando já o ferro dos valentes seis companheiros sobre elles, e não fa-

ben-

bendo o que aquillo era, nem donde ſe haviam de guardar, embaraçavam-ſe huns com os outros, porque ſem verem o que era, ſentiam o cruel ferro dos ſeis Portuguezes em ſuas carnes, e de outras partes as vozes, e ais dos que ficavam eſtirados. E foi a couſa de feição, que aos gritos dos daquella eſtancia ſe puzeram todas as mais em armas, cuidando que todos os Portuguezes davam nelles. Os ſeis ſoldados, que andavam encarniçados nos Mouros, ſentindo que chegava ſoccorro, ſe foram recolhendo ao ſeu batel, e não ſem muito trabalho, e riſco, porque apertáram tanto com elles, que lhes matáram dous; e quiz a ventura que os quatro ao recolher deram com hum Mouro na praia, que por ventura hia fugindo da morte, e liando-ſe hum com elle, acudindo-lhe os outros, deram com elle no batel, e tomando o remo ſe foram ſahindo, indo apôs elles grandes nuvens de fréchas, e pelouros. Chegados á couraça bradáram ás guardas, que os recolhêram dentro, e levando o Mouro ao Capitão, lhe contáram o ſucceſſo: elle os abraçou a todos, louvando-os, e engrandecendo-os publicamente. E recolhendo-ſe com o Mouro, e lingua, delle ſoube que as [illegible]as que ſe fizeram, eram á chegada d'ElRey, que era vindo pera ver tomar aquel-

la fortaleza, e assim deo razão de todas as mais cousas que lhe perguntáram, que o Capitão estimou muito saber, mandando ter o Mouro a bom recado, e aos soldados deo dinheiro de sua casa.

Tão affrontados ficáram os Mouros deste successo, por ser no mesmo dia que o seu Rey chegou, que desejavam de ir todos morrer ao pé dos muros da fortaleza. Coge Çofar andava como doudo sem saber o que dissesse, nem fizesse, e tomára ser antes aleijado da outra mão, que ter-se tão penhorado com ElRey em negocio que tão ruins principios teve. Ao outro dia chegáram huns poucos de Mouros á falla com os do baluarte S. João, e lhes disseram muitas injúrias, e vituperios; affirmando-lhes que cedo teriam o pago daquelle atrevimento, e de não entregarem logo aquella fortaleza ao grande Rey Soltão Mahamude, que era chegado. Os nossos lhes respondêram que folgavam muito com sua vinda, porque muito cedo sería dependurado de huma daquellas ameias pelo atrevimento que teve de mandar cercar a fortaleza, em que estavam Portuguezes, que haviam de defender a todo o mundo junto quanto mais a elle, e aos seus, que eram huns coutados, covardes, e biguairins, que não faziam conta alguma.

To-

Todas estas cousas soube ElRey, de que se houve por tão affrontado, e offendido, que mandou a Coge Çofar, que logo começasse a bateria; o que elle fez na força do meio dia com mui grande terror, e espanto, batendo os tres baluartes, São João, S. Thomé, e Sant-Iago com oito peças cada hum, e o quartão na parte da cisterna; que cada vez que desparava, parecia que todo mundo se abalava; e certo que poz grande espanto, e causou muito temor. Os Capitães dos baluartes, que eram D. João de Almeida, Luiz de Sousa, e Gil Coutinho, tambem lhe respondêram com sua artilheria, batendo as estancias dos inimigos com grande furor, andando cada hum reformando as ruinas que a artilheria fazia. A grita, o rugido das armas, os fuzís do fogo, o fumo da artilhería que escurecia o Sol, tudo representava o dia final do juizo. No baluarte Sant-Iago de Luiz de Sousa, onde estava D. Fernando de Castro, começou a fazer a bateria mais damno, por ser mais fraco; mas logo tudo era reformado, e repairado de novo.

O Capitão D. João Mascarenhas, que neste dia começou a mostrar os quilates de sua prudencia, e esforço, tinha dado tal ordem a tudo, que em se pedindo pedra, madeira, taboas, panellas de polvora, pelou-

louros, e todas as mais cousas necessarias, logo eram dadas, porque este trabalho encommendou a alguns homens velhos, com muitos escravos, e marinheiros, e assim nunca faltou cousa alguma.

D. Fernando de Castro como era moço, e nunca se tinha visto em outro perigo, desejou de se assignalar neste, e assim deo mostras de seu grande valor, e animo, de que a fortuna lhe começou logo a ter inveja. Todos os mais Fidalgos, e cavalleiros trabalháram em quanto durou o espantoso combate mui animosamente. Huns ajudando a carregar, e borncar as peças da artilheria; outros em reformar as ruinas, e em outras semelhantes, e necessarias occupações, de sorte que todos deram muito grandes esperanças no animo com que acudiam a todas as cousas, e na alegria que mostravam nos trabalhos, de huma muito certa, e grande victoria. A bateria durou até se pôr o Sol, que cessou, deixando os baluartes todos destruidos, e arrazados das ameias, e parapeitos, ficando a artilheria toda delles quasi descuberta. O Capitão Dom João Mascarenhas não tomando repouso toda a noite, trabalhou em reedificar os baluartes, sendo todos os Fidalgos, e cavalleiros os pedreiros, e officiaes da obra, a que deram tanta pressa, que quando amanhe-

nheceo eſtava tudo renovado, como ſe nunca fora derribado, do que os inimigos paſmáram.

Ao outro dia tornáram a continuar a bateria com grande braveza, tornando a arruinar os baluartes por outros lugares, andando ſempre os Capitães mui promptos em reparar tudo, batendo tambem eſpantoſamente as eſtancias dos inimigos, em que o dia dantes fizeram bem de damno, como tambem eſte, em que lhe matáram muitos. Deſta maneira foram continuando os combates naquelles tres baluartes quatro dias, alevantando os noſſos de noite, o que lhes derribavam de dia com muito trabalho, e preſteza. O quartáo, que eſtava fronteiro ao baluarte Sant-Iago, que o Francez regia, tinha feito na fortaleza grande damno, porque derribou caſas, arruinou edificios, e lançou alguns pelouros na ciſterna, que Deos ſempre guardou, porque nella eſtava o remedio de tudo, e andavam todos aſſombrados, porque cada vez que atirava, fazia hum terremoto, que parecia que tremia o ar, e a terra.

Mas enfadado Deos noſſo Senhor de ſoffrer áquelle arrenegado tantas offenſas, e affrontas, indireitou hum dardo, que ſe arremeçou da fortaleza, ſem ſe ſaber de que mão, e tomando o Francez pelos peitos o

der-

derribou morto. Esta perda sentio Coge Çofar muito, porque aquelle homem era o mais importante que tinha no seu exercito pera o maneio da artilheria, e da bateria, e logo em seu lugar poz outro arrenegado, que não sabendo a esquadria, nem a medida do ponto do quartão, todos os pelouros que tirava cahiam sobre o seu exercito, matando muitos dos seus, que isto foi tambem obra da Divina mão de Deos, porque só aquelle tiro se receava na fortaleza mais que todos os outros, porque fazia mór damno.

CAPITULO II.

De como os Mouros continuáram a bateria, e ElRey se foi da Cidade por hum ruim agouro que tomou: e do monte da rama que os inimigos alevantáram defronte do baluarte S. Thomé.

FOi-se continuando a bateria, em que os nossos soffrêram muito grandes trabalhos, porque não largavam de dia, nem de noite as armas das costas, nem das mãos as achegas pera a reformação dos lugares derribados, sendo tudo assim em huma parte como na outra, vozes, clamores, gritos, estrondos, fogo, fumo, trovões, e tempestades da cruel, e horrenda artilheria, que

que quasi tinha ensurdecidos todos os da fortaleza. E havendo dez dias que durava esta confusão, estando ElRey vendo huma aspera, e geral bateria, que se dava á fortaleza, disparando hum camelo de hum dos baluartes, guiou Deos o pelouro de feição, que entrou pela estancia em que ElRey estava, e matou hum privado seu muito junto dello, ficando todo borrifado do seu sangue. E como os Mouros são muito agourentos, assim este tomou aquillo a tão ruim signal, e máo prognostico, que logo se foi pera a Cidade, e no mesmo dia se passou á outra banda, e dahi pela posta caminhou pera Amadabá, tão assombrado, que lhe pareceo que ainda o pelouro hia após elle, ficando com a gente de cavallo, que trouxe hum Capitão Abexim chamado Juzarcão, homem de grande authoridade, esforço, e conselho, e grande Senhor no Reino de Cambaya. Coge Çofar sentio muito a ida d'ElRey, porque lhe pareceo que hia desconfiado; e pera mostrar assim a elle, como aos nossos que nenhuma cousa lhe causava temor, mandou dobrar a bateria pera fazer alguma entrada na fortaleza, porque determinava ou perder-se de todo, ou ganhalla, e assim forão continuando sem cessarem até arrazarem todos os altos dos baluartes S. João, S. Thomé, e hu-

e huma grande parte da cortina do muro, que corria de hum ao outro. Luiz de Sousa, e Gil Coutinho Capitães delles com os mais Fidalgos, e cavalleiros, soffrêram aquelles combates com animo muito grande, acudindo logo a todas as cousas necessarias, pelejando, trabalhando, animando os soldados; tendo-lhes já mortos alguns, e feridos muitos; e certo que quanto maior era o perigo, tanto mais parecia que cresciam forças, e animo de novo a todos pera sustentar tudo, e acudir a tanta cousa, como era pelejar, e reformar.

D. João Mascarenhas vendo os baluartes arrazados, acudio áquella parte; e vendo que estava a fortaleza muito arriscada pela cortina, tratou de fazer por dentro hum contra-muro; e vendo que não tinha parte commoda pera isso, mandou logo na rotura armar hum cubello alto, e grande, no meio de traves, que servia de triangulo, e se corria delle para ambos os baluartes, correndo com hum pedaço de muro pera tornar a fechar aquella parte, com que ficava mais forte. Esta obra se começou com grande pressa; e porque faltavam servidores por serem mortos alguns, e outros estarem doentes, acudíram as mulheres da fortaleza, assim casadas, como viuvas, a acarretar os materiaes, como já fizeram outras no outro

cer-

cerco paſſado: e a que ordenou iſto foi huma Iſabel Madeira, dona honrada, caſada com Meſtre João Cirurgião, Chriſtão velho, de quem tinha dous filhos, e huma filha; eſta foi eleita por Capitoa de todas, formando-ſe hum muito grande eſquadrão dellas, de que as principaes eram Garcia Rodrigues mulher de Ruy Freire, Iſabel Dias caſada com o Feitor d'ElRey, Catharina Lopes mulher de Antonio Gil, e Iſabel Fernandes, que depois ſe chamou a velha de Dio, digna do ſobrenome que lhe deram, pelas couſas que neſte cerco fez, como em ſeu lugar diremos. Eſtas com ſeus filhos, e eſcravos tomáram á ſua conta acarretarem a pedra, e terra pera as obras, que traziam com ceſtos ſobre ſuas cabeças, de algumas caſas que o Capitão mandou derribar dentro na fortaleza, e o meſmo fizeram ás traves, taboado, e a todas as mais couſas que ſe pediam. Eſte trabalho começáram a continuar com tanta preſſa, e alegria, que deo a todos huma certa confiança de bom fim naquella guerra, com o que ficáram os homens mais deſalivados pera acudirem ás baterias. A obra foi creſcendo de feição, que em breves dias ſe poz o cubello em pé, de que encarregou Antonio Peçanha, varão de conſelho, e de muito eſforço, dando-lhe quarenta eſpingardeiros.

O

O Capitão andava muito ufano, e alegre de ver a alegria, e gosto, com que aquelle esquadrão feminino acudia ás cousas, assim de dia, como de noite, porque o havia por hum mui bom prognostico, e assim as hia ver muitas vezes á obra, louvando-as com palavras muito honrosas, e de muito agradecimento. A estancia, que era de Antonio Paçanha, deo o Capitão a hum João de Venezianos com alguns soldados. Em quanto a obra do cubello durou, não cessou a bateria, que deo muito trabalho aos que andavam na obra; mas quiz Deos que não fizesse damno, ainda que estorvava, e impedia os officiaes, mas de noite se fez a mór parte della.

Coge Çofar tanto que vio o baluarte em pé, (com que ficavam aquellas partes cahidas muito seguras,) mandou fabricar defronte do baluarte S. Thomé, outro maior que elle, de terra, e rama pera lhe ficar alli em padrão, e entulhar a cava, porque determinava de entrar por alli a fortaleza. Esta obra se começou a fazer de noite, porque de dia a nossa artilheria, e arcabuzaria lho defendia. E sentindo o Capitão que de noite trabalhavam, mandou fazer nos baluartes tantas luminarias que acclarou todo o campo, e se descubriam muito bem os officiaes que andavam na obra; e assestando

do alli a artilheria, começáram a lhe dar bateria, com que lhe matáram muita parte dos trabalhadores, e os mais largando o trabalho, ficou tudo desamparado; porque além dos pelouros, choviam sobre os que acarretavam as cousas, tantos dardos, pedras, e panellas de polvora, que lhes não davam lugar a apparecerem. E posto que isto causava, e quebrantava muito aos nossos, o perigo em que estavam lhes dava forças pera tudo. Mas Coge Çofar não desistindo da obra, mandou fazer novas ruas por baixo do chão pera passarem os seus encubertos pera a obra; mas ainda assim não deixou de lhes custar muito, e a poder de mortes dos miseros officiaes, e trabalhadores, acabou o baluarte, que ficou tão alto, que descubria todo o de S. Thomé. E em sima delle mandou Coge Çofar pôr muitas arvores grossas com toda sua rama, que se traziam alli a poder de força pera servirem de tranqueiras aos seus, e poz alli hum formoso esquadrão de Turcos, e de outras nações estrangeiras, não cessando em todo este tempo a bateria nas outras partes, com que derribavam os baluartes de D. João de Almeida, e de Antonio Freire, Alcaide mór da fortaleza; mas logo o Capitão acudio a reformar tudo, em cuja obra D. João de Almeida, e seus irmãos mostráram bem o va-

valor de ſuas peſſoas, cumprindo muito á riſca com as obrigações do ſangue de que procediam, pelejando, e trabalhando ſem tomarem repouſo algum. Coge Çofar vendo a fortaleza tão desbaratada por todas as partes, e o muito trabalho que os Portuguezes paſſavam em as reformar, havendo que não poderiam já ſoffrer mais, e que ſe entregariam com alguns partidos, porque ſe não podia eſperar de corpos humanos, o que aquelles homens tinham paſſado, e paſſavam havia tantos dias, ſem tomarem huma ſó hora de deſcanço, e pera lhes não dar folego, e os apertar mais por todas as partes, mandou novamente abrir caminhos por debaixo da terra, pera as eſtancias de Afonſo de Bonifacio, Luiz de Souſa, e Gil Coutinho, até ſahirem á cava, porque determinava de a entulhar pera commetter a fortaleza por aſſalto; e tanto trabalháram neſte negocio, que ainda que foi á cuſta de muitos dos ſeus, que a noſſa eſpingardaria ſempre peſcava, chegáram aonde pertendiam, trabalhando D. João Maſcarenhas muito por lho defender.

E porque o lugar de que ſe mais receavam, e de que mór damno recebiam, era o baluarte do monte da rama, mandou o Capitão fazer hum terrapleno no taboleiro da Igreja, que era o mais alto da for-

ta-

taleza , pera o deſcubrir , e alli mandou aſſeſtar hum bazaliſco , e outras peças groſſas , e encommendou ao Condeſtable da fortaleza , homem mui experimentado em ſeu officio , que trabalhaſſe muito por derribar aquelle monte. E dando elle recado aos do baluarte S. Thomé , pera que ſe recolheſſem a partes ſeguras , por cima delle o começou a bater , e quiz Deos que em quinze dias o desfizeſſe todo , matando muitos dos que nelle eſtavam.

Iſto ſentio Coge Çofar muito , e mandou correr com o entulho da cava , mandando cubrir as ruas ſoterraneas (por onde corriam os trabalhadores) com palmeiras , rama , e terra , pera andarem por baixo ſeguros. E ordenou grandes , e fortes mantas pera as bocas das ruas , que ſahiam á cava pera ſeu amparo ; e aſſim meſmo mandou fazer muitas pranchas de vigas folhadas com taboas , pera atraveſſarem a cava de huma parte á outra , cubrindo-as por ſima de rama , e terra molhada por cauſa do fogo , ſem os noſſos lho poderem defender , poſto que pera iſſo lhes lançáram infinitos artificios de fogo. Tanto que os inimigos tiveram lançadas as pranchas , começáram a entulhar a cava , trazendo por baixo das ruas a faxina , terra , e outras couſas ſem perigo algum.

CAPITULO III.

De como os nossos furtáram o entulho aos Mouros: e de como matáram Coge Çofar: e do soccorro que o Capitão mandou pedir a Goa: e de como os inimigos entulhâram a cava: e de outras cousas.

FOram os Mouros correndo com a obra do entulho com muita pressa sem se lhes poder defender, o que deo grandes cuidados ao Capitão, traçando em sua imaginação algum modo pera poder impedir aquella obra, que era de muito perigo, praticando, e tomando conselho com todos sobre isso. Alguns homens velhos lhe disseram: » Que no muro defronte donde a » cava se entulhava, estava hum antigo, e » pequeno postigo, que o tempo foi es» condendo com terra, e cisco, que de si» ma do muro se lançava, por onde se po» dia muito bem furtar o entulho aos ini» migos. » Não pareceo isto mal ao Capitão, e indo-o logo ver pela banda de dentro, pareceo-lhe que podia aquelle ter o melhor remedio de todos. E logo deo ordem com que se fizessem algumas mantas muito fortes, que mandou armar por sima do postigo, lançadas como pontes, e mandou abrir, e desentulhar o postigo, que fi-

ca-

çava eſcondido debaixo das mantas. E de noite os moços, e marinheiros, com ceſtos por baixo foram furtando o entulho á formiga pera dentro, eſtando ſempre gente em guarda pera os animar, e fazer trabalhar. E ainda que os Mouros na obra do entulho corriam com grande número de ſervidores, e creſcia muito, de noite punham os noſſos tanta diligencia, revezando-ſe huns, e outros, que lhes furtavam a mór parte ſem os Mouros o ſentirem. O entulho fazia hum modo de pyramide muito largo no pé, e agudo na ponta, e todavia vendo elles ſempre a obra em hum ſer, e que lhes não creſcia mais de hum certo limite, andavam embaraçados.

Os noſſos trabalhadores hiam por baixo ſolapando a modo de mina; e aſſim lhe fizeram tão grande vão, que não podendo com o pezo, esborralhou-ſe pelo pé, cahindo toda aquella máquina, do que Coge Çofar ficou paſmado, porque nunca entendêram, nem ſentíram que lhe furtavam o entulho, e cahindo no engano, começáram de defender o trabalho, pondo-ſe hum grande eſquadrão á borda da cava, donde lançavam grandes penedos, muitas panellas de polvora, e outras couſas, com que offendiam os noſſos trabalhadores. D. João Maſcarenhas os mandou ſoccorrer por mais ſoldados,

dos, que ſahiam pelo poſtigo fóra, e travavam com os Mouros, ateando-ſe de parte a parte hum formoſo jogo de arcabuzaria, de que todos recebêram aſsás de damno, acudindo a mór parte dos Fidalgos, e cavalleiros áquelle negocio, que era de importancia. E antre eſtes foi Antonio Freire, que eſta noite fez obras merecedoras de maiores louvores; mas a fortuna invejoſa dellas, ordenou que lhe deſſem huma eſpingardada, de que cahio logo morto, o que ſe ſentio bem antre todos os da fortaleza, porque eſte era hum dos homens, que mais ſuſtentava o pezo, e o trabalho daquelle cerco, com ſeu esforço, conſelho, e com ſeu dinheiro, de que deo muito a muitos. Durou eſta noite a briga hum grande eſpaço, em que os noſſos apertáram tanto os Mouros, que os fizeram recolher. Mas Dom João Maſcarenhas não tomando repouſo, mandou com muita preſſa carretar muitas traves, taboas, e portas, que tudo foi levado por aquellas valeroſas matronas, (que neſte cerco a ſeu modo tiveram tão grande quinhão como todos.) E tudo iſto mandou atraveſſar de noite des do poſtigo até á outra parte, onde ficou alevantado hum grande monte do entulho, e fazendo huma forte ponte, a cubrio de terra, e rama molhada por cauſa do fogo; e por baixo ficáram

ram

ram os noſſos defendendo a obra do entulho mais á ſua vontade, e em damno dos inimigos, ſem elles lhes poderem empecer; e quando amanheceo eſtava tudo acabado.

Dada a nova diſto a Coge Çofar, acudio alli, e vendo a obra, deſenganou-ſe de poder por alli entulhar a cava, e cheio de paixão começou a esbravejar contra os ſeus, porque não defendêram aquillo, e de todo deſconfiou do cerco, por ver a grande diligencia, e preſteza, com que os noſſos ſe repairavão, e lhes desfaziam ſuas traças. E no pezar que aqui moſtrou, parecia que lhe denunciava o coração algum grande mal ſeu. E eſtando alli dando ordem ao que ſe havia de fazer, ordenou Deos, e não permittio que tardaſſe mais o caſtigo a eſte inimigo de ſua ſanta Fé, (naſcido, e creado nella,) que deſparaſſem da fortaleza algumas bombardas naquella multidão de gente, que com elle ſe ajuntou; e endireitando hum dos pelouros com elle, tomando-o pela cabeça, lha fez logo em pedaços, borrifando os que eſtavam derredor com ſeus miolos, e aquella perverſa, e maldita alma foi levada dos diabos ás penas perpetuas do Inferno, aonde ſerá atormentada em quanto Deos durar. Profetizado eſtava já pela triſte mãi (que ainda vivia em Otranto catholicamente) o lugar, a que havia de ir

parar; porque todos os annos lhe eſcrevia cartas, em que lhe lembrava que era Chriſtão, pedindo-lhe que deixaſſe os enganos da falſa Lei de Mafamede, em que andava embebido; e nos ſobreſcritos das cartas lhe punha aſſim: *Pera Coge Çofar meu filho ás portas do Inferno.* O ſeu corpo foi logo levado dalli com grande dor, e triſteza de todos, e lhe foram dar ſepultura em huma das meſquitas da Ilha com a maior pompa que podia ſer. Juntos logo todos os Capitães, elegêram em ſeu lugar ſeu filho Rumecan, tão máo, perverſo, e ardiloſo como ſeu pai, que logo alli jurou a Mafamede ſobre o corpo do pai, de tomar cruel vingança de ſua morte, e de não dar vida a peſſoa alguma da fortaleza. E começando a correr com ſua obrigação, a primeira couſa que fez, foi mandar abrir ſeis ruas por debaixo do chão, que hiam todas diffirir na cava de fronte do noſſo poſtigo, por onde lhe furtáram o entulho, que quaſi hiam fechar ſobre a ponte, que os noſſos fizeram por baixo, donde furtavam o entulho, e ſobre ella lançáram pedras de tamanha grandeza, e pezo, que fizeram render as traves, e deram com toda a ponte em baixo, tratando mal alguns dos ſervidores.

Vendo D. João Maſcarenhas eſte máo ſucceſſo, mandou tapar o poſtigo, porque lhe

lhe não acontecesse por elle algum desastre; ficando os Mouros desapressados pela irem continuando com a obra do entulho, como fizeram por seis partes, que cresceo tanto, que cubria já o postigo. O Capitão andava muito pensativo, porque via que os inimigos acabáram todas as obras que queriam, sem lhas elle poder defender, e que lhe hia já faltando gente, por ser alguma morta, e outros doentes, e feridos; mas não pera que com tudo isto perdesse hum ponto de seu grande animo; porém via que lhe tardava o soccorro de Goa, e que hiam faltando mantimentos, que era mór guerra que a que lhe faziam os inimigos: pelo que mandou recolher todos os que havia pelas casas pera se despenderem por regra, desejando de certificar ao Governador o perigo em que estava; mas via o inverno tão encarniçado, e cruel, que havia que nenhum homem se quereria arriscar.

Entendida esta vontade pelo Vigario da fortaleza, (que era hum Sacerdote honrado, e bom homem, que naquelle cerco tinha mostrado muita caridade com todos; e por ser este, communicava o Capitão com elle só seus móres segredos, como foi esto,) se lhe foi offerecer pera ir a Chaul levar as cartas pera se enviarem ao Governador, e ainda ir a Goa, se fosse necessario.

O Capitão estimou aquillo muito, e mandou logo negociar hum catur ligeiro, em que se embarcou, com cartas por tres, ou quatro vias pera o Governador, levando por regimento que não fizesse mais que tocar Baçaim, e Chaul, e désse as cartas que levava pera aquelles Capitães, em que lhes pedia o soccorressem com muita presteza, porque ficava em trabalhos, e que despedissem logo as cartas pera o Governador por differentes patamares, que são caminheiros de pé. O Vigario deo á véla, e foi seguindo sua derrota, onde o deixaremos até tornar a elle.

Os Mouros foram continuando com o entulho até de todo igualarem a cava. E pela parte em que estava Gil Coutinho, que se não podia entulhar, atravessáram grandes mastros com taboas pregadas pera passarem por cima a picar o muro, o que tambem se lhe não pode defender, porque tudo faziam por baixo de repairos, e ruas. D. João Mascarenhas acudio áquella parte; e vendo a ponte lançada, mandou logo com muita pressa fazer huma grossa cadeia de ferro tão comprida, que pudesse chegar do baluarte abaixo, em que mandou amarrar grandes saccas de gunes cheias de polvora, salitre, enxofre, e outros materiaes com fogo artificioso por dentro, e as mandou lançar

ças de ſima ſobre as pontes, ficando as cadeias prezas ás argolas das peças groſſas; e ſendo em baixo, tomáram o fogo com tamanha braveza, que pegou nos maſtros de feição, que em pouco eſpaço os desfez em cinza, e em carvão, queimando, e abrazando a muitos dos que por baixo andavam. Rumecan acudio logo áquella parte, e mandou trazer outros maſtros, e taboas, de que ordenou outras pontes, que ſe lançáram no meſmo lugar, ſobre o que ſe ateou hum grande jogo de bombardadas, e eſpingardadas, de que os inimigos recebêram mui grande damno, matando-lhes, e derribando-lhes muitos dos que andavam em o trabalho, cujos lugares ſe tornavam a encher logo de outros de refreſco; e tantos ſe arriſcáram, e trabalháram, que a pezar dos noſſos cubríram as pontes de terra, e rama por cauſa do fogo, ordenando-lhes paredes pelas ilhargas, e outras pelo meio, que ſe cubríram por ſima de outras vigas, ſobre que ſe armou hum forte terrado pera os debaixo ficarem ſeguros, o que tudo ſe fez á cuſta das vidas de muitos.

Feita eſta obra, começáram a picar o baluarte S. João, no que gaſtáram alguns dias, havendo da noſſa parte toda a reſiſtencia poſſivel; mas em fim elles fizeram hum portilhão, por onde cabiam dez homens jun-

46071

juntos; mas D. João Mascarenhas mandou fazer por dentro hum repairo muito forte, com que ficou seguro, sem os Mouros darem fé delle. Rumecan como vio aquelle lugar aberto, determinou de entrar por elle; e pera o fazer mais a seu salvo, mandou dar hum assalto geral á fortaleza por todas as partes pera por ellas se repartirem os nossos poucos, e lhes ficar aquelle lugar com menos risco; mas acháram tal resistencia, que com perda de muitos dos Mouros os fizeram affastar, fazendo todos os Fidalgos, Capitães, e cavalleiros Portuguezes este dia obras mui dignas de muito maior escritura, que não especificamos por não gastarmos o tempo em louvor de homens, cujos feitos contados singelamente, e sem ornamento de palavras, (de que aquelles famosos escritores Gregos, e Romanos usavam no contar dos feitos dos seus,) podem escurecer a todos. O Capitão em tudo mereceo sempre mais que todos, porque cada hum pelejava, e tinha cuidado do seu lugar, e elle dos de todos, provendo, mandando, e governando com muito animo, e prudencia, sem tomar huma hora de descanço, e em todas as cousas tão alegre, e contente, que dobrava o esforço, e animo aos seus em o verem.

CA-

CAPITULO IV.

Do recado que Rumecan mandou ao Capitão por Simão Feio: e do grande, e aspero combate que os inimigos deram á fortaleza: e de como entráram o baluarte S. Thomé.

PAssado o combate, tanto que anoiteceo, ouvíram os do baluarte Sant-Iago chamar de fóra pelos da vigia, dizendo: » Que lhe chamassem o Capitão, que lhe » queriam dizer certas cousas que importa- » vam, declarando-se que era Simão Feio » o que lhe queria fallar. » Este recado se deo logo ao Capitão, que assomou ao baluarte, e mandou perguntar a Simão Feio que era o que lhe queria? que lhe disse: » Doo-me tanto de todos, e vejo tudo tão » arriscado, que pedi licença pera vos vir » fallar. Bem vedes esses muros todos der- » ribados, as cavas entupidas, e vós fal- » tos de tudo, cansados das vigias, e tra- » balhos, perdidos muitos companheiros » na guerra, o soccorro longe, e tão im- » pedido com o inverno, o poder d'El- » Rey de Cambaya grande, e que cada » dia póde vir mais. Rumecan Capitão ge- » ral desejoso de vos não perderdes todos » pela grande amizade que seu pai teve

» sem-

» sempre com os Portuguezes, folgará » haver algum bom meio justo, e honesto » pera se escusar tanto damno. Por isso foi » de parecer que devieis de vos entregar a » elle, porque está apostado a usar com to» dos de muita brandura, e liberalidade; » e sendo de outra maneira, e insistindo » em vossa contumacia, cerrareis ás portas » a toda a misericordia, e sereis gravissi» mamente castigados, por isso dos males » escolhei o menor, porque he conselho de » prudentes.»

O Capitão entendendo que lhe faziam dizer aquellas cousas por força, mandou-lhe dizer: Que bem entendia que aquellas » palavras, e conselhos não eram seus; por» que bem sabia elle que os Portuguezes » não costumavam a entregar huma parede » velha, que primeiro não morressem to» dos cem mil mortes sobre sua defensão; » que aquella fortaleza estava ainda pera se » defender a todo o poder do Turco, quan» to mais a hum tão pequeno, e tão fraco, » como era o d'ElRey de Cambaya; e que » esperava em Deos de muito cedo os ir » buscar a suas estancias, e quebrar-lhes » sua soberba; e que bem se sabia pelo » mundo que os Portuguezes não se ven» ciam nem de trabalhos, nem de medos, » nem da mesma morte: que se fosse, e

» não

não tornasse alli mais com aquelles alvi-
» tres, porque o mandaria fustigar rijamen-
» te com aquella artilheria. » Simão Feio,
que estava amarrado por muitos que o ti-
nham, calou-se, e os Mouros sem dizerem
cousa alguma se recolhêram, e o levâram
a Rumecan, a quem contáram tudo o que
passára, de que elle ficou accezo em ira, e
furor, e já desejava a manhã pera dar hum
assalto á fortaleza, em que esperava de ar-
rematar aquelle negocio. Nos nossos havia
bem differente pensamento, porque se re-
formáram o melhor que puderam, e se pre-
paráram pera os esperar, e desenganar,
porque bem entendiam que o Rumecan os
havia de commetter com toda sua potencia.

Ao outro dia em amanhecendo appa-
receo derredor da fortaleza todo o exercito
dos Mouros com todas suas insignias, e
bandeiras desenroladas, tocando muitos in-
strumentos, dando todos tão grandes, e es-
pantosos gritos, e bramidos, que pudera
aquelle barbaro apparato pôr, e causar medo
a muitos mil milhares de cavalleiros sãos,
e folgados; o que não fez a tão poucos
homens, (que não passavam de duzentos,)
tão quebrantados, maltratados, cansados,
e tão moidos de nunca despirem as armas,
nem dormirem huma hora inteira; antes
crescendo-lhes a todos novo furor, pare-
cen-

xendo-lhes pouco o que viam, se puzeram em seus lugares esperando os inimigos, que vinham arremettendo com o baluarte São João com tantos estrondos, que parecia que o mundo se fundia. Luiz de Sousa Capitão do baluarte, e D. Fernando de Castro, que com elle estava, acompanhados de Bastião de Sá, Diogo de Reinoso, Pero Lopes de Sousa, Diogo da Silva, Antonio da Cunha, e de todos os mais Capitães, que com elle tinham vindo de soccorro, se lhes apresentáram com grande valor, e confiança, fazendo todos taes cousas, que não ha palavras, com que se possão engrandecer como merecem.

O poder dos inimigos vinha repartido em duas partes. Rumecan com todos os Turcos, e Estrangeiros, e com toda a gente de seu pai commetteo o baluarte S. Thomé, Juzarcão com todo o mais poder o de S. João. Rumecan lançou diante quinhentos Turcos com escadas pera encostarem ao baluarte, como fizeram, commettendo a subida com grande determinação, sendo favorecidos dos mais com muita espingardaria. Os que subíram chegáram a pôr ás mãos em sima nos muros; mas tornáram a virar por detrás feitos pedaços, levando outros após si. As bombardadas soavam em todas as partes, porque em todas se batia.

Do

baluarte do mar fizeram grande eſtrago nos inimigos, porque os tomavam em deſcuberto, e empregavam bem nelles ſua munição. Rumecan apertou com o baluarte, que tinha á ſua conta, favorecendo outros que de novo ſubiam a elle, com tantas eſpingardadas, e fréchadas, dardos, e pedras, que parecia chover tudo iſto dos ares ſobre os noſſos, que deſeſtimando tudo, nunca largáram os lugares, offendendo tambem aos inimigos com todo o genero de inſtrumentos de morte que achavam, deitando ſobre elles grandes cantos, muito fogo, infinitos dardos; o que tudo ſe empregava tão bem, que era grande deſtruição, por cahir ſobre aquelle cardume, que eſtava ao pé do baluarte amontoado, fazendo nelles tal eſtrago, que puderam internecer outros peitos, que não foram tão barbaros, e crueis, como os dos ſeus Capitães, que lhes não dava couſa alguma de verem tantos dos ſeus eſpedaçados, abrazados, e com as entranhas abertas.

D. João Maſcarenhas exercitou aqui bem o officio de prudente, e esforçado Capitão, vendo, notando, provendo em tudo, pelejando, animando, e esforçando aos ſeus com palavras de muita confiança, e honra. O exercito das matronas fez aqui tambem ſeu officio, acudindo aos baluartes,

tes, em que pelejavam, carregadas de lanças, dardos, panellas de polvora, pedras, e de outras muitas cousas desta qualidade pera empecerem aos inimigos, que repartiam pelos que pelejavam. E algumas dellas se mettiam antre aquelles valorosos soldados, e cavalleiros, que estavam accezos em furor, chamando-lhes: Filhos, caval-
» leiros de Christo, pelejai por vossa fé,
» que Deos tendes, que vos ha de favore-
» cer» ajudando tambem a lançar sobre os inimigos os instrumentos de sua perdição. E a boa velha Isabel Fernandes, que teve aquelle honrado sobrenome da velha de Dio, que já pera aquelle tempo trazia muitos bolos de assucar, e bocados doces, corria os baluartes, e aos que via mais cansados, e fracos, lhes mettia nas bocas alguma daquellas cousas, dizendo-lhes: Esfor-
» çai, filhos: pelejai, cavalleiros, que a
» Virgem nossa Senhora está comvosco.»

Juzarcan, que foi commetter os baluartes S. Thomé, e S. João, achou tão grande resistencia em D. João de Almeida, e em Gil Coutinho seus Capitães, que recebeo de suas mãos outro tão grande estrago, como o de Rumecan. Em todas as partes crescia a crueza, e furor cada vez mais, sendo já tantos os mortos, que estorvavam os vivos, principalmente nos baluartes, que al-

alli onde cahiam, ficavam. Sómente os feridos eram logo recolhidos a curar por aquellas matronas, e levados a casa de Isabel Madeira, onde seu marido Mestre João sempre estava, pelo não deixar o Capitão entrar nos lugares da peleja pela necessidade que delle havia: e assim curava a todos com muito amor, e caridade, fazendo-lhes sua mulher os fios, e batendo-lhes os ovos, alimpando-lhes as feridas por sua mão, agazalhando-os em sua propria casa, fazendo-lhes de comer, e dando-lhes seus mimos, como se todos foram seus filhos. O mesmo fizeram as outras donas, repartindo antre si estas obras de caridade, que todas exercitavam com muito gosto, e diligencia: e póde bem ser, que se ellas não foram, que morrêra a mór parte dos soldados á mingua.

Nos baluartes (principalmente no de S. Thomé, que estava mais damnificado) crescia a crueza muito, porque os inimigos no lugar de dez, que lhe matavam, se punham logo vinte; mas nós nos baluartes não, porque o que cahia, alli ficava, sem haver outro que se puzesse em seu lugar: e certo que parecia, que ainda aquelles corpos assim espedaçados se queriam alevantar pera tomarem vingança de seu damno. Os vivos trabalhavam tudo o que podiam por se não sentir o defeito, e falta dos que ca-

hi-

hiam feridos, ou mortos, enchendo hum só o lugar que foi de tres, e de quatro, pelejando com tanto furor, e esforço, que parecia que as forças dos mortos se uniam, e ajuntavam ás dos vivos. Bastião de Sá desejando de alcançar hum nome eterno, e de illustrar com façanhas aquelle seu antigo appellido, fez obras dignas de grandes louvores, matando, e ferindo nos inimigos com muito animo, e valor, até que o derribáram de huma cruel fréchada, que o tomou por sima do giolho por antre os miudos, de que se mais não pode sustentar na perna, e assim foi recolhido com mágoa de todos, por perderem hum tão grande defensor daquella fortaleza, e companheiro em seus trabalhos. Isabel Madeira o levou pera sua casa, e o agazalhou, e seu marido o curou com muito resguardo.

Pois dos soldados, que se aqui acháram, a que o descuido sepultou os nomes em esquecimento, por certo que bem se puderam fazer delles muitos, e mui grandes capitulos, pelas grandes cousas que obráram, tanto sobre tudo o que se póde crer. E posto que a miseria Portugueza, de que ha tão pouco nos queixámos, vos deixasse escurecidos, e apagados; vós, ó valorosos soldados, que neste cerco subistes o nome Portuguez até as estrellas, e pela forta-

teleza de vossos braços lhes fizestes ganhar hum nome eterno, não vos poderaõ tirar aos que aqui morrestes, defendendo a honra do vosso Deos, e do vosso Rey, outra gloria maior, e mais segura, de que estareis todos gozando, e onde vossos nomes serão tão patentes, e conhecidos, antre os Cortezãos do Ceo, e vossos feitos illustrados com outros titulos tanto maiores, que todos os que a terra vos podia dar, (que são os de martyres de Christo,) que não tenhais inveja a cousa alguma. E todos os mais que daqui escapastes, e que a fortuna vos guardou pera mais comprida vida, a todo o tempo havia Deos de permittir, que fosseis gozar do galardão de vossas obras. Porque se os Gentios haviam, (como diz Marco Tullio no sexto de sua Republica,) que todo o que ajudasse a conservar a Patria, tinha hum certo, e determinado lugar no Ceo: quanto com mais razão podemos os Catholicos esperar, que todo o que não só ajudou a sustentar a Patria, mas ainda a defender, e dilatar a Fé de Christo, lhe haja elle em nenhum tempo de negar o galardão de seus merecimentos. E posto que o mundo os negasse a estes, que mór premio, e gloria podiam elles alcançar, que verem que suas obras foram famosas, e grandes.

E

E tornando ao fio da nossa historia. Os inimigos como eram muitos, e recresciam cada vez mais, subíram o baluarte S. Thomé a pezar dos golpes dos nossos, que nenhum davam em vão; mas assim os empregavam, que tinham ao pé do muro hum grande número, e monte de mortos, e vivos misturados: huns sem pernas, outros sem braços, outros com as entranhas passadas, com tamanhos, e tão vivos gemidos das afflicções, e ansias da morte, que causavam medo, e pavor. Vendo os nossos os inimigos em sima do baluarte, animando-se huns aos outros, com corações de leões bravos remettêram com elles determinados a morrerem, ou aos deitarem fóra; e de tal maneira, e com tanto esforço pelejáram, que os mesmos Mouros ficáram passmados, e com mortes de muitos os foram arrancando do baluarte. Ao que alguns soldados valorosos bradáram por Sant-Iago, mettendo-se de envolta com os inimigos, como leões esfaimados, e que os queriam comer aos bocados; e de feição apertáram com elles, que os fizeram lançar do baluarte abaixo, onde muitos se fizeram em pedaços; e ainda fora o damno maior, se os mais delles não cahíram sobre aquella grande multidão de mortos, que ao pé delle, e sobre elles lançáram logo grandes alcanzias

zias de polvora, acabando alli banhados em sangue, e abrazados em fogo. Este foi o dia, em que todos os que se acháram neste baluarte, puderam com muita razão dizer aquillo, que disse Cesar daquella grande batalha, que em Hespanha teve com os filhos de Pompeo, que todas as vezes que pelejára, o fizera pelo interesse da vitoria; mas que aquella pelejára pela vida. Assim que nesta batalha se víram os nossos em estado, que pelejáram só por sua defensão, e não pela da fortaleza. Rumecan vendo tão grande estrago, tocou a recolher, levando dos seus menos quinhentos, e affastado mandou dar fogo aos bazaliscos, e salvagens, que estavam apontados naquelle baluarte, em que os pelouros com grandes terremotos foram fazendo muitas ruinas, posto que havia já pouco que derribar nelle, por estar quasi arrazado até o entulho. Tão escaldados ficáram os Mouros deste successo, que nunca mais ousáram commetter os baluartes descubertamente; mas quasi todos os dias faziam remettiduras com todo o exercito, tornando-se logo a recolher, como viam os nossos postos em defensão: e tendo a artilheria prestes, a desparavam junta pera os tomarem em descuberto; mas de todas estas vezes livrou Deos aos nossos, porque de todas ellas nenhum perigou. E

algumas noites commettêram as estancias com grandes estrondos, só a fim de inquietarem os nossos. Neste tempo eram já sessenta Portuguezes mortos, sem acharmos antre elles algum de nome, posto que todos o merecêram mui honrado; pois he certo que os que recebêram maior damno, esses se offerecêram aos maiores perigos, e á mesma morte.

CAPITULO V.

De outro muito grande, e aspero combate, que Rumecan deo á fortaleza com todo o poder: e das cousas, que nelle succedêram.

VEndo Rumecan quão mal lhe succediam as cousas daquelle cerco, pareceo-lhe que Mafamede estava irado contra elle, porque pelo grande poder que tinha, e pouco dos Portuguezes, e defenderem-se delle em huma fortaleza arrazada até o chão, houve que seriam peccados commettidos contra o seu Profeta. E querendo-o aplacar, ordenou de noite grandes procissões, sahindo da Cidade em romaria ás mesquitas da Ilha, com todo o exercito posto em ordem, com grandes, e formosas luminarias, e com muitos clamores, e vozes, pedindo soccorro a Mafamede. E entrando nas mesquitas, fi-

fizeram grandes orações, e superstições, sahindo pera fóra, e entrando pera dentro, andando á roda muitas vezes, e isto com tamanhos gritos, e prantos, como quando no tempo de huma geral, e contagiosa enfermidade os Christãos em suas procissões, cantando suas Ladainhas por toda a Cidade, a certos passos se levanta aquella geral, e piedosa voz de todos, bradando pela misericordia de Deos, com muitas lagrimas, e gemidos.

Foi tudo isto visto do baluarte do mar, que descubria o campo todo; e parecendo a Fernão Carvalho aquillo novidade, metteo-se em hum pequeno batel, e foi á fortaleza dar conta ao Capitão do que víra. Bem pareceo a D. João Mascarenhas que aquillo era alguma superstição pera ao outro dia lhe darem geral assalto; e despedindo Fernão Carvalho, lhe encommendou que de lá o favorecesse com a artilheria, e logo foi correr toda a fortaleza, animando, e esforçando a todos, pedindo-lhes que estivessem apercebidos, porque ao outro dia haviam de ser commettidos com todo o poder, mandando com muita presteza encher em todos os baluartes muitas tinas de agua pera o repairo do fogo, e prover as estancias de muitas lanças, alabardas, panellas de polvora, pelouros, pedras, e em fim de

de toda a mais cousa, com que se pudesse offender aos inimigos, negociando, e dando ordem a tudo o mais que lhe parecia necessario, com muita prudencia, e conselho. Era este dia vespera do Apostolo Santi-Iago, Padroeiro das Hespanhas; e em rompendo o quarto d'alva, appareceo toda a fortaleza cercada á roda de todo o poder dos inimigos póstos em armas com muitas bandeiras desenroladas, e em meio de todas huma muito grande, em que estava pintada a figura de Mafamede, tão feia, e medonha, como foram suas obras, que tiravam este dia por grande reliquia, havendo que nelle se arremataria a vitoria, que elles tinham por muito certa. Vinham tocando os instrumentos de guerra, com som, e estrondo tão confuso, e triste, que parecia huma denunciação do final juizo, porque com isso as vozarias, gritos, e alaridos daquelles barbaros, representavam os tristes condemnados ás penas eternas em suas lamentações, e blasfemias. Com esta representação (que por ainda ser escuro fazia tudo mais medonho) remettêram com os baluartes S. João, e S. Thomé, e com a guarita de Antonio Paçanha, que estava antre ambos, repartindo-se o poder em tres esquadrões pera estes lugares, em que logo arvoráram muitas escadas, por onde os mais ou-

oufados começáram a fubir com grande determinação; e chegando affima, foram recebidos nas mãos dos noffos, que já eftavam preftes, onde pagáram feu atrevimento, tornando os primeiros a virar fobre os de demais de pernas affima efpedaçados, levando muitos após fi. Mas como a multidão delles era grande, não fe deixava fentir aquella perda: foram logo tantos outros que fubíram, que entulháram os lugares, pondo-fe muitos fobre o baluarte de barba a barba com os noffos. Aqui foi o retinir das armas, os gritos, e eftrondos de huns, e outros, os inftrumentos, que fe não deixavam de tocar, a artilheria, que fazia feu terremoto, de forte que tudo fazia tão grande confusão, que parecia que toda a máquina do mundo fe fovertia. Efte foi o dia, em que os Portuguezes moftráram todo o preço, e valor de fuas peffoas. Luiz de Soufa, D. Fernando de Caftro com os Capitães, e Fidalgos de fua companhia, póftos diante de todos aos trabalhos, não pelejavam como homens tão quebrantados, e canfados de tantos dias, fenão como fe áquella hora chegáram de foccorro muito folgados. Os tres irmãos D. João, D. Francifco, e D. Pedro de Almeida fizeram tão grandes coufas, que fe não podem particularizar. Antonio Paçanha com feus companhei-

nheiros do cubello tiveram mui grande trabalho, porque foram mui rijamente commettidos do poder de Juzarcão. Em fim todos em todas as partes fizeram taes façanhas, que paſmavam os inimigos, porque não ſó pelejavam com ambos os braços, mas ainda com os pés, com que deitavam grandes galgas ſobre os que eſtavam aos pés dos baluartes, e com as bocas ainda o faziam mais, porque ora affrontavam os inimigos, ora conſolavam, e animavam aos amigos, e companheiros, [redacted] davam forças a huns, e quebrantavam aos outros; e taes andavam todos, que ſe deſejavam lançar em baixo ſobre os inimigos, que muitas vezes arrancáram dos baluartes, fazendo-os virar pera trás feitos em pedaços. A furia creſcia em todas as partes cada vez mais; o damno era maior aſſim em huns, como em outros; os gritos rompiam os ares, tudo era confusão, e eſpanto. O Capitão [redacted] Maſcarenhas com ſeu animo nunca rendido a trabalhos, nem a medos, com ſua prudencia, e conſelho governava tudo, correndo de hum lugar a outro, mandando trazer as couſas que ſe pediam; no que tinha dado tal ordem, que em bradando por panellas de polvora, já alli havia quem lhas metteſſe nas mãos, por lanças, por dardos, e em fim por tudo o

mais,

mais, que era tudo trazido ás costas, e cabeças daquellas honradas, e animosas matronas.

A velha Isabel Fernandes corria os baluartes com seus bolos, e bocados doces, esforçando a todos, acudindo aos fracos com aquella refeição, mettendo-lha nas bocas por não desoccuparem as mãos, que estavam offendendo aos inimigos, alevantando a voz a toda a parte a que chegava, pera que todos a ouvissem, pera se della quizessem alguma cousa, a dar, dizendo: » Ah filhos, cavalleiros de Christo, pelejai, que elle he comvosco: vede o de » que tendes necessidade, que logo se vos » dará. » E assim todas as vezes que entrava nos baluartes, que a ouviam, assim se animavam todos tanto, que pelejavam com alegria, e sem receio. As outras companheiras estavam repartidas pelos baluartes da briga, e em cahindo hum morto, logo o affastavam por não ser estorvo aos vivos, e os feridos eram logo levados por ellas a casa de Isabel Madeira pera serem curados.

Rumecan posto que vio o estrago, que era feito nos seus, não desistia do negocio, porque determinava de ou tomar daquella vez a fortaleza, ou perder-se de todo; e assim fazia chegar os Capitães ao assalto, o que os mais delles faziam com vergonha,

por

por verem quão mal recebidos eram dos nossos em sima. Aqui se dobrou a crueza, porque se metteo todo o resto no commettimento dos baluartes, tornando os Turcos do terço de Rumecan a cavalgar o baluarte S. Thomé á custa de tantas mortes, que era espanto; porque os nossos vendo que só em Deos, e nos seus braços estava o remedio de sua salvação, com o coração no Ceo pedindo favor, e ajuda, e com os braços á defensão, pelejavam todos tão valorosamente, que com fazerem tanto, não havia quem não tivesse inveja do companheiro, que a par de si tinha, das grandes proezas, que lhe via obrar.

Desta vez esteve a cousa tão arriscada, que começou a correr huma voz pela fortaleza, que já os Mouros estavam senhores do baluarte S. Thomé. E chegando aos soldados, que vigiavam as casas da banda do mar, largando tudo, acudíram a elle, entrando de refresco com aquelle furor, e ira, que a nova que ouvíram accendeo nelles, e taes cousas fizeram, que tornáram, os que pelejavam no baluarte, a ficar com mais folego, porque os inimigos vendo o soccorro, paráram alguns, e outros se lançáram dos muros abaixo. Do baluarte do mar não cessava a artilheria, que em roda viva não fazia senão carregar, e descarregar nos inimi-

amigos, que eram tantos, e estavam tão apinhoados, que nenhum tiro se errava, e assim fizeram nelles, em quanto durou o assalto, muito grande estrago.

CAPITULO VI.

De como os Mouros entráram pela banda da rocha: e de hum valoroso feito, que huma mulher fez: e de como acudio o Capitão, e os lançou fóra: e de como matáram Juzarcão.

ESTANDO o assalto neste estado, Juzarcan, que andava pela outra parte da banda do mar mandando pelejar os seus, foi rodeando pela banda da rocha por ver se havia por alli lugar, por onde pudesse entrar na fortaleza, e lá junto do baluarte Sant-Iago sentio tudo calado, e quieto, e pareceo-lhe que estava sem guarda, como de feito assim era; porque os soldados, que alli estavam por aquellas casas, tinham ido soccorrer o baluarte, como já dissemos. E chamando hum Sangiaco de cem Turcos, lhe encommendou que subisse por humas casas, que estavam encostadas á Igreja de Sant-Iago, que tinham huma varanda baixa, em que logo arvoráram algumas escadas, por que subíram alguns Turcos em muito silencio. Chegando á varanda, entrá-

ram

ram dentro, e hum delles mais atrevido foi paſſando, e abrio huma porta, que hia pera huma camara, em que eſtava huma mulher caſada, Turca de nação, que ao eſtrondo ſe alevantou, e dando com o Turco, ficou toda traſpaſſada de medo. O Turco vendo-a aſſim, tomou-a por hum braço, e lhe diſſe: » Que não houveſſe medo, que » elle a ſegurava, que ſoubeſſe que a for- » taleza era tomada, que lhe déſſe algum » dinheiro, que elle a ſalvaria, e tomaria » á ſua conta. »

A pobre mulher dando-lhe Deos forças, e alento, lhe diſſe, que eſperaſſe, que hia dentro buſcar-lho, e ſahindo-ſe pera fóra, abrio a porta da rua manſo, e entrou em caſa de outra vizinha, e lhe diſſe, que os Turcos ficavam em ſua caſa: ao que a outra começou a bradar alto, chamando por noſſa Senhora, que lhe valeſſe, a cujos gritos acudio outra mulher tambem vizinha, a que não achámos nome; e ſabendo que eram os Turcos entrados na caſa da outra, remetteo a huma chuça, e como leoa raivoſa ſahio pela porta fóra, e foi demandar a caſa em que eſtavam, e chegando á porta, vio que hum Turco lançava a cabeça fóra pera ver o que hia na rua. A valoroſa mulher com hum animo varonil remetteo a elle, dizendo: *Ah perro, que ás minhas*

mãos

mãos has de morrer: e com grande valor, e esforço se poz ás chuçadas com o Turco, que fechou a porta, ficando elle de fóra pera os não deixar sahir.

As outras vizinhas foram gritando pelas ruas; e encontrando com o Capitão, lhe disseram, que acudisse á fortaleza, que era entrada pela banda da rocha. O Capitão sem se torvar lhes disse: » Que se calassem, » que tal não era; e logo despedio hum » dos tres homens, que com elle hiam, pe- » ra que fosse buscar alguns soldados a al- » guns lugares, que estivessem menos apres- » sados; e ao outro mandou que fosse pe- » las ruas, e todos os que achasse encami- » nhasse pera aquella parte, avisando-os » que lhes não dissessem o pera que » porque se aquillo chegasse ás orelhas dos que pelejavam nos baluartes, desamparallos-hiam, e perder-se-hia tudo. O Capitão com hum só pagem que lhe ficou, que sempre o acompanhava com o guião de Christo, foi pera a parte pera onde as mulheres o encamináram, e pelo caminho se lhe ajuntáram dous soldados, hum chamado André Baião, mui bom cavalleiro, e ao outro não soubemos o nome, e chegando á porta, onde os Turcos estavam, achou aquella valorosa mulher, (qual outra Poncella de França,) que sem medo algum tinha os

Turcos encurralados na casa, tendo-lhe tomada a porta, que defendia com tamanha ira, e furor, que fez pasmar a todos.

O Capitão vendo aquelle espectaculo, ficou alegre, e confiado, vendo como até a natureza tinha em seu favor, pois assim mudava hum coração tão sujeito a medo, e a temor, em outro tão determinado, que sem mostras de receio estava offerecida a morrer pela defensão de sua fortaleza. O Capitão chegando a ella, com palavras de muito louvor lhe perguntou o que era? ao que lhe respondeo, que Turcos dentro naquella casa. O Capitão parou bradando por huma panella de polvora: áquella hora sahia de dentro de huma daquellas casas hum Abexim, que ficou diante de D. João Mascarenhas pasmado; o Capitão vendo-o assim, o tomou por hum braço, e o arremeçou por diante delle, dizendo-lhe que fosse trazer huma panella de polvora, e ao passar por diante delle, lhe deram huma espingardada de sima de hum eirado da Igreja, onde já estavam alguns Turcos, do que o Abexim cahio morto aos pés do Capitão, que quiz Deos pollo por seu amparo, porque se não executasse nelle a cruel espingardada, porque fora total perdição daquella fortaleza.

A'quelle tempo chegou hum soldado com

com huma panella de polvora, e tomando-lha o Capitão, remetteo com a casa onde os Turcos estavam, e dando-lhe hum grande couce, deo com as portas dentro, e lançou a panella, quebrando-se em meio dos Turcos, (que eram mais de trinta os que estavam dentro,) e accendendo-se a polvora da panella, e dando por elles, os abrazou. O Capitão após a panella, entrou a casa cuberto de huma rodela de aço, e huma formosa espada na mão, e com elle os tres, ou quatro soldados, que com elle estavam, e dando em os Turcos, a poder de golpes os leváram até á varanda, fazendo-os lançar com a pressa della abaixo sobre a rocha, onde se fizeram em pedaços.

Feito isto, sahio-se o Capitão pera fóra, e vio que estavam sobre o eirado da Igreja hum cardume de Turcos com dous guiões desenrolados, e vinham já descendo pera o muro, pera dalli (que era baixo) saltarem dentro na fortaleza. A este tempo vinham já chegando alguns soldados, e debaixo se puzeram ás espingardadas com os Turcos, que de sima tambem faziam o mesmo. O Capitão bradou por huma escada, que logo lhe trouxe huma mulher, e encostando-a ao eirado, começáram alguns dos nossos a subir, e outros debaixo aos favorecer com a arcabuzaria; mas era tão pe-

que-

quena a escada, que não cabia por ella mais que hum e hum, e o primeiro que assima chegou, tornou a virar sobre os debaixo com algumas lançadas.

Neste tempo acudiam já soldados áquella parte, e vendo os Turcos sobre o muro, que era baixo, puzeram-se ás espingardadas a elles, derribando alguns. Pela banda da rocha vinham subindo mais Turcos, porque Juzarcão, que em baixo estava, os hia favorecendo com mais soccorro, e assim poucos e poucos subíram tantos, que entulháram aquelle lugar, ateando-se antre elles, e os nossos huma cruel briga, por ser toda de espingardadas, a que não havia repairo. O Capitão andava animando os seus, e bradando por escadas, que lhe trouxeram mais capazes, e arrimando-as ao muro, começáram a subir os nossos, favorecendo-os o Capitão debaixo, dizendo-lhes: » Ah valorosos, e esforçados cavalleiros, » dia he este pera deixardes de vossa nação » huma perpétua memoria ao mundo. » Os golpes retiniam, os arremessos de ambas as partes eram muitos, e os que subiam tanto trabalháram, que a poder de golpes que recebêram, se puzeram em sima do muro, onde os primeiros começáram mão por mão huma aspera batalha com os Turcos, sustentando o pezo delles, em quanto outros su-

ſubiam de refreſco. E pondo-ſe em ſima, chamando pelo Apoſtolo Sant-Iago, em cuja caſa eſtavam, arremettêram com os inimigos, e com hum grande impeto, e furor os leváram de arrancada; e vendo-os embaraçados huns com os outros, os apertáram de feição, que os fizeram lançar do muro abaixo ſobre a rocha, onde ſe fizeram em pedaços, não eſcapando hum ſó.

Deſpejado o muro, entrou o Capitão nas caſas por onde ſubíram, e provendo aquelle lugar de guarda, voltou pera os baluartes. Juzarcão vendo o eſtrago dos ſeus, ſe foi recolhendo o melhor que pode, porque vinha já a manhã eſclarecendo, e de todas as partes ſe deſcubriam os inimigos claramente, varejando-os com a artilheria, e com a arcabuzaria, que antre elles fazia bem de damno.

Chegado o Capitão aos baluartes, e vendo o perigo, e crueza da batalha, e as maravilhas que os noſſos faziam, levantou a voz pera os animar, dizendo: » Ah ſe-
» nhores Fidalgos, Capitães, e Cavalleiros
» de Chriſto, fazei-vos hoje acabar de co-
» nhecer a eſtes barbaros, porque não quei-
» ram provar mais voſſo ferro: fazei que
» eſte dia do bemaventurado Apoſtolo Sant-
» Iago ſeja muito ditoſo, e glorioſo á
» voſſa nação; aqui me tendes comvoſco

» por

» por companheiro em vossos trabalhos.
» Ah senhores, demos nestes inimigos da
» Fé de Christo, e deitemo-los fóra », e querendo passar adiante, o detiveram todos, não lhe consentindo que se puzesse em lugar de perigo. E cobrando todos novo animo, e rebentando de furor, remettêram aos inimigos, e com morte de muitos déram com elles dos muros abaixo.

No mesmo tempo encaminhou Deos nosso Senhor hum pelouro de hum camelo, e tomando a Juzarcão de meio a meio, o desfez em pedaços. Esta nova correo logo pelos seus, que acudíram ao lugar onde estava feito pedaços pera o levarem. Rumecan tanto que o soube, quizera morrer de pezar, e tocando a recolher, o fez pera a Cidade com tamanha melancolia, e tristeza, que não ousava pessoa alguma a lhe fallar. Os nossos ficáram desalivados, e bem cansados. Perdêram-se neste grande assalto sete Portuguezes, ficando perto de trinta feridos. Dos Mouros morrêram mil dos principaes, e foram mil e quinhentos feridos, de que depois acabáram muitos, e perdêram a mór parte das suas bandeiras, e a do seu Mafamede leváram toda rota, e esfarrapada, que foi pera elles huma affronta muito grande.

D. João Mascarenhas vendo-se desapres-

sa-

ſado, e os inimigos recolhidos, deo grandes louvores a Deos noſſo Senhor por tão grande vitória, mandando enterrar os mortos, e curar os feridos com muito grande cuidado. Ao outro dia deſpedio o Capitão hum navio com cartas pera o Governador D. João de Caſtro, em que lhe dava conta de todos os ſucceſſos, porque logo ſoube da morte de Juzarcão, e dos inimigos, que na batalha morrêram. E porque Baſtião de Sá eſtava muito mal de ſua perna, o fez o Capitão embarcar pera ſe ir curar a Baçaim, onde ao outro dia, que a fuſta partio, chegou arrazada de agua. Deſembarcou Baſtião de Sá; e D. Jeronymo de Menezes, Capitão da fortaleza, o foi buſcar, e o levou pera ſua caſa, onde o mandou curar com todo o cuidado, e reſguardo, e o navio partio logo pera Goa.

CAPITULO VII.

De algumas cousas que passáram em Goa: e de como o Governador D. João de Castro mandou seu filho D. Alvaro de Castro de soccorro a Dio: e dos assaltos que os Mouros deram áquella fortaleza, de que se recolhêram desbaratados.

DEpois do Governador despedir seu filho D. Fernando de Castro, ficou esperando por recado do que lhe succedêra na viagem, mandando encommendar as cousas de Dio a Deos por todos os Religiosos, sentindo em estremo tomallo este successo em tempo, que não podia soccorrer aquella fortaleza em pessoa; e sendo entrada do mez de Junho, chegou á barra de Goa velha a náo Espirito Santo, de que era Capitão Diogo Rebello, da conserva do Governador, que elle receava fosse perdida, que (como dissemos no Capitulo primeiro do Livro primeiro) foi tomar Melinde, onde esperou os Ponentes, que lhe entráram em Abril; e dando á véla pera Goa, tendo grandes calmarias, no caminho gastou todo aquelle tempo, e com muito trabalho foi ferrar Goa velha, onde o Governador mandou logo embarcações por dentro dos rios a buscar os doentes, e a des-

descarregar a náo. E depois do mez de Julho chegáram as cartas de D. João Mascarenhas, que eram as que o Vigario levou; e se mandáram de Baçaim, e Chaul por terra. E sabendo por ellas o grande aperto, em que aquella fortaleza estava, se foi logo pôr na ribeira dos navios, e fez logo lançar ao mar os que estavam melhor negociados, e mandou chamar seu filho Dom Alvaro de Castro, a quem disse, que se fizesse prestes pera ir soccorrer a fortaleza d'ElRey. Estas novas se espalháram logo por Goa, a que acudíram todos os Fidalgos, e Capitães a se offerecerem pera aquelle negocio, sendo o primeiro D. Francisco de Menezes, a que o Governador acceitou os offerecimentos, mandando-lhe que se preparasse pera o outro dia se partir com alguns navios diante, em quanto D. Alvaro de Castro se fazia prestes, o que elle fez com muita diligencia, acudindo-lhe muitos soldados, e alguns Fidalgos mancebos seus parentes, e amigos pera o acompanharem, e em dous dias se poz no mar com sete navios, de cujos Capitães não achámos os nomes. Aos vinte e sete de Julho se fez á véla, e de sua viagem adiante daremos razão.

O Governador ficou negociando o mais soccorro com muita pressa, e tres dias depois

pois de D. Francisco de Menezes, foi fazer á véla seu filho, que sahio pela barra de Goa a velha, despedindo-o com muitas bençãos, escrevendo por elle a D. João Mascarenhas, e de novo a D. Francisco de Menezes, (sem embargo de lho já ter pedido,) que alli lhe mandava D. Alvaro de Castro seu filho pera não fazer mais que o que elles lhe mandassem, e assim lho deo a elle por regimento. Os Capitães dos navios (que eram dezenove) foram, D. Jorge de Menezes, que depois se chamou Baroche, D. Duarte de Menezes filho do Conde da Feira, Luiz de Mello de Mendoça, e Jorge de Mendoça seu irmão, Dom Antonio de Taíde, Garcia Rodrigues de Tavora, Lopo de Sousa, Nuno Pereira de Lacerda, Athanasio Freire, Pero de Taíde Inferno, D. João de Taíde, Balthazar da Silva, D. Duarte Deça, Antonio de Sá, Belchior Moniz, Lopo Vaz Coutinho, Francisco Tavares, e Francisco Guilherme.

Partido D. Alvaro de Castro, ficou o Governador negociando hum caravelão carregado de munições, e mantimentos pera mandar após elle; e por ser navio muito pezado, e não poder remar, era muito arriscado naquelle tempo, e por tal não oussava de commetter com elle a algumas pessoas, que elle desejava, porque o não que-

ria entregar senão a huma de muita confiança, por ser cousa muito importante. E praticando isto com Manoel de Sousa de Sepulveda, elle lhe disse: » Que lhe inculcaria hum Fidalgo, que por debaixo do » mar o levasse a Dio, e que este era An- » tonio Moniz Barreto. » Andava este Fidalgo aggravado do Governador por cousas leves, e não se offereceo pera ir naquelles navios por não querer pedir ao Governador cousa alguma, e andava negociando hum pera se partir, e de todas suas cousas dava conta a Manoel de Sousa de Sepulveda, de quem era muito amigo. O Governador lhe disse: » Que não se atrevia a » commetter Antonio Moniz Barreto com » aquelle negocio, que era hum Fidalgo, » que andava separado, e aggravado delle; » que se elle o quizesse acabar com elle, » que folgaria muito de elle ir no navio, » ainda que não fosse mais que até o en- » tregar a seu filho D. Alvaro de Castro. » Manoel de Sousa de Sepulveda foi logo buscar Antonio Moniz Barreto, e lhe deo conta do que tinha passado com o Governador, e lhe aconselhou que logo se fosse embarcar naquelle navio, porque era o maior serviço, que podia fazer a ElRey. Antonio Moniz Barreto vendo aquillo, disse que o faria. E tomando alguns amigos, que

que tinha grangeados pera irem com elle, se foi logo embarcar sem se ver com o Governador, porque estava já o navio em Goa velha, e o Governador sabendo delle, o mandou logo fazer á véla pelo Veador da Fazenda, e foi seguindo sua jornada com tempo mui forte: e delle, e de D. Alvaro de Castro a seu tempo daremos razão, por guardarmos a ordem da historia, e tornarmos ás cousas de Dio.

Andava Rumecan mui envergonhado, e muito mais o estava ElRey, (que todos os dias era avisado do que se passava,) de ver huma fortaleza toda arrazada, e posta por terra, e com tão pouca, e cansada gente, não só se defender a tamanho exercito, mas ainda alcançarem os de dentro tão grandes vitorias, e terem-lhe mortos dous tão grandes Capitães, e mais de dous mil homens. E tendo recado deste derradeiro successo, mandou reprender a Rumecan, e a todos os mais Capitães da fraqueza, e covardia, que nelles havia; do que elles tomados, e affrontados, determinaram de metter todo o resto do poder, e ou tomarem a fortaleza daquella feita, ou morrerem todos em huma de seus baluartes, e assim se lhes cumpríram seus desejos. E pera lhes ficar mais facil a entrada da fortaleza, mandou Rumecan fabricar defronte do baluarte

te Sant-Iago hum muito grande beſtião, e tão alto, que igualava com elle, pera ſe irem chegando, e pera ficarem cavalleiros ao baluarte pera o fazerem deſpejar. D. João Maſcarenhas vendo obra tão prejudicial, determinou de a mandar desfazer, e o encarregou a D. João, e a D. Pedro de Almeida ſeu irmão, dando-lhes pera iſſo cem eſcolhidos ſoldados.

E aos quatro dias de Agoſto, ao quarto da modorra ſahíram por huma bombardeira em muito ſilencio, e com huma grande, e reſoluta determinação foram commetter o beſtião, e dando de ſubito nos Mouros, que nelle eſtavam bem deſcuidados daquelle ſobreſalto, matáram, e eſpedaçáram nelles bem ás ſuas vontades, porque muitos recebêram a morte ſem darem fé della, ſenão depois que ſe víram ſepultados no Inferno, e outros as feridas, e ſuas dores os deſpertáram. E como os tomáram de ſobreſalto, não tratavam de mais que de ſalvar as vidas, largando tudo, ficando os noſſos ſenhores do beſtião, que começáram a desfazer. Os que hiam fugindo deram novas no exercito do damno que recebêram, ſem ſaberem dar razão do que era, porque não ſentíram mais que cortarem-nos, ſem verem ſe eram os noſſos cento, ſe quinhentos. Rumecan acudio logo lá com todo

do o exercito poſto em armas ; mas já foi a tempo que os noſſos tinham deſmanchado tudo, e em ſentindo os inimigos, ſe foram recolhendo com muita ordem, e ſe mettêram na fortaleza ſem ſe perder algum, deixando mortos perto de trezentos dos inimigos.

Vendo Rumecan aquelle damno, mandou alevantar logo humas muito groſſas paredes defronte do baluarte S. João, e a ſegunda noite que ſe começáram, lançou o Capitão por huma bombardeira quatorze ſoldados, que pera iſſo eſcolheo, que dando de ſubito nos que vigiavam as paredes, achando-os dormindo, cortáram os que alcançáram, e os mais aos gritos dos que matavam foram fugindo, e ficando tudo deſpejado, derribáram as paredes com muitos ſervidores, que pera iſſo levavam. A revolta foi ouvida no arraial, e acudio hum grande tropel de Turcos; e ſendo ſentidos dos noſſos, deixando tudo derribado, ſe foram recolhendo a ſeu ſalvo.

Affrontado Rumecan daquella ouſadia, deo recado a todos os Capitães, que ao outro dia havia de dar hum geral aſſalto, pera o que ſe preparáram. E em rompendo a luz da manhã, começáram a apparecer os inimigos com ſuas bandeiras deſenroladas, levando diante de todas outra nova,

ra, em que eſtava a figura de Mafamede; tão feia, e disforme, que cauſava medo: levava os cabellos (que eram muito compridos, e eſpalhados) por ſima do roſto, e das côſtas, e com eſta medonha visão, a que ſe todos encommendáram, remettêram com a fortaleza, tocando todos os ſeus inſtrumentos, e dando tamanhos gritos, que enſurdeciam o mundo. Os dianteiros, que eram os Rumes, e Turcos, começáram a ſubir pelas paredes derribadas dos baluartes S. Thomé, e S. João, com huma muito confiada determinação de morrerem todos, ou os ganharem, lançando os de detrás grandes panellas de polvora, e varejando os altos dos baluartes com ſua arcabuzaria pera affugentarem os noſſos; e os ſeus que ſubiam, terem lugar de cavalgar em ſima.

Mas os Portuguezes não temendo, e tendo em nada aquellas carrancas, eſperáram os inimigos com a meſma determinação de ou morrerem todos, ou de desbaratarem de todo aquelles barbaros, e não tardáram mais em viraſem os Turcos de pernas aſſima, que em quanto os noſſos lhes não alcançáram; mas como lhes puderam chegar, logo lhes moſtráram quão caro lhes havia de cuſtar quererem pôr os pés em ſima dos baluartes, pagando muitos com a mor-

morte ſua porfia, e atrevimento; porque aſſim como cahiam dez, ſubiam vinte, indo á porfia todos a buſcar ſeu damno; e todavia como eram muitos, e vinham com aquella barbara determinação, commettêram todos os baluartes mui denodadamente, fazendo todos os ſeus Capitães, e companheiros maravilhas nas armas. E poſto que em todas as partes havia trabalho, e riſco, todavia o de Luiz de Souſa, em que eſtava D. Fernando de Caſtro com os Capitães de ſua companhia, eſteve mais apertado que todos, porque carregáram alli os mais eſcolhidos do exercito, e tambem eſtava mais aberto, e damnificado que os outros; mas os valoroſos defenſores delle fizeram taes couſas, que ſe não póde imaginar de tão poucos braços poder ſahir tamanho eſtrago, como ſe via ao pé do baluarte nos inimigos, onde eſtavam tantos eſtirados, que pera os outros chegarem, era forçado paſſar por ſima de corpos, que eſtavam ainda palpitando, e revolvendo-ſe no ſeu ſangue com as anſias, e afflicções da morte. As vozes, os gritos, os bramidos em todas as partes (porque em todas ſe pelejava) era couſa muito horrenda, e medonha. Os baluartes quaſi ſe não viam, porque eſtavam eſcondidos em nuvens de fogo, e fumo, das muitas panellas de pol-

vo-

fora, e bombardadas, que delles ſahiam; e que ſobre elles cahiam. De huma parte chamavam por noſſa Senhora, e pelo Apoſtolo Sant-Iago; da outra pelo falſo, e enganoſo Mafamede, conſtrangendo os Capitães Mouros aos ſeus a ſubirem, o que elles receavam fazer pelos muitos que viam voltar feitos pedaços ſobre elles. Os Capitães, Fidalgos, e ſoldados Portuguezes merecêram muito, porque fizeram tanto, que de cada hum ſe puderam fazer muitos Capitulos; porque eſte foi o dia, em que ſe elles mais aſſignaláram que todos, por pelejarem em meio de chammas, e labaredas, porque em todos os baluartes era tanto o fogo, que parecia que ardia o mundo. Os que andavam veſtidos de couro, (de que muitos ſe provêram pera ſua defensão,) paſsáram bem; mas os mais foram queimados por muitas partes, acudindo ás tinas de agua pera matarem o fogo, que lhes andava pelos veſtidos, que eram de algodão, tornando logo a ſeus lugares, e como que vinham de refreſco, aſſim entravam furioſos, que pareciam leões famintos.

Do baluarte do mar nunca ceſſou a bateria, deſcarregando todas ſuas cargas nos Mouros, que lhes ficavam por huma ilharga deſcubertos, em que fizeram tal eſtrago; que de não poderem ſoffrer tanto, ſe

af-

aſſaſtáram., ficando-lhes trezentos, e mais mortos aos pés dos baluartes, levando dous mil feridos, e abrazados. Dos Portuguezes foi couſa milagroſa, que neſte temeroſo aſſalto não perigou algum, poſto que houve muitos feridos, e queimados. O Capitão em quanto durou o aſſalto não deſcançou, correndo todos os baluartes muitas vezes, e os proveo de todas as couſas neceſſarias, que tudo lhe era logo trazido por aquellas honradas, e animoſas mulheres.

Aſſaſtados os inimigos, mandou o Capitão repairar os baluartes, e curar os feridos com muita diligencia. E vendo o grande, e importante repairo, que era pera o fogo, veſtidos de couro, mandou deſarmar ſeus apoſentos dos ricos, e formoſos guadamecis que tinha, e os mandou cortar todos em veſtidos, que repartio pelos que abrangêram.

CAPITULO VIII.

De outras baterias que deram á fortaleza: e de como chegou a ella o Vigario, que foi com recado a Chaul, e Baçaim: e de hum grande assalto que os Mouros deram: e das grandes fomes, e necessidades, que havia na fortaleza, e de hum muito honroso, e valoroso feito, que fez Martim Botelho.

PAssado este assalto, de que Rumecan ficou bem escandalizado, mandou que se proseguisse no entulho da cava des do baluarte S. João até o de Sant-Iago, recebendo sempre grande damno da nossa artilheria, que lhes derribou os caminhos por onde passavam, onde ficavam enterrados muitos servidores. Vendo Rumecan aquelle damno, mandou fabricar dous bestiães naquella parte de muito grossas, e fortes taipas, em que se assestáram dous leões, a que fizeram seus repairos, e mantas, e com elles batêram fortemente o baluarte S. Thomé, até lhes cegarem hum camelo, com que lhes tinham feito grande damno, e com isto lhes ficou tempo mais occasionado pera entulharem a cava. Esta obra tinham tomado á sua conta os Janizaros, que neste cerco mais se avantajáram de todos, e assim o pa-

o pagavam tambem mais, porque já eram mortos nos aſſaltos perto de quatrocentos.

Ao outro dia, depois diſto paſſar, chegou á fortaleza o Padre Vigario, que, como diſſemos no Capitulo III. deſte Livro II. foi a Baçaim, e Chaul a pedir ſoccorro, que deo o recado áquelles Capitães, que logo deſpedíram as cartas pera o Governador, e começáram a fazer preſtes gente, e navios pera mandarem de ſoccorro, acudindo todos a Baçaim pera dalli atraveſſarem como lhes o tempo déſſe jazigo. E vendo o Vigario a muita gente, que alli ficava pera ſe embarcar, quiz levar a Dio aquellas novas. E poſto que o tempo era groſſo, ſe embarcou no ſeu navio com nove ſoldados, e ſe metteo no golfo, onde deo em mares tão groſſos, e cruzados, que os comiam, vendo-ſe muitas vezes alagados; mas á força do trabalho, e diligencia de todos, chegáram a Dio o dia que o camelo ſe cegou (como aſſima diſſemos.) Tanto que da fortaleza víram entrar aquelle navio, foi grande o alvoroço em todos, porque após elle podiam vir outros, e já não ficavam tão deſconfiados de ſoccorro como eſtavam. O Catur foi ſurgir á couraça, por onde entrou o Vigario com os ſeus ſoldados, que foram recebidos todos nos braços do Capitão, e mais Fidalgos, com pa-

la-

livras de grande louvor. O Vigario disse a D. João Mascarenhas, que em Baçaim ficavam quinhentos homens com navios prestes, e negociados pera partirem em lhes o tempo dando lugar, e que não tardariam sinco dias. Estas novas se espalháram por toda a fortaleza, que foram festejadas com folias, danças, e outras mostras de alegria, o que tudo foi ouvido no arraial, onde a fama lhes levou logo as novas de tudo, com que Rumecan ficou muito triste. E vendo que cada dia lhes podia vir soccorro, determinou de concluir aquelle negocio primeiro que elle chegasse. Pelo que encommendou a seus Capitães que se batessem todas as estancias, e se preparassem pera darem o derradeiro assalto, em que esperava de arrematar a vitoria.

Nesta conjunção chegou outro Capitão chamado tambem Juzarcão, que Soltão Mahamude mandava em lugar do morto, que era tio de estoutro, pera que ficasse em seu lugar com sua gente. A bateria se começou a dar, que durou todo aquelle dia, e parte da noite, e ao outro dia ás tres horas da tarde, que sahíram os Mouros dos seus exercitos com todo o poder, levando diante suas bandeiras desenroladas, e ao som de muitos, e mui desordenados instrumentos, remettêram com a fortaleza, haven-

vendo que daquella feita a levariam nas mãos. E chegando os primeiros, e mais escolhidos ao baluarte S. Thomé, que estava todo arrazado, começáram a subir por elle com grande soberba, e arrogancia. Luiz de Sousa, D. Fernando de Castro com seus Capitães, e D. Francisco de Almeida, que D. João Mascarenhas mandou aquelle dia passar pera alli, recebêram os inimigos como sempre, quebrando-lhes logo aquelle furor, e orgulho, que levavam, lançando todos os que alcançáram das paredes abaixo feitos em pedaços. Mas como eram muitos, logo tornáram a encher os lugares, recrescendo a crueza, e furia da batalha por todas as partes, tanto, que parecia que se desfazia o mundo em gritos, e bramidos. O Capitão acudio logo ao baluarte S. Thomé, que estava mais arriscado, mandando-o prover de panellas de polvora, lanças de fogo, pedras, e de todos os mais instrumentos mortaes, que tudo as honradas matronas levavam sobre suas cabeças; porque tanto que havia rebate, logo acudiam com o seu esquadrão ao trabalho, dando com isso mui grande allivio aos homens, que se não occupavam em mais que em menear as mãos em damno dos inimigos, porque tudo o que pediam pera aquelle effeito, achavam logo alli prestes, que as honradas

mu-

mulheres eram as que proviam, repartindo tudo por elles, sem receio de pelouros, nem fogo, em que os baluartes se desfaziam; antes com muito animo mettidas antre os soldados que pelejavam, os animavam, e esforçavam, mettendo-lhes nas mãos as panellas de polvora, e algumas tambem as arremessavam sobre os inimigos, que desprezavam todas aquellas cousas, e se mettiam pela morte sem receio de cousa alguma. Sobre o baluarte chovia fogo, porque este dia quizeram os Mouros despender toda sua munição; e o que mais empeceo aos nossos, foi terem o vento contra si, que todo o fumo, e pó do entulho, que os inimigos revolviam com os pés, os cegava a todos; mas elles fechando os olhos, e apertando os dentes, cerravam com os Mouros denodadamente, matando tantos, que não lhes escapavam senão os que não podiam alcançar.

No baluarte S. João tambem houve grande trabalho, porque foi commettido de Juzarcão com todo o seu poder, trabalhando pelo subirem; mas os seus Capitães com os Fidalgos, e cavalleiros, que os acompanhavam, lho defendêram muito bem, fazendo nos inimigos mui grande estrago. Bem lhe pareceo a Juzarcão que o levasse logo nas mãos, por estar todo razo, e sem

amparo algum; e porque não tinha ainda experimentado o ferro Portuguez, que o esforço, e animo dos nossos lhes fizeram parecer aquelle baluarte tão forte, como se nunca fôra batido, nem damnificado; porque se fizeram aquelles valorosos defensores por muro, e ameias delle, tão immóveis, que não havia bombardadas, e espingardadas, nem chammas de fogo, nem ainda a mesma morte, que os abalasse, nem movesse do lugar em que se punham, fazendo tanto damno nos inimigos, que já cançavam de matar nelles.

Na guarita de Antonio Paçanha tambem houve grande confusão, e baralha; mas em todos os lugares que os inimigos commettiam, não achavam outra cousa mais, que generos de mortes, e desenganos da sua contumacia, mostrando-lhes que quando cuidassem que estavam mais cançados, então os haviam de achar mais fortes, e promptos, pera lhes defenderem a sua fortaleza. E assim (por não particularizarmos tantas miudezas) os tratáram em todas as partes tão mal, que os fizeram affastar com morte de mil e seiscentos, que ficáram estirados, e espedaçados aos pés das estancias, levando muito maior cópia de feridos, e abrazados. Rumecan pasmava de ver aquelle estrago feito por tão poucos homens,

mens, e blasfemava contra o seu Mafamede, porque cuidava que lhe podia elle dar cousa, que não fossem damnos, e perdição.

Juzarcão (que esta foi a primeira vez que vio, e experimentou as obras dos Portuguezes) ficou admirado; e bem entendeo que todo aquelle trabalho era em vão, porque não eram aquelles os homens, a que se tomava a sua fortaleza, por mais raza, e desbaratada que estivesse; e assim ficou dalli com tão grandes desconfianças, que quasi corria com seu cargo por demais.

Dos nossos morrêram neste assalto tres; e ficáram feridos trinta e sinco, mandando o Capitão enterrar huns, e curar outros, e reformar os baluartes o melhor que pode, no que gastou toda aquella noite sem dormirem todos, nem repousarem. Já neste tempo eram mortos, assim na guerra, como de doenças, cento e sincoenta Portuguezes; e não havia sãos mais que duzentos e sincoenta, que o tempo que lhes restava da peleja, gastavam em repairar os muros, e em derribarem os edificios da fortaleza, e casas dos casados, pera repairo das ruinas, e em desfazerem minas, e em outros muitos trabalhos, em que aquellas matronas lhes eram companheiras, sem lhes ficar huma hora pera repousarem. Mas o que mais os atormentava, e punha em cuidados, era

 a fal-

a falta que havia já de mantimentos, porque tinham chegado a estado, que o alqueire de trigo que se achava, valia a tres cruzados; e huma gralha, se a tomavam quatro, e sinco, (porque depois de faltarem as gallinhas, se davam estas aos purgados, porque acudiam muitas aos corpos mortos, e sobre os muros as matavam á espingarda.) E por esta maneira todas as mais cousas até chegarem a estado, que comêram gatos, cães, e alguns legumes podres, e damnados, e com isto andavam todos tão contentes, e tão esforçados, como se tiveram tudo de sobejo. O Capitão suppria a estas faltas com tudo o que tinha; e se se achava por dinheiro, não perdoava a despezas por remediar aquellas necessidades.

As munições eram acabadas, e não havia mais polvora, que a que se fazia cada dia, que eram quatro arrobas, que despendia o bazalisco cada vez que atirava; mas poupava-se muita por faltarem já panellas pera ella, que era o principal instrumento, com que se defendiam, de maneira que não ficavam já mais que os braços, e as armas de mãos. O Capitão provia a tudo com muita prudencia; e porque faltavam as panellas pera a polvora, inventou duas telhas dos telhados juntas huma com outra, com os vãos pera dentro, e breadas pelas illargas,

gas, e as bocas tapadas com betume, e cheias de polvora por dentro com murrões atados pelo meio dellas, com as pontas accezas, ficáram servindo, e foi muito grande invenção, porque levavam mais polvora que as panellas, e faziam mór damno nos inimigos. Neste estado estavam as cousas, que era o mais miseravel que podia ser, sem os nossos mostrarem, nem haver nelles huma pequena tristeza, nem desconfiança, antes alegres, e tão confiados, que lhes parecia que tinham a vitoria certa.

D. João Mascarenhas andava hum pouco melancolizado, porque não sabia o que se passava no exercito, nem tinha espias, que o avisassem de cousa alguma. E porque os do baluarte de sobre a barra lhe disseram que algumas noites viam chegar alguns Mouros até a ponte da fortaleza, e que alli se deixavam estar sem saberem o pera que, e que os mais, que sempre vinham, seriam de oito até dez; certificando-se daquillo, determinou de ver se podia colher algum delles pera se informar do que lá hia, e encommendou aquelle negocio a hum cavalleiro da sua obrigação, chamado Martim Botelho, homem de animo, e muito determinado. Este escolhendo dez companheiros, no quarto da modorra, os lançáram pelas bombardeiras da couraça, com só

só espadas, e rodelas, por irem mais leves, e tomando o caminho da ponte de longo da agua muito encubertos, se foram lançar no posto, que os Mouros costumavam a ir demandar, que era na entrada da ponte, e alli baqueados no chão se deixáram estar. Não tardou muito que não ouvissem rumor, e após isso enxergáram gente, que se vinha chegando pera a ponte, que seriam quasi dezoito pessoas. E entrando a ponte, onde os nossos estavam agachados á sombra dos parapeitos que fazia de huma, e da outra parte, e sendo em meio delles, se levantáram todos a la una, e deram nelles tão de subito, e com tamanha pressa, que os não sentíram senão nas carnes, que os nossos começáram a cortar ás suas vontades, fallando alto, pera que os do baluarte os ouvissem, que estavam pera isso álerta, que em sentindo-os, os começáram a favorecer com as trombetas. Os Mouros ficáram tão sobresaltados, que se não souberam determinar; e todavia sentindo-se cortar, levá-ram das armas, e puzeram-se em defensão, travando-se antre todos huma perigosa batalha; mas os valentes soldados Portuguezes desejosos de ganharem honra, e credito com o seu Capitão, apertáram tanto com os Mouros, que os fizeram volrar: sómente hum Noby de nação (homem de opi-

opinião, e grande cavalleiro, que quiz antes morrer que fugir) ficou na entrada da ponte sustentando o pezo dos nossos, pelejando hum arrezoado espaço com todos muito valorosamente. Martim Botelho vendo o esforço daquelle Mouro, desejou de o haver ás mãos, e pondo-se diante dos companheiros, endireitou com elle pera o ferir. O Noby tinha huma meia lança, com que lhe atirou hum golpe, que lhe Martim Botelho tomou na rodela, e largando-lha no ferro, cerrou com elle, e o liou; o Noby tambem o fez com elle, cahindo ambos, e tornando-se logo a alevantar sem se desasirem, andáram travados hum espaço; e posto que o Noby era membrudo, grande, e muito forçoso, Martim Botelho, que nada lhe faltava daquellas partes, fechando os dentes, o arcou, e levantou nos ares, indo-se recolhendo com elle pera a fortaleza, soffrendo grande trabalho, porque o Noby perneava, mordia, e arranhava; os mais companheiros não ousavam de o ajudar pelo não estorvarem, e assim chegáram á porta da fortaleza bradando pelos de sima. Já a este tempo o Noby estava seguro, porque todos estavam asidos nelle, e dando-se recado ao Capitão, acudio com huma companhia de soldados, e mandou abrir hum pequeno postigo, (que dei-

deixou de tapar pera alguma necessidade, por onde os recolheo a todos dentro. Martim Botelho lho entregou. O Noby como se vio dentro, deixou-se cahir no chão, fingindo-se morto. O Capitão entendendo que aquillo era manha, disse a hum soldado que o picasse com a ponta da espada, o que elle fez de feição, que em a sentindo se levantou com tanta pressa, que deo materia de riso a todos. E recolhendo-se pera casa, fez só com a lingua perguntas ao Noby, e delle soube tudo o que quiz, affirmando-lhe que Rumecan estava descontente, e desconfiado daquelle negocio, e que eram já mortos no exercito quasi cinco mil homens dos melhores delle; e que todos os mais estavam alli contra sua vontade. O Capitão o mandou pôr a bom recado, ficando desalivado do pejo que trazia, de não ter aviso do que passava.

CAPITULO IX.

De como Rumecan mandou minar o baluarte S. João: e do ardil de que usou de huma falsa espia pera segurar os nossos: e de como arrebentou o baluarte: e da morte de D. Fernando de Castro, e de outros Fidalgos, e cavalleiros.

COm o succeſſo paſſado, e com tardar o ſoccorro, que Rumecan tinha mandado pedir a ElRey, ficou tão deſconfiado, que receoſo de chegar cada dia a Armada, que ſe fazia em Baçaim, e que com ſua chegada lhe aconteceſſe hum deſaſtre, mandou alevantar a artilheria das eſtancias, e recolhella á Cidade. Iſto foi logo ſentido dos noſſos, com o que lhes dobrou o animo, entendendo as deſconfianças dos inimigos, e houveram o negocio por acabado. Rumecan andava tal, que ſe com ſua honra pudéra alevantar o cerco, ſempre o fizera; mas já lhe convinha ir com aquelle negocio ao cabo, ou pera bem, ou pera mal. E chamando alguns officiaes de minas, lhes encarregou que minaſſem o baluarte São João, pera onde ſe tinha paſſado D. Fernando de Caſtro com Diogo de Reinoſo, e alguns Capitães de ſua conſerva. A mina ſe começou a fazer por aquella parte, que

fica-

ficava sobre a cava; porque, como dissemos no Capitulo IX. do Livro X. da quinta Decada, quando Manoel de Sousa de Sepulveda alargou o sitio da fortaleza por aquella parte, chegou com aquelle baluarte á cava, e hum grande pedaço delle ficou sobre hum entulho, e o mais sobre a rócha. Isto sabia Rumecan, pelo que mandou que se minasse a parte de sobre o entulho, começando-se a pôr as mãos á obra com muitos officiaes, o que se fazia por debaixo de suas cubertas até o pé do baluarte sem os nossos o sentirem. E pera mór dissimulação, mandou Rumecan que se picasse o muro por todas as partes, porque se não entendesse a mina. E porque tambem se não precatassem tanto daquella parte, mandou armar muitos cavallos de madeira grossa, e os fez chegar ao baluarte S. Thomé, como que determinava de commetter por elle a fortaleza, porque com o tento naquella máquina se descuidassem do baluarte São João.

O Capitão vendo a fabrica dos cavallos, receou-os muito, e acudindo áquella parte, mandou com muita pressa fazer huns revézes de vigas muito grossas nas ilhargas do baluarte, que lançavam muito pera fóra, pera dalli descubrirem bem os inimigos, donde os começáram a fustigar com forma

de

de arcabuzaria, e com alguns falcões, com que lhe fizeram bem de damno; não desistindo com tudo os Mouros da obra, nem os nossos de os escandalizar. E andando continuando na obra da mina, chegou huma noite ao pé do muro huma pessoa, (que o Rumecan tinha mui bem ensaiado,) e bradou pelos de sima, pera que o recolhessem, que tinha muitas cousas que tratar com o Capitão, que lhe importavam muito. O Capitão lhe mandou lançar huma escada de corda, por onde subio assima. Era este homem hum mercador, Guzarate de nação, e por as grandes promessas que o Rumecan lhe fez, se offereceo a ir com aquelle engano. Levado ao Capitão, lhe disse: » Que » elle vinha tocado da mão de Deos, e que» ria ser Christão, e que elle o movêra a » lhe vir dar aquelle aviso, que soubesse » de certo, que os Magores estavam já em » campo pera tornarem sobre o Reyno de » Cambaya com muito grosso poder, e que » Soltão Mahamude estava por isso em gran» de confusão; e que era chegado de re» fresco a Dio hum grande Capitão chama» do Mojatecan pera recolher o campo to» do, e o levar, e que por isso os dias » passados recolhêram a artilheria, que a» quellas cousas estavam em segredo por » não haver alteração; mas que os Capi-

» tães

» tães tinham determinado de dar hum muito cruel assalto á fortaleza, primeiro que se partissem daquella Ilha, por verem se a podiam tomar, e que já se preparavam pera elle.» O Capitão lhe disse: »Que lhe agradecia o aviso, e estimava muito querer-se fazer Christão, que elle lhe prometia de lhe fazer honras, e mercês, e o mandou recolher, e ter a bom recado.» E segundo nosso juizo, este ardil desta espia foi pera os Portuguezes se descuidarem; e pera o Capitão não puxar tanto pelo soccorro de Baçaim, que se esperava cada dia; e pera que escrevesse ao Governador que se não abalasse, porque tudo o que o Guzarate disse era mentira, ainda que só era verdade o que disse da vinda do Mojatecan, que o dia dantes tinha chegado de soccorro com dez mil homens.

Algum alvoroço causáram nos da fortaleza as novas, cuidando serem verdadeiras, porque já desejavam de se acabarem seus trabalhos, ainda que fosse á custa do grande assalto que esperavam. Os inimigos hiam continuando na obra da mina sem baterem a fortaleza, o que foi pera os della muito grande allívio, porque ficáram tendo alguns dias de folego. Andava neste tempo D. Fernando de Castro doente de febres; e sabendo que se esperava por hum grande as-

aſſalto, mandou-ſe levar pera o baluarte S. João, ſem o Capitão lho poder defender, porque deſejava de ſe não bulir até cobrar mais alento.

Os Mouros acabáram a obra da mina, e dia do Bemaventurado Martyr S. Lourenço, que cahe a dez de Agoſto, na força do meio dia apparecêram os inimigos com todo o poder, ſuas bandeiras deſenroladas, tocando todos os inſtrumentos de guerra, com hum ruſtico, e mal ordenado ſom, e com tão grandes clamores, vozes, e alaridos, que parecia que ſe ſovertia aquella Ilha: com eſta deſordenada confusão ſe foram chegando á fortaleza com tantas carrancas, que puderam cauſar mui eſpantoſo medo a outros muitos mais, e mais folgados homens, e que não eſtiveram em fortaleza tão rota, e desbaratada, e tão mal provída de tudo como aquella eſtava. Mas eſſes poucos que eram eſtavam tão animados, e contentes, que em nada eſtimavam aquellas couſas. O Capitão acudio ao baluarte S. Thomé pera ver o campo, e pera dalli prover no que lhe pareceſſe. Os inimigos foram remettendo ao baluarte S. João com aquelle tropel confuſo, ſem guardarem ordem de milicia, nem diſtinção de bandeiras, e inſignias; mas tudo miſturado, e baralhado, como barbaros que eram. E che-

chegando ao baluarte, commettêram a ſubida pelas quebradas, achando primeiro no caminho muitos ſignaes do que em ſima eſperava por elles, que eram muitas das telhas de polvora, que os abrazou, muitas bombardadas, e eſpingardadas, de que muitos cahíram eſpedaçados. Os inimigos como aquella arremettida foi pera ſegurar os do baluarte, porque determinavam de lhes dar fogo, tornáram a recuar pera trás como que fugiam.

D. João Maſcarenhas, que eſtava no baluarte S. Thomé, vendo aquelle termo, não lhe pareceo medo; mas logo entendeo que aquillo era ardil pera darem fogo a alguma mina, e mandou dizer a D. Fernando de Caſtro, que ſe recolheſſe com todos, e deixaſſe o baluarte, porque entendia que eſtava minado, e que aquelle affaſtar dos inimigos era pera lhe darem fogo. Com eſte recado ſe começáram a ſahir alguns, o que viſto por Diogo de Reinoſo, diſſe alto:

» Não ha Deos de permittir que por me-
» do algum commettam Portuguezes fraque-
» za, e que ſe diga no mundo, que com
» temor da morte largáram o lugar que
» ſuſtentavam. Póde bem ſer ſeja iſto ar-
» dil pera cuidarmos que querem dar fogo
» a algumas minas pera nos affaſtarmos, e
» elles terem lugar de entrarem, e ganhar

» eſ-

» este baluarte, o que será causa de se perder esta fortaleza. Por isso, senhores, vede o que fazeis, não desampareis este baluarte que he d'ElRey; e se a ventura nós tem aqui guardado nosso fim, não queiramos mais ditosa, nem mais honrosa morte: e affirmo-vos que o que se sahir daqui, o hei de pregoar por fraco, e covarde. »

Com estas palavras se detiveram todos, e tornáram alguns dos que se tinham ido. Os Mouros tanto que se affastáram, deram fogo ás minas, que arrebentáram com tão grande estrondo, que parecia cahirem os Ceos. O fumo, que era espesso, escuro, e medonho, cubrio toda a fortaleza de feição, que se não viam huns aos outros. Todos aquelles, que estavam no baluarte, naquelle lugar que cahia sobre a cava, foram voando pelos ares, e huns cahíram dentro feitos pedaços, outros pera fóra sobre o arraial dos inimigos ainda vivos, outros foram abrazados, e feitos em cinza. Hum soldado foi cahir fóra no campo com a sua lança na mão, sem a largar, vivo, e sem lesão, que foi logo espedaçado dos inimigos. Dos que estavam neste baluarte coube melhor sorte a D. Diogo de Souto-Maior, que voando pelo ar com a força do fogo, cahio dentro na fortaleza com huma lança

nas

nas mãos, porque veio escorregando até o chão, onde ficou sem lesão alguma. Todos os que estavam na parte do baluarte, que ficava sobre a rócha, cahíram dentro na cava, huns com pernas quebradas, outros com braços, outros com focinhos, e outros com outros membros; mas escapáram alguns. Morrêram nesta desaventura quasi sessenta pessoas das principaes da fortaleza, e os de nome foram: D. Fernando de Castro em idade de dezenove annos, mancebo, em que o mundo tinha póstos os olhos pelas grandes esperanças que de si dava; mas parece que a fortuna invejosa do que promettia, ordenou que acabasse com tal genero de morte, pera maior mágoa do velho pai. Morrêram mais D. João de Almeida, Gil Coutinho, Ruy de Sousa, Diógo de Reinoso, Luiz de Mello, Alvaro Ferreira, Tristão de Sá, e outros. Escapáram treze pessoas, as tres morrêram dalli a dous dias, os mais vivêram, e antre estes foi D. Pedro de Almeida, que ficou tão abrazado, que muitos dias se não alevantou da cama.

CA-

CAPITULO X.

De como os Mouros commettêram o baluarte S. João: e do grande valor, com que sinco homens o defendêram: e de outras cousas.

VEndo os Mouros tamanho estrago, e o baluarte todo arrazado, remettêram á elle com grandes gritas, e alaridos pera o ganharem; mas acháram nas ruinas sinco homens, que se lhes apresentáram com muito grande esforço, que acudíram áquella parte, porque estava só, e a defendêram sós como se foram quinhentos: estes foram Antonio Paçanha, Bento Barbosa, Bartholomeu Correia, Mestre João, que naquelle tempo não quiz estar em casa, e do quinto não achámos o nome em parte alguma, senão em Jeronymo Corte-Real neste cerco que fez em verso, que diz que era Bastião de Sá, sem declarar se era o filho de João Rodrigues de Sá, se outro; porque pera ser aquelle, temo-lo deixado em Baçaim, curando-se da sua perna, aonde se foi pelo mandar o Capitão num catur, em que mandou o segundo recado a Baçaim a pedir soccorro ao Capitão, e com cartas pera o Governador, em que lhe dava conta de tudo o que até então era acontecido, como

eſtá dito no fim do Capitulo VI. do Livro II. Em toda a India não achámos homem deſte tempo, que nos ſoubeſſe tirar eſta dúvida, baſta qualquer que ſeja. Os inimigos (como hiamos dizendo) entrando por meio daquellas nuvens de fumo, cuidando acharem a entrada franca, e que daquella feita ganhaſſem a fortaleza, deram com aquelles ſinco Heitores, que lha defendêram com tanto valor, e animo, fazendo taes couſas, que paſmáram os inimigos, e que não eſpecificamos, porque não temos palavras baſtantes pera os engrandecer.

Aqui puderamos com muita razão dizer o que Lucio Floro dos Romanos, engrandecendo ſuas obras, que ſe ſenão acháram eſcritas em Annaes, que ſe puderam ter por fabuloſas: e nós dizemos deſtes ſinco Cavalleiros, (e de todos os mais, que neſte cerco ſe acháram,) que ſenão houvera ainda vivas tantas teſtemunhas de ſuas grandezas, e ſenão eſtiveram ainda tão freſcas na memoria de todos os homens as façanhas que neſte, e no outro cerco fizeram os Portuguezes, que nos não atreveramos a eſcrevellas, ainda que não faremos mais que contar ſeus feitos puros, e ſem ornamento de palavras, porque elles meſmos ficam ſendo o louvor de quem os obrou. E ainda podemos dizer mais, que aquelles dos Ro-

ma-

manos vieram a ser celebrados no mundo mais pela eloquencia, e facundia de seus Escritores, que por sua grandeza: porque elles nunca pelejáram contra bazaliscos, salvagens, quartáos, e outros instrumentos diabolicos, arruinadores do mundo, e destruidores de todo o esforço, e valor delle, como o fizeram estes nossos Portuguezes, cujos feitos não sabemos se a inveja (ainda de seus naturaes) causou ficarem muitos em esquecimento.

E tornando á nossa historia. Andando a cousa travada com tão desigual partido, como era o de treze mil homens (que tantos commettêram o baluarte) contra sinco sós, chegou o Capitão com quinze companheiros, com o animo tão seguro, e inteiro, como se não víra tudo tão arriscado, e em tamanho perigo; e pondo-se na defensão do baluarte, animando, e esforçando os seus, fez tantas cousas, que pasmavam os inimigos, que trabalhavam tudo o que podiam por concluirem aquelle negocio, andando affrontados de se defenderem de tamanho poder tão poucos homens, e mais em hum baluarte tão arrazado, e descuberto; e assim pelejavam como homens, que não temiam a morte, que muitos recebiam das mãos destes poucos. A crueza era grande, os gritos, alaridos, estrondos, e bar-

bara vozaria dos Turcos, e Mouros era tudo de feição que causavam medo. Esteve aqui a cousa por muitas vezes tão arriscada, que a cada momento tinham os das outras estancias rebate, que a fortaleza era entrada. O esquadrão feminino desamparando as casas, se foram ao baluarte pera nelle morrerem em companhia daquelles esforçados defensores, e dos caros consortes que algumas alli tinham, levando sobre suas cabeças polvora, pedras, e outras cousas pera offenderem aos inimigos, mettendo-se no meio dos que pelejavam com animos varonís, esforçando, e animando aos que pelejavam.

A boa Isabel Fernandes com huma chuça nas mãos se metteo no meio daquelle conflicto, dizendo: » Ah filhos, pelejemos » pela Fé de Christo, e mostremos a estes » inimigos della, que temos Deos por nós » que nos favorece. » E como andava pela fortaleza huma voz que o baluarte era perdido, desampararam alguns Capitães as estancias, e foram-lhes acudir; e ao mesmo tempo chegou o Padre Vigairo com hum Crucifixo levantado em huma hastea, e entrou pelo baluarte com aquella Divina bandeira de nossa redempção arvorada, e pondo-se no meio de todos, levantou a voz, dizendo:

» Ah

» Ah Cavalleiros de Christo, aqui tendes » a figura de vosso Deos, que vos não ha » de desamparar: aqui o vereis com as mãos, » e pés cravados, e lado aberto derramando seu preciosissimo Sangue por vosso resgate: derramai vós tambem o vosso agora pelo resgatar a elle, porque não vá » ter a poder de seus inimigos. Pelejai, va» lorosos Portuguezes, e defendei vosso » Deos, que elle está comvosco nestes tra» balhos, pera vos ajudar a defender. Aqui » o tendes, ponde os olhos, e o coração » nelle, porque delle vos ha de vir o es» forço contra vossos inimigos.» E assim se apresentou diante no mór perigo. Os que estavam accezos na batalha ouvindo a voz, levantando os olhos, que víram o Crucifixo arvorado, bradando por misericordia, remettêram com os inimigos como leões bravos, e lançando-se no meio delles, fizeram tão grande estrago que foi espanto.

O Capitão não se descuidou de sua obrigação, porque vendo o baluarte com gente bastante pera sua defensão, e que os inimigos já começavam a afracar, sahio-se delle, e mandou ajuntar todos os officiaes, e escravos, e ordenou logo pela banda de dentro daquelle baluarte, huma muito forte tranqueira de pedra, e terra, que toda foi acarretada ás cabeças daquellas honradas mulhe-

lheres, posto que das mesmas ruinas do baluarte acháram á mão a mór parte, e assim huns trabalhavam, e outros pelejavam, sustentando o pezo da batalha, que durou até se pôr o Sol, e o mundo se encher de trevas, que os inimigos se affastáram com perda de trezentos, a fóra oitocentos feridos, e queimados. Dos nossos morrêram alguns, e dos sinco, a que podemos dar o sobre nome de Manlios Capitolinos, morreo só Mestre João, que foi perda geral, assim por seu officio, como por seu esforço, caridade, e outras partes de homem muito honrado. Pelejou este dia de feição, que lhe tiveram todos inveja; e depois que o Capitão chegou de soccorro, nunca se quiz sahir do seu lugar, com ter muitas feridas, trabalhando todos pelo pouparem, e assim acabou ataçalhado.

Isabel Madeira sua mulher, que andava na obra da tranqueira com as mais companheiras, em lhe dando a triste nova, correo áquella parte com muitas que a seguíram, e achando o amado consorte espedaçado, o alevantou nos braços ajudada de suas amigas, e o levou pera sua casa, onde o chorou com muita honra, enterrando-o logo com grande dor, e tristeza de todos. E acabado o funebre autho, tornou muito segura, e com grande coração á obra da

da tranqueira, que durou toda a noite, que se acabou muito larga, e forte, com o que aquella parte ficou mui segura.

Tanto que amanheceo, foi o Capitão recolher os mortos, e antre elles acháram o bem logrado mancebo D. Fernando de Castro, (que assim lhe podemos chamar,) pois morreo de feição, que mais se lhe póde ter inveja que mágoa; acháram-lhe a cabeça toda pizada. O Capitão com todos os Fidalgos o leváram á Igreja, e todos os mais, onde foram enterrados juntos, tirando D. Fernando, que o puzeram separado dos outros. Muitos dias durou o ruim cheiro dos corpos mortos, e queimados, que ficáram enterrados nas ruinas do baluarte, o que deo a todos muito grande trabalho. Com isto ficou a fortaleza em tal estado, que haviam que se não poderia defender, assim por rota, como por falta de tudo.

E praticando D. João Mascarenhas com os Capitães sobre o que fariam, porque se lhes acabavam as munições, houve alguns de parecer, que tanto que de todo se acabassem, que se encravasse a artilharia, e que sahissem todos aos inimigos, e morressem pelejando com elles em campo, e assim pareceo a todos bem. Com esta resoluta determinação se foram remediando o melhor que puderam.

DE-

DECADA SEXTA.

LIVRO III.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

Do que aconteceo na viagem a D. Alvaro de Castro até Chaul: e de como Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodrigues de Tavora chegáram a Dio: e do que fez Rumecan.

PArece razão que continuemos com D. Francisco de Menezes, e com Dom Alvaro de Castro, que no Capitulo VII. do Livro II. deixámos partidos de Goa, que foram seguindo sua viagem com tão grandes tempestades, que cada dia se viam alagados, e perdidos; porque o vento era travesso, e os mares tão alevantados que subiam ás nuvens, e pera lhes pôrem as poppas haviam de arribar pera a terra, onde ficavam arriscados a varar. E encommendando-se a Deos, foram rompendo por todas

das aquellas tempeſtades, que além de vento rijo, e mares groſſos, havia tão grandes chuveiros, e cerrações, que quaſi não differençavam o dia da noite. Alguns navios por de todo ſe verem perdidos foram arribando á terra, e tomáram algumas enceadas, e rios, os mais foram ſua derrota. D. Franciſco de Menezes, que era partido diante, chegou a Baçaim alagado, e deſapparelhado, onde ſeu irmão D. Jeronymo de Menezes o reformou, e negociou, e logo ſe metteo no golfo pera atraveſſar a Dio; mas achou-o tão feroz, e tempeſtuoſo, que lhe foi forçado tornar a arribar a Baçaim, onde chegou alagado. Alli ſe deixou ficar pera eſperar outra conjunção; mas vendo que o tempo não ceſſava, e que a fortaleza podia eſtar em muito trabalho, tornou-ſe a embarcar, e commetteo outra vez o golfo, que achou como de primeiro, e querendo forçar, o navio ſe deſapparelhou de todo, e tornou a voltar pera Baçaim com tudo alijado ao mar.

Ao outro dia chegou D. Alvaro de Caſtro com a mór parte dos navios tão deſtroçados dos mares, e ventos, que lhe foi forçado reformallos, no que ſe deteve tres dias, e nelles chegou Antonio Moniz Barreto no caravelão das munições, que não paſſou menor trabalho que todos elles: e ſur-

surgindo na barra, o entregou a D. Alvaro de Castro, porque determinava passar a Dio em algum navio pequeno, pera o que se foi a terra fazer prestes. Estando aqui reformando-se, cresceo o tempo de tal maneira, que esteve o caravelão quasi perdido. E porque era a mais importante cousa que hia de soccorro, acudio D. Alvaro de Castro com alguns Capitães, e navios pera lhe valerem. Antonio Moniz Barreto acudindo á praia, achou huma galueta de hum mercador prestes, e esquipada de marinheiros, e embarcando-se nella, foi acudir ao caravelão que estava em perigo, e nenhum navio dos outros lhe podia chegar com vento, e mares; e Antonio Moniz Barreto forçando a galueta que era leve, e andava na babugem da agua, teve tal ventura que chegou ao caravelão, e o soccorreo, e fazendo-lhe dar traquete, o metteo pera dentro. E vendo que a galueta soffreo tamanhos mares, determinou de passar nella a Dio, e fretou a seu dono á sua vontade, e se negociou pera ao outro dia se partir em tanto segredo, que não deo conta a pessoa alguma; porque quatro, ou sinco companheiros, que determinava de levar, em casa os tinha, e ao embarcar os levaria comsigo, como fez ao outro dia. E estando na praia, chegou Garcia Rodrigues de Tavora,

e ven-

e vendo-o embarcar, lhe pedio o quizesse levar comsigo, do que Antonio Moniz Barreto se escusou com lhe dizer: » Que elle » era hum Fidalgo tão honrado, que se » chegasse a Dio, haviam todos de dizer » que a galueta era sua, e que elle naquella » honra não queria companheiro. » Garcia Rodrigues de Tavora lhe disse: » Que elle não se queria embarcar senão por seu » soldado, e que assim o diria, e lhe daria ainda disso hum assignado cada vez » que lho pedisse. » Com isto lhe não pode Antonio Moniz Barreto negar a embarcação, mettendo-se nella, que não levava outra cousa mais que avila, que he arroz torrado, lanhas, e cocos pera mantimentos, e pera beberem; porque nenhuma outra agua, nem cousa de comer se podia arriscar, nem guardar.

Estando já embarcados, chegou á praia Luiz de Mello de Mendoça, primo de Antonio Moniz Barreto, pera se embarcar com elle; e vendo como a galueta hia pejada, lhe pedio que se passasse a Dio, lha tornasse logo a mandar pera se elle ir nella, e elle lho prometteo.

Indo-se já desamarrando, chegou á borda da praia hum soldado chamado Miguel Darnide, (que depois viveo muitos annos em Lisboa, e ElRey se servio delle,) que era

em da obrigação de Antonio Moniz Barreto. Este soube áquella hora que se partia, e bradando por elle, lhe disse: » Pois que » he isso, Senhor, determinais ir a Dio sem » mim? » Antonio Moniz Barreto lhe respondeo, que a galueta era pequena pera elle: e era verdade, porque Miguel de Arnide era tão agigantado, que trazia na cinta hum montante por espada ordinaria. E vendo elle que o não queria recolher, tomou a espingarda na boca, e lançou-se ao mar á galueta, que hia com o cabo solto. Antonio Moniz Barreto vendo aquella honrosa porfia, ainda que hia de largo já, e juntamente sua determinação, voltou a elle, e o recolheo. E sahindo pela barra fóra, deo á véla, e começou atravessar, e a engolfar-se. E entrando naquelle bravo, e empolado golfo, deram naquelles marouços que os comiam. A galueta como era pequena, e leve, faziam os mares della o que queriam. E entrando-a por todas as partes, e quasi cubrindo-a, ella surdio sempre por diante, e foi passando, e furando aquellas medonhas, e temerosas ondas. Neste risco, e trabalho passáram todo aquelle dia, e parte do outro, sem dormirem, nem repousarem toda a noite, e ao segundo á tarde foram a ver vista da terra já perto da fortaleza, que foram demandar, chegando

já

já de noite. Antonio Moniz Barreto hia receoso que tivesse acontecido algum desastre á fortaleza ; e indo entrando á barra, disse : » Que ninguem fallasse, até verem se » da fortaleza chamavam por elles. » E disse em segredo a hum soldado muito de sua obrigação, que fosse de proa, e que ao surgir estivesse prestes ; e fazendo-lhe elle hum certo signal, (que lhe deo,) cortasse o cabo, e mandasse affastar a galueta pera fóra. Indo já dentro, foram surgir junto do caes sem fallarem, nem de sima os verem por ser escuro ; e assim estiveram em silencio pera verem se ouviam alguma cousa, e sentíram fallar os Mouros, que estavam nas estancias á entrada da ponte, e virem alguns chegando pera a praia, porque já viam a galueta. Antonio Moniz Barreto havendo que era tudo perdido, bradou ao soldado que estava de proa, que cortasse o cabo; mas o soldado, porque lho elle tinha dito em segredo, e que lhe faria pera isso signal, vendo que lho dizia alto, havendo-o por opinião, lhe respondeo, que o fosse elle cortar.

Outros contão isto de outra maneira, e dizem que tinha Antonio Moniz Barreto posto aquelle soldado na proa por ser homem de recado, e que presentes todos lhe dissera, que se sentisse Mouros, cortasse o

ca-

cabo, e que o ſoldado bem os ſentíra; mas que não bullíra, pelo que Antonio Moniz Barreto, que eſtava perto, lhe diſſe que cortaſſe o cabo muito paſſo ſem o ouvir alguem, e que o ſoldado virando para elle quaſi agaſtado, lhe diſſe que o cortaſſe elle; e deixando a proa, ſe recolhêra pera dentro, dando-lhe a deſconfiança de poderem alguma hora dizer, que elle cortára o cabo de medo. E eſtando niſto, foram ſentidos do baluarte de ſobre a barra, e bradando as vigias, perguntáram o que era? Ouvindo Antonio Moniz Barreto fallar Portuguezes, ſe foi chegando á couraça, e ſe deo a conhecer.

Alguns dizem que ao perguntar de ſima, reſpondêra hum homem da proa, que vinha alli Garcia Rodrigues de Tavora, porque era elle de ſua obrigação: do que enfadado Antonio Moniz Barreto, eſtivera pera o arrepelar, bradando então alto: *Sou Antonio Moniz Barreto*; e dando recado ao Capitão, acudio com grande alvoroço á couraça, mandando abrir huma bombardeira por onde os recolheo dentro, levando-os nos braços com grande prazer, e alvoroço de todos, porque alli acudíram todos os Fidalgos, e Cavalleiros aos receber. D. João Maſcarenhas perguntou á orelha a Antonio Moniz Barreto por D. Alvaro de Caſtro, e o

e onde ficava; ao que lhe refpondeo alto, que todos o ouviffem : » D. Alvaro , fe» nhor , fica com feffenta navios aqui em » Madrefaval , e não tardará dous dias. » Eftas novas corrêram logo pela fortaleza, que caufáram geral alegria em todos. O Capitão recolheo aquelles Fidalgos , e os foi agazalhar, Antonio Moniz Barreto no baluarte S. Thomé, e a Garcia Rodrigues de Tavora no de S. João : e depois de recolhidos, apartou Antonio Moniz Barreto o Capitão , e lhe diffe: » Que D. Alvaro de » Caftro ficava ainda em Baçaim fem poder » atraveffar por não fazer tempo. »

Ao outro dia , que foram quatorze de Agofto, (quatro dias depois do defaftrado fucceffo do baluarte S. João ,) defpedio Antonio Moniz Barreto a galueta pera vir feu primo Luiz de Mello de Mendoça , em que o Capitão mandou embarcar hum foldado dos da mina , que ficou fem mãos, por quem efcreveo a D. Alvaro de Caftro, que fe apreffaffe, porque eftava em grande aperto , avifando a todos os da galueta que não diffeffem a peffoa alguma da morte de D. Fernando , nem do defaftre do baluarte. Efte navio atraveffou o golfo com muito grande trabalho , e rifco , e ao outro dia foi tomar Baçaim , onde logo fe fouberam as novas de Antonio Moniz Barreto , e

Gar-

Garcia Rodrigues de Tavora ferem chegados a Dio: com o que todos fe alvoroçáram pera commetterem a jornada. E deixaremos os de Baçaim por hum pouco, por continuarmos com as coufas do cerco.

Sabendo Rumecan o grande damno, que as minas fizeram, e da morte do filho do Governador, e de tantos Fidalgos, e Cavalleiros, tornou a mandar plantar a artilheria, que tinha recolhido, nos lugares em que dantes eftava, porque fem dúvida houve que tomaria a fortaleza pela pouca gente que lhe ficava, e logo com muita preffa mandou minar o baluarte Sant-Iago, e picar o lanço do muro que hia pera elle, o que tudo fe fazia por baixo de ruas, e pontes, fem os noffos os verem, pofto que bem ouviam o tom, fem faberem em que parte era.

O Capitão receando-fe do cubello de Antonio Paçanha, mandou-lhe fazer por dentro grandes, e fortes repairos, e abrir efcutas, pera ouvirem fe o minavam. Os Mouros acháram o muro tão forte, que o não puderam romper com picões; o que fabido por Rumecan, mandou trazer muito vinagre, com que molháram o muro, e depois lhe applicáram muito fogo, com o que fe começou a desfazer, (como o já Anibal fez nos caminhos dos Alpes,) por

onde passou,) pelo que se verá, que não faltáram a estes Capitães todos os ardís dos passados, e que não pelejavam os Portuguezes na India com homens nús, e despidos, e tão barbaros como alguns os fazem, senão contra tão grandes Capitães, como foram os Carthaginenses, e contra mais bombardas das com que os Romanos nunca pelejáram. O muro começou a cahir, e no recanto antre o cubello, e o baluarte São Thomé, começáram os Mouros huma mina, que foi sentida dos nossos; o Capitão lhe mandou logo fazer huma contra-mina, e pela banda de dentro foi alevantando hum muro mui grosso, e forte, em cujo trabalho suppríram as famosas mulheres com muito trabalho, zelo, e risco.

CAPITULO II.

De alguns assaltos, que os Mouros deram á fortaleza: e de huns escravos, que della fugíram pera os Mouros: e de como os inimigos ganháram ametade do baluarte Sant-Iago.

Continuando os inimigos na obra das minas, acabáram de as fazer dous dias depois da chegada de Antonio Moniz Barreto; e ao outro, que foram dezeseis de Agosto, querendo-lhe dar o fogo, sahíram

ao arraial com suas bandeiras desenroladas, com os terrores, e espantos que das outras vezes, e com aquella rustica desordem remettêram ao baluarte Sant-Iago, como que lhe queriam dar assalto. Os nossos que estavam já prestes, esperáram por elles com muita confiança. Vendo os inimigos o baluarte cheio de gente, tornáram-se a affastar, como o fizeram o dia do baluarte de S. João; e como os nossos estavam já avisados delle, sahíram-se pera fóra. Os inimigos deram o fogo, e chegando ás minas, achando grande força nos repuxos, que pela banda de dentro estavam feitos, arrebentou pera fóra toda a face do muro com mui grande braveza, e foi cahir sobre os mesmos inimigos, ficando mais de trezentos delles espedaçados debaixo das paredes, vasando-se o fogo pelas contra-minas de dentro, sem fazer mais damno, que ficar a fortaleza toda cuberta de hum espesso, e negro fumo.

Os Capitães, Fidalgos, e Cavalleiros, que se tinham affastado, rompendo por aquellas trevas, tornáram-se ao baluarte. Os inimigos, tanto que as minas arrebentáram, remettêram com o baluarte com todo o poder, e começáram a subir pelas ruinas delle; mas foram recebidos dos de sima nas pontas das armas, fazendo-os tornar por de-

detrás com as entranhas abertas sobre os seus. Aqui foi a maior, e mais aspera batalha de todas as que houve em todo o cerco; porque como os inimigos estavam derredor do baluarte com mais de vinte mil homens; eram tantos os arremessos sobre os nossos, tanto o fogo, e tantos todos os mais instrumentos de mortes, que cubriam os ares. Tudo o que se via eram labaredas, e trovões; quanto se ouvia gritos, bramidos, prantos, e lastimas dos miseros, que cahiam das mãos dos nossos sobre os seus, abrazados, e feitos pedaços. Os Portuguezes não estavam fóra do damno; porque como o fogo era muito, e os arremessos tão bastos, huns queimados acudiam ás tinas a se banharem na agua, e outros com as cabeças quebradas, braços, e pernas espedaçadas, sahiam-se a pedir cura, de maneira que em todas as partes havia desaventuras. As honradas matronas não faltáram aqui, porque em todos os assaltos tiveram sempre cuidado de acudirem ao baluarte, e andavam antre os que pelejavam, mettendo-lhes nas mãos panellas de polvora, e dando-lhes todas as mais cousas que eram necessarias, e que se pediam, porque se não tirassem dos seus lugares; tanto que hum cahia, era tirado por ellas, e levado a curar. A boa Isabel Fernandes andava com

huma chuça nas mãos, e com o seio cheio de seus bocadinhos, humas vezes pelejando, outras animando a todos, e aos que via fracos acudia-lhes com seus mimos, mettendo-lhos na boca, dizendo: » Esforçai, » Cavalleiros de Christo, e pelejai por sua » fé, que elle está comvosco. »

Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodrigues de Tavora acudíram áquella parte; e por ser este o primeiro assalto, em que se achàram, se assignalàram tanto, que com as armas banhadas em sangue, e os rostos cheios de pó, e suor, andavam como leões fazendo tal estrago nos inimigos, que lhes fizeram perder aquelle primeiro furor. No cubello de Antonio Paçanha, e nas mais estancias não estiveram ociosos, antes com sua artilheria, e arcabuzaria fizeram por sua parte asśás de damno. Os Mouros vendo-se tão maltratados, foram-se affastando pasmados das cousas que viam fazer a tão poucos Portuguezes, porque já a este tempo não havia mais de cento e sincoenta: perdêram os Mouros desta vez duzentos, afóra os trezentos que as minas lhes matáram. Rumecan não se sabia determinar, porque quanto mór cabedal mettia, e quantos mais ardís inventava, tanto menos fazia, e tantas móres perdas recebia.

Mojatecan, que havia pouco era che-

gado de ſoccorro, ficou como aſſombrado do que vira fazer aos Portuguezes; porque como nunca os vio pelejar, tinha delles mui differente opinião. Rumecan já não ſabia que fizeſſe, e encommendou aos Meſtres de Campo, que bateſſem a Igreja da fortaleza, (que parecia de fóra por eſtar no mais alto della,) por cuidar que niſſo faria grande offenſa á noſſa Religião, e que cauſaria grande mágoa nos noſſos, e aſſim foi em poucos dias arrazada, e poſta por terra. Eſtava neſte tempo a fortaleza tão deſtroçada por todas as partes, que quem de fóra a via, parecia que ſe não poderia defender, nem ſuſtentar a hum muito pequeno poder, quanto mais a tamanho exercito, a tão potente artilheria, e a tantos outros inſtrumentos de guerra, porque nem tinha muros, nem couſa, que pudeſſe amparar os de dentro, mais que os ſeus valoroſos peitos, que todos apreſentáram ás furioſas bombardas, e ás muitas, e mui amiudadas eſpingardadas, e áquellas eſpeſſas nuvens de frechas, e labaredas de polvora, que cahiam ſobre todos, e aſſim ſe podia dizer por elles o que Agiſilao pelos Lacedemonios, que ſuas Cidades não tinham outros muros, mais que os peitos dos ſeus Cidadãos.

Eſtando as couſas neſte bem ruim eſtado, fugíram da fortaleza tres eſcravos, que fo-

foram levados a Rumecan, e delles soube a miseria dos Portuguezes, e da fortaleza, e tudo o mais que até então era succedido, affirmando que não havia já mais de sessenta homens sãos, que pudessem tomar armas, porque os pouco mais que havia, estavam feridos, e doentes. Sabendo Rumecan aquillo, mandou aos Capitães, que se fizessem prestes pera ao outro dia darem hum grande assalto á fortaleza. E assim tanto que amanheceo, sahíram de suas estancias com seus instrumentos confusos, e desordenados, e remettêram com o baluarte São Thomé, começando huns a subir pelas ruinas delle, e outros por escadas; mas os primeiros que chegáram assima, pagáram logo seu atrevimento com as vidas, achando tal resistencia nos de dentro, e recebendo delles tanto damno, que houve Rumecan, que os escravos o enganáram, porque não parecia que pelejavam com sessenta, senão com seiscentos. Luiz de Sousa Capitão daquelle baluarte, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Pedro, e D. Francisco de Almeida, que alli acudíram, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, mostráram aos inimigos o preço, e valor de suas pessoas, assignalando-se Miguel Darnido antre todos. Em fim foi o estrago tal nos inimigos, que tocou Rumecan

ca

çan a recolher, e affaſtado pera fóra, foi commetter a tranqueira do baluarte S. João, cuidando que eſtiveſſe vaſia; mas não foi aſſim, porque a acháram tão forte, e bem guarnecida de Cavalleiros, que em mui breve eſpaço de tempo os deſenganáram com mortes de muitos.

O Capitão em todas eſtas couſas ſempre ſe achou muito alegre, e contente, por dar animo aos ſeus, provendo, e governando tudo com muita prudencia, e conſelho. Vendo Rumecan quão mal lhe ſuccedia tudo, recolheo-ſe a ſuas eſtancias mui anojado, e triſte, mandando logo fazer na parede, que dividia o exercito da fortaleza, muitas ſeteiras, por onde a ſua arcabuzaria começou a laborar, tratando muito mal os noſſos, porque eſtavam deſabrigados, e tornou a mandar bater a ciſterna com o quartáo, em que lançáram muitos pelouros. Eſtá eſta ciſterna á entrada de huma rua, que chamam a cova, que foi a cava antiga dos Mouros, onde ſe recolhia toda a gente inutil, e as mulheres ſolteiras. Fazem-ſe neſta parte duas ruas de caſinhas pequenas, e não tem mais que a ſerventia pela boca da rua, onde eſtá a ciſterna, que pela outra parte he muito alta. Neſta rua cahiam muitos pelouros, que matavam alguma gente daquella. O Capitão acudio alli, e man-

e mandou fazer no topo da rua huma tranqueira alta de vigas pera repairo dos pelouros, que todos entravam pela boca da cóva, e mandou furar as casas por dentro pera se servirem resguardados dos pelouros.

Vendo Rumecan que todavia as minas sempre faziam damno, mandou fazer outras no baluarte Sant-Iago, que foram sentidas dos de dentro, mandando logo o Capitão ordenar suas contraminas, e hum muito forte repuxo, de feição, que quando os inimigos lhes derão fogo, achou tão grande resistencia, que deo com parte do baluarte pera a banda de fóra, que cahio sobre os Mouros, e matou muitos, sem dos nossos perigar hum só; e quiz Deos que ficou o muro são sem receber damno. Os Mouros ao arrebentar da mina, remettêram com o baluarte com huma grita, e alaridos, que parecia que se desfazia o mundo, e subindo pelas partes derribadas, o entráram, arvorando logo em sima delle suas bandeiras, e guiões, rodeando-as de huma boa cópia de espingardeiros, que dalli varejavam pera dentro da fortaleza, com que deram mui grande trabalho aos nossos. Dalli se descêram ao muro, e foram até a casa do Apostolo Sant-Iago, que estava encostada ao mesmo baluarte, onde os nossos acudíram, mettendo-se nos altos da casa, e as-

assim ficou o baluarte, e a casa, ametade dos Mouros, e a outra dos Portuguezes; antre quem se travou huma muito aspera batalha, que durou todo o dia.

Tanto que anoiteceo, mandou o Capitão fazer huma grossa parede antre huns, e outros, o que se fez sempre com as armas nas mãos, no que gastáram toda a noite sem repousarem. Acabada a obra, que foi pela manhã, mandou o Capitão pôr hum camelo grande á porta da Igreja, que ficava sobre o alto, e descubria a parte que os inimigos tinham do baluarte, e dalli os mandou varejar, e foi o negocio de feição, que fez nelles mui grande estrago. Neste conflicto passáram os nossos muito trabalho por serem poucos, e terem muitas partes a que acudir; mas sempre Deos os favoreceo, com dar a todos novo animo, e forças pera acudirem a tudo. Os soldados, que estavam no alto da Igreja de Sant-Iago, como sempre pelejavam em huma roda viva, ás vezes lançavam os inimigos fóra do que tinham ganhado, e outras se tornavam a recolher; nisto passáram dous dias, em que todos os da fortaleza pelejáram muito bem, fortificando cada vez mais a parede, que estava no meio de huns, e dos outros, porque tudo o mais estava seguro com as grossas paredes que o Capitão tinha feitas pela ban-

banda de dentro. Rumecan tambem se fortificou sobre o entulho do baluarte que arrebentou, mandando fazer alguns vallos, e tranqueiras pera se segurar nelles. O que tudo se fez sem os nossos lho poderem defender, posto que lhes custou as vidas a muitos.

CAPITULO III.

Dos soccorros que partíram de Baçaim: e do que aconteceo a Luiz de Mello de Mendoça, e aos mais até chegarem a Dio: e do grande assalto que os Mouros deram, em que ganháram parte de todos os baluartes.

CHegada a galueta, em que Antonio Moniz Barreto, e Garcia Rodrigues de Tavora partíram de Baçaim pera Dio, ao outro dia, que foram quatorze de Agosto, se embarcou nella Luiz de Mello de Mendoça com nove companheiros, e após elle tambem D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, ambos em hum catur com dezesete soldados, e D. Antonio de Taíde, e Francisco Guilherme, cada hum delles em seu navio com quinze companheiros, e deram á véla huns apos os outros, ficando D. Alvaro com os mais navios negociando-se pera partir ao outro dia. Luiz de Mello de Men-

Mendoça tanto que se foi engolfando, como a galueta era pequena, e estroncada, e os mares soberbissimos, começou-se a alagar por ambos os bordos, porque o tempo era o mais cruel que podia ser: os marinheiros começáram a desacoraçoar, e ainda os soldados; mas nada Luiz de Mello de Mendoça, que com muito animo acudia ás cousas necessarias, entregando o leme a hum homem de muito recado, e a escota, e mais apparelhos a outros de mais confiança. O tempo era tão grosso que o mar parecia que fervia, e que debaixo das ondas sahiam labaredas de fogo. De sima não tinham menos perigo, porque tambem parecia que as cataratas do Ceo queriam fazer outro segundo diluvio; e com isso eram tão grandes, e espantosos os fuzís, e relampagos, que pasmavam todos. Os soldados pedíram a Luiz de Mello de Mendoça, que quizesse arribar, porque parecia que os elementos todos estavam conjurados em seu damno, e que era temeridade querer ir contra a ira de Deos; porque segundo havia necessidade de homens em Dio, melhor era pouparem-se pera outra conjunção, que deixarem-se morrer por teima. Luiz de Mello de Mendoça muito seguro, e sem mostras de algum receio, os esforçou, e animou, dizendo-lhes:

» Es-

» Esforçados companheiros, não vos eſ- » pantem eſtas carrancas, porque alguma » couſa he neceſſario que ſoffrамos para » chegarmos a ſoccorrer a fortaleza d'El- » Rey. A honra não ſe ganha ſem riſcos, » e perigos; com tempo quieto, e brando » pouco havia que nos agradecer. Eſta he » a meſma galueta, em que meu primo An- » tonio Moniz Barreto paſſou eſte meſmo » golfo; e eſtas meſmas tempeſtades, pois » nós que menos temos que elle, que não » paſſemos por onde o elle fez? e ainda » que não fora pela honra, que pertendemos » ganhar, ſó pela infamia, em que cahire- » mos, vendo-nos arribar de medo, nos » haviamos de arriſcar a mores perigos: an- » dar por diante, e vá Deos comnoſco, » que elle nos encaminhará. »

Todavia, como a galueta era muito pequena, e os mares tão ſoberbos, e grandes, deixando-ſe vencer delles ficou adonada, e quaſi ſubmergida. Luiz de Mello de Mendoça acudio com os companheiros aos baldes, com que começárão a lançar a agua fóra, não largando os homens o leme, e a eſcota: e quiz Deos que tornou a ſurdir a galueta, indo todos aos baldes, deitando a agua ao mar com grandiſſimo trabalho; porque ſe a lançavam por hum bordo, tornava-lhes a entrar por todos.

Vendo os ſoldados hum tamanho perigo, requerêram a Luiz de Mello de Mendoça que arribaſſem; mas elle diſſimulou, mandando-lhes que trabalhaſſem. Vendo elles tamanha contumacia, fallaram-ſe em ſegredo huns com os outros, e determinàram de lho fazer por força.

Diſto foi elle aviſado por hum Gomes de Quadros de ſua obrigação, e diſſimulando ſe foi ás armas, e as tomou todas, e as metteo em hum pequeno paiol, e poſto em ſima delle com huma eſpada nua na mão, diſſe com grande colera.

» Ninguem ſeja ouſado de fallar em ar-
» ribarmos, porque eu ou hei de morrer,
» ou hei de chegar a ſoccorrer a fortaleza
» d'ElRey, por iſſo cada hum trabalhe por
» ſe ſegurar, e não temer, que Deos irá
» comnoſco; e folgai todos de paſſardes
» comigo a ventura que eu paſſar, pois
» não tendo que perder mais que eu; e ſe
» paſſardes riſcos, e perigos, os Portugue-
» zes aſſim ſervem o ſeu Rey, e pera ven-
» cerem todos os trabalhos naſcêram: por
» iſſo não ſejamos ſós os que nos deixemos
» vencer delles, acuda cada hum ao que
» lhe he encommendado, e vamos por
» diante. »

Com iſto ſe caláram todos, e forão trabalhando com os baldes todo o dia, e toda

da á noite. Ao outro dia já sobre a tarde, navegando sempre por baixo da agua, chegáram a haver vista da fortaleza.

Cessem aqui os encarecimentos das navegações de Ulysses, e de Eneas, que aquelles famosos Poetas Homero, e Virgilio tanto celebráram em versos suaves, e brandos, que isto que assim toscamente escrevemos destes nossos Portuguezes passa por tudo quanto elles fabuláram.

Tanto que os da galueta víram a fortaleza, assim se alegráram como homens, que resuscitáram, e demandando a barra, entráram por ella com grande risco, e perigo, e fóram surgir á couraça, por onde foram recolhidos dentro, e recebidos do Capitão, e de todos os mais com muito grande alvoroço. Luiz de Mello de Mendoça affirmou ao Capitão, que D. Alvaro de Castro teria já dado á véla, e que não tardaria dous dias. Foi este Fidalgo com seus soldados posto no baluarte Sant-Iago, de que os inimigos tinham ganhado a maior parte. Ao outro dia, que foram vinte do mez de Agosto, chegáram D. Jorge, e Dom Duarte de Menezes, (que não passáram menos riscos, e trabalhos, que Luiz de Mello de Mendoça,) que foram recebidos com grande alegria de todos, e aposentados no mesmo baluarte.

Com a vinda destes tres Fidalgos ficáram os da fortaleza mais desalivados. O Capitão desejou de festejar os novos hospedes, porque lhes sentio desejo de provarem a mão com os inimigos, e quiz que ao dia seguinte commettessem lançallos fóra do baluarte, e pera isto deo recado a todos, pera que estivessem prestes, querendo-se tambem elle achar em pessoa naquelle negocio. Tanto que amanheceo, se foi D. João Mascarenhas ao baluarte com alguns companheiros, que dos outros escolheo, e com todos os mais, que nelle estavam, commetteo os Mouros com tão grande determinação, que com morte de muitos delles lhes ganhou os valos, que tinham feitos, e os lançou fóra. Rumecan teve logo aviso daquelle negocio, e acudio alli com todo o poder, e tornou a cavalgar a estancia, sobre que houve fazerem-se cousas notaveis, e muitas mortes dos inimigos, que tudo faziam á custa das vidas dos seus.

Rumecan tanto que tornou a ganhar aquella parte, deo hum geral assalto á fortaleza, commettendo todas as estancias, que lhe foram defendidas com o valor, e esforço acostumado, fazendo os nossos que ... ndo de refresco, cousas muito ... erem, e imitarem. Estando este ... atalha na força do maior confli-

flicto, se começou a escurecer o Sol, e a se cubrir o ar de nuvens mui grossas, e espessas, que se desfizeram em grandes chuveiros sobre a fortaleza. Vendo os Mouros aquella terrivel trovoada, e que por causa da agua lhes não podia empecer o fogo dos nossos, (que era o que elles mais receavam,) remettêram mui determinadamente com os baluartes pera os ganharem; mas os Portuguezes á espada, e lança lhes tivêram o encontro com muito valor, matando, e espedaçando muitos.

D. Duarte, D. Jorge de Menezes, Dom Francisco de Almeida, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, e outros Fidalgos, e Cavalleiros fizeram tão altas proezas, que muitos dos inimigos deixavam de pelejar pelos verem. O Capitão correndo todas as partes, e deixando-as providas, acudio ao baluarte Sant-Iago, que estava em mór trabalho, e mettendo-se antre todos, animando-os, e esforçando-os, pelejou hum espaço grande, em que os nossos apertáram tanto com os inimigos, que os fizeram afloxar. D. João Mascarenhas não lhe consentindo o coração, nem a obrigação de seu officio deter-se alli muito, fazendo suas lembranças áquell[illegible] e Cavalleiros, tornou a corre[illegible] tancias pera ver com o olho [illegible]

ver no de que houvesse necessidade, e em todas achou a batalha muito travada. A fortaleza toda em roda se desfazia em gritos, alaridos, golpes, e estrondos de instrumentos, em fim que tudo era confusão. Durou este conflicto (que foi o maior de todos os em que aquelles cercados se víram) seis horas, até que o tempo começou a abrir, e o Sol tornou a apparecer.

Os Portuguezes tornáram-se aproveitar das panellas de polvora, ou das telhas, com que fizeram huma grande, e espantosa destruição nos inimigos, que por honra sustentavam os lugares á custa das vidas, até que de todo anoiteceo, que se recolhêram. Ficáram de esta feita mortos aos pés dos baluartes quatrocentos, a fóra mais de mil, que foram feridos, e da nossa parte morrêram alguns, que haviam de ser sem nome, porque não lhos achámos. Esta noite passáram todos os da fortaleza com grande vigia; ao outro dia em amanhecendo entráram pela barra os navios de D. Antonio de Taíde, e Francisco Guilherme, que rompendo a braveza, a força, e impeto dos mares, e ventos, alagados muitas vezes passáram sempre adiante, até descubrirem as torres da fortaleza, que foi pera todos causa de grande alvoroço. Foram estes Fidalgos recolhidos pela couraça, e postos nos

baluartes S. João, e S. Thomé; e affirmáram que ao outro dia sería alli D. Alvaro de Castro, com o que mostráram por sima dos muros grandes signaes de alegria, tangendo, e foliando, cousa que os mais dos dias faziam acabados os assaltos pera se alegrarem, e alentarem.

CAPITULO IV.

De outros assaltos, que os Mouros deram á fortaleza: e de hum muito arriscado feito, que commetteo Antonio Correia por tomar huma espia, em que foi cativo: e do grande, e aspero martyrio que recebeo.

VEndo Rumecan que começavam a chegar os soccorros da India, e que em todo o inverno não tinha feito cousa alguma, estando a fortaleza arrazada, e com tão pouca gente, e que tinha perdido perto de sinco mil homens, começáram-no a entrar mui grandes desconfianças daquelle negocio, porque bem entendeo que como fosse tempo melhor, haviam de vir muitos soccorros, e ainda a pessoa do Governador; e que como elle chegasse, não se havia de deixar estar cercado, antes o havia de ir buscar a suas estancias. Causavam-lhes estes discursos muito grande melancolia, e triste-

za,

za, que elle dissimulava o melhor que podia, pelos seus o não entenderem, e não lhe irem; e todavia parecendo-lhe que era obrigação proseguir naquelle negocio, mandou fazer huma grande mina no lanço do muro, que hia do baluarte S. João até a guarita de Antonio Paçanha, e começando-se a obra, foi sentida dos nossos. O Capitão acudio com muita pressa a fazer suas contraminas, e repairos, e outro muro muito grosso pela banda de dentro, em que trabalhavam todos os Fidalgos, e Cavalleiros, de mistura com as honradas matronas.

Os Mouros, acabada a mina, deram-lhe fogo, e arrebentando deo com o muro pera fóra, ficando o que estava feito pela banda de dentro; e ao dar do fogo remettêram pera entrar á fortaleza por alli, cuidando ficasse tudo aberto; mas achando-se com outro muro diante, voltáram com todo o poder pera a guarita de Antonio Paçanha, que com a furia do fogo cahio hum bom pedaço; e posto que accommetteo bravissimamente, fez pouco, porque os nossos lha defendêram de feição, que com grande damno seu os fez affastar. Em quanto isto durou, das estancias dos inimigos batêram toda a fortaleza em roda; e como todos os baluartes estavam razos, cahíram tantos pelouros dentro, que parecia que choviam,

 sem

ſem fazerem damno algum nos noſſos, o que ſe notou a milagre, havendo que Deos os favorecia, e tinha os olhos nelles, e aſſim lhes encommendáram de coração, e andavam todos tão contritos, e arrependidos de ſeus peccados, que era grande conſolação pera elles.

Eſte dia ficou iſto aſſim, recolhendo-ſe os inimigos tambem arreſoadamente eſcalavrados. Rumecan blasfemava de Mafamede, vendo tantos máos ſucceſſos, e como deſeſperado tornou ao outro dia commetter a fortaleza com todo o poder, fazendo-o elle em peſſoa ao baluarte S. Thomé, tendo dado recado, que em quanto elle o commettia, ſe bateſſem as outras eſtancias, como fizeram. Os inimigos remettêram com o baluarte com grande determinação, travando-ſe antre elles, e noſſos huma mui aſpera batalha, em que elles não receavam perder as vidas, porque como brutos ſe mettiam pelas armas dos noſſos. E tanto porfiáram, que ſubíram ao baluarte, e tornáram a ganhar aquella parte, que já tiveram, onde arvorávam ſuas bandeiras. Dalli começáram com os noſſos a mais aſpera, e cruel batalha que ſe vio, lançando os Mouros tanto fogo ſobre os de dentro, que os abrazáram a todos.

Antonio Moniz Barreto, que aqui fez gran-

grandes maravilhas, ficou todo ardendo em chammas ſem largar o lugar, (o que todos [illegible] pera ſe irem banhar nas tinas da agua,) não ficando alli mais que elle, e dous ſoldados, que pelejáram como leões; e todavia apertou tanto o fogo com Antonio Moniz Barreto, que ſe foi ſahindo pera ir buſcar as tinas da agua. Hum daquelles ſoldados, que tambem eſtava abrazado, fazendo façanhas nunca imaginadas, vendo affaſtar-ſe Antonio Moniz Barreto, tomou-o por hum braço, dizendo-lhe: » Que he iſ- » to, ſenhor Antonio Moniz, aonde ides, » e deixais o baluarte d'ElRey? Não dei- » xo, reſpondeo elle; mas eſtou ardendo » vivo, e vou áquellas tinas pera matar eſ- » te fogo. O ſoldado lhe diſſe: Em quan- » to as mãos eſtam ſans, e podem pelejar, » tudo o outro he nada: tornai, Senhor, a » voltar, não acabem os Mouros de ga- » nhar eſte baluarte. » Antonio Moniz Barreto vendo o esforço do ſoldado, voltou, e ſe poz junto delle, tornando a pelejar, como ſe entrára de novo naquelle lugar.

Aqui eſteve a couſa de todo perdida; porque os inimigos, que a cada momento eram cevados de outros de refreſco, apertáram tanto com eſſes poucos, que havia no baluarte, que ſempre acontecêra hum grande deſaſtre, ſe áquella hora não acudí-

díram alguns dos noſſos de refreſco, que apertáram com os inimigos de feição, que os lançáram fóra, fazendo aquelles dous ſoldados, a que não achámos os nomes, taes couſas, que paſmou Antonio Moniz, principalmente aquelle que o deteve, a quem elle levou nos braços depois do combate paſſado, dizendo-lhe palavras de grandes louvores, pedindo-lhe: » Que quando ſe
» elle embarcaſſe pera o Reino, ſe foſſe com
» elle, que o apreſentaria a ElRey, e lhe
» diria ſeus feitos, e o faria deſpachar »: e aſſim foi, que quando Antonio Moniz Barreto chegou ao Reino, o deſembarcou comſigo, e o entregou ao Infante D. Luiz, contando-lhe tudo o que com elle lhe acontecêra. O Infante o tomou por ſeu, e lhe fez dar a feitoria de Baçaim, que elle não ſervio por morrer primeiro, e ficou ſempre conhecido pelo ſoldado do fogo.

O que ſe mais louva em Antonio Moniz Barreto, foi a confiança com que contou a ElRey, e ao Infante, o como o ſoldado o fizera tornar pera o baluarte, indo elle buſcar as tinas da agua, e que ſem dúvida o baluarte ſe perdêra, ſe o ſoldado não fora. E com eſte homem ſer por iſto digno de outro tão honroſo ſobrenome, como os Romanos deram a Manlio Capitolino por defender o Capitolio aos Gallos,

foi

foi o deſcuido Portuguez tal, que nem nome, nem ſobrenome ficou delle.

E tornando á noſſa hiſtoria: lançados os Mouros do baluarte, ficáram no entulho de fóra, detrás dos repairos que tinham feitos, e dalli ás lançadas, e eſpingardadas pelejavam com os noſſos todo o dia, ſem tomar deſcanço. O Capitão mandou repairar o baluarte, e fazer huma parede alta, e groſſa, com que os noſſos ficáram mais ſeguros.

Ao outro dia, depois que iſto paſſou, mandou o Capitão a Antonio Correia que foſſe em hum catur ligeiro á outra banda, e que trabalhaſſe por tomar alguma eſpia pera ſe informar do que determinava Rumecan. Embarcado Antonio Correia no quarto da modorra com vinte ſoldados, paſſou-ſe á outra banda em grande ſilencio, e chegou-ſe á terra pera ver ſe ſentia alguma gente, onde eſtiveram até de madrugada, que ſe recolhêram ſem fazer couſa alguma, e por eſta maneira foram ſinco noites, ſem fazer preza alguma, do que Antonio Correia andava triſte. E dizendo-lhe humas vigias de hum dos baluartes da fortaleza, que viam todas as noites hum fogo no cabo da Ilha, determinou de ir ver o que era. E ſahindo-ſe pela barra fóra, foi coſteando-ſe a terra no mór ſilencio que pode, e chegan-

gando áquella parte vio o fogo, e pondo a proa em terra hum pouco desviado, saltou nella só com huma espada, e rodella; e foi muito encubertamente demandar o fogo; e sendo perto, vio estar doze Mouros assentados derredor de huma fogueira aquentando-se, o que muito bem pode divisar, porque a labareda os descubria todos, e voltando pera o catur, chamou os soldados, e tornou pera dar nelles, e chegando perto víram ainda os Mouros. Antonio Correia disse aos companheiros muito passo:
» Aqui temos boa preza, vamos por duas
» partes, dez por cada huma, e demos
» nelles de subito, e tomemos dous ás mãos,
» e todos os mais se mettam á espada. » Os vís soldados tanto que aquillo víram, perdêram o animo, e a vergonha, e disseram:
» Que aquelle negocio era muito arriscado,
» que elles não queriam commetter cousa
» duvidosa, porque pela ventura seriam os
» Mouros muitos mais, que estariam por
» ahi derredor que acudiriam, e nenhum
» delles escaparia com vida » e sem esperarem razão alguma voltáram pera o navio.

Vendo Antonio Correia tamanha infamia, e covardia em Portuguezes, cousa tão alheia delles, magoado daquelle negocio, que lhe accrescentou a ira, e furor, encommendou-se a Deos, e determinou de commet-

metter os Mouros. E indo-os demandar mui agachado, ſendo já perto, deo de ſubito nos que alcançou com grandes gritos pera os eſpantar, e ferio alguns bem á ſua vontade. Os Mouros ſobreſaltados eſpertando-os a dor das feridas, leváram das armas, e começáram de ſe defender; e vendo que era hum ſó homem, ficáram como paſmados, e rodeando-o o começáram a perſeguir; mas o esforçado cavalleiro não deſmaiando, nem temendo couſa alguma, com ſua eſpada, e rodella ſe poz em defensão, ſaltando a huma, e a outra parte mui ligeiramente, ferindo aos inimigos de feridas mortaes. Mas como era hum ſó, e a briga durou muito, começáram-lhe a faltar as forças, e ſobejando-lhe o animo, os Mouros ſentindo-o enfraquecer, remettêram a elle, e o liáram todos, bracejando elle, mordendo, e fazendo couſas, de que os Mouros paſmáram. E como deſejavam de o levar vivo a Rumecan, o atáram, ainda que com bem de trabalho, e com grandes tangeres, e feſtas o leváram á Cidade, e lho apreſentáram, contando-lhe as façanhas que lhe víram fazer, moſtrando os mais delles muitas, e mui disformes cutilladas que lhes elle deo.

Rumecan o eſtimou muito, e lhe perguntou pelo eſtado da fortaleza, e que gen-

te tinha, e se se esperava cedo pelo soccorro de Baçaim, e se havia novas de se o Governador fazer presles pera vir soccorrer a fortaleza, e por outras muitas cousas. Antonio Correia lhe respondeo a tudo muito differente do que o Mouro desejava, affirmando-lhe, que na fortaleza havia quatrocentos homens, e que tinham de refresco muitas munições, e que até o outro dia se esperava pelo filho do Governador, que já era partido de Baçaim com seiscentos homens, e que o Governador em Goa fazia huma grande Armada, e que esperava pelas náos do Reino pera se embarcar, e que sempre traria de vantagem de quatro mil Portuguezes, e outras cousas desta sorte, de que Rumecan ficou tão agastado, que o mandou amarrar ao cabo de hum cavallo, e tanto que amanheceo, o mandou levar arrastando pela Cidade, pera que todos o vissem, e depois lhe mandou cortar a cabeça.

Todos estes martyrios soffreo o Cavalleiro de Christo com grande paciencia, e com o coração todo em Deos, pedindo-lhe misericordia, e perdão de seus peccados, offerecendo-lhe por elles aquelles tormentos, e morte, que por honra de sua santa Fé passava. E de crer he que sua alma subiria banhada no quente sangue a gozar

zar da gloriosa coroa de martyrio, e seria recebida antre os bemaventurados. Sua cabeça foi posta em huma lança defronte dos nossos baluartes S. João, e S. Thomé, onde foi vista tanto que amanheceo. Os vís, e fracos soldados que o deixáram se foram metter no navio; e esperando por elle até amanhecer, vendo que tardava, deram á véla pera a fortaleza, aonde chegáram ao mesmo tempo que a cabeça do seu valente, e esforçado Capitão apparecia posta na lança, acompanhada daquella infernal turba, que com vozes, gritas, e tangeres mostravam o contentamento daquella vitoria.

A cabeça foi logo conhecida dos baluartes, e causou em todos huma grande tristeza, principalmente no Capitão, por perder hum tal, e tão esforçado companheiro nos trabalhos daquella fortaleza. O navio chegou á couraça, e os soldados se recolhêram dentro, de quem o Capitão soube logo a verdade, particularmente de hum delles, que lha confessou assim como passára, ficando admirado de tal successo, porque aquelles homens em todo o decurso do cerco tinham feito façanhas, e recebido por muitas vezes muitas feridas: e todavia não os quiz ver, porque o tempo não estava pera proceder em outra fórma contra elles, deixando-lhes por castigo a infamia com que ficá-

ficáram, que elles purgáram assás bem depois nos assaltos, assignalando-se diante de todos, e morrendo alguns de muitas feridas, que lhes deram nos lugares, em que estavam, sem os quererem largar.

CAPITULO V.

De algumas cousas, que mais succedêram: e do que aconteceo na viagem a D. Alvaro de Castro: e de hum grande motim, que houve dos Portuguezes contra o Capitão.

DEste successo de Antonio Correia ficáram os Mouros tão soberbos, que se arriscáram alguns a fazerem sortes, como foi hum que ao outro dia determinou de tomar huma bandeira, que estava arvorada em huma guarita, que se fazia antre o baluarte S. Thomé, e Sant-Iago; e sahindo das estancias só, e muito agachado, chegou ao pé da guarita, e subio pelas quebradas do muro, e chegou até a bandeira, de que ferrou sem a poder arrancar, e tornou a saltar em baixo, e se recolheo. Como isto foi subitamente feito, não tiveram os nossos tempo pera lhe atirarem com alguma cousa. O Mouro vendo o pouco risco que correo, desejoso de levar aquella bandeira a Rumecan, tornou a commetter a mes-

a meſma ſorte, e já não pode ſer tão encuberto, que não foſſe viſto de alguns ſoldados de hum daquelles baluartes; e vendo-o commetter a ſubida, prepararam as eſpingardas, e com elle pegando da bandeira lhe deo hum pelouro pelos peitos de que logo cahio, e acudindo alguns daquelles ſoldados, lhe cortáram a cabeça, e a arvoráram em huma lança defronte donde eſtava a de Antonio Correia, o que Rumecan ſentio muito. Os Mouros, que eſtavam no entulho do baluarte S. Thomé, foram fazendo muros, e repairos, cada vez mais pera dentro, até ſe fazerem ſenhores da mór parte delle; e ſempre o ganháram todo, ſe o Capitão com ſua muita prudencia, e providencia não acudíra logo com hum bazaliſco, que mandou levar á porta da Igreja, donde ſe deſcubria todo o baluarte, e dalli mandou bater as eſtancias, e tranqueiras, que os Mouros tinham nelle. O que ſe fez com tanta braveza, que com poucos tiros lhes puzeram as paredes por terra, deſamparando os Mouros o baluarte, que o Capitão mandou reformar o melhor que pode ſer.

E deixaremos eſtas couſas por hum pouco, porque he razão tornemos a D. Alvaro de Caſtro, que depois de reformar ſua Armada muito bem, logo dahi a dous dias; de-

depois que partíram D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, deo elle á véla com ſincoenta navios, que ajuntou com os das fortalezas de Chaul, e Baçaim, e começou a atraveſſar o golfo; mas como a braveza delle não ceſſava, e os navios eram grandes, e pejados, não podendo ſoffrer os mares, tornáram a arribar em poppa quaſi perdidos, e alagados, e foram demandar differentes poſtós; D. Alvaro com a mór parte dos navios foi ferrar Agaçaim com todos deſapparelhados, e os mantimentos podres, e alijados ao mar. Eſtava por Capitão naquella Tanadaria Luiz Xira Lobo, homem Fidalgo, que com muita preſteza, e diligencia reformou os navios, e os proveo de todas as couſas neceſſarias.

Antre os mais navios, que foram correndo tormenta pera differentes partes, foi o de que era Capitão Athanaſio Freire; eſte indo demandar a terra, foi-ſe mettendo na enceada de Cambaia quaſi alagado, e deſapparelhado, e em eſtado que ſe aſſentou antre todos, que varaſſem na primeira terra que pudeſſem tomar, porque era menos mal, que deixarem-ſe morrer affogados, e aſſim foram encalhar junto de Surrate; e ſahindo todos em terra, foram cativos da gente que acudio, e levados a ElRey Soltão Mahamude, que os mandou metter em hu-

huma masmorra, onde tinha Simão Feio, e outros Portuguezes. Ruy Freire Feitor de Chaul (que largou o cargo, e se embarcou em hum navio em companhia de D. Alvaro de Castro com vinte e quatro soldados, e muitos mantimentos, e munições, tudo á sua custa) quiz sua boa fortuna que o seu navio soffresse melhor os mares que os outros, e passando adiante, foi navegando aquelle dia, e noite com grande risco, e trabalho, e ao outro dia houve vista da costa de Dio, a que se chegou, e de longo della foi demandar a fortaleza, e entrou pela barra dentro o mesmo dia, que succedeo a sorte da bandeira ao Mouro, e surgindo na couraça, foram recolhidos por ella com grande alegria, e contentamento de todos. E de Ruy Freire soube o Capitão como já D. Alvaro de Castro vinha com toda a Armada, porque ainda não sabia de sua arribada. Isto causou em toda a fortaleza grandes alvoroços, fazendo-se tantas festas, e alegrias, que se sentíram nas estancias dos Mouros, que logo souberam todas as novas.

D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes tanto que se reformáram em Agaçaim, tornáram a commetter o golfo, que ainda acháram colerico, e furioso; mas passando por todos os inconvenientes, rompen-

pendo por riscos, e por perigos, foram haver vista da outra costa por junto de Madrefavál, e juntamente houveram vista de huma náo d'ElRey de Cambaya, que vinha de Ormuz. D. Alvaro de Castro poz os navios em armas, e a foi demandar, e chegando perto lhe atirou huma bombardada a amainar, o que ella logo fez confiada no salvo conduto que trazia, porque tinha partido em tempo de paz com elle. O Capitão da náo tomou o cartaz, e se embarcou com os officiaes no batel, e se foi ao navio do Capitão mór; elle como os teve dentro, os reprezou, e mandou metter gente na náo, e que lhe levassem todos os mercadores, que logo se mettêram em ferros. Feito isto, despedio logo D. Alvaro de Castro a náo ao Governador pera determinar se era de preza, e metteo-lhe dentro hum Capitão com gente. Esta náo em poucos dias foi tomar a barra de Goa, e os mercadores foram desembarcados prezos, e a fazenda tirada, que era muito coral, alcatifas, chamalotes, larins, e outras cousas, que tudo montaria perto de trinta e sinco mil pardáos, o que tudo foi a muito bom tempo pera as despezas da Armada, que se estava fazendo prestes.

D. Alvaro de Castro tanto que despedio a náo, foi sua derrota até tomar a barra

ra de Dio, por onde entrou com toda a Armada, que paſſava de quarenta navios formoſiſſimamente embandeirados, dando huma ſoberba ſalva de artilheria, cujos pelouros foram dar nas eſtancias dos Mouros, e por dentro da Cidade, onde cauſáram aſſás de temor. Da fortaleza lhe reſpondêram com outra ſalva mais temeroſa por ſer com bazaliſcos, aguias, ſalvagens, e outras peças muito groſſas. D. João Maſcarenhas acudio com grande alvoroço á porta, e a mandou abrir pera por ella receber D. Alvaro de Caſtro, que deſembarcou no caes, armado elle, e todos os da Armada, que ſeriam perto de quatrocentos homens, e á porta da fortaleza foi recebido do Capitão com grandes feſtas, e alvoroços de todos. Dalli foi levado ás ruinas do baluarte São João, onde ſeu irmão D. Fernando de Caſtro acabou a vida, pera que nelle tomaſſe della mui grande ſatisfação, e alli o apoſentáram com alguns dos ſeus Capitães. Dom Francisco de Menezes foi poſto no baluarte S. Thomé, de que ſempre foi Capitão Luiz de Souſa, e os mais Capitães ſe repartíram pelas outras eſtancias. D. Alvaro de Caſtro mandou deſembarcar os mantimentos, e munições, que nos navios vinham, de que já havia bem de neceſſidade, e com iſto ficou a fortaleza muito diſ-

ferente do eſtado em que dantes eſtava, e com muito perto de ſeiscentos homens, que já enchiam os baluartes, e eſtancias.

D. Alvaro de Caſtro o meſmo dia que chegou, deſpedio o ſeu navio com cartas ao Governador, em que lhe dava conta de ſua chegada, e do eſtado, em que achou aquella fortaleza, e D. João Maſcarenhas o fez tambem de todos os ſucceſſos paſſados até então. Vendo-ſe o Capitão tão proſpero de gente, dava-ſe-lhe pouco já dos inimigos, e quiz-lhes moſtrar quão cedo os havia de deſenganar de todo, mandando logo aſſeſtar tres camellos de marca maior em tres eſtancias fronteiras ás dos inimigos, e as mandou bater fortemente, e fez nellas tal eſtrago, que foi forçado a Rumecan fortificar-ſe mais.

E porque nas ruinas do baluarte São Thomé ficou hum façanhoſo bazaliſco enterrado, tratou o Capitão de o tirar, pera o que mandou ordenar cabreſtantes, e engenhos; mas nada baſtou por muito que todos trabalháram. E vendo que era trabalho em vão, mandou-o liar com dous viradores groſſos pera o ſegurarem dos inimigos; mas nem iſto aproveitou, porque os inimigos ſervindo-ſe por baixo das ruas, e pontes, determináram de acabar de derribar aquelle baluarte, e aſſim o foram ſolapando

do pelos fundamentos, até que arrunhou de todo, e cahio pera muitas partes, ficando o bazalifco fufpendido nos viradores. Ifto fuccedeo quatro dias depois da chegada de D. Alvaro de Caftro. Vendo os Mouros todo o baluarte derribado, e o bazalifco dependurado, determináram de o ganhar, e affim fahindo de fuas eftancias com todo o poder, e com os terremotos acoftumados, remettêram com o baluarte por onde começáram a fubir, e outros a dar cabos ao bazalifco, porque tirava muita gente pera o levarem. D. Francifco de Menezes, que alli eftava de refrefco, acudio com os feus, e remettendo com os inimigos, travou com elles huma muito arrifcada batalha, trabalhando muito os Mouros por fe pôrem em fima do baluarte; mas como os noffos pelejavam já mais defaffogado, e com mais brio pelo novo foccorro, foi-lhes muito facil lançarem os inimigos fóra do baluarte, e os fizeram recolher a fuas eftancias com mortes, e feridos de muitos dos Mouros. O Capitão mandou vigiar fe havia mina pera prover niffo.

Os foldados da Armada de D. Alvaro de Caftro, ouvindo fallar em minas, tendo fabido o defaftrado fucceffo do baluarte S. João, receando acontecer-lhes outra defgraça, e que todos os baluartes eftivef-

O ii fem

ſem minados, ajuntando-ſe quaſi quatrocentos póſtos em armas, juramentáram-ſe a ſeguirem todos a voz a hum, e depois ſahíram pelas ruas com grande motim, e arrogancia, bramindo, e gritando, dizendo: » Que não haviam de ſoffrer eſtar encurra-» lados, e virem-lhes os inimigos tomar as » peças de artilheria dos ſeus baluartes; e » que não queriam morrer debaixo de mi-» nas, ſenão no campo antre os inimigos » como Cavalleiros.» Com eſta união, e determinação ſe foram a caſa do Capitão, e com palavras arrogantes, e deſordenadas, lhe requerêram: » Que os deixaſſe ir pele-» jar no campo com os inimigos; e que ſe » elle tinha já ganhado muita honra na de-» fensão da fortaleza, que muito mais ga-» nharia pelejando no campo, e não aguar-» dar alli a furia, e braveza do fogo das » minas; porque não era honra dos Portu-» guezes morrerem encerrados, e de fome, » tendo a vitoria tão certa, como todos eſ-» peravam.» O Capitão achou-ſe embaraçado com aquella união, a que acudíram D. Alvaro de Caſtro, e D. Franciſco de Menezes (que já tinham rebate diſto) pera os apaziguarem, ſem poderem acabar com elles couſa alguma. O Capitão com muita brandura, e manſidão lhes pedio » que ſe » quietaſſem, e que o ouviſſem, [illegible]

» não déſſe razões muito licitas, pera não
» commetterem o que queriam, que elle
» eſtava preſtes pera lhes fazer a vontade
» em tudo. » E querendo ir por diante com
a pratica, lha atalháram, começando a bradar: » Que aquillo era covardia, e fraque-
» za, que ſe elle não queria ſahir ao cam-
» po, que elles elegeriam antre ſi Capitão
» que os guiaſſe, porque não haviam de
» ſoffrer tanta ſoberba aos inimigos, que
» tinham ouſadia pera lhes levarem as pe-
» ças da artilheria de dentro do baluarte,
» porque ao outro dia tentariam outra cou-
» ſa de mór affronta, e vituperio pera el-
» les. » Vendo o Capitão aquelle deſatino,
diſſe: » Que ſe foſſem quietar, que elle lhes
» faria as vontades contra a ſua, e contra
» o ſerviço d'ElRey; e que ſe fizeſſem preſ-
» tes pera o outro dia pela manhã, que el-
» le os metteria onde ſe arrependeſſem. »
Com iſto ſe foram recolhendo, ficando o Capitão aſſombrado daquelle negocio, porque via quão arriſcado era. Todo aquelle reſto do dia, e toda a noite trabalháram D. Alvaro de Caſtro, e D. Franciſco de Menezes, e o Padre Vigario, com os mais Fidalgos, e Capitães, pera os moderar, ſem os poderem mover de ſua pertinacia. Bem differente do que fizeram aquelles valentes ſoldados Romanos, que alevantados contra

o ſeu

o ſeu Dictador Quinto Fabio Maximo, pera que déſſe batalha a Anibal, com outra ſemelhante arrogancia, e ſoberba á deſtes noſſos Portuguezes; e dando-lhes o bom velho Fabio ſuas razões, e apontando-lhes os inconvenientes que tinha pera não romper batalha com os inimigos, tiveram tanta força, e authoridade ſuas palavras, que os ſujeitáram, moderáram, e apaziguáram de todo; porque as leis da diſciplina militar, que antre nós falece, os trazia mui enfreado. E ſe antre as virtudes que os Portuguezes tem, como são, fortaleza, valor, e fidelidade, tiveram eſta da diſciplina militar, e da obediencia na guerra, puderam fazer em tudo ventagem áquelles antigos Romanos, e ainda a todas as mais Nações do mundo. Nem ſe póde negar que eſte motim deſtes Portuguezes foi huma temeridade guiada de ſeus esforçados, e grandioſos animos, que lhes fazia parecer que tudo pera elles era pouco, e facil.

CAPITULO VI.

De como D. João Mascarenhas por descon-fiança sahio aos inimigos, e lhes ganhou as primeiras estancias, e a parede, e os commetteo no campo, onde foi desbaratado, e morto D. Francisco de Menezes, e outros Fidalgos.

AO outro dia tanto que amanheceo, armando-se os soldados do motim, se foram juntos ao terreiro da fortaleza, chamando a altas vozes pelo Capitão, e pedindo batalha com palavras mui soberbas, e desordenadas. D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes acudíram logo pera os quietarem com branduras, mimos, e promessas, o que tudo era peior, porque quanto mais lhes diziam, tanto mais destemperados se mostravam. O Capitão entrando-lhe a desconfiança, disse a D. Alvaro de Castro, e a D. Francisco de Menezes: » Ora em fim, senhores, façamos-lhes as » vontades, e encommendemo-nos a Deos. » E encarregando as estancias a seus Capitães, repartio por ellas cem homens, e de todos os mais, que eram perto de quinhentos, fez tres batalhas, dando as duas a D. Alvaro de Castro, e a D. Francisco de Menezes, e a outra tomou pera si. E póstos em

em ordem, sahíram da fortaleza pelo postigo, e remettêram com as estancias, que os inimigos tinham á boca da cava, e aos primeiros encontros as ganháram com mortes de muitos Mouros, fugindo os mais pera o exercito, indo os nossos apôs elles. E chegando ás paredes (que estavam já com as portas fechadas) as começáram a subir. Dom Alvaro de Castro pedio a Jorge de Mendoça, e a seu irmão Luiz de Mello, que o ajudassem a subir ao muro, e que tivessem o olho nelle, o que elles fizeram pondo-o em sima, e elles logo apôs elle saltáram da outra banda. O mesmo fez D. Francisco de Menezes com os mais da sua companhia, sendo os primeiros Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, Dom Jorge, e D. Duarte de Menezes, D. Francisco, e D. Pedro de Almeida irmãos, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, que foram com grande determinação pera darem no exercito.

Rumecan, Juzarcan, e Mojatecan acudindo com seus esquadrões fóra, deram com os nossos, começando-se antre todos huma muita aspera batalha, mui desarranjada, e sem ordem alguma da nossa parte. D. Francisco de Menezes tinha ajuntado a si a mór parte do seu esquadrão, com que commetteo os inimigos pelo alto do jogo da bolla, (por-

(porque alli foi a batalha,) e rompendo nelles com grande furia, e força, animando-os, e esforçando os seus, foram fazendo grande destroço nos Mouros. O Capitão com o guião de Christo, que hia hum pouco atrás, chegou ás paredes hum espaço pequeno, depois de D. Alvaro de Castro, e D. Francisco de Menezes estarem já da outra banda, e achou os principaes soldados do motim embaraçados nas paredes, e sem as ousarem a subir, porque des que víram a grossura, e altura dellas, ficárão como pasmados. Elle vendo-os assim, chegou a elles, dizendo alto: » Que he isto, ousados, » e atrevidos nas palavras, e tão timidos, » e covardes nas obras? que do vosso brio, » e arrogancia, ou pera melhor dizer, o » vosso mal considerado esforço? como não » subís essas paredes? que medo he o que » vos ata as mãos, tendo ha tão pouco a » lingua tão solta? segui-me que eu vos » guiarei aonde estão os inimigos, e quero » ver se os achais tão fracos como dizeis. » E commettendo as paredes, as subio, seguindo-o todos mais por vergonha, que por vontade (bem arrependidos do que tinham commettido.) E saltando da outra banda, commettêram os inimigos, que andavam baralhados com D. Alvaro de Castro, e com aquelle primeiro impeto os arrancáram hum pou-

pouco do campo. D. Francisco de Menezes, que pela parte de sima pelejava, tendo feitas muitas cousas dignas de quem era, e muito grande estrago nos Mouros, parece que invejosa a fortuna de sua virtude, e esforço, ordenou que lhe désse hum pelouro de hum arcabuz, que o passou de parte a parte, desbaratando em hum muito pequeno momento tão grandes forças, e tão honrosos pensamentos. Os seus em o vendo cahir logo se foram retrahindo desordenadamente. D. Alvaro de Castro na parte em que pelejava, carregava sobre elle hum grande esquadrão; e foram tantas as espingardadas, e fréchadas sobre os seus, que lhe cahíram muitos, e a mór parte dos outros, começáram a perder o campo. Vendo-se D. Alvaro perdido, se foi recolhendo pera as paredes com o rosto nos inimigos, pelejando sempre com muito valor, e esforço. Vendo Jorge de Mendoça a cousa tão arriscada, (posto que tinha huma espingardada em huma perna,) tomou D. Alvaro de Castro nos braços pera o pôr em sima da parede; mas a fraqueza lho não deixou fazer, e todavia acudio-lhe seu irmão Luiz de Mello, que o ajudou a subir. Neste transe deram a D. Alvaro de Castro huma pedrada na cabeça, de que cahio da outra banda atordoado. Luiz de Mello poz

tam-

tambem o irmão em ſima da parede, ficando em baixo elle, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, e outros Fidalgos, que fizeram couſas notaveis, ſuſtentando o impeto dos inimigos, em quanto os outros ſubiam. Aqui deram huma eſpingardada em Luiz de Mello de que cahio; mas foi logo alevantado pelos companheiros, e poſto em ſima da parede, e recolhido, e levado á fortaleza, e depois foi morrer a Chaul da ferida. O Capitão na parte em que andava, teve logo aviſo da morte de D. Franciſco de Menezes, e do desbarato de D. Alvaro de Caſtro, e no meſmo tempo lhe gritou hum ſoldado que acudiſſe á fortaleza, que era tudo perdido, primeiro que os Mouros entraſſem nella; e tomando eſtas novas com grande paciencia, e animo, tocou logo a recolher.

Os ſeus tanto que ſouberão daquella deſaventura, começáram a ſe pôr em desbarato. Vendo elle a deſordem com que alguns ſe recolhiam, acudio a iſſo, dizendo: » Que » he iſto, ſoldados, que vergonha he eſſa? » como arriſcais aſſim a fama Portugueza » por hum pequeno temor da morte? aonde vos ides? eſperais de vos ſalvar, deixando o voſſo Capitão no campo? Tornai, valoroſos cavalleiros, e ſegui-me; » que hoje havemos de alcançar huma fa-

» mo-

» mosa vitoria » e com isto voltou a ter o encontro aos inimigos, que carregavam sobre elles, como homens vitoriosos. O Capitão com alguns que o seguíram, fizeram aqui tudo o que se podia esperar de seu animo, e esforço, matando, e derribando muitos dos inimigos. Aqui matáram Dom Francisco de Almeida de huma arcabuzada, tendo feito por seu braço cousas muito notaveis. D. João Mascarenhas vendo tudo perdido, andava como leão bravo antre os inimigos, com o rosto cheio de pó, e suor, as armas todas banhadas em sangue, e cortadas por algumas partes, a espada já sem fios de cortar pelas armas dos inimigos; e gritando-lhe hum soldado que se recolhesse, porque tudo se perdia, elle o fez com grande mágoa, e dor de seu coração, levando os seus mui bem ordenados, e o rosto sempre nos inimigos. Os da companhia de Dom Alvaro de Castro, que pelejavam encurralados ao muro, fizeram todos cousas dignas de muito maior escritura, porque alli carregou Rumecan com o seu esquadrão, apertando tanto com elles, que encraváram nas paredes Ruy Freire, Francisco Guilherme, e outros; os mais ajudando-se huns aos outros o melhor que puderam, subíram o muro. Lopo de Sousa ficou a huma parte cercado de hum corpo de Mouros, e el-

elle em meio de todos como leão feroz, ferindo a huma, e a outra parte, até que lhe deram com hum dardo de arremesso pelos peitos, de que cahio morto. Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Duarte, e D. Jorge de Menezes, (que trazia dezesete feridas, que o furor lhe não deixava sentir,) com outros Fidalgos, e Cavalleiros, com o rosto nos inimigos, e as costas na parede, fizeram cousas admiraveis, e não esperadas de tão poucos homens, e tão cançados, ficando todos em barreira ás fréchas dos inimigos, de que todos estavam bem empenados, e todavia tinham diante de si hum monte de mortos.

Rumecan vendo todos os nossos desbaratados, mandou a Mojatecan, que com sinco mil homens fosse demandar a fortaleza, e se mettesse nella, porque os que escapassem da batalha não tivessem onde se acolher, e assim acabassem todos. Mojatecan foi pelo muro adiante até huma porta, que mandou abrir, por onde sahio, e foi demandar o baluarte S. Thomé, cuidando que estivesse sem gente; mas Luiz de Sousa com seus companheiros o começáram a fustigar de bombardadas, e espingardadas, de que lhe matáram muitos. O Capitão foi logo avisado daquelle negocio, e recolheo-se pela banda da praia em muito boa or-

dem,

dem, voltando aos Mouros de quando em quando, fazendo-os affaſtar até terem lugar pera cavalgarem as paredes, e de ſima com a arcabuzaria varejáram o campo, pera todos os mais terem tempo de ſe recolhêrem, como fizéram, e na ponte acháram a gente da companhia de D. Alvaro de Caſtro, que eſtavam favorecendo os que chegavam. Aqui ſoube o Capitão como D. Alvaro de Caſtro era recolhido na fortaleza com a cabeça tão maltratada, que haviam todos que não eſcaparia, o que elle ſentio em eſtremo. E recolhendo-ſe á fortaleza mui anojado, foi ver D. Alvaro de Caſtro, que achou curando-ſe, e ſem falla, encommendando ao Cirurgião tiveſſe muito grande conta com ſua cura, e com a de todos os mais feridos, que foi ver curar.

Ficáram deſta cavalgada mortos dos noſſos trinta, em que entráram os Fidalgos, que já nomeámos, e ſetenta mal feridos, todos Capitães, e Fidalgos, em que entrava Nuno Pereira, que ficou peior que todos. O Capitão quizera morrer de paixão do feito; e ſegundo a couſa eſteve arriſcada, ainda lhe fez Deos mui grande mercê em ſe não perder de todo. No baluarte S. Thomé pelejavam com Mojatecan braviſſimamente, e acudindo os que eſcapáram da batalha, o fizeram recolher

lher com muitos dos ſeus menos, e feridos.

CAPITULO VII.

De como os Mouros ganhâram as peças da artilheria do baluarte S. Thomé: e de como Rumecan mandou fazer huma nova Cidade junto da noſſa fortaleza: e das náos, que eſte anno de quarenta e ſeis partíram do Reino, de que era Capitão mór Lourenço Pires de Tavora: e de como D. Manoel de Lima chegou a Goa: e das novas que deram ao Governador dos ſucceſſos de Dio, e do ſoccorro que mandou.

AO outro dia depois que paſſou o triſte, e deſaventurado ſucceſſo, achando-ſe mal Nuno Pereira, pedio licença ao Capitão pera ir morrer a Goa a ſua caſa, onde era caſado de pouco, e rico, e dando-lha, ſe embarcou no ſeu navio, e ſe fez á véla, eſcrevendo D. João Maſcarenhas ao Governador o ſucceſſo paſſado, pedindo-lhe que ſe apreſſaſſe ao ir ſoccorrer, e de ſua viagem adiante daremos razão.

Rumecan vendo a grande vitoria que alcançou dos Portuguezes, ficou tão ſoberbo, que já lhe não dava da vinda do Governador, e logo mandou proſeguir na obra do baluarte S. Thomé, com tenção de o pôr

pôr no andar da cava, e assim o foram solapando tanto por baixo, que não se podendo já sustentar o pezo do bazalisco, (que ficou em vão,) quebráram os viradores, e cahio em baixo, e com elle hum formoso leão, que sempre alli esteve. Rumecan acudio áquella parte, e os mandou recolher, sem os nossos lhe poderem valer, o que o Capitão sentio muito, e o houve por grande affronta. E vendo o baluarte todo quebrado, mandou fazer pela banda de dentro outro muito forte com degráos pera dentro. Nesta obra pelejáram sempre em todas as estancias, porque a quizeram os Mouros divertir; mas as mulheres com os officiaes foram proseguindo nella, ficando todos os mais de fóra pera a peleja. Desejava Rumecan de mostrar aos nossos o pouco que receava a vinda do Governador; e pera os desenganar que estava alli muito de vagar, fez duas cousas: huma foi atravessar a passagem do rio (que passa da Alfandega á Villa dos Rumes) com pontes sobre barcas fortissimas, e largas, cubertas de terra, e rama, pera passarem as carretas, que traziam os mantimentos até á Cidade. Foi esta obra mui grande, e feita com grandes despezas, por ser (como dissemos) sobre grandes barcas surtas, com muitas, e grossas amarras, e haver naquelle canal sete

bra-

braças de fundo, e correr a agua nelle com grande furia. A outra obra foi começar huma formosa Cidade na parte onde tinha o exercito, com formosos aposentos pera si, e pera os Capitães, e muito grandes, e altas mesquitas, o que se fez com muita pressa; e em quanto esta obra dura, daremos conta das cousas que neste tempo succedêram em Goa.

Os Mouros como he seu costume, (e como já o fizeram no tempo de Antonio da Silveira, quando os Rumes tinham cercado aquella fortaleza,) espalháram por todo o Reino de Cambaya, que tinham tomado a fortaleza de Dio, e assim o escrevêram aos Reys Mouros do Balagate. E como sempre a má nova voa, foi de boca em boca ter á Ilha de Goa, onde se começou a espalhar huma voz surda, que foi ter ás orelhas do Governador, sem saber, nem poder ensecar donde fora, e quem a levára. Isto causou em seu peito huma grande tristeza, posto que a encubria bem, e receava que tivesse acontecido alguma desaventura, porque nem tinha novas do que hia na fortaleza, nem da chegada de seu filho D. Alvaro de Castro; e andando com estas melancolias, surgio huma náo na barra de Goa, de seis, que eram partidas do Reino, de que era Capitão mór Lourenço

Pires de Tavora, e os mais Capitães eram: D. João Lobo, João Rodrigues Paçanha, Fernão Alvares da Cunha, Alvaro Barradas, e D. Manoel de Lima, que era o que surgio na barra a quinze de Setembro. Vinha este Fidalgo provído da fortaleza de Ormuz após D. Manoel da Silveira; e além dos merecimentos que tinha pera lhe darem tudo o que pedisse, teve o seu despacho esta occasião.

Depois que D. Manoel de Lima chegou a Portugal, aggravado de Martim Affonso de Sousa, (como na quinta Decada, no Capitulo VII. do Livro X. temos dito,) deixou-se andar em Lisboa, sem requerer, nem ir ver ElRey a Almeirim, onde estava, e affirmava-se que esperava por Martim Affonso pera o desafiar, o que foi entendido dos grandes. E fazendo-se a Armada de Lourenço Pires de Tavora prestes pera se partir, não faltou quem dissesse a ElRey os desgostos com que D. Manoel de Lima andava; e alguns dizem que o Conde da Castanheira D. Antonio de Taíde, que era primo com irmão de Martim Affonso de Sousa, fallando com ElRey lhe dissera: » Que sem dúvida D. Manoel de » Lima mandaria desafiar Martim Affonso » de Sousa, que o bom sería evitar aquil» lo, pelo desgosto que S. A. disso havia

» de

» de ter; que o melhor meio que havia pe» ra isso, era despachar D. Manoel de Li» ma pera a India, e mandallo naquella » Armada, porque Martim Affonso de Sou» sa vinha já por mar, e não se podiam » encontrar, e que mettendo-se o tempo » neste meio, se curariam estas cousas.» ElRey parecendo-lhe aquillo bem, mandou chamar D. Manoel de Lima, e lhe disse: » Que era seu serviço ir á India por ter » novas de Rumes, e que lhe fazia mercê » da fortaleza de Ormuz, e de huma náo » pera ir nella por Capitão.» D. Manoel de Lima, vendo os termos por onde ElRey levava aquelle negocio, não pode deixar de se embarcar, e teve tal ventura, que foi tomar Goa, indo todas as mais náos por fóra, e com tempos mui ruins tomar Cochim, como adiante diremos. D. Manoel de Lima desembarcou, e foi ao Governador, que o recebeo com muita honra, estimando muito sua vinda pelas muitas partes que este Fidalgo tinha, e muito grande experiencia das cousas da India, e porque tinha nelle hum grande companheiro pera os trabalhos que se lhe offereciam.

Poucos dias depois da chegada de Dom Manoel de Lima, quando o Governador estava em maior agonia, por não ter novas de Dio, entrou pela barra de Goa o na-

vio, que levou D. Alvaro de Caſtro. O homem que vinha nelle, á entrada da barra de Goa ſoube as novas que corriam nella, e ainda que levava as da morte de D. Fernando de Caſtro, embandeirou, e enramou todo o navio, e foi entrando pelo rio de Goa atirando muitas bombardadas pera alegrar a Cidade. A eſte alvoroço acudio toda a gente ao caes a ſaber novas, (que já não podiam deixar de ſer boas, pois vinham tão feſtejadas.) O Capitão do navio em deſembarcando foi levado nos ares a caſa do Governador, que eſtava com o Biſpo Dom João de Albuquerque, e com o Padre Frei Antonio do Caſal, Cuſtodio dos Frades de S. Franciſco, e chegando ao Governador, levantou-ſe elle muito depreſſa, e antes que lhe fallaſſe o homem, lhe perguntou ſe a fortaleza de Dio eſtava por ElRey de Portugal? Ao que o homem lhe reſpondeo: » Sim eſtá, ſenhor, e eſtará em quanto os » Portuguezes forem vivos.»

Ouvindo o Governador iſto, com os olhos arrazados de lagrimas de prazer ſe ajoelhou com as mãos levantadas ao Ceo, dando graças ao Altiſſimo Deos por tamanha mercê, e o meſmo fez o Biſpo, e Cuſtodio. O Governador mandou logo trazer huma riça cabaia de borcado, e a lançou aos hombros do homem, mandando-lhe

que

que foſſe por toda a Cidade dar aquellas tão boas novas, o que elle fez, acompanhado de hum grande tropel de gente. O Biſpo mandou recado ás Igrejas que repicaſſem os ſinos, que todo o dia não ceſsáram. O Governador depois deſte alvoroço leo as cartas, e achou nellas as novas da morte de ſeu filho, fazendo o mundo naquillo ſeu officio, que he não dar hum goſto ſem o aguar logo com huma grande triſteza. Pelo que dizia o Sabio mui bem, que o pezar occupava os eſtremos do prazer. Por iſſo receava Filippo pai de Alexandre, dando-lhe tres boas novas em hum dia, que vieſſem ellas ſem ſeus deſcontos, e levantando os olhos aos Ceos, pedio aos Deoſes, que aquelle grande prazer ſe lhe aguaſſe com algum pequeno pezar.

O Governador tanto que deo com as triſtes novas, que lhe cortáram bem o coração, encubrio-as de feição, que ninguem lhas ſentio. Eſtando aſſim neſte alvoroço, não ſeriam paſſadas duas horas, quando entrou pelo rio o navio de Nuno Pereira, que havia dous dias era falecido, e trazia ſeu corpo, e dando-ſe as cartas ao Governador, por ellas ſoube a grande deſaventura da ſahida do Capitão, e da morte de D. Franciſco de Menezes, e de tantos Fidalgos, e Cavalleiros, couſa que o cortou mui-

muito; mas a morte do filho o trafpaffou, porque tanto que foi noite que fe recolheo, mettido na fua camara, diffe mil mágoas, chorando rios de agua por aquellas venerandas cans abaixo, não dormindo toda a noite, que paffou em vivos fufpiros das faudades do filho.

Aquelle mefmo dia foi enterrado o corpo de Nuno Pereira em S. Francifco, acompanhado do Governador, Bifpo, Cabido, Freguezias, e de todos os Fidalgos, e Cidadãos, fazendo-lhe feu Officio com grande, e funeral pompa. Ficáram a efte Fidalgo tres filhos, hum macho chamado Duarte Pereira, que tambem morreo em Goa, eftando defpofado com huma filha de hum Cidadão rico; e duas filhas, D. Ignez, que cafou com Affonfo Pereira de Lacerda, cujo filho he Manoel de Lacerda, que foi Capitão de Chaul, e ainda vive; e Dona Joanna, que foi cafada com D. João Lobo, irmão do Barão velho, de que houve Dom Diogo Lobo, que hoje vive cafado na Cidade de Goa; e por falecimento de Dom João Lobo, cafou fegunda vez com D. Pedro de Soufa, que foi Capitão de Goa, e agora acabou de fer de Çofala.

Ao outro dia fe fez huma muito folemne Procifsão, em que o Governador foi veftido de efcarlata por encubrir fua trifteza,

za, e por alegrar o povo, que andava asſombrado das ruins novas, que os Mouros eſpalháram. Eſte meſmo dia deſpedio o Governador Vaſco da Cunha, pera que foſſe por todas aquellas coſtas recolher os navios da Armada de D. Alvaro de Caſtro, que eſtavam em differentes portos, e que os levaſſe a Dio, eſcrevendo por elle a D. João Maſcarenhas os agradecimentos dos trabalhos que tinha paſſado, rogando-lhe que por nenhuma occaſião ſahiſſe mais da ſua fortaleza, e que aſsás tinha feito em a defender. E logo apôs Vaſco da Cunha deſpedio o Governador ſeis caravélas carregadas de mantimentos, munições, eſcadas, picões, cudilins, enxadas, ceſtos, padiolas, e de todas as mais couſas deſta qualidade pera effeito do que determinava, e mandou embarcar quatrocentos eſpingardeiros. Deſtas caravélas foi por Capitão mór Luiz de Almeida, e de ſuas viagens adiante daremos razão.

CAPITULO VIII.

De como D. Alvaro de Castro mandou Luiz de Almeida a esperar as náos de Meca: e de como tomou duas: e dos mais damnos, que algumas Armadas, que sahíram de Baçaim, e Chaul, fizeram na enceada de Cambaya.

VEndo D. Manoel de Lima o trabalho, em que a fortaleza de Dio estava, e que ainda se receavam outros maiores, se foi ao Governador, e se lhe offereceo pera ir diante com trezentos soldados á sua custa, porque não era razão, que estando tantos, e tão honrados Fidalgos tão arriscados naquella fortaleza, estivesse elle em Goa fóra daquelles trabalhos, porque elle não queria a vida, e a fazenda, senão pera tudo se despender, e gastar em serviço d'ElRey. O Governador lhe agradeceo muito aquelle offerecimento com palavras mui honradas, dizendo-lhe: » Que bem sabia o grande zelo que sempre tivera do » serviço d'ElRey; mas que a elle lhe não » convinha largallo de si, porque se queria aproveitar de seu conselho, e esforço, » que se fizesse prestes pera ir em sua com» panhia em hum navio ligeiro. » D. Manoel de Lima não pode fazer outra cousa, man-

mandando logo negociar huma fusta, que escolheo pera isso. O Governador foi dando grande pressa a toda a Armada, porque esperava de se partir, tanto que lhe viesse o soccorro de Cochim, e Cananor, que tinha mandado pedir. E em quanto isto tarda, daremos razão de Vasco da Cunha, e de Luiz de Almeida, que deixámos partidos de Goa.

Vasco da Cunha como hia em navio ligeiro, foi mais apressado tomando as bocas dos rios, e enceadas, por onde foi recolhendo alguns navios, que por alli ficáram desapparelhados da companhia de Dom Alvaro de Castro, e os levou comsigo até Baçaim, onde achou D. Jeronymo de Menezes muito anojado pela morte de seu irmão D. Francisco de Menezes, e tinha perto de quinze navios prestes pera ir em pessoa soccorrer a fortaleza de Dio; mas por ter novas que o Bremaluco Senhor de Damão fazia gente pera vir sobre aquellas terras, tanto que elle partisse, sobreesteve na ida. Vasco da Cunha tomou os navios que alli achou, e atravessou logo pera Dio, e no meio do golfo encontrou as caravélas de Luiz de Almeida, e ajuntando-se todos, entráram em Dio com huma formosa Armada toda embandeirada, tocando muitos instrumentos, e dando grandes salvas de artilheria,

ria, o que foi pera huns grandes mostras de contentamento, e alvoroço, e pera outros de maior dor, e tristeza, porque bem entendêram os inimigos o ruim successo, em que aquella sua jornada havia de vir a parar, porque lhes lembrava quanto lhes tinha custado o tempo do inverno, em que os nossos não tiveram soccorro mais que de quatro navios sem gente, e que já entrava o Verão, e começavam a chegar Armadas poderosas, e que se esperava ainda pelo Governador: estas cousas causáram grandes desconfianças em todos.

D. Alvaro de Castro, que tinha poderes em toda a Armada do mar, sendo avisado que em Surrate se esperava por algumas náos de Meca, com conselho do Capitão despedio Luiz de Almeida com tres caravélas, de que a fóra elle eram Capitães. Paio Rodrigues de Araujo, e Pedro Affonso, dando-lhes por regimento que se fossem pôr na barra de Surrate, e que ahi esperassem as náos, que a haviam de ir demandar. Dada á véla, foram surgir, onde levavam por regimento; e passados alguns dias depois de alli estarem, víram vir de mar em fóra duas náos enfunadas, huma mui grande, e formosa, e a outra de menos porte, e levando ancora, puzeram-se as caravélas em armas, e com os traquetes dados

dos as foram demandar, e como ellas vinham com vento em poppa, em vendo as caravélas, foram virando em outro bordo; mas como as caravélas largáram as vélas, e eram muito ligeiras, logo as alcançáram. Luiz de Almeida abalroou a náo grande, em que vinha por Capitão hum Janizaro, parente de Coge Çofar, que trazia muita gente, e mui boa artilheria, e ferrando huma da outra, começáram huma muito aspera batalha, trabalhando huns por entrarem, e outros por se defenderem; mas todavia os nossos entráram a náo dos Mouros, e dentro se começou antre todos outra nova batalha, em que os nossos fizeram tanto, que com morte de muitos Mouros se rendêram os mais, e o Capitão Janizaro acháram ferido de muitas feridas, e Luiz de Almeida o mandou passar á sua caravéla pera ser curado. Paio Rodrigues de Araujo bordou á outra naveta, que tambem rendeo.

Feito isto, deixáram-se ficar mais alguns dias, em que tomáram algumas embarcações de mantimentos. Pedro Affonso rendeo hum tabó, que vinha de Ormuz com muita fazenda. E acabando-se-lhes os dias do provimento, se foram recolhendo com as náos por poppa, e entráram pela barra de Dio com todos os Mouros, que cativáram,

en-

enforcados pelas vergas. D. Alvaro de Castro estimou muito o successo, e mandou cortar as cabeças aos Mouros, e lançallos no rio com a enchente, e antre ellas foi tambem a do Capitão Janizaro, parente de Coge Çofar, que dava por si trinta e dous mil pardaos de ouro, havendo os Capitães que se os acceitassem fariam offensa a tantos, e tão honrados Fidalgos, e Cavalleiros, como naquelle cerco eram mortos. As fazendas das náos foram desembarcadas, e em dinheiro de ouro, e prata, e fazendas se fizeram cincoenta e quatro mil trezentos e oitenta e oito pardaos, (que tantos achámos nas receitas dos Officiaes daquelle tempo sobre quem se carregáram.) Foi isto huma grande ajuda pera as despezas da guerra, de que pagáram logo a todos seus quarteis, e fazendo os Capitães muitas mercês, porque tinham pera tudo poder.

Rumecan houvera de morrer de paixão; tanto que as cabeças foram conhecidas, porque foram dar á praia junto do exercito.

No mesmo tempo sahíram alguns navios de Baçaim, e Chaul, de cujos Capitães não achámos os nomes, que entráram pela enceada de Cambaya pera defenderem os mantimentos, que hiam pera o exercito, e tomáram muitas embarcações carregadas delles, e os Gentios, e Mouros dellas foram

en-

enforcados nas vergas em Palancos, e com estas bandeiras se recolhêram a suas fortalezas.

Rumecan mandou minar a guarita de sobre a porta, em que esteve Antonio Freire, e proseguindo-se na obra, foi sentida dos nossos, a que acudio o Capitão com muita presteza, e lhe mandou fazer por dentro suas contraminas, e repairos, porque se cahia aquella torre, ficava por alli a fortaleza toda descuberta. Os Mouros acabáram a obra da mina a dez dias de Outubro, em que lhe deram fogo, arrebentando com grande furor; mas não fez mais damno que derribar alguma parte da face de fóra, ficando dos soldados, que nella estavam, tres feridos. Com estas cousas andava Rumecan como doudo, vendo quão mal lhe succedia tudo, e mandou com muita pressa abrir no muro da fortaleza (naquella parte, que ficava fronteira á cisterna) dous grandes buracos, em que mandou assestar dous camelos pera a baterem, e derribarem, o que tudo se fez por baixo das ruas, e pontes, sem os nossos lho poderem defender, e aos primeiros tiros mandou o Capitão prover, porque se lhe arrombavam a cisterna, perder-se-hiam todos. E ordenou com muita pressa huma parede muito grossa na fronteria da cisterna, que se fez de

duas

duas faces entulhada, e ficava fervindo de beftião, e em fima mandou plantar dous camelos de marca maior contra os dos inimigos, e dos primeiros tiros lhos fez recolher.

Rumecan pafmava da brevidade com que os noffos repairavam tudo, e já fe não fabia determinar, e todavia determinou de cançar os noffos, mandando logo fazer outra mina no baluarte Sant-Iago, que logo foi fentida, e atalhada, como as dantes: e hum pouco affaftado do baluarte S. Thomé, mandou o Capitão fazer huma groffa parede, que foi correndo até o de Sant-Iago, porque fe arrebentaffe não ficaffem defcubertos, não deixando aquellas honradas mulheres de exercitar feu officio, (pofto que já na fortaleza havia gente baftante pera o trabalho; mas quizeram ellas até o cabo do cerco ter tambem quinhão em todos os trabalhos delle.) Acabada a mina, deram-lhe os Mouros fogo ao primeiro de Novembro, e como tinha contraminas, vafou-fe a força por ellas, e todavia arrebentou hum pedaço de parede pera fóra.

CA-

CAPITULO IX.

De como o Governador D. João de Castro partio pera Dio, e de Baçaim despedio D. Manoel de Lima pera a enceada de Cambaya, e da guerra que por ella fez: e de como as náos, que partíram do Reino no anno de 1546., de que era Capitão mór Lourenço Pires de Tavora, chegáram a Cochim, e Lourenço Pires de Tavora se partio pera Dio de soccorro.

TInha o Governador assentado em conselho soccorrer Dio em pessoa com todo o poder, e resto da India, pera o que se fazia prestes com mui grande pressa, esperando pera se partir pelo soccorro de Nayres, que tinha mandado pedir aos Reys de Cananor, e Cochim. E pera isto tinha mandado dar embarcações, ordem, e dinheiro, se fosse necessario, e tinha mandado recolher todos os mantimentos que pudessem de toda a costa do Canará; e em quanto estas cousas tardavam, negociou a Armada, e mandou fazer gente da terra pelas Ilhas vizinhas á de Goa, donde se ajuntáram mil e duzentos piães, de que deo a Capitanía a Vasco Fernandes, Tanadar mór da Ilha de Goa, dando a cada cento seus Naiques pera os regerem, e mandou fazer alar-

alardo de todos os Portuguezes que havia em Goa, que o podiam acompanhar, e achou perto de dous mil, que mandou exercitar aos Domingos, e dias Santos no campo de S. Lazaro, onde mandou fazer a fortaleza de Dio de madeira, e a parede, e estancias dos inimigos, assim, e da maneira que estavam, (porque lhas tinha D. João Mascarenhas mandado mui bem pintadas.) e com muitas escadas que repartia pelos Capitães, e elle em pessoa armado, como se houvesse de entrar em batalha de verdade, com as bandeiras repartidas, e gente posta em ordem, commettiam as paredes dos inimigos, encostando-lhes suas escadas, ensaiando-se assim do modo que as haviam de arvorar, encostar, e subir, no que andavam muito bem exercitados.

E sendo quinze de Outubro, começáram a chegar os soccorros de Cananor, e Cochim, de muitos navios, e gente, e Coge Cemaçadim mandou ao Governador huma formosa náo carregada de mantimentos, arroz, legumes, manteiga, carnes, pescados, e lhe escreveo huma muito honrada carta, em que lhe offerecia todo o dinheiro que houvesse mister pera a jornada. E porque ainda vinham atrás mais navios, quiz o Governador illos esperar a Baçaim, e em dezesete de Outubro se fez á véla,

en-

entregando primeiro o governo ao Bispo D. João de Alboquerque, e ao Capitão Dom Diogo de Almeida Freire.

A Armada que o Governador levava, eram doze galeões, de que, a fóra elle (que hia em S. Diniz) eram Capitães Garcia de Sá, Jorge Cabral, D. Manoel da Silveira, Manoel de Sousa de Sepulveda, Jorge de Sousa, João Falcão, D. João Manoel Labastro, Luiz Alvares de Sousa, e outros, a que não achámos os nomes. Levava mais de sessenta navios de remo, cujos Capitães eram, D. Manoel de Lima, D. Antonio de Noronha, Miguel da Cunha, D. Diogo de Soto-Maior, o Secretario Antonio Carneiro, com quem hia seu filho Vicente Carneiro, Alvaro Peres de Andrade, D. Manoel Deça, Jorge da Silva, Luiz Figueira, Jeronymo de Sousa, Nuno Fernandes Pegado o Ramalho, Lourenço Ribeiro, Antonio Lemẽ, Alvaro Serrão, Cosmo Fernandes, Manoel Lobo, hum catureiro, chamado o Rey de Zamzibar, Francisco de Azevedo, Pero de Taíde Inferno, Francisco da Cunha, Antonio de Sá o Rume, Cosmo de Paiva, Vasco Fernandes, Tanador mór de Goa, que levava á sua conta doze, ou quinze navios, fustas, cotias, e taurins, em que hiam os Canarins de Goa, e outros navios de Cananor, e Cochim; e dada á véla em seis

dias, foi surgir na barra de Baçaim da banda de fóra, onde D. Jeronymo de Menezes seu cunhado o foi visitar, e lhe deo as novas que havia de Dio, depois da chegada de D. Alvaro de Castro. O Governador porque esperava por mais Armada, que em Goa se ficava negociando, não quiz passar sem ajuntar todo o poder. E por não estar ocioso, quiz nestes dias, que havia de se deter, fazer guerra a Cambaya; pera o que despedio D. Manoel de Lima com seis navios ligeiros, com regimento, que fosse por dentro da enceada ás prezas dos navios, que levavam mantimentos pera o exercito. E assim despedio alguns navios pera se irem pôr na ponta de Dio a esperar as náos Portuguezas, que haviam de vir de Ormuz, pera que as fizessem arribar a Baçaim pera o acompanharem, pera mór terror, e espanto dos Mouros, como fez, porque fizeram voltar tres, ou quatro, que hiam já na volta de Goa.

D. Manoel de Lima tanto que deo á véla, foi correndo a costa de Damão até Gandar, e por vezes tomou trinta cotias de mantimentos, mandando espedaçar toda a gente que nella achou, tirando sessenta Mouros escolhidos, que mandou metter nos navios, e os pedaços dos corpos mortos mandou metter em algumas das cotias as mais pe-

que-

quenas, que se leváram á toa até ás bocas dos rios, onde as largáram com a enchente da maré, que as levou até ás povoações, onde foi visto aquelle terrivel, e medonho espectaculo, que encheo a todos de temor, e espanto, dizendo mal aos que foram occasião daquella guerra. D. Manoel de Lima, como passáram os dias limitados, tornou-se pera o Governador, aonde chegou com os navios embandeirados com os corpos dos sessenta Mouros, que para isso mandou guardar.

O Governador vendo o bom successo, logo o tornou a mandar com trinta navios ligeiros, pera que tornasse pela mesma enceada, e fizesse por ella toda a guerra que pudesse, não perdoando a lugar maritimo algum, e que o fosse esperar á Ilha dos Mortos. D. Manoel de Lima se fez á véla com os navios, cujos Capitães eram, Dom Manoel Deça, Alvaro Peres de Andrade, Jorge da Silva, Luiz Figueira, Jeronymo de Sousa, hum sobrinho de Francisco Siqueira o Malavar, Nuno Fernandes Pegado o Ramalho, Lourenço Ribeiro, Antonio Leme, Alvaro Serrão, Cosmo Fernandes, o Rey de Zamzibar, e outros. Com D. Manoel de Lima, e outros Capitães foram embarcados todos os Fidalgos Reynois (que assim chamam na India aos que aquel-

le anno vem do Reyno,) D. Fernando, Dom Antonio, D. Duarte, todos Limas, parentes do Capitão mór; D. Jeronymo, D. Antonio, D. Gemes, todos da geração dos Deças, Bernabé de Sá, Mathias de Souſa, Miguel Carneiro, filho de Pero de Alcaçova Carneiro, que então era Secretario de El-Rey D. João, e depois foi Conde das Idanhas, e outros. E em quanto eſta Armada vai ſeguindo ſua derrota, daremos razão das náos do Reyno que faltam.

Depois de paſſarem o Cabo de Boa Eſperança, tendo grandes contraſtes, e gaſtando-ſe-lhes o tempo, tomáram a derrota por fóra da Ilha de S. Lourenço, e com muitos riſcos, e trabalhos foram tomar Cochim aos vinte dias de Outubro. E ſabendo Lourenço Pires de Tavora, Capitão mór das náos do cerco de Dio, e de como o Governador ficava em Goa preſtes pera lhe ir ſoccorrer, achando ainda alguns navios que a Cidade negoceava pera lhe mandar, fretou huma formoſa galeota, e ſe embarcou nella com quarenta Fidalgos, e Cavalleiros da ſua Armada; e tomando todos os navios comſigo, deo á véla pera Goa mui apreſſado, e ſem ſe deterem couſa alguma, foram ſeguindo ſua jornada.

D. Antonio de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, que com el-

le

le vinha deſpachado com a fortaleza de Malaca, negociou huma caravela; e ajuntando ſeſſenta ſoldados, ſe embarcou logo pera Dio; e chegando todos á barra de Goa, acháram já o Governador partido, e ſem ſe deterem paſſáram adiante. Lourenço Pires de Tavora, que hia em navio ligeiro, chegando a Dabul, ſoube eſtar alli o Governador; e ſem lhe querer fallar, paſſou adiante, e foi atraveſſar a Baçaim, e em dous dias foi haver viſta da fortaleza de Dio cercada; e entrando pela barra dentro, foi ſurgir no caes. As vigias, que já tinham perguntado quem eram, deram recado ao Capitão, que acudio com D. Alvaro de Caſtro, e todos os Fidalgos, e Capitães; e mandando abrir a porta, o recebêram, e a todos com grandes alvoroços; ~~e recolhendo-ſe~~ na fortaleza, tomou o Capitão a Lourenço Pires de Tavora por ſeu hoſpede, e os outros Fidalgos foram repartidos pelas eſtancias. De todas eſtas couſas eram os inimigos logo aviſados, e todos os ſoccorros que entravam de novo, o meſmo dia davam aſſaltos, por moſtrarem quão pouco temiam todos; e aſſim o deram eſte, em que os hoſpedes provâram a mão em damno dos inimigos. E deixallos-hemos agora hum pouco por tornarmos a D. Manoel de Lima.

Que pârtido de Baçaim, foi tomar o rio Surrate de noite, e de madrugada entrou

por

por elle com a maré, e foi desembarcar em huma mui formosa povoação, que se chama dos Abexins, huma legua pelo rio assima da banda do Levante; e commettendo-a com grande determinação, acháram nella mui grande resistencia, porque foram sentidos, e os moradores estavam já postos em armas; e todavia depois de grande referta foi entrada com morte de muitos Mouros, mettendo-a toda a ferro, e a fogo, matando toda a cousa viva que acháram pera maior terror, e espanto; e depois deram fogo ás casas, em que ardêram muitos celleiros de trigo, milho, grãos, e outros legumes; e o mesmo fizeram a algumas náos, que estavam no porto, cujas labaredas foram vistas da fortaleza de Surrate, que era de Rumecan, e onde tinha sua mulher, e filhos, que causou em todos hum grande temor; e antre as pessoas que os nossos cativáram, (que foram mais de duzentos,) não deram vida mais que a hum Mouro, a quem cortáram as mãos pera ir dar fé do que víra.

Acabado este feito, sahio-se a Armada pera fóra, e foi tomar a Cidade de Ansote, formosa, e estendida em hum campo raso, de grandes, e custosos edificios. Aqui desembarcáram os nossos, dando o Capitão mór a dianteira a Alvaro Serrão; e commettendo a Cidade em muito boa ordem, a en-

trá-

tráram logo, levando os inimigos diante de ſi em hum tropel, (que foram os que ſahíram fóra a eſperar os noſſos.) Dentro na Cidade, poſto que houve grande baralha, todavia os inimigos a deſampararam, e a deixáram aos noſſos, que nella fizeram a meſma crueza, que na dos Abexins, eſpedaçando muitas, e mui formoſas Baneanas, e Bramanas, (porque as havia alli mui bellas, e alvas.) E aſſim nellas, como em toda a mais couſa viva que acháram, fizeram tamanhas, e tão deshumanas cruezas, que excedêram a natureza Portugueza; porque aſſim como ella eſtremou aos ſeus em valor, e esforço a muitos, aſſim o fez a todos em piedade, e pouca crueza. Dalli ſe paſſou a Armada a outros lugares vizinhos, que paſſáram a meſma deſaventura que os paſſados. E aſſim correo D. Manoel de Lima toda aquella enceada, por onde fez taes couſas, que cauſou, e poz eſpanto até na Corte de Amadabá; e o que ſe mais ſentio foi, a queima que ſe fez de todos os mantimentos que tinham recolhidos, pelo que começou o Reyno todo a padecer mui grande falta delles.

O Governador D. João de Caſtro, tanto que deſpedio D. Manoel de Lima, deo preſſa a muitas couſas, e recolheo a Armada que hia chegando pouco e pouco. E porque os de Dio ſe animaſſem, deſpedio o

ca-

caturreiro, chamado Antonio Rodrigues, com cartas ao Capitão, e a seu filho, em que lhes fazia a saber de sua chegada, certificando-lhes que logo sería com elles. Este homem em quatro dias foi, e tornou com a resposta; e assim em quanto se alli deteve, cada dous dias tinha recado de Dio, porque trazia naquelle caminho tres catures ordinarios. O Governador depois de recolher de todo a Armada, deo á véla, e foi tomar a Ilha dos Mortos, onde se deteve dous dias, em que D. Manoel de Lima chegou com toda sua Armada vitoriosa, e cheia de prezas. O Governador o recebeo com muitas honras, e ao outro dia, que foram seis de Novembro, se fez á véla pera Dio.

CAPITULO X.

De como o Governador D. João de Castro chegou á fortaleza de Dio: e do conselho que tomou sobre a desembarcação: e de como se ordenou pera dar batalha aos inimigos.

O Mesmo dia que o Governador partio da Ilha dos Mortos, já sobre a tarde, chegou á vista daquella tão destroçada, e desbaratada fortaleza, o que foi pera todos causa de muito grande alvoroço. E tanto qu[e] della começáram a enxergar aquella form[a] su-

ſura dos galeões, e náos, que pareciam montanhas que hiam á véla, e aquella multidão de fuſtalhas, todas embandeiradas com formoſos toldos, eſtandartes, e galhardetes, que enchiam todo o mar, mandou logo o Capitão embandeirar os baluartes todos, e deſparar toda a artilheria pera moſtrar o alvoroço com que os eſperavam. Lourenço Pires de Tavora ſe embarcou logo na ſua galeota, e foi buſcar o Governador, que vinha já em outra, a que ſe tinha paſſado, toda toldada de borcado rico; e chegando a ella, depois de a ſalvar, ſaltou dentro. O Governador foi aviſado logo de como era Lourenço Pires de Tavora, e acudio depreſſa a bordo ao levar nos braços, tendo com elle muitas palavras de muitos primores, e cortezia; e recolhidos ao toldo, ſoube delle todas as novas do Reyno, e de ſua viagem; e por ſer já tarde, mandou o Governador ſurgir a Armada na ponta da outra banda da terra firme, aonde foi ter com elle D. João Maſcarenhas, que o Governador recebeo com muitas honras; e logo mandou chamar Garcia de Sá, Jorge Cabral, Manoel de Souſa de Sepulveda, e outros Fidalgos, e Capitães velhos, e com todos praticou ſobre o modo que teria na ſahida contra os inimigos, porque elle não vinha pera eſtar cercado, ſenão pera deſcercar a fortaleza de

de ElRey. Depois de debatidas de parte a parte muitas couſas, aſſentáram » que o Go- » vernador com toda a gente deſembarcaſſe » de noite, e ſe recolheſſe na fortaleza, ſem » os inimigos o ſaberem, ficando toda a Ar- » mada fóra; e que o dia que ſe houveſſem » de commetter os inimigos, entraſſe toda a » Armada pela barra dentro ao ſinal de tres » foguetes, que deitariam da fortaleza; e » que na repreſentação moſtraſſe que vinha » nella o Governador com toda a gente; e » que pera iſſo metteſſem pelas perchas das » fuſtas muitas lanças arvoradas, e que as » fuſtas paſſaſſem pela fortaleza, como que » queriam ir deſembarcar na Alfandega, aon- » de forçado os Mouros haviam de acudir; » e que o Governador então ſahiſſe da for- » leza com todo o poder pera ganhar as pa- » redes, e eſtancias mais facilmente, e com » menos riſco. »

Aſſentado iſto, tornou-ſe o Capitão pera a fortaleza, tendo em ſegredo o que eſtava aſſentado. Toda aquella noite gaſtou em mandar fazer muita ſomma de eſcadas de corda pera recolher na fortaleza toda a gente em ſegredo. O Governador ao outro dia foi ſurgir com toda a Armada na bahia, e pouſo das náos, da banda de fóra, ſalvando a fortaleza, e a Cidade com a mais ſoberba ſalva de artilheria, que já mais ſe

vio, porque durou muitas horas. Rumecan tambem lhe reſpondeo com outra, pera lhe moſtrar o pouco que o receava. O Governador mandou Luiz de Almeida, Antonio Leme, Franciſco Fernandes Moricale em tres caravelas, que foſſem ſurgir defronte das eſtancias dos inimigos, e lhas bateſſem de dia, e de noite; e mandou recado ao Capitão do baluarte do mar, que os ajudaſſe de lá. Eſtas caravelas foram ſurgir onde o Governador mandou, fazendo grandes arrombadas pera defensão da artilheria dos inimigos, e começáram a dar ſua bateria com grande terror, mas tambem das eſtancias os varejáram bem.

Durou iſto tres dias, e tres noites, em que toda a gente da Armada ſe metteo na fortaleza por eſcadas de corda, e o Governador com todos os Capitães, e Fidalgos velhos pela couraça no mór ſilencio que pode ſer. No exercito tanto que víram o grande poder do Governador, que julgavam pelas vaſilhas da Armada, que cubriam o mar, começou a haver antre todos varios pareceres; porque bem ſabiam elles que o Governador os havia de ir buſcar, e que não era bem que ſe eſperaſſe tamanho poder. Rumecan andou por todo o ſeu exercito curando aquellas deſconfianças, e provendo nas couſas que lhe parecêram ſer neceſ-

ceſſarias, mandando pôr ſobre as paredes muitos barrís de alcatrão, grande quantidade de pedras, e galgas pera ſe lançarem ſobre os noſſos ao commetter dellas; e deixou alli quinze mil ſoldados pera ſua defensão, em que entravam todos os Rumes, Turcos, e mais eſtrangeiros, por ſerem homens de mais confiança. E receando-ſe que o commetteſſem pelo baluarte de Diogo Lopes de Siqueira, (que ficava da banda do mar, aonde a ponta do muro hia fenecer, por haver alli huma calheta, em que podiam pojar navios de remo,) o mandou renovar, e guarnecer de algumas bombardas groſſas, e poz nelle ſetecentos homens de guarnição. E na ponte que atraveſſava o rio des da Alfandega até á Villa dos Rumes, mandou pôr outras bombardas, e outros ſeiscentos ſoldados, temendo-ſe que as fuſtas foſſem alli lançar gente; e aſſim ſe deixou eſtar tão confiado, como quem eſtava em ſua caſa, e que tinha a vitoria por certa.

O Governador tanto que ſe vio na fortaleza, chamou todos os Fidalgos velhos, e Capitães da Armada a conſelho, e lhes diſſe » que elle determinava de commetter as » eſtancias dos inimigos; e porque elle não » queria fazer couſa alguma ſem o parecer » de todos, lhes pedia que livremente lho » diſſeſſem; » e começando a votas, huns fo-

ram de parecer que se commettessem os inimigos, e outros que não, dizendo » que » não era bem arriscasse a India em huma só » batalha com tão desigual partido como ti- » nham; porque acontecendo hum desastre, » se perderia tudo. E que posto que alcan- » çassem a vitoria, havia ElRey de estranhar » muito ao Governador, e a todos que alli » estavam, consentirem pôr-se o Estado to- » do em hum tombo de dado (como lá di- » zem.) » Sobre isto se baralhou todo o conselho, com grandes gritos, porfias, e altercações.

O Governador se alevantou, e mandou que se calassem; e disse a Garcia de Sá, (que ainda estava por votar,) que dissesse seu parecer, o que elle logo fez, alevantando-se em pé, com aquella sua veneranda, e longa barba, que lhe dava pelos peitos, com aquella sua authoridade, e gravidade, a que todos tinham mui grande respeito, pedindo que o ouvissem, porque ainda se não quietavam. E suspendendo-se hum pouco aquelle reboliço, fallando o bom velho com o Governador, lhe disse estas palavras:

» Eu, Senhor, nunca serei de parecer » que deixeis de dar batalha aos inimigos, » por duas razões: huma, porque vendo os » inimigos que os receais, vos virám com- » metter dentro nesta fortaleza; a outra, por- » que

» que não convem á reputação do Estado,
» que o Governador da India esteja como
» encurralado, porque pera isso muito me-
» lhor fora ficardes Senhor em Goa, e man-
» dar todo este poder, que ainda que não
» fizera mais que segurar, e defender a for-
» taleza, não daria ousadia aos inimigos (co-
» mo teram) se vos virem cercado. Estes
» Mouros estam agora medrosos, e acovar-
» dados, porque tem os olhos cheios da
» grandeza daquella Armada, em que não
» devem de cuidar, que em tantas, e tão
» grandes vasilhas não haja mais que tres
» mil homens, mas julgam o poder pelo ap-
» parato della, e ao menos devem de espe-
» rar sete, ou oito mil. E como hão de es-
» tar com esta imaginação, tantos lhes hão
» de parecer os tres mil com que lhe haveis
» de dar a batalha; e em vos vendo sahir
» desta fortaleza, vos hão de temer, e arre-
» cear, e pelejar com temor, e desconfian-
» ça. Por isso, Senhor, vede o que fazeis,
» porque no commetter está não só o credito,
» e opinião do Estado, mas ainda a vitoria.
» E pois temos Deos, que nos ha de ajudar,
» e favorecer, não temos que arrecear, que
» se a eu pudera segurar com o penhor da
» pessoa, e da vida, por certo que o fizera.»

Tiveram tanta força estas palavras, que suspendêram a todos tanto, que bradáram
por

por batalha. O Governador foi muito grande o ſeu alvoroço, pedindo a todos que ſe fizeſſem preſtes pera o outro dia, e aquelle gaſtou todo em ordenar ſua gente, por eſta maneira.

A dianteira encommendou a D. João Maſcarenhas com quinhentos homens, pera quem ſe paſſáram os Capitães, e Fidalgos ſeguintes: Antonio Moniz Barreto, Dom João Manoel, João Falcão, Garcia Rodrigues de Tavora, Antonio da Cunha, Dom Manoel da Silveira, Franciſco de Azevedo Coutinho, Jorge de Souſa, e outros; e aſſim lhe deo o Governador Vaſco Fernandes, Capitão mór dos Canarins, com ſeiscentos eſcolhidos, e quinhentos Nayres de ElRey de Cochim.

A ſeu filho D. Alvaro de Caſtro ordenou outra companhia de outros quinhentos homens, em que entravam todos os Fidalgos, e Capitães da ſua Armada.

A D. Manoel de Lima deo outra tanta gente, com os mais dos Capitães, e Fidalgos, que com elle ſe achâram na enceada de Cambaya.

O Governador ficou com o reſto da gente, que ſeriam quaſi mil homens, a fóra Canarins, e Malavares, deixando pera o acompanharem Lourenço Pires de Tavora, Garcia de Sá, Jorge Cabral, e Manoel de Sou-

ſa

ſa de Sepulveda, ordenando ficar o Alcaide mór na fortaleza com trezentos ſoldados. Todo aquelle dia paſſáram em ſe prepararem, e em ſe confeſſarem todos, a que ſupprio o Cuſtodio de S. Franciſco com ſeus companheiros, que aqui exercitáram bem o officio de verdadeiros, e caritativos Religioſos.

Tanto que amanheceo, ſe armou hum formoſo Altar no meio do terreiro da fortaleza, em que o Cuſtodio diſſe Miſſa, e deo o Divino Sacramento da Euchariſtia a todos com muito grande veneração, e devoção, ſendo o Governador, Capitães, e Fidalgos velhos os primeiros. Acabado eſte ſolemne auto, (que foi de muito grande alegria, e conſolação pera todos,) alevantou-ſe o Governador no meio de toda aquella multidão de ſoldados, e alçando a voz, lhes fez eſta breve prática.

» Muito valoroſos, e esforçados Fidal-
» gos, e Cavalleiros de Chriſto, ſe a ale-
» gria, e deſejo de vos ver ás mãos com os
» inimigos, que em todos vejo, cuidaſſe que
» vos procedia de temeridade, confeſſo-vos
» que eſtivera menos confiado do que eſtou;
» mas como ſei mui certo que vos naſce
» da lembrança de quem ſois, e da vonta-
» de que tendes de imitar no valor, e esfor-
» ço áquelles antigos Portuguezes noſſos an-
» te-

» tepaſſados, não ha couſa que me faça re-
» cear couſa alguma; porque aquelles não ſó
» ſe tiveram por ſatisfeitos de vencerem gran-
» des exercitos em Africa, com pouca, e
» mal provída gente, mas ainda aos Roma-
» nos, que nunca foram vencidos de outrem.
» Lembro-vos as grandes vitorias que no cer-
» co paſſado ha bem poucos annos aqui al-
» cançámos, de outros inimigos mais esfor-
» çados, e poderoſos que eſtes, (que com
» o favor Divino havemos de vencer muito
» de preſſa.) Lembro-vos tambem, que a ba-
» talha que havemos de ter, ha de ſer aſ-
» pera, cruel, e arriſcada; e tanto, que ou
» elles, ou nós havemos de acabar naquelle
» campo. E quando iſto for (o que Deos não
» permitta) não devem elles de ficar pera ſe
» gloriarem da vitoria, porque todos have-
» mos de trabalhar por vingar a morte do
» companheiro, que apar delle cahir; mas
» tambem vos affirmo, que a mais deſta gen-
» te anda forçada, e hão de trabalhar todos
» de ſalvar as vidas pelas poucas eſperan-
» ças de honra, e de proveito que diſſo eſ-
» peram haver; porque as duas couſas que
» mais fazem arriſcar a vida aos amigos de
» honra, são a honra, e fama neſta vida,
» e galardão perpetuo na outra. De nada diſ-
» ſo podem eſtes ter eſperanças, porque as
» honras do ſeu Rey são tratallos como eſ-

» cravos, a fama com elles se acaba, só no
» inferno vão gozar do galardão de suas
» obras em penas perpétuas. Nós não assim,
» que os que daqui escaparmos, temos por
» muito certas as honras, e mercês do nos-
» so Rey, que nos ama como pai; e os que
» morrerem, ficarám vivendo no Mundo em
» fama, e suas almas iram gozar de huma
» bemaventurança, que não tem fim. Por is-
» so, Senhores Fidalgos, e Cavalleiros de
» Christo, pelejemos confiados, como quem
» peleja diante de seu Deos, e do seu Rey,
» defendendo suas honras, como verdadei-
» ros Christãos, e filhos. Aqui tendes a figu-
» ra daquelle Christo Jesus Senhor, e Salva-
» dor nosso, (a este tempo arvorou o Cus-
todio hum devoto Crucifixo sobre huma has-
tia no ar, pera que de todos fosse visto,)
» este he o que vos ha de ajudar, e favo-
» recer; e debaixo de tão piedosa, precio-
» sa, e poderosa bandeira pelejai seguros,
» e desbarataremos diante delle todos estes
» inimigos de sua santa Fé, e Nome. »

Toda aquella multidão, e concurso que estava suspenso, e calado, ouvindo dependurado da boca do Governador, ouvindo-lhe com grande attenção o que lhes dizia, em vendo arvorar aquella sacratissima figura de nossa Redempção, se prostráram todos logo por terra, e com os olhos arra-
za-

zados de lagrimas, adoráram aquella Divina Imagem, pedindo-lhe miſericordia, favor, e ajuda, e bradando por batalha. O Governador lhes diſſe, que ſe fizeſſem preſtes pera o outro dia, repartindo aquelle as eſcadas pelos Fidalgos, e Capitães de mais recado, promettendo ao primeiro que ſubiſſe as paredes, ſe foſſe Fidalgo, huma viagem de Bengala, (que então era das mais importantes da India, por ſe fazer com navio de ElRey, e levar reſgate ſeu); e ſe foſſe Cavalleiro, ou ſoldado, duzentos cruzados em dinheiro. Eſte dia á tarde entráram na Ilha de Dio dous Capitães, Accedecan, e Alucan com ſinco mil homens, que ElRey deſpedio de Amadabá, tanto que teve recado que o Governador ficava em Baçaim.

DECADA SEXTA.

LIVRO IV.

Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

De como o Governador D. João de Caſtro ſahio da fortaleza, e commetteo as eſtancias dos inimigos: e do muito primoroſo, e honroſo deſafio que tiveram Dom João Manoel, e João Falcão: e de como os noſſos ganhdram as eſtancias: e dos grandes, e eſpantoſos caſos que acontecêram a alguns Portuguezes.

AOs onze dias do mez de Novembro, em que a Igreja Catholica celebra a feſta de S. Martinho, Biſpo, e Confeſſor, em rompendo a manhã, mandou o Governador fazer ſinal á Armada com os tres foguetes, e elle ſe poz no terreiro da fortaleza com a bandeira de Chriſto, ar-

mado, pondo em ordem as cousas necessarias; e mandou ao Alcaide mór que se tirassem as portas fóra de seus antigos couces, e que ficasse a fortaleza aberta. E querendo já sahir por ellas, chegou o Padre Custodio, acompanhado dos Frades que comsigo levava, e hum Crucifixo arvorado em huma lança, e posto em meio de todos, resou em voz alta o Evangelho de S. João; e acabado, fez huma Absolvição geral a todos, concedendo-lhes remissão de todos seus peccados, por virtude dos Breves Apostolicos, que os Summos Pontifices tinham concedido a ElRey D. Manoel de gloriosa memoria, pera todos os que morressem na guerra. Com isto ficáram todos tão animados, e esforçados, que lhes ferviam os corações nos peitos.

Aqui acontecêo hum caso espantoso de honra a tres soldados Reinois, que tinham vindo em companhia de Ruy Lourenço de Tavora, naturaes do Torrão, patria de Antonio Moniz Barreto, que eram parentes huns dos outros, que não he bem calar-se. Estes soldados desejosos de ganharem fama, e honra, tanto que as bandeiras se começáram a pôr em ordem, foram demandar Antonio Moniz Barreto, que estava na dianteira com huma escada que lhe tinham encommendada; e chegando a elle, lhe deram hu-

huma carta de sua mãi, em que lhos encommendava muito, pedindo-lhe os favorecesse, e agazalhasse, porque eram naturaes daquella Villa, e filhos de homens honrados. Antonio Moniz Barreto leo a carta, que o alegrou muito naquelle tempo, por ser de sua mãi, e disse aos soldados, » que » a guardassem, que se elle escapasse da ba» talha, lha déssem, porque faria tudo o que » nelle fosse, assim por sua mãi lho encom» mendar, como pelo elles merecerem. » A isto tomou hum delles a mão, e disse, » que » as mercês, e honras que delle queriam eram » alli, que depois não haviam mister cousa » alguma; e se por aquella carta lhes havia » de fazer pelo tempo muitas, só huma na» quelle queriam delle, e era, lhes entre» gasse aquella escada, pera elles a arvora» rem aonde lhes elle mandasse. » Antonio Moniz Barreto vendo a opinião, e brio dos soldados, lhe entregou a escada, dizendo» lhes: » Vede-la ahi, e nella vos entrego to» da minha honra; eu a hei por muito bem » arriscada nas mãos de soldados de tão hon» rosos pensamentos. »

A Armada tanto que vio o sinal que lhe fizeram da fortaleza, estando já prestes, e negociada, porque Nicoláo Gonçalves (a quem aquelle negocio estava encommendado) tinha arvorado muitas lanças por to-

dos

dos os navios, que eſtavam formoſamente embandeirados, e tinha cortados muitos murrões em pedaços, e accezos, os repartio pelos moços, e marinheiros, pera que os inimigos cuidaſſem que eram eſpingardas. E arrancando do poſto em que eſtava com ſeſſenta navios de remo, tocando muitos tambores, pifaros, e outros muitos inſtrumentos, com tamanhos gritos, e alaridos de moços, e marinheiros, que punha medo. E como iſto era de madrugada, fazia parecer aquella couſa mais medonha. Aſſim foram entrando pelo rio dentro, indo diante a galeota do Governador, com ſeu toldo de brocado, e bandeira de Chriſto por quadra, pera que cuidaſſem os Mouros que hia elle alli; e voga arrancada, foram paſſando pelas eſtancias dos Mouros com aquellas carrancas, como que queriam deſembarcar na ponte da Alfandega.

Rumecan parecendo-lhe que vinha alli o Governador, deixando as eſtancias encommendadas a Juzarcan com oito mil homens, acudio áquella parte acompanhado de Mojafecan, Alucan, e Accedecan com todo o mais poder. A Armada levava toda a artilheria cevada; e tanto que emparelhou com as eſtancias, foi-lhes dando huma formoſa ſalva, de que matou alguns Mouros. O Governador que já eſtava preſtes, tanto que a

Ar-

Armada paſſou pelas eſtancias, ſahio da fortaleza tocando ſuas trombetas, e outros muitos generos de inſtrumentos bellicos. Dom João Maſcarenhas, Capitão della, que levava a dianteira, foi cingindo a cava pera ir commetter pelo cabo do muro, naquella parte em que eſtava o baluarte de Diogo Lopes de Siqueira.

Aqui aconteceo hum caſo milagroſo, e foi, que eſtavam aſſeſtadas algumas peças de artilheria pera a ponte, por onde os noſſos haviam de ſahir aos inimigos; e antre ellas entrava aquella grande, medonha, e temeroſa, que hoje eſtá na fortaleza de São Gião na barra de Lisboa, que eſtava carregada de jellalas, que he huma moeda de cobre groſſa, e redonda, que tem valia de tres reis. Os Mouros tanto que os noſſos ſahíram da fortaleza, vendo a ponte entulhada delles, puzeram fogo ás bombardas por quatro vezes, ſem de alguma dellas tomar; e ſem dúvida que ſe Deos aſſim o não permittíra, daquelle ſó tiro fora o Governador desbaratado. E porque não paſſemos por outro milagre, de que os Mouros foram teſtemunhas, elles meſmos affirmáram, que em quanto a batalha durou, víram ſobre as ruinas da Igreja huma mulher tão formoſa, e reſplandecente, que com os ſeus raios os cegava a todos; e iſto particularmen-

mente teſtemunháram os que ficáram cativos na batalha.

E tornando aos da dianteira, tanto que ſubíram a cava á outra banda, remettêram com o muro, em que começáram a arvorar ſuas eſcadas. Os inimigos como eſtavam álerta, deſparáram nelles ſua artilheria; e quiz a fortuna que hum pelouro acertaſſe na eſcada de Antonio Moniz Barreto, que levavam os ſoldados da Villa do Torrão; e fazendo-a em pedaços, aſſim ella, como as rachas della matáram os tres ſoldados logo, atalhando-ſe-lhes em frol ſeus tão honrados penſamentos.

Aqui ſuccedeo outro caſo mui digno de memoria, e foi, que eſtando em Goa deſafiados D. João Manoel com João Falcão, por certas paixões que tiveram, andando o Governador pera ſe embarcar, e vendo que em tempo de tão grande neceſſidade era razão que ſe poupaſſem pera ſoccorrerem a fortaleza de ElRey, concertáram-ſe ambos » que o primeiro que ſubiſſe a parede dos » inimigos em Dio, eſſe ganhaſſe a honra do » deſafio. » E aſſim ſahindo diante de todos, levando cada hum ſua eſcada, remettêram com o muro, aonde as encoſtáram quaſi a hum meſmo tempo. D. João Manoel tinha pedido a Antonio Moniz Barreto que o favoreceſſe na ſubida, e lhe tiveſſe a eſcada,

da , como fez ; o mesmo pedio João Falcão a outros Fidalgos seus amigos.

D. João Manoel subindo pela escada, e lançando a mão direita pera aferrar da parede já em sima, lha cortáram os Mouros, e acudindo com a esquerda, lhe fizeram o mesmo; e vendo-se sem mãos , não sentindo o furor de seu animo a perda dellas, foi com os cotos dos braços pera se pendurar, e suspender do muro , trabalhando por se pôr em sima, porque o deséjo da honra lhe fazia muito faciles todos os riscos , e perigos : estando quasi em sima , lhe deram hum golpe pelo pescoço, que lhe lançáram a cabeça fóra, atalhando a morte huma das mais honradas opiniões que no Mundo nasceo. Era este Fidalgo filho de D. Bernardo Manoel, e de huma filha do Conde de Villa-Nova , neto do grande D. João Manoel , que foi Camereiro mór de ElRey D. Manoel, e Guarda mór , e Almotacé mór , e Capitão dos Ginetes.

João Falcão desejoso tambem de ganhar a honra do desafio, subio pela escada ajudado daquelles a quem se encommendou; e chegando á borda do muro , foi morto de muitas cutilladas, e lançadas , não desmerecendo aqui cousa alguma do outro. Por esta maneira se encostáram muitas escadas de longo a longo do muro, porque as outras

duas

duas companhias de D. Alvaro de Caſtro, e D. Manoel de Lima chegáram logo, trabalhando muitos por ſubirem, favorecendo-os os debaixo com ſua eſpingardaria, começando-ſe de parte a parte huma muito rija, e cruel batalha ſobre a entrada; e todavia alguns dos noſſos cavalgáram o muro, e ſe puzeram em ſima ás cutilladas com os Mouros; e como a couſa foi tão baralhada, e ſubíram por tantas partes, não ſe pode averiguar quem foi o primeiro. Mas dos primeiros foi Miguel Rodrigues Coutinho, de alcunha Fios ſecos, Cidadão nobre de Goa, mui bom Cavalleiro, e Coſmo de Paiva. Eſte homem deo aqui grandes moſtras de ſeu esforço, porque teve ſó o pezo de todos os inimigos, que carregáram áquella parte; e como o muro era largo, cercando-o hum monte delles, trabalháram pelo matar; mas elle defendendo-ſe de todos, ferindo, e derribando alguns, ſe fez tão temido a todos, que não ouſando a lhe chegarem por diante, o perſeguiam por detrás, e pelas ilhargas com muitos arremeſſos, andando elle já ferido de muitas feridas; e como eſtava em meio de tantos, hum Turco teve tempo de lhe dar hum golpe por detrás por huma perna, que lha cortou quaſi toda. Vendo-ſe o esforçado Cavalleiro ſem perna, poz o outro giolho no chão, e aſſim

ſim ſe defendéo grande eſpaço, fazendo couſas notaveis até que o matáram. Aqui neſte tempo ſubio Antonio Moniz Barreto o muro, e achou Miguel Rodrigues Coutinho Fios ſecos cercado de muitos Mouros; e remettendo com elles, os começou a cortar, pondo-ſe á ilharga de Miguel Rodrigues Coutinho; e ambos tiveram hum grande pezo dos inimigos que recreſcêram.

Vaſco Fernandes, Tanadar mór de Goa, tambem foi dos primeiros que ſubíram ao muro, e em ſima ſe poz como hum leão bravo em meio dos Mouros, ſem receio da morte, fazendo nelles grande eſtrago; e ſendo mui perſeguido de alguns Turcos, remetteo com hum, e deo-lhe tal golpe por ſima do turbante, que lho cortou todo, e a cabeça até o meio, cahindo-lhe aos pés; e abaixando-ſe pera o acabar de matar, cuidando que eſtava ainda vivo, lhe deo outro Turco huma cutilada pelas coſtas, que lhe cortou hum groſſo cotão de malha, e o fendeo pelo meio, cahindo ſobre o Mouro que tinha aos pés. Já os noſſos ſubiam com menos trabalho o muro, porque os que eſtavam em ſima o tinham franqueado.

D. João Maſcarenhas foi correndo a parede até o cabo, aonde eſtava o baluarte de Diogo Lopes de Siqueira, que commetteo com grande determinação; e pouco que nel-
le

le achou mui aſpera reſiſtencia, o ganhou com morte dos mais Mouros que nelle eſtavam, não lhe cuſtando tão pouco, que não perdeſſe perto de dez homens, em que entrou Franciſco de Azevedo, que eſte dia fez couſas, em que moſtrou bem ſeu valor, e esforço; e eſtando já em ſima do muro no meio de hum eſquadrão de Mouros, em que fez mui grande deſtruição, e eſtando obrando couſas dignas de quem era, lhe deram com huma lança de arremeſſo, de que acabou com muito louvor, paſſado de parte a parte. D. João Maſcarenhas depois de ganhar o baluarte, e o muro daquella parte, paſſou-ſe ao campo da outra banda, e tocou a recolher os ſeus á ſua bandeira; e formando hum formoſo eſquadrão, foi demandar os inimigos, que eſtavam já em outro, e lhe apreſentou batalha já no campo largo, em que a noſſa arcabuzaria jogou bem á ſua vontade. Aqui ſe travou huma muito aſpera batalha com grande deſtruição dos inimigos, em que os noſſos pelejáram de maneira, que a poder de golpes arrancáram os Mouros do campo, e os leváram até os metterem dentro na Cidade.

Os mais Capitães, D. Alvaro de Caſtro, e D. Manoel de Lima commettêram o muro por differentes partes; e depois de muitos caſos acontecidos, que ſe não podem

par-

particularizar, o subíram, lançando delle os inimigos com grande estrago seu delles, e não sem damno, e mortes de alguns dos nossos. Ganhado o muro, se descêram abaixo, e formáram seus esquadrões, e ao som de tambores, e pifaros foram commetter Juzarcan, que estava com seis mil homens em hum corpo antre o muro, e o exercito, e começáram com elle huma muito travada, e arriscada batalha, que esteve por hum espaço bem suspensa da parte dos nossos, por estarem com Juzarcan todos os Rumes, e Turcos do exercito, que pelejavam mui valorosamente. Quando o Governador chegou á parede, já achou a passagem franca, e subio por ella com a bandeira de Christo apar de si, que levava Duarte Barbudo, mui bom Cavalleiro, indo cercada de Lourenço Pires de Tavora, Garcia de Sá, Jorge Cabral, Manoel de Sousa de Sepulveda, e de outros muitos Fidalgos velhos, que leváram sempre o Governador em meio; e descendo-se abaixo, tocou a recolher, e ajuntou a si D. Alvaro de Castro, e D. Manoel de Lima com suas bandeiras, que andavam em batalha com Juzarcan: e tendo já aquelle poder junto, deo Sant-Iago nos inimigos, que se travåram com os nossos mui determinadamente, com grande damno, e risco de ambas as partes. Mas como os Portugue-

zes

zes pelejavam diante do ſeu Governador, houveram-ſe de maneira na briga, que arrancáram os Mouros do campo, fazendo-os recolher a ſuas eſtancias. O Governador mandou que apertaſſem com elles, e entraſſem de envolta, e aſſim os de diante commettêram os vallos, que ſubíram a pezar dos inimigos, mas com grande damno, porque aqui ſe perdêram muitos dos noſſos. O Governador hia junto da bandeira Real de Chriſto, e mandou ao Alferes que lha puzeſſe em ſima das eſtancias dos Mouros, o que elle logo fez, bradando *Vitoria*, *vitoria*; mas como os tiros, e arremeſſos eram muitos, deram alguns no Alferes, que o derribáram dos vallos abaixo. Aqui tornáram os Mouros a cobrar animo, e rebentáram das eſtancias com tamanha furia, que começou a haver nos noſſos grande deſordem. Os Fidalgos que hiam com o Governador acudíram á bandeira Real, ajudando a alevantar o Alferes, que com muito animo, e riſco ſeu a tornou a arvorar ſobre os vallos, bradando *Vitoria*, *vitoria*. Os Mouros tornáram a apertar tanto, e tantos arremeſſos chovêram ſobre elle, que o derribáram muito mal tratado. Vendo o Governador o riſco, e perigo em que eſtava, e que os ſeus parecia que afracavão, adiantou-ſe com huma adarga embraçada, e huma

ma formoſa, e larga eſpada na mão; e pondo-ſe diante de todos, lhes diſſe:

» Ah fortes, e esforçados Portuguezes, » hoje he o dia que voſſo nome ha de ſubir por todos os paſſados; não receeis couſa alguma, paſſai adiante, que aqui eſtá » o voſſo Governador diante de vós offerecido aos meſmos riſcos, e perigos; ſegui» me, e fazei o que eu fizer. » E chegando á bandeira, achou já o Alferes em pé muito mal tratado dos tiros, e arremeſſos com que lhe deram, e levando-a diante, appellidou o Apoſtolo Sant-Iago, e começou a ſubir os vallos. Os Fidalgos, Capitães, Cavalleiros, e ſoldados em vendo o Governador diante a trepar os vallos, pegado á bandeira de Chriſto, remettêram com tão grande ímpeto, que deſprezando tanto genero de inſtrumentos de mortes, como eram os que ſobre elles cahiam, ſubíram em ſima, lançando delles os inimigos com muito grande eſtrago, e aſſim os foram ſeguindo até os encerrarem nas eſtancias.

O Governador foi paſſando adiante, com duas fréchas cravadas na adarga, e muito alegre, e gentil-homem fez arvorar a bandeira de Chriſto ſobre as eſtancias, donde algumas vezes foi derribado o ſeu Alferes, que logo ſe tornou a levantar. Aqui ſe ateou outra nova batalha; mas como os noſſos le-

va-

vavam aquella furia; e quasi vitoria, apertáram tanto com os Mouros, que de todo lhe ganháram as estancias. Rumecan tanto que téve recado do que passava, tornou a voltar pera as estancias, que já achou em poder dos nossos; e remettendo com elles pera lhas tornar a ganhar, se tornou a atear a mais cruel, e aspera batalha, que até então houve, em que todos fizeram cousas espantosas; e assim os Mouros por ganharem as suas estancias, como os Portuguezes pelas não perderem, acontecêram casos muito dignos de mui maior escritura. Em fim, no cabo do negocio, depois de muitas mortes, e damnos, os Mouros se recolhêram desbaratados, e os nossos ficáram senhores das estancias.

CAPITULO II.

De como o Governador D. João de Castro apresentou batalha aos inimigos, e da crueza della, e de como os desbaratou, e ganhou a Cidade com morte de Rumecan, e cativeiro de Juzarcan.

TAnto que Rumecan se vio com as estancias perdidas, se foi retrahindo pera o campo, onde se ajuntou com Juzarcan, que se vinha recolhendo desbaratado de D. João Mascarenhas, e alli formou seus esquadrões pera pelejar com os Portuguezes

no campo largo. O Governador vendo que se preparavam pera lhe dar batalha, não a refusou, antes com grande determinação se sahio dos vallos, e estancias, e ordenou seus esquadrões, dando aquella dianteira a Dom Alvaro de Castro seu filho, que foi commetter os Mouros com mais ordem, dando sua surriada de arcabuzaria, de que cahíram muitos dos inimigos. Aqui se baralháram todos ás cutilladas, retinindo os golpes de armas, e atroando o Mundo com os espantosos gritos, e alaridos de huns, e de outros. Foi aqui a crueza mui grande, porque se feriam em descuberto, e sem amparo algum; mas como o poder dos inimigos era grande, e de todas as partes lhes foi acudindo sempre mais gente, estiveram os nossos quasi perdidos, e desbaratados; mas chegou áquelle tempo o Padre Fr. Antonio do Casal com o Crucifixo arvorado na lança, e passando por meio dos nossos, foi bradando alto: » Ah Cavalleiros de Christo, » aqui tendes a figura de vosso Deos, que » he o que vos guia: esforçai, e passai avan» te, porque com tal Capitão não ha que re» cear; » e com isto se foi pôr diante de todos, chamando por Sant-Iago, como Varão mui animoso, e Religioso. Tanta força tiveram aquellas palavras, e a vista de Christo crucificado, que infundio em todos no-

novos espiritos ; e rebentando como hum furioso torrente, que desce do alto Apenino, deram Sant-Iago nos Mouros, fazendo nelles tal estrago, que a pezar seu, e com morte de muitos os arrancáram do campo, começando-se a declarar a vitoria pelos nossos. Rumecan vendo-se quasi perdido, tornou a voltar animando os seus com palavras de muita obrigação, e com tanta furia tornou a dar nos Portuguezes, que os fez voltar com grande desmancho.

Aqui acudio o Governador, acompanhado de Lourenço Pires de Tavora, Garcia de Sá, Jorge Cabral, Manoel de Sousa de Sepulveda, e de outros Fidalgos ; e apresentando-se diante de todos, tiveram o encontro aos inimigos, não deixando o Governador de arriscar sua pessoa, sem os que com elle andavam o poderem ter. D. Alvaro de Castro, e D. Manoel de Lima com suas companhias estiveram mui apertados ; e sempre acontecêra hum grande desarranjo, se elles não trouxeram tanto o tento nos seus, acudindo-lhes nas mores affrontas, e necessidades, fazendo-os ter, e apresentando-se elles com os Fidalgos de sua companhia ao encontro dos inimigos. Na volta que fez Rumecan esteve tudo perdido por todas as partes, porque não só pelejavam contra os nossos os que traziam armas, mas ainda to-

da aquella multidão de gente inutil, que lançavam sobre os nossos tantas pedras, tiros, e outros arremessos; que parecia choverem coriscos, e trovões do Ceo. E como o Custodio andava diante de todos animando-os, e esforçando-os, permittio o Senhor, por dar mór animo aos seus, que daquelles números infinitos de pedras que cahiam sobre todos, acertasse huma em hum braço do Crucifixo, que lho quebrou todo; e vendo assim o Custodio, levantou a voz, e começou a dizer:

» Ah Cavalleiros de Christo, vedes aqui » a Imagem de nosso Deos ferida, e escalavrada diante de vós; que fazeis que não » vingais tamanha offensa, e injúria, feita » a hum Senhor, que vos remio pelo seu pre» cioso Sangue? Segui-me, filhos meus, e » Cavalleiros Christãos, vamos vingar nos» so Deos; » e com isto remetteo com os inimigos, bradando por Christo.

Ouvindo todos aquellas palavras, e alevantando os olhos, que lhe víram o braço dependurado do cravo pela mão, clamando todos a grandes brados, misericordia, misericordia, arrebentáram com aquella furia, que lhes fazia levar o desejo de satisfazerem, e vingarem aquella injúria feita ao Senhor; e rompendo nos Mouros, com grande estrago delles, os arrancáram do campo,

po, indo matando nelles até os metterem pela Cidade dentro; mas todavia não foi ſem damno, porque alli cahíram muitos dos noſſos mortos, e feridos, e antre eſtes Manoel de Souſa de Sepulveda, que ficou no campo com muitas feridas.

A'quelle tempo chegou ao caes huma fuſta, em que vinha de Baçaim Baſtião de Sá, filho de João Rodrigues de Sá, de ſe curar da fréchada que lhe tinham dado em huma perna, (como fica dito no fim do Cap. VI. do II. Liv.;) e ſabendo eſtar o Governador no campo, o foi logo demandar com alguns companheiros que trazia; e chegando áquella parte, achou Manoel de Souſa de Sepulveda eſtirado no campo, e chegando-ſe a elle, o alevantou. Elle lhe pedio que foſſem ambos juntos em buſca do Governador, porque ſe não havia de recolher ſem elle. Baſtião de Sá, que não ſe tinha achado naquelle conflicto, não querendo ſe acabaſſe ſem elle, diſſe-lhe, que não era tempo; e paſſou adiante até chegar aos noſſos, que andavam já dentro na Cidade envoltos com os inimigos; e pondo-ſe na dianteira com os primeiros, começou a pelejar como quem vinha de repreza, e deſejoſo de o fazer. Os Mouros como hiam já de arrancada, os noſſos com aquelle animo, e furia acabáram de os desbaratar, e de os eſpalhar pela Cidade.

de.

de. Vendo D. Manoel de Lima (que pelejava na dianteira, e tinha feito grandes cousas) a vitoria por nós, apartou-se com o seu esquadrão, e foi após hum corpo de Mouros, que se hiam recolhendo pela banda da praia; e D. Alvaro de Castro, que aqui mereceo muito, foi sempre seguindo Rumecan pela Cidade dentro, pelo caminho que vai ao Bazar, pelejando sempre.

D. João Mascarenhas tanto que desbaratou Juzarcan, o foi seguindo pela parte aonde hoje está a Ermida de nossa Senhora, que então era o lugar da forca, levando-o sempre diante até o metter pela porta da Cidade, aonde entrou de envolta, fazendo hum mui grande estrago nos inimigos. Juzarcan se foi ajuntar com Rumecan (como já dissemos) com parte dos seus.

O Capitão chegou até o meio da Cidade, donde despedio recado ao Governador, como ficava nella, e os inimigos por aquella parte desbaratados. Este recado chegou ao Governador a tempo, que tambem já os inimigos que elle seguia, se punham em desbarato; e prometteo ao homem que lho levou, grandes alviçaras, porque até então não sabia de D. João Mascarenhas; e logo o tornou a despedir, mandando dizer ao Capitão Dom João Mascarenhas, que fosse se recolhendo os seus, e esperasse aonde

» de eſtava, até ſe elle ir ajuntar com
» elle. »

D. Manoel de Lima, que foi ſeguindo os Mouros, que tomáram o caminho da praia, levou-os ſempre diante de ſi, fazendo nelles muito grande eſtrago até ás caſas de ElRey, onde parou, e deſpedio recado ao Governador, que já tudo era rendido; e em lho dando, deo muitas graças a Deos por tamanha mercê, e foi tomando o caminho da praia; e chegando aonde elle eſtava, o levou nos braços, dando a elle, e a todos muitos, e publicos louvores. Eſtava D. Manoel de Lima com a ſua bandeira arvorada ſobre a artilheria, que os Mouros tinham á porta da Alfandega, que eram alguns bazaliſcos, aguias, e ſalvagens de metal de maravilhoſa grandeza. O Governador lhe diſſe » que pois elle ganhára aquellas pe-
» ças, lhe fazia mercê em nome de ElRey
» de hum daquelles bazaliſcos, o maior. »
D. Manoel de Lima lhe fez ſua inclinação pela mercê, acceitando-a; mas diſſe logo, que tornava a fazer ſerviço della a ElRey. O Governador mandou ver ſe eſtava alguem nas caſas do Soltão Mahamude; e achando-as vaſias, mandou metter nellas huma companhia de cem ſoldados; e tomando Dom Manoel de Lima comſigo, tornou a entrar na Cidade pela porta da Alfandega, e ſa-

hio

hio ao Bazar grande, onde achou seu filho D. Alvaro de Castro, que até alli foi após os inimigos, em quem tinha feito grande destruição. Dalli o mandou, que com a sua companhia corresse a Cidade, e ajuntasse a si toda a gente desmandada, e o fosse esperar á porta que sahia por aquella parte ao campo; e o Governador com toda a mais gente foi encaminhando pera onde estava D. João Mascarenhas. D. Alvaro de Castro foi recolhendo os soldados, que com huma brutal crueza andavam pelas casas matando, e espedaçando mulheres, meninos, e velhos, não perdoando ainda até os brutos animaes; e foi a crueza tão espantosa, que corriam pelo meio de todas as ruas regatos de negro sangue, carregando-se todos de prezas, que pelas casas tomavam, de ouro, prata, aljofar, deixando as mais fazendas que eram muitas, e ricas, pelas não poderem levar. D. Alvaro de Castro depois de com muito trabalho recolher todos a si, esperou em meio do Bazar pelo Governador, que logo chegou; e assim foram marchando até darem com D. João Mascarenhas, que ainda estava ás lans com os inimigos, que tornáram a voltar a elle; mas vendo elles o poder, deixáram tudo, e se foram recolhendo pera fóra da Cidade.

O Governador ajuntou a si todas as ban-

dei-

deiras, e ao ſom de tambores, e pifaros foi marchando pera o campo, aonde ſahio, e vio que ſe ajuntava todo o poder dos Mouros em hum corpo, e eſtavam á ſua viſta Rumecan, Accedecan, Juzarcan, Mojatecan, e Alucan com oito mil homens, poſtos em ſom de batalha, e em muito boa ordem, com determinação de tornarem a buſcar os noſſos. O Governador por não arrefecer da vitoria, mandou a D. João Maſcarenhas, e a ſeu filho D. Alvaro de Caſtro, que cada hum por ſua parte commetteſſem os Mouros, porque elle o queria fazer pela teſta do eſquadrão.

Apartados os Capitães, foram demandar os inimigos, e os commettêram com muito grande determinação, ateando-ſe antre todos huma muito arriſcada batalha. O Governador os foi tambem demandar, depois de andarem já envoltos, e pegou com elles com tão eſpantoſa furia, que com morte de muitos os começou a arrancar do campo. Os Capitães que pelejavam pelas ilhargas com D. João Maſcarenhas, e com Dom Alvaro de Caſtro, tanto que víram que Rumecan começava a perder o campo, enfraquecêram de maneira, que ſe puzeram em desbarato. Os noſſos vendo iſto apertáram tanto com elles, que os fizeram ir retrahindo, com tanta deſordem, que cahiam huns ſo-

ſobre os outros. E foram-ſe mettendo tanto os noſſos com os Mouros; que hum Gabriel Teixeira, mui bom Cavalleiro, paſſou tanto adiante, que chegou ao Alferes da bandeira, e derribando-o de hum golpe, lha tomou das mãos, e ſe recolheo com ella arraſtando-a, e bradando *Vitoria, vitoria.*

Juzarcan pelejou muito bem; e depois de ter muitas feridas, e andar muito fraco e cançado, cahio antre o tropel dos ſeus que hiam fugindo; e ſendo conhecido dos noſſos, lançáram mão delle, e o leváram ao Governador, que o eſtimou muito, encommendando a alguns homens de recado, que o levaſſem á fortaleza, e o mandaſſem curar, e ter a bom recado.

Rumecan vendo-ſe de todo desbaratado, e indo-ſe recolhendo muito cançado, e fraco, por levar duas eſpingardadas, receoſo de ir ter ás mãos dos Portuguezes, deſpio os trajos que trazia, e veſtio-ſe de huma pobre cabaia por não ſer conhecido; e achando hum cavouco com alguns corpos mortos, ſe lançou antre elles pera ver ſe por alli podia eſcapar; mas como não ha fugir á mão de Deos, alli lhe foi dar huma grande pedra na cabeça, ou foſſe da mão dos noſſos, ou dos ſeus, que lha fez em pedaços; e aſſim acabou no mais miſeravel eſtado o mais poderoſo, e ſoberbo Mou-

ro, que havia em todo o Reyno de Cambaya, nem em todos os do Oriente naquelle tempo.

Os noſſos foram ſeguindo a vitoria pelo campo adiante por eſpaço de meia legua, até de todo desbaratarem os inimigos. Hum Jorge Nunes, bom Cavalleiro, que hia por aquella parte pera onde Rumecan ſe recolheo, (que parece levava o olho nelle,) e indo ter ao cavouco, achou aquelles Mouros mortos, e antre elles vio, e conheceo Rumecan, (porque o conhecia mui bem;) e cortando-lhe a cabeça, a lançou ás coſtas, e a levou ao Governador, que a eſtimou muito, e prometteo ao ſoldado de lhe fazer mercê, como depois lhe fez. Eſte homem viveo depois muitos annos, caſado na Cidade de Damão, e tem ainda neſta era de noventa e ſete, em que iſto eſcrevemos, mulher, e filhos, e elle em quanto viveo ſe chamou Jorge Nunes Rumecan; e depois que faleceo ſe enterrou em S. Franciſco de Damão, aonde hoje apparece ſua ſepultura com huma mão, e huma cabeça pelos cabellos tomada, e hum letreiro, que diz: » Aqui jaz Jorge Nunes, que matou Rume- » can. » Deſta verdade não achámos outra teſtemunha mais que eſta; e parece que lhe deve de ficar o direito, pela muito antiga poſſe em que eſtá, que nós lhe não queremos tirar.

O Governador tanto que vio a vitoria arrematada, ſe foi recolhendo pera a Cidade, que entregou liberalmente a ſaco aos ſoldados, que nella ſe cevâram bem, e elle ſe foi ás caſas de ElRey, e nellas achou toda a recamara de Rumecan, de ouro, prata, peças ricas, cavallos, jaezes, armas de muitas ſortes, o que tudo mandou pôr a bom recado; e a artilheria toda, que eram quarenta peças groſſas de bazaliſcos, até camelos de marca maior, e outras muitas de outras ſortes.

Aſſolada a Cidade, ſe recolheo o Governador pera a fortaleza a deſcançar, e a dar folga á gente, que andava mui cançada, mandando recolher, e enterrar os mortos, e curar os feridos com muita diligencia, e reſguardo. Sobre a tarde tornou a ſahir fóra com as bandeiras ordenadas, e entrou nas eſtancias dos inimigos, aonde ſe achâram muitas munições, mantimentos, armas, e huma grande ſomma de alviões, cudilins, machados, pás, padiolas, eſcadas, e todos os mais petrechos de minar: tudo iſto mandou recolher pera a fortaleza, no que ſe gaſtou aquelle dia, e o outro.

Morrêram na batalha dos Mouros ſinco mil, conforme a huma carta que achámos do Governador D. João de Caſtro no Cartorio da Sé de Goa, que eſcreveo ao Biſ-

Biſpo D. João de Alboquerque, quando lhe mandou as novas da vitoria, em que lhe relata em breves palavras eſta jornada.

Foi cativo Juzarcan, e perto de ſeiscentos homens de armas.

Morreo Rumecan, Accedecan, Alucan, e outros muitos Capitães.

Tomaram-ſe muitas bandeiras, armas, e outras muitas couſas, que no triunfo do Governador adiante melhor ſe veram.

Portuguezes morrêram trinta e ſinco, e ficáram feridos duzentos e ſincoenta. O Governador deſpedio logo hum Cidadão nobre, e Cavalleiro, chamado Diogo Rodrigues de Azevedo, em hum navio muito ligeiro, com cartas pera o Biſpo, Capitão, e Cidade de Goa, em que lhes dava as novas da grande vitoria que tinha alcançado dos Capitães de ElRey de Cambaya. E á Cidade em particular eſcreveo huma muito honroſa carta, em que lhe repreſentava as neceſſidades em que ficava de dinheiro pera a reformação daquella fortaleza, que lhe pedia lhe quizeſſem empreſtar vinte mil pardáos ſobre huns cabellos da ſua veneranda barba, que pera iſſo lhe mandou dentro na meſma carta, promettendo-lhe de os deſempenhar tanto que chegaſſe a Goa: e da jornada deſte homem adiante daremos razão.

CA-

CAPITULO III.

Das cousas que mais succedêram: e de como Lourenço Pires de Tavora se embarcou pera o Reyno, e levou comsigo Rax Nordin, filho de Rax Xarrafo, Guazil de Ormuz: e de como o Governador Dom João de Castro mandou D. Manoel de Lima a fazer guerra á costa de Cambaya: e de como destruio as Cidades de Goga, Gandar, e outras.

AO outro dia, depois que o Governador despedio o recado pera Goa, tornou a correr a Cidade, tendo já recado certo, que toda a gente que escapou da batalha, era passada á outra banda da terra firme; e mandou desmanchar a ponte que hia da Alfandega pera a Villa dos Rumes, e desfazer a parede da contenda, e todas as estancias dos inimigos, que deram a todos muito trabalho, por serem muitas, e muito fortes, e a parede comprida, e muito grossa. Depois de tudo isto feito, tomou o Governador parecer com todos os Capitães, e Fidalgos velhos sobre a reparação, e fortificação daquella fortaleza; e de commum conselho se assentou, que se alargasse mais o sitio, por ser dentro muito estreita, e que se fizessem outros muros novos por fóra da cava, e se

abris-

abrisse á roda outra mais larga, e mais funda. Assentado isto, começou o Governador a pôr as mãos á obra com muita presteza.

Lourenço Pires de Tavora chegando-se-lhe o tempo de se ir embarcar, se despedio do Governador, que escreveo por elle a El-Rey muito largo, dos merecimentos dos homens que naquelle cerco se acháram, e de si muito pouco, porque se reportava em tudo ao Capitão mór das náos, como testemunha de vista. Foi embarcado pera o Reyno com Lourenço Pires de Tavora na sua mesma náo Rax Nordin, filho de Rax Xarrafo, Guazil de Ormuz, que levou grande casa. O Governador ficou proseguindo na reedificação, e fortificação da fortaleza. E porque lhe deram por novas, que em Surrate se esperava por duas náos de Meca muito ricas, despedio D. Manoel de Lima com trinta navios, em que hiam os mais dos Capitães que das outras vezes o acompanháram, dando-lhe por regimento, que em quanto as náos tardassem, fizesse por aquella enceada toda a guerra que pudesse; mas que não tocasse na Cidade de Goga, por ser avisado que toda a gente que escapára de Dio estava alli recolhida.

D. Manoel de Lima foi seguindo sua jornada de longo da costa pera dentro da enseada; e ao segundo dia depois que partio,

tio, lhe deo hum temporal da banda do Sul; com que eſtiveram os navios quaſi perdidos; e correndo com traquetes, foram ſurgir nos poços de Goga á viſta da Cidade, ficando em remanſo por cauſa das reſtingas, e canaes, em que os mares quebram. Os da Cidade tanto que houveram viſta da Armada, a começáram a deſpejar, e a ſe recolherem pera as aldêas do certão. Eſtava huma náo de Mouros do Zamaluco ſurta tambem em hum daquelles poços; e vendo os della o deſpejo da Cidade, como levavam cartas, e eram de paz, começáram a capear com bandeiras aos noſſos, pera que acudiſſem, e deſembarcaſſem. Os da Armada bem víram o capear da náo; mas não entendendo o porque o fazia, pareceo-lhes que era náo de Cambaya, e que de confiada em ſua fortaleza, e muita gente que trazia, lhes fazia aquellas algazaras, e os deſafiava. Dom Manoel de Lima como era homem mui colerico, e deſconfiado, vendo que o tempo lhe não dava lugar pera ir demandar a náo, eſtava pera arrebentar de pezar. E lançando a viſta a huma, e a outra parte, vio o deſpejo da Cidade, e ir pelo campo grandes exercitos de mulheres, e meninos com ſuas fazendas ás coſtas em compridas fileiras, (aſſim como ſe vem as provídas formigas carregadas de ſeu mantimento a buſcar as co-

vas

vas em que se agazalham,) e entendendo então que o capear da náo era aviso que lhe dava daquelle despejo, que se fazia com receio da Armada, mandou chamar todos os Capitães, e lhes disse:

» Que bem viam, que o tempo lhes não » dava lugar pera sahirem dalli; e que pois » á sua vista se despejava aquella Cidade, e » mostrava tanto temor delles, que pareceria » fraqueza não seguirem a vitoria, e pôrem » aquella Cidade (que era das maiores de » Cambaya) a ferro, e a fogo, e darem nel» la hum bom cevo a seus soldados. Porém » posto que trazia por regimento, que não » tocassem nella, que a causa que movêra ao » Governador a lho defender, fora, ser avi» sado que alli estava toda a gente que es» capára da batalha de Dio, que era muita, » pelos não pôr a perigo; mas que pois viam » fugir os inimigos á sua vista com tanta » desordem, parecia que se aventurava pouco » em acabar de destruir as reliquias do ex» ercito inimigo, se alli estava, e que vis» sem todos o que lhes parecia naquelle ne» gocio. »

Como todos os que alli estavam desejavam tanto, ou mais, que o Capitão mór, desembarcar naquella Cidade, todos a huma voz differam » que não era bem se per» desse huma tão grande occasião como aquel» la;

» la; que desembarcassem, e seguissem a vi» toria em que havia tão pouco risco, pois » aquelles inimigos hiam desbaratados por si » proprios. » Vendo D. Manoel de Lima a resolução de todos, como o tempo hia já cessando; embarcou-se logo em huma pequena galueta, e foi sondar o esteiro, por onde se entra á Cidade, (de quem já na quarta Decada no Cap. V. do Liv. VII. démos larga relação;) e vendo que de baixa mar era forçado ficarem todos os navios em secco, notou huma coroa de arêa, que em meio do esteiro deixava a maré depois de vasia, em que as fustas podiam ficar; porque derredor, distancia de hum quarto de legua, e em partes mais, era tudo vasa, que atolava até o pescoço, por onde ficavam alli seguros de poderem ser commettidos. E visto tudo mui bem, se tornou pera a Armada, e deo recado aos Capitães, pera que se fizessem prestes.

E tanto que a maré começou a encher, commetteo a entrada do esteiro; e pojando em terra, desembarcáram todos os Capitães com sua gente, e bandeiras, e o Capitão mór com a guião de Christo; e pondo-se em ordem, começáram a marchar pera a Cidade pela banda do certão, por pontes que tinha, que atravessavam os esteiros, que a cercavam quasi á roda. E com grande determi-

minação a entráram, achando pouca resistencia, porque a gente da guerra occupouse toda em salvarem as mulheres, e filhos; e alguma desobrigada que acudio a defender a entrada, foi logo desbaratada. D. Manoel de Lima mandou dar fogo á Cidade por algumas partes, por os seus se não desmandarem no roubo. E como nella havia muitas terecenas de mantimentos, manteigas, cidas, drogas, e muitas mercadorias, tomou tamanha posse, e alevantou ao Ceo tão grandes, espessas, e negras nuvens de fumo, que cubriam toda a Cidade. Os nossos foram por huma parte della até sahirem ao campo largo da outra banda, por onde se acolhia a gente, (de que aquelles campos hiam cubertos;) fugindo com tanta pressa, que lhes parecia que hiam apôs elles aquellas temerosas chammas. D. Manoel de Lima houve por desnecessario seguillos, e tocou a recolher; e primeiro que a maré vasasse, se embarcou, levando tres Baneanes cativos, e com todos os navios se recolheo pera a coroa da arêa, onde os ancoráram; e depois da maré vasia, ficáram em secco muito seguros.

O Capitão mór soube dos Baneanes, que a gente da guerra que estava na Cidade era pouca, e que toda a que viera de Dio, ou a mór parte della, se espalhára logo por ef-

ſe certão, e que eſſa que havia, com os naturaes ſe foram recolhendo pera huma Villa, que eſtava dalli a huma legua. E informando-ſe do caminho, e de tudo o mais que quiz, tomou conſelho com os Capitães ſobre ſe iria commetter aquella Villa, aonde todos haviam de eſtar deſcuidados; e aſſentando-ſe que ſim, ſe fizeram todos preſtes pera a outra maré, que lhe cahio no quarto d'alva. E deſembarcando em terra, deixando cem homens repartidos pela Armada, ſe foram marchando com grande ordem, e reſguardo, levando os Baneanes por guia. E antes da manhã romper, chegáram á Villa ſem ſerem ſentidos, porque não ſe receavam de tal; e commettendo-a com grande impeto, tomando todos dormindo, e cançados do trabalho da fugida, fizeram em todos tamanha deſtruição, e uſáram de tão grandes cruezas com todo o genero de gente que acháram, que foi eſpanto. E aſſim aquelles miſeros, que foram fugindo da morte com tão grande trabalho, a foram achar, quando cuidavam que della eſtavam mais ſeguros, e em maior quietação, e repouſo. O lugar foi todo abrazado, e todo o gado que pelos campos acháram foi morto, e lançado dentro em ſeus pagodes, por affronta de ſua religião, e aſſim nos poços; e tanques de que bebiam, pera lhes ficarem immundos,

e

e abominaveis pera ſempre, (porque aonde toca o ſangue de vaca, não tem purificação alguma pera iſſo.) Depois de cortarem, aſſolarem, e deſtruirem tudo; mandou o Capitão mór enforcar os tres Baneanes que tomou em Goa, dentro no ſeu maior Pagode; o que foi pera os Gentios a maior abominação, e affronta que podia ſer; e com iſto ſe recolhêram pera Goga, ſem lhes acontecer deſaſtre.

Embarcado o Capitão mór, ſe ſahio pera os canaes; e como lhe o tempo deo lugar, ſe fez á véla, e atreveſſou a enceada á outra banda; e achăram aquelle golfo tão furioſo, que eſtiveram quaſi perdidos, e alagados; e tanto que lhes veio a vaſante, foi-lhes neceſſario ſurgirem, o que fizeram em alguns poços, porque alli são todo alfaques, e em muitas partes de baixa mar ficam deſcubertos; e quem não for muito bom Piloto daquella enceada, e não tiver muito conhecimento dos ſurgidouros, ficará ſobre elles a muito riſco de ſe perder; e muitas vezes ſe aconteceo ficarem alguns navios, parte ſobre elles em ſecco, e parte ficando dependurados em muito perigo até tornar a maré.

He o fluxo, e refluxo no fundo deſta enceada tão ſoberbo, e impetuoſo, que ſe perde a viſta nelle; e ſe acertar de dar hum na-

navio em parte que toque, em hum breve momento he feito pedaços. E quem está na Cidade de Cambayete, em começando a vasar a maré, em hum breve espaço vê tudo quanto a vista alcança, secco, e espraiado, sómente hum pequeno canal, em que ficam os navios escorados por ambas as partes, com vigas que pera isso trazem; e depois quando a maré torna a encher, vem com tanta soberba fazendo hum macareo tão medonho, que parece que quer encapellar toda a Cidade; e traz comsigo tamanho terremoto, que estando eu naquella Cidade, a primeira noite que o ouvimos nos poz muito grande medo, porque parecia que se forvertia a Cidade; e em muito pequeno espaço torna tudo a ficar hum mar de agua, que parece que não ha cousa que o seque. E querendo eu por curiosidade experimentar a ligeireza deste macareo, me puz na praia em hum bom ligeiro cavallo Arabio, (em parte que só aquella pequena onda da resaca podia chegar.) E em vendo vir o macareo com grande terremoto huma grande distancia, lhe puz as pernas; mas antes de hum tiro de pedra passou por mim como hum raio, deixando-me bem molhado. E quem bem notar Plinio, e Ariano, Author Grego, fallando da Cidade de Bagariza, (que sem duvida he a de Cambayete, como em outro lu-

lugar moſtraremos,) verá que claramente fallam deſte macareo; porque dizem, que a Cidade de Bagariza eſtá em dezeſete gráos, e que tem hum grande rio, e revolvimento, e impeto de aguas.

E tornando á noſſa Armada, paſſou toda a noite ſurta nos poços com grande trabalho; e chegada a manhã deram á véla, e foram ferrar terra defronte da Cidade de Gandar, que eſtá ſituada por hum formoſo rio aſſima, por onde entráram os navios; e chegando á Cidade, deſembarcáram nella, e a commettêram com muito boa ordem; e entrando-a, a acháram ſem defensão, por ſer toda povoada de Gentios mercadores, que a deſpejáram em vendo a Armada; os noſſos a mettêram a ſaco, e acháram nelle muitas, e muito ricas roupas, porque ſe fazem alli as melhores de todas as Cidades de Cambaya. Depois que os navios foram cheios, puzeram fogo á Cidade em que toda ſe conſumio. Dalli ſe paſſáram pela enceada mais dentro, deſtruindo todos os lugares maritimos. E porque já eſtavam muito no ſaco, tornáram a voltar até Baroche, fazendo por toda a ſua coſta grandes damnos, e incendios, tomando muitos navios carregados de fazendas, e mantimentos. E acabando-ſe-lhes o tempo dos provimentos, tornáram a voltar pera Dio victorioſos.

CA-

CAPITULO IV.

De como D. João Maſcarenhas deſiſtio da fortaleza de Dio, e o Governador Dom João de Caſtro a entregou a D. Manoel de Lima: e de como Antonio Moniz Barreto foi eſperar as náos de Cambaya: e de como chegáram a Goa as novas da vitoria: e de hum heroico feito que fizeram as matronas de Goa.

DAva o Governador D. João de Caſtro muita preſſa ás obras da fortaleza por ſer já em Fevereiro, tempo, em que lhe era neceſſario acudir a Goa pera prover nas couſas de Malaca, e Maluco. D. João Maſcarenhas vendo a mercê que lhe Deos tinha feito, determinou de ſe ir pera o Reyno, ſem embargo de não ter cumprido o tempo da ſua fortaleza, porque não queria della mais, que a honra que lhe ficava daquelle cerco; e pedio ao Governador que a proveſſe, porque ſem dúvida elle ſe havia de ir com elle pera Goa. O Governador o quiz tirar daquelle propoſito, dando-lhe muitas razões pera iſſo, e lembrando-lhe, que era muito neceſſario eſperar alli recado de El-Rey, que forçado havia de ter muita conta com ſuas couſas: e por muitas que lhe diſſe ſobre eſſe negocio, o não pode acabar com

com elle. Vendo o Governador que lhe era neceſſario prover aquella fortaleza, commetteo alguns Fidalgos velhos com ella, e todos ſe lhe eſcuſáram, dizendo por fóra publicamente, que pois D. João Maſcarenhas havia de levar a honra, e gloria do cerco, que levaſſe tambem os trabalhos da fortificação da fortaleza. Iſto foi ter ás orelhas do Governador, de que ſe muito enfadou, porque não ſe ſabia determinar no que fizeſſe; e quando chegou D. Manoel de Lima, andava elle muito melancolizado; e eſtando hum dia praticando com elle ſobre eſte negocio, o achou de feição, que ſe atreveo ao commetter com aquella fortaleza, pondo-lhe diante a muita conta que ElRey com elle tivera, e o grande ſerviço que naquillo lhe faria. D. Manoel de Lima poſto que ſabia que muitos lha tinham engeitado, não lhe dando por iſſo a deſconfiança, lhe diſſe, » que pois elle havia que niſſo ſervia a El» Rey, que elle a acceitava com muito goſto.» O Governador o metteo logo de poſſe della, e elle começou a correr com ſuas obrigações muito bem, proſeguindo na obra da fortificação com muita preſſa.

O Governador como trazia muitas intelligencias por todo o Reyno de Cambaya, foi aviſado que em Surrate ſe eſperava por algumas naos de Ormuz, pelo que logo com mui-

muita pressa despedio Antonio Moniz Barreto com quinze navios ligeiros, com regimento, que se fosse lançar na costa de Pôr, e Mangalor, aonde ellas haviam de vir demandar a terra, e que as tomasse. Antonio Moniz Barreto se foi lançar naquella paragem, aonde se deixou andar; e nós tambem o deixaremos, porque he necessario continuarmos com Diogo Rodrigues de Azevedo, que atrás no fim do Cap. II. do Liv. IV. deixámos partido pera Goa com as novas da vitoria.

Este homem se deo tanta pressa, que em breves dias foi ter áquella Cidade, e deo as cartas ao Bispo, Regentes, e Vereadores, por que souberam da grande vitoria que Deos lhe dera; e espalhando-se as novas pela Cidade, começou-se toda a desfazer em festas, e alegrias, ordenando o Bispo muito solemnes Procissões, pera com ellas se darem louvores a Deos pelas mercês que lhes tinha feito; e despedio logo cartas a Cananor, e a Cochim, aonde se fizeram tambem outras com muito grande devoção. Os Vereadores mandáram ajuntar o povo em Camara, e o do meio leo a carta do Governador, e dentro nella acháram o rico penhor da sua veneranda barba, embrulhado em outro papel; e vendo o que dizia a carta, fez sobre isso huma breve falla

la a todos, em que lhes repreſentava a neceſſidade em que eſtava o Governador, e como naquelle negocio hia toda a ſalvação, e remedio da India; que aquelle era o tempo em que os bons Portuguezes haviam de moſtrar o grande amor, e zelo que tinham ao ſerviço do ſeu Rey, que os ſaberia mui bem galardoar com honras, privilegios, e liberdades. Que era muita razão que todos acudiſſem, e empreſtaſſem ao Governador aquillo, que boamente pudeſſem, porque aſſim o encommendava elle muito; e que a paga ſeria nos direitos da Alfandega, e nos dos cavallos.

Vendo os Cidadãos a honroſa carta do Governador, e a guedelha de ſua branca barba, movidos do zelo Portuguez, diſſeram » que eſtavam muito preſtes pera venderem » (ſe foſſe neceſſario) os filhos pelo ſervi» ço de ſeu Rey, e pera a defensão de ſeu » Eſtado. » E ſahidos dalli, foram a ſuas caſas ordenar o que cada hum havia de dar, (porque eſte negocio não correo por força, nem com as deſordens que em ſemelhantes caſos acontecem, ſenão por goſto, e amor.)

Sabendo as mulheres dos Cidadãos aquella neceſſidade, levadas de hum honroſo zelo, tiráram as manilhas de ouro dos ſeus braços, e os ricos colares eſmaltados de ſeus peſcoços, e os cintos de rica pedraria, com

que

que ſe coſtumavam arraiar nos dias de ſuas móres feſtas ; e as que menos podiam , as cadeias , orelheiras , e anneis. E dando tudo iſto aos maridos , lhes diſſeram » que tudo » ſe empenhaſſe , e vendeſſe pera o ſerviço » do ſeu Rey , e pera a defensão de ſua pa- » tria. »

Louvem agora os Eſcritores aquella grande liberalidade , com que as matronas Romanas mandáram offerecer ao Senado ſuas joias pera as deſpezas da guerra , porque nenhuma dellas empreſtou mais , que huma onça de ouro ; porque pela Lei , o pião não podia ter mais em joias lavradas. Os Cidadãos , ajuntando logo o dinheiro , que cada hum pode , o leváram á camara , e com elle as joias das mulheres , que tudo prefazia maior quantia de dinheiro , do que o Governador pedia. E recolhendo tudo em hum cofre , e a guedelha da barba do Governador em outro pequeno , guarnecido de prata , lhe mandáram tudo pelo meſmo Diogo Rodrigues de Azevedo , eſcrevendo-lhe huma breve carta , em que lhe certificavam , » que ſe foſſe neceſſario empenharem ſeus fi- » lhos pera o ſerviço de ſeu Rey , que to- » dos o fariam com muito goſto. » E em quanto eſte recado não chega ao Governador , continuaremos com Antonio Moniz Barreto.

Ha-

Havendo poucos dias que estava surto na parte em que o deixámos, veio dar com elle huma formosa náo de Cambaya, cheia de muitos, e mui ricos mercadores da Persia, dos Reynos do Zamaluco, e Idalxá, que se nella embarcáram, por trazer seguro, e cartaz do Governador, que tomou antes que a guerra se rompesse. E indo-a demandar, amainou logo as vélas confiada no cartaz; e o Capitão que se chamava Nacao Nacael, com alguns mercadores principaes, se mettêram no batel, e foram demandar a fusta do Capitão mór com o cartaz na mão. Antonio Moniz Barreto o guardou, e os reteve, mandando metter huma guarnição de soldados na náo pera a guardarem; e dando á véla, se foi com ella pera Dio, onde depois da náo chegar, mandou o Governador pôr os mercadores a bom recado, e descarregar a náo de toda a fazenda, que importou de vantagem de vinte mil cruzados, afóra doze cavallos Persios, muito formosos. Os mercadores estrangeiros disseram ao Governador » que elles eram de Reynos ami-
» gos, e que se embarcáram naquella náo
» por trazer seguro, e cartaz seu, que elles
» não tinham culpa na guerra, nem eram vas-
» sallos de ElRey de Cambaya, pelo que
» não podiam perder suas fazendas. » O Governador ouvindo-os de sua justiça, os mandou

dou soltar, dizendo-lhes » que a fossem re» querer a Goa, que lá lha fariam, se a ti» vessem, » mandando a náo pera Goa, entregue a Simão Botelho, Veador da Fazenda, pera lá vender alguma, que ainda lhe ficou, e fazer prestes os provimentos pera Malaca, e Maluco; e na náo mandou embarcar muita artilheria, e outras cousas das que se tomáram na Cidade.

Nesta conjunção chegou a Dio Diogo Rodrigues de Azevedo com as cartas, e emprestimo da Cidade; e lendo-as o Governador, e abrindo os cofres em que vinha o dinheiro, e joias das mulheres dos Cidadãos, sabendo pelas cartas, e de Diogo Rodrigues de Azevedo o amor com que lhas mandavam, assim se moveo daquelle zelo, e liberalidade, que lhe rebentáram as lagrimas pelos olhos fóra. E vendo-se provído de dinheiro da náo, sem tocar em nenhuma cousa das que lhe mandáram, tornou a enviar tudo, assim, e da maneira que veio, pelo mesmo Diogo Rodrigues de Azevedo, por quem escreveo á Cidade huma muito honrosa carta, cheia de muitos offerecimentos, e agradecimentos, que se lhe deo.

É certo que segundo ouvimos a algumas pessoas daquelle tempo, que quando as matronas de Goa víram outra vez as suas joias, sem nellas bulir, que sentíram em es-

eſtremo ; e que antes tomáram que ſe desfizeram todas em moedas pera os gaſtos da fortificação da fortaleza de Dio, que tornarem-lhas a mandar : tanto póde a affabilidade, virtude, e zelo Chriſtão de hum bom Governador, que não ſó ſe faz ſenhor das fazendas dos homens, mas ainda de ſeus corações, e vontades, que Deos fez tão livres pera todos. E quanto ao revéz acontece ao Capitão auſtero, aſpero, e tacanho, porque não faz mais que crear nos corações dos homens odio, e aborrecimento.

E deixando eſta materia, chegadas as novas deſta tomada da náo a ElRey Soltão Mahamude, que andava como doudo da perda de Dio, foi tamanha ſua paixão, que arrebentou em furor, mandando levar diante de ſi Athanaſio Freire, e Simão Feio, com todos os mais Portuguezes que eſtavam cativos, que eram perto de trinta, e alli os mandou cortar, e eſpedaçar, recebendo todo aquelle martyrio com grande conſtancia, e paciencia, e com os corações poſtos em Deos, por cujo ſerviço, e amor o ſoffriam. E aſſim de crer he, que iriam juntos receber aquella glorioſa coroa, que no Ceo eſtá apparelhada pera os Martyres de Chriſto, que padecêram ſemelhantes tormentos por ſeu amor.

CAPITULO V.

Do tempo em que os Turcos tomáram a Cidade de Baçorá: e de como D. Manoel de Lima foi entrar na fortaleza de Ormuz: e D. João Maſcarenhas tornou a ficar na de Dio.

ANdava-ſe o Governador D. João de Caſtro negociando pera partir pera Goa; porque tinha já a obra da fortificação em boa altura (por fazer de novo hum muro por fóra da cava velha, e mais com outros baluartes maiores, e mais capazes, com os meſmos homes dos velhos; e pela banda de fóra outra cava, que cortava de mar a mar, mais larga, e mais alta que a antiga.) Iſto tudo pode fazer tão depreſſa, porque achou todas as couſas neceſſarias dentro na Ilha, que tinham os inimigos juntas pera ſuas fabricas, e edificios, e pedra da parede da contenda alevantou a mór parte dos muros. E andando o Governador concluindo com eſtas obras, chegou huma fuſta de Ormuz, com cartas do Capitão Luiz Falcão pera o Governador, em que lhe dava conta de como os Turcos com favor de alguns Arabios havia pouco tinham tomado a Cidade de Baçorá a Mahamede Aſenan, Rey della, que era amigo do Eſtado, depois de a

ter

ter de cerco muitos dias por mar, e por terra; e que o Rey era recolhido pera o certão; e que se ajuntára com Mir Rakete, e com Mir Marcar, com Coge de Lamixá, e com outros Capitães Arabios daquellas fronteiras; e que ficavam todos com dez mil cavallos no campo, fazendo guerra aos Turcos; e que os favoreciam os Gizares, (que são os Arabios, que vivem nas Ilhas que o Eufrates faz naquella parte, que por serem alagadiças não se receavam dos Turcos, nem elles os podiam conquistar.)

O Governador sentio aquellas novas, porque os Turcos não eram vizinhos com que se havia de dissimular; e bem entendeo que tanto que alli mettêram o pé, se haviam de estender por todo aquelle Estreito; e que ficava a nossa fortaleza de Ormuz tendo nelles huma muito ruim vizinhança. E querendo prover naquellas cousas, começou a negociar gente, e Armada, mandando recado a Chaul a D. Manoel da Silveira, que lá se estava curando, que se apressasse pera se vir embarcar pera Ormuz, porque lhe cabia o tempo daquella fortaleza, de que estava provído. E tendo negociada a Armada que havia de mandar, e que esperava por D. Manoel da Silveira, lhe trouxeram novas que era falecido; porque estes são os brincos da fortuna, quando hum homem

cuida lograr os frutos de ſeus trabalhos, então acode ella com ſeus revezes. O Governador ſentio muito a morte deſte Fidalgo por ſuas muitas, e boas partes. Era caſado com huma irmã de Martim Correa da Silva, de quem tinha hum filho menino, que ſe chamava D. Martinho da Silveira, que foi Capitão de Dio, como em ſeu lugar diremos. E porque D. Manoel de Lima era provído deſta fortaleza de Ormuz, após D. Manoel da Silveira lhe mandou o Governador que ſe fizeſſe preſtes, e ſe embarcaſſe logo, tratando de prover a fortaleza de Dio de Capitão; mas não ouſava de commetter Fidalgo algum, porque lha tinham já engeitado muitos, (como diſſemos atrás no Cap. IV. deſte IV. Liv.,) de que andava muito deſgoſtoſo. D. João Maſcarenhas entendendo-lhe ſuas melancolias, e que andava deſconfiado dos Fidalgos dizerem, que pois elle havia de levar as honras, e ſatisfações do cerco, levaſſe tambem o trabalho da reedificação da fortaleza, ſe foi ter com o Governador, e ſe lhe offerecco pera tornar a ficar naquella fortaleza até á vinda das náos, porque entendia cumpria aſſim ao ſerviço de ElRey. O Governador lho agradeceo com palavras muito honroſas, e logo o metteo de poſſe, e a D. Manoel de Lima deſpachou pera Ormuz, com dous galeões, e alguns na-

navios de remo; e D. Paio de Noronha, que com elle hia em hum galeão, havia de andar no Estreito de Baçorá, favorecendo os Arabios contra os Turcos.

Chegou D. Manoel de Lima a Ormuz por todo o Abril, e tomou posse da fortaleza, e ordenou logo com ElRey, e Guazil proverem-se as de Catifa, e Barém de gente, e munições, mandando-as reformar muito bem. E porque adiante havemos de tratar do que neste Estreito aconteceo, o deixaremos agora, por concluir com as cousas de Dio.

Depois que o Governador teve a fortificação da fortaleza em estado defensavel, ordenou-lhe quinhentos homens de presidio com seus Capitães pera lhes darem mezas; e deixou muito dinheiro pera se lhes pagarem quarteis, e muito trigo, arroz, vacas, manteigas, legumes pera lhes darem; e muitas munições, e artilheria, que foi dos Mouros, repartio pelos baluartes; e só aquella peça muito façanhosa (que depois mandou ao Reyno por espanto, que agora está no forte de S. Gião) fez embarcar em huma muito grande barcassa, que custou muito grande trabalho a metter dentro. E na náo, em que foi pera o Reyno, por não poder entrar pelo cisbordo, a abrírão ao lume da agua, por onde a mettêrão; e em Portu-

 gal,

gal, segundo ouvimos, nunca se pode tirar, senão depois da náo estar no estaleiro. Esta peça com outras grandes, que ainda hoje estam nos baluartes de Dio, ficáram do primeiro cerco de Antonio da Silveira, porque o Baxá Solimão não as pode embarcar.

O Governador mandou lançar pregões por Gogalá, e pelas aldêas vizinhas, em lingua Guzarate » que todo o mercador assim natural, como estrangeiro, Mouro, » ou Gentio, que se quizesse passar pera a » Cidade de Dio; e assim todos os mais officiaes de toda a mecanica, o pudessem livremente fazer, porque se lhes guardariam » todos os seus costumes, e se lhes faria favor, e justiça. » Com isto começáram a entrar alguns, e pouco a pouco se tornou a Cidade a povoar. E porque nas cousas da Alfandega não havia por então que prover, (por ser já entrado o inverno,) não bulio nellas; e ordenou ficarem alli todos os pedreiros, cavoqueiros, e mais officiaes que de Goa levou, a que fez muito boas pagas. E de toda aquella fabrica de cudolins, picões, cestos, enxadas, padiolas, e de tudo o mais, deixou por olheiro hum Pero Fernandes, homem de baixa sorte, Gallego, por ser muito diligente, e esperto.

Deste se conta, que escreveo nas primeiras náos huma carta a ElRey D. João, em que

que lhe dava conta de como o Governador o deixára encarregado daquelle serviço, e de como aquelle anno se fizeram tantas braças de muro, tantas de cava, tantos fornos de cal, e que andavam na obra tantos pedreiros, e destas particularidades muito. Esta carta estimou ElRey, e folgou de a ver, e lhe respondeo, encommendando-lhe que todos os annos o avisasse de todas aquellas cousas; o que elle sempre fez, e ElRey lhe respondia.

Sabido isto pelos Fidalgos, fizeram de Pero Fernandes o Pasquim de Roma, escrevendo alguns a ElRey em nome de Pero Fernandes, tudo o que queriam que elle soubesse do governo de Portugal, e da India; em que se desenfadavão bem. E depois que as cousas da Alfandega se puzeram em ordem, proveo ElRey os cargos della em alguns Castelhanos, criados da Rainha Dona Catharina, o que não cahio no chão a Pero Fernandes, ou aos que fallavam por elle, e escrevêram huma carta a ElRey, em que lhe davam conta das obras, primeiro que tudo, e depois lhe dizia: » Huma cousa se » vio cá, que escandalizou muito a todos, » que foi prover V. A. os cargos desta Al» fandega em Castelhanos, criados da Rai» nha, havendo cá muitos Cavalleiros, que » pelejáram em ambos os cercos, e ficáram » alei-

» aleijados, que os mereciam melhor: tenha
» V. A. daqui por diante mais conta aos Por-
» tuguezes, que ficáram aleijados pela de-
» fensão da ſua fortaleza, e achará quem o
» ſirva com goſto em ſemelhantes perigos.»

Eſta carta foi dada a ElRey, que a leo, e diſſimulou; mas não reſpondeo mais ao Pero Fernandes. E certo, que quanto a nós, a carta era ſua, porque era hum homem ſolto, e fallador, e dizia tudo; pelo que era odiado dos ſoldados, porque pouſava no terreiro da fortaleza, e todas as madrugadas ſe ſubia a hum eirado alto que tinha, e como Mouro em ſima do Alcorão, bradava tão alto, que o ouviam por toda a fortaleza, chamando aos officiaes ao trabalho; e muitas vezes chamava por alguns ſoldados conhecidos, nomeando-os: foão, ſahi de caſa de voſſa amiga foã; e vós foão da voſſa tal; e aſſim hia dizendo huma ladainha do que elle queria.

O Governador depois de ter dado ordem a tudo, ſe deſpedio do Capitão, e dos Fidalgos, e Cavalleiros, que alli ficavam, e ſe embarcou pera Goa, deixando D. Jorge de Menezes com ſeis navios pera andar o reſto do verão na enceada de Cambaya, defendendo os mantimentos, que não paſſaſſem a Cambaya. O Governador como levava o vento em popa, foi em quatro dias a Goa,

Goa, e ſurgio naquella barra, onde foi viſitado do Biſpo, Regentes, e Cidade, e os Vereadores lhe pedíram » ſe detiveſſe alguns » dias, porque lhe eſtavam preparando o re» cebimento; porque era razão que triunfaſ» ſe de huma tão grande vitoria, como lhe » noſſo Senhor dera. » Elle o fez aſſim, ficando em Pangim dando deſpacho a muitas couſas.

CAPITULO VI.

Do grande triunfo com que o Governador D. João de Caſtro foi recebido na Cidade de Goa.

Eſteve o Governador em Pangim tres dias, porque chegou aos onze de Abril, huma quarta feita; e ao Domingo ſeguinte, que foram quinze do mez, fez ſua entrada. Tinha a Cidade mandado fazer no Bazar de Santa Catharina hum formoſo caes, pera nelle deſembarcar o Governador, por querer entrar por aquella parte; e porque a porta do muro alli era pequena, raſgou-ſe-lhe toda de alto abaixo, e cubríram-ſe as paredes de huma parte, e de outra de peças de borcados, e de veludos de cores: em ſima das paredes de huma, e da outra banda eſtavam dous grandes galeões de pedra com as gargantas, e cabeças douradas, e nos peitos

tos formosos escudos com as armas dos Castros, que são seis arruelas azues em campo de prata, como as trazem os da casa do Governador do Civel. O caes entrava muito na agua, e estava todo cuberto com formosos arcos de peças de sedas, e delle até á porta do muro que se rasgou, era hum formoso bosque de arvoredo, que fazia tudo muito sombrio. E todo aquelle campo de longo do muro, por onde havia de ir até o caes dos Paços dos Viso-Reys, estava toldado, alcatifado, e enramado, e pela banda do mar muitas peças de artilheria cevadas, todas enramadas, e com suas bandeiras; e o mesmo todas as náos, e galeões que estavam no rio. Acudíram mais todas as almadías de Goa, e de todas as Ilhas vizinhas (que eram infinitas) enramadas, e embandeiradas; e era de feição, que cubriam o rio, que ficava parecendo hum verde bosque. As ruas do caes até á Misericordia, e della á Sé estavam custosamente guarnecidas, e as janellas armadas de pannos de ouro, e sedas com muitas, e muito custosas invenções. Tinham os Vereadores ordenado na boca do terreiro, que hoje he do Paço, huma fortaleza de madeira, cuberta de papel, ou teadas, com seus baluartes, e cubellos, pela traça da de Dio, e dentro nella muitos [illegible] com foguetes, bombas de

de fogo, e algumas bombardas, e espingardas, muitas panellas de polvora, e outros artificios de fogo. Pela mesma maneira tinham ordenado muitas folías, e danças de invenções, muito custosas; e destes regozijos tudo o que o tempo lhes deo lugar.

O Governador ao Domingo á tarde abalou de Pangim nesta ordem. As náos, galeões, caravelas, e todas as mais vasilhas de alto bordo diante, com todas as vélas dadas, formosamente embandeiradas; e logo atrás aquella somma de fustas, que eram mais de oitenta, em ordem com muitas charamelas, trombetas, atabales, tambores, pifaros, pandeiros, folías, e outros instrumentos alegres, todas enramadas, e embandeiradas, fazendo hum tamanho estrondo, que parecia que se desfazia o rio de Goa. O Governador hia detrás de toda a Armada em huma galeota toldada de borcado, e embandeirada de formosas bandeiras, e estandartes de sedas de cores. Hiam com elle embarcados todos os Fidalgos velhos da Armada.

Nesta ordem foram entrando pelo rio assima, por meio daquelle formoso, e alegre bosque de almadías, batéis, e outras embarcações embandeiradas. E chegando os galeões defronte da fortaleza, surgio o São Diniz, que era do Governador, que hia diante

ante de todos com a bandeira Real na gavia, e salvou a fortaleza com as vélas em sima issadas nos palancos; e pela mesma maneira todos os mais galeões, e náos, que foi a mais soberba cousa que se podia ver. Acabada a salva, chegou a Armada de remo, e deo a sua; e abrindo-se as fustas de huma parte, e de outra, foi passando o Governador por meio dellas, e poz a prôa no caes. O Condestabre mór, a quem era encarregado aquelle negocio, mandou despatar toda a artilheria que estava em terra, que era muita, que tambem foi outro mui grande terror, e espanto.

O Governador desembarcou no caes, que entrava muito pela agua, ao som de muitos instrumentos. Vinha vestido em huma roupa Franceza de setim cramezim, toda guarnecida de ouro, com golpes pelas mangas, tomadas com botões ricos, e hum jubão do mesmo theor, huns altos de grã á Portugueza antiga, com alguns golpes; por sima do jubão levava huma coura de laminas, assentada em bordado, e cravada de prégos de prata; na cabeça levava huma gorra de veludo preto com formosas plumas, e espada, e adaga de ouro. No caes o estavam esperando o Capitão da Cidade D. Diogo de Almeida Freire, e os Vereadores, que o recebêram com muito grandes

des cortezias. O Governador se deteve alli até desembarcar toda a gente da Armada, e se pôr em ordem, assim como entráram na batalha, com suas bandeiras desenroladas, ao som de tambores, e pifaros, não postos em fileiras por causa das cousas do triunfo, que haviam de ir no meio, mas a modo de procissão de longo das paredes.

Posto tudo em ordem, abalou o Governador do caes em meio do Capitão, e Vereadores; e chegando á porta do muro que se rompeo, achou hum Cidadão, chamado Thomé Dias Cayado, que lhe fez huma falla em Latim mui eloquente, e elegante, toda em louvor da vitoria, que lhe nosso Senhor deo dos Capitães de ElRey de Cambaya, com que toda a India ficava segura, e fóra de receios, louvando-lhe sua prudencia, segurança, e presteza. Acabada a falla, desfizeram-se os instrumentos todos, que parecia que o Mundo se fundia. Aqui se despararam algumas peças de artilheria de boca larga, que estavam apontadas pera o ar com pouca polvora, cheias todas de maçapães, empenadilhas, fartens, e outras curiosidades desta sorte, que em lhes dando o fogo, as lançou a força da polvora por esses ares; e como hiam fracas, tornáram a cahir sobre grandes cardumes de moços, Mouros, Gentios, e de todo o mais povo.

Os

Os Vereadores estendêram hum muito rico pallio, e tomáram o Governador debaixo delle; e hum Cidadão chamado Tristão de Paiva, que era Procurador da Cidade, chegou a elle, e lhe tirou a gorra da cabeça com muita cortezia, e reverencia, e a poz em hum formoso prato de bastiães dourado, e a levou diante do pallio alto; e ao mesmo tempo hum Vereador lhe poz na cabeça huma coroa de palma, e na mão hum formoso ramo della; e assim começou a entrar pela Cidade pela rua do Hospital, que vai de longo do muro pera o terreiro do Paço. Hia junto delle seu filho D. Alvaro de Castro, e diante do pallio o Padre Fr. Antonio do Casal, Custodio de S. Francisco, vestido em huma sobrepelliz, e com o mesmo Crucifixo que tirou na batalha, levantado na hastea da lança, com o braço quebrado da pedrada que lhe d[illegible]am.

Diante hum pouco dell[illegible] hia a bandeira Real das Armas de Po[illegible]tugal, e diante della Juzarcan, Capitão de ElRey de Cambaya, que foi cativo n[illegible] batalha, vestido em huma cabaya de veludo pard[illegible] em meio do Secretario Cosme Anes, e do Ouv[illegible]dor Geral Antonio Martins. Levava as mãos cruzadas, os olhos baixos; diante delle hiam sete bandeiras dos Capitães de ElRey de Cambaya, e hum muito grande guião arras-

raſtando-ſe todas pelo chão. Diante dellas hiam as dos noſſos Capitães arvoradas, e antre humas, e outras hiam todos os cativos de Cambaya, que paſſavam de ſeiscentos mettidos todos em correntes, que levavam arraſtando. Diante delles hiam dous Trabucos, e algumas carretas de artilheria miuda, porque a groſſa não pode levar-ſe, nem ainda menear-ſe. E diante outras muitas carretas, carregadas dos deſpojos da guerra, armas, eſpingardas, ſaias de malha, lanças, croques, maſcaras de ferro, e outras muitas invenções de petrechos de guerra.

Neſta ordem foram até o terreiro do Paço, onde eſtava a fortaleza armada, que começou a deſparar ſua artilheria pera o ar, e deſpedir bombas de fogo, e foguetes, e arremeſſar panellas de polvora pera huma parte, que pera iſſo eſtava deſpejada, tudo com muito boa ordem, e compaſſo; couſa que o Governador folgou muito de ver. Dalli atraveſſou toda a rua direita, que eſtava formoſa couſa pera ver, com muitas Damas pelas janelias, com roſas, boninas, aguas de cheiro, que de ſima derramavam ſobre o Governador. Os Gentios, e officiaes de todos os officios foram alli offerecer couſas pertencentes a ſeus officios: os ourives do ouro, ouro batido feito em pedacinhos; os da prata o meſmo; os merca-

do-

dores das ſedas, eſtendiam por baixo dos pés do Governador pedaços de peças, e lançavam pelo chão finos caramabandos; e os das roupas finas, beitilhas, beirames, e outras muitas peças, tudo com mui grande regozijo de todos.

O Governador foi todo o caminho muito alegre, e riſonho; e aſſim deſta maneira chegou á Miſericordia, aonde entrou, e fez a ſua oração, e offereceo ſobre o Altar huma rica peça de borcado. Dalli foi pela rua do Crucifixo, e virou pera S. Franciſco, aonde os Frades eſtavam eſperando em procifsão da banda de fóra, e o recebêram com *Benedictus, qui venit in nomine Domini*, cantando; e aſſim entrou na Igreja, aonde fez devota oração, e offereceo outra peça de borcado. Dalli ſe foi á Sé, a cuja porta eſtava o Biſpo D. João de Alboquerque veſtido em Pontifical, acompanhado de todos os Conegos, e Clereſia em procifsão, eſperando ao Governador com o Santiſſimo Lenho da Cruz em ſuas veneraveis mãos. O Governador tanto que chegou a elle, ſe debruçou, e lançou a ſeus pés com grande acatamento, e reverencia, com o roſto, e venerandas cans banhadas em lagrimas, e beijou a ſantiſſima Reliquia, e detrás a foi acompanhando até o Altar, aonde o Governador fez ſua oração, e offereceo duas formo-

mosas peças de borcado. E posto que era costume não acompanharem os Vereadores aos Governadores mais que até á Sé, quizeram estes pelo mais honrar, trazello até sua casa, que eram as do Sabayo. E ao entrar do terreiro, que estava todo feito hum formosissimo, e espesso bosque, largáram muitas lebres, perdizes, rollas, e outros passaros, que huns começáram a correr por antre a gente, outros a avoar por esses ares, que foi huma das mais formosas cousas que se podia ver. Com esta alegria, e regozijo chegáram aos Paços, onde os Vereadores se despedíram do Governador, já de noite, que toda se passou em folías, tangeres, e outros sinaes de alegria, andando o povo pelas ruas bradando a altas vozes: *Viva o nosso Libertador da patria*, titulo tão bem merecido, e tão bem dado, como os Romanos deram a Furio Camillo.

E querendo-o os Vereadores gratificar pelo amor que a todos mostrava, e pelo muito que merecia, o mandáram tirar pelo natural em hum formoso painel, e o puzeram na Camara de Goa, junto de Affonso de Alboquerque. Este auto se fez com grandes festas, e ceremonias, que tudo o Governador agradeceo, assim com palavras, como com obras, solicitando com ElRey muitos favores pera aquella Cidade. Não faltou a es-

este triunfo pera se igualar com todos os dos Romanos, mais que aquelles carros de cavallos, que costumavam levar por ornato de seus triunfos. E soou tanto por toda a Europa este, que quando o contáram á Rainha D. Catharina, disse » que D. João de » Castro vencêra como Christão, mas que » triunfára como Gentio. »

Naquella parte do muro, que se rompeo pera o Governador entrar, mandou elle logo fazer hum Altar ao Bemaventurado S. Martinho, em cujo dia houve aquella grande vitoria, com hum formoso retabolo de oleo; e ordenou com a Cidade » que » todos os dias daquelle Bemaventurado San- » to se fizesse huma solemne Procissão, e » se dissesse Missa, e houvesse prégação em » memoria da vitoria que Deos nosso Senhor » lhe deo naquelle dia; » o que se guardou até hoje, e deve de guardar sempre, por ser cousa memoravel, e de louvor de nosso Senhor, de cuja mão nós vem todos os bens.

CA-

CAPITULO VII.

Das cousas, que neste tempo acontecêram em Ceilão: e de como o Governador Dom João de Castro mandou Antonio Moniz Barreto com huma Armada em soccorro de ElRey de Candea: e de como D. Jorge de Menezes tomou a Cidade de Baroche.

NO Cap. IV. do Liv. II. da quinta Decada démos larga conta das grandes guerras que se levantáram em Ceilão, antre os Reys de Ceitavaca Madune Pandar, e Banoega Bao Pandar da Cota seu irmão, por lhe querer tomar seu Reyno; e como por se livrar delle o Rey da Cota, casou sua filha com Tribuly Pandar, por não ter filho macho que lhe herdasse o Reyno. Dantre este casamento nasceo Drama Bolla Bao Bandar, que foi o que ElRey D. João alevantou em Lisboa por Principe, e herdeiro do Reyno da Cota, despedindo os Embaixadores que a isso foram, em cuja companhia mandou alguns Frades de S. Francisco, cujo Custodio foi o Padre Fr. Antonio do Padrão, Varão Religioso, que foi o primeiro Commissario Geral que á India passou. Estes Frades foram assinados pera se repartirem pela Ilha de Ceilão, pera plantarem naquellas terras bravias a Doutrina do

Evangelho, (porque os Reys de Portugal sempre pertendêram nesta Conquista do Oriente unir tanto os dous poderes, espiritual, e temporal, que em nenhum tempo se exercitasse hum sem o outro.) Chegados estes Varões Apostolicos a Ceilão em companhia dos Embaixadores, foram mui bem recebidos de ElRey da Cota, dando-lhes licença pera poderem prégar a Lei de Christo por todos seus Reynos. E não se descuidando estes conquistadores Evangelicos de sua obrigação, começáram a romper em algumas partes o mato bravio, e semear nelle a semente Evangelica, que começou a fructificar como aquelle grão de mostarda do Evangelho, alevantando alguns Templos, em que o Altissimo Deos começou a ser honrado, e venerado de todos. E os primeiros lugares em que se fizeram, foram Panaturé, Macú, Berberi, Galle, Belliguão, tudo pórtos de mar, em que trouxeram ao gremio da Igreja hum grande número daquelles Gentios.

E passando ao coração da Ilha, chegáram ao Reyno de Candea hum Fr. Pascoal, com dous companheiros, que foram bem recebidos daquelle Rey Javira Bandar, primo com irmão do Madune, filho de hum irmão de seu pai, que os favoreceo em tudo; tanto, que lhes deo hum grande chão,

e

e todo o necessario pera fazerem huma Igreja, e casas, em que se agazalhassem. Alli começáram a lavrar aquella terra infructuosa, e esteril, que não dava outros frutos mais que cardos, e espinhos de idolatrias nefandas, semeando em seu lugar a semente da vida. E achando sitio em ElRey pera o convidarem ás vodas do Senhor, o apalpáram, praticando com elle em cousas da nossa Fé, e Lei, mostrando-lhe claramente a verdade della, e a cegueira, e engano de seus Idolos; e tanto o vieram a molificar, que o rendêram, porém não que recebesse a agua do santo Bautismo, porque teve grande medo de o matarem os seus. E não querendo os Padres que se perdesse aquella ovelha á mingoa, fizeram com elle que escrevesse ao Governador da vontade que tinha, e que lhe pedisse hum Capitão com gente pera o favorecer contra os seus, se tentassem alguma alteração com a mudança da Lei. Com esta carta foi hum daquelles Padres, que chegou a Goa poucos dias depois do Governador D. João de Castro triunfar. E vendo-se com elle, e dando-lhe conta de tudo, e lendo a carta, e entendendo por ella a vontade daquelle Rey Gentio, não quiz perder aquella tão boa occasião; porque sabia mui bem, que a principal droga, e a mais rica pedraria, que os Reys de Portugal perten-

diam desta Conquista do Oriente, eram almas pera o Ceo. E movido tambem de seu bom zelo, poz aquelle negocio em conselho, e assentou-se nelle » que lhe mandassem hum Capitão com duzentos homens » pera invernar, e assistir com aquelle Rey, » até o segurarem na Fé, e no Reyno. »

Pera esta jornada elegeo o Governador logo Antonio Moniz Barreto, a quem deo sete fustas, em que levaria cento e sincoenta homens, despedindo-o com muita pressa, dando-lhe Provisão pera em toda a parte a que chegasse, em que achasse navios nossos, os levasse comsigo; escrevendo por elle cartas de muitos mimos áquelle Rey, e mandando-lhe peças, e brincos curiosos. Antonio Moniz Barreto se fez á véla já em fim de Abril, e de sua jornada adiante daremos razão.

Poucos dias depois desta Armada partida, chegou a Goa Fernão de Sousa de Tavora com os Castelhanos, que o Governador recebeo muito bem, mandando-lhes logo pagar quarteis, e dar mantimentos, dando licença pera os que quizessem ir pera o Reyno, o poderem fazer, dando-lhes pera isso ajuda de custo; e os que quizeram ficar na India, sempre foram favorecidos dos Governadores. Com este recado despedio logo o Governador hum galeão, que já esta-

tava prestes com provimentos pera Maluco; e juntamente proveo em outras cousas necessarias, porque se hia acabando o verão, por ficar desoccupado pera as cousas do Idalxá, de que logo daremos razão, porque o cerco de Dio nos não deo até agora lugar pera isso; e entre tanto concluiremos com todas as cousas do verão, porque nos não fiquem, que temos ainda D. Jorge de Menezes na enceada de Cambaya, com quem he necessario continuemos.

Tanto que o Governador o despedio, andou por toda ella defendendo, que não passassem mantimentos a Cambaya, tomando algumas cotias carregadas delles. E andando ao mar da Cidade de Baroche, achou huma almadía pescando bem ao pégo; e tomando-a, fez aos que estavam nella perguntas, do modo em que estava aquella Cidade; e os pescadores lhe disseram, que Madre Maluco, genro de Coge Çofar, (que era senhor della,) era ido á Corte de Amadabá, e que tinha partido o dia dantes; e que a Cidade estava só sem mais gente, que os mercadores, e officiaes, porque toda a da guerra levára comsigo. D. Jorge estimou muito aquellas novas; e mettendo dentro no seu navio os pescadores, foi demandar Baroche de noite. E entrando por aquelle rio assima, chegou á Cidade de madru-

drugada, e desembarcando logo, primeiro que fosse sentido, e entrando-a, tomou seus moradores nas camas, e descuidados do tal sobresalto, em que fizeram grandes cruezas, não perdoando a sexo, nem a idade. Todos os que pudéram escapar se foram recolhendo pera o certão, com tanta pressa, que os pais deixavam os filhos, e mulheres, e ellas os tenros filhos, e crianças em seus braços, tratando de salvar cada hum suas vidas. As casas foram entradas dos nossos, matando, e espedaçando os que achavam; e assim foram correndo a Cidade como leões famintos até chegarem aos muros, onde acháram muita, e mui formosa artilheria, e algumas casas cheias de munições.

D. Jorge de Menezes tomou alli conselho sobre o que faria, e assentou-se » que » pela grandeza da Cidade se não podia sus- » tentar com menos de seiscentos homens; » que se arrebentasse a artilheria, já que se » não podia embarcar; e que se recolhessem » primeiro, que houvesse algum desmancho.» D. Jorge de Menezes mandou embarcar algumas peças pequenas, e todas as mais mandou carregar de polvora até ás bocas, deixando por todo o muro grandes carreiras della, e sahindo-se dos murros lhe deram fogo, e chegando ás bombardas arrebentáram por esses ares, com tamanho estron-

do,

[illegible], e braveza, que parecia fundir-ſe o Mundo.

Feito iſto, embarcáram-ſe os noſſos cheios de deſpojos, pondo primeiro fogo á mór parte das caſas. Eſtá eſta Cidade fundada em hum alto, que quer imitar ao Caſtello de Lisboa: ſerá do tamanho de Santarem, cercada toda á roda de muro de ladrilho, que fica cingindo o monte pelo pé, com muitos baluartes, e guaritas. Por ſima dellas ſe deſcobre toda a Cidade da banda do mar, e fica como alevantada no ar. Toda ella he de formoſas, e altas caſarias de dous, e tres ſobrados, tão cuſtoſas, e ricas, que havia muitas janellas de ſacadas pera fóra com geloſias, que affirmáram cuſtarem dous, e tres mil cruzados; de formoſas obras de macenaria, com grades, e tornos de marfim, e páo preto, mui polido tudo, e com grandes, e claras vidraças, e outras curioſidades deſtas. São as ruas tão eſtreitas todas, que não podem por ellas paſſar dous homens a cavallo juntos, ou ao menos pelas mais dellas. Ha neſta Cidade officiaes mui primos de toda a ſorte de mecanica, principalmente tecelões das mais finas roupas, que ſe ſabem no Mundo, que ſão os bofetás de Baroche tão eſtimados.

Poſſuia o Madre Maluco eſta Cidade com outras Villas de redor, e mais de quinhen-

tas

tas aldêas. Suſtentava ſinco, e ſeis mil homens de cavallo, e muito grande caſa que tinha. D. Jorge de Menezes ſe ſahio pera fóra do rio muito a ſeu ſalvo, e deſpedio logo hum catur, de que era Capitão hum Henrique Salgado, com cartas para o Governador, e com algumas peças de artilheria, que em Baroche tomou, deixando-ſe elle ficar na enceada fazendo guerra por todos aquelles portos.

O Catur chegou a Goa em breves dias; e eſpalhando-ſe as novas, foram muito feſtejadas, e invejadas de todos, porque foi muito venturoſo feito. Dalli por diante ficou D. Jorge de Menezes tomando aquelle muito honrado ſobreappellido de Baroche, porque foi muito conhecido de todos.

Madre Maluco foi logo aviſado da deſtruição da ſua Cidade; e deixando tudo, acudio a ella com muita preſſa, achando-a toda abrazada, e aſſolada. ElRey de Cambaya ſentio em eſtremo aquellas couſas, e aſſentou com ſeus Capitães de ir em peſſoa com todo o ſeu poder cercar a fortaleza de Dio, e não ſe ir de ſobre ella até de todo a deſtruir, mandando logo fazer grandes preparamentos, e chamamento de vaſſallos por todos os ſeus Reynos.

CA-

CAPITULO VIII.

De como o Madune persuadio a ElRey de Candea alevantar-se contra os Portuguezes: e do que aconteceo a Antonio Moniz Barreto na jornada: e de como atravessou toda a Ilha de Ceilão com as armas nas mãos, pelejando com o poder daquelle Rey.

SAbendo o Madune de como ElRey de Candea tratava de se fazer Christão, e que tinha mandado pedir ao Governador D. João de Castro favor, e ajuda pera isso, receando que fosse aquillo meio de sua destruição, e que ficasse tendo todos aquelles Reys por inimigos, tratou de atalhar a tudo, com mandar persuadir a ElRey de Candea, que se não fizesse Christão; porque tanto que o fosse, lhe haviam os Portuguezes de tomar o Reyno; e que quando o elles não fizessem, que seus proprios naturaes haviam de tratar de o matar, por não serem governados por homens de differente Lei. Os homens que o Madune mandou com este negocio, tantas cousas disseram áquelle Rey, e assim lhe representáram medos, que não só o trastornáram de todo, mas ainda assentáram com elle de matarem todos os Portuguezes, que hiam com Anto-

tonio Moniz Barreto, do que já tinham aviso; tratando-se este negocio com tanto segredo, que os Padres o não entendêram, nem alcançáram.

Antonio Moniz Barreto seguindo sua viagem, até dobrar o cabo do Camorim, e de longo da outra costa, foi até passar os baixos de Manar, aonde armou dous navios que alli achou, e os levou comsigo, e deo volta á Ilha pera ir tomar o porto de Batecalou, aonde levava por regimento desembarcar, pera dalli passar ao Reyno de Candea, como levava por ordem do mesmo Rey. Em Gale tomou mais alguns navios que alli achou, que ainda que tinha pouca gente, foi-lhe assim necessario pera se espalhar a fama pela terra, que levava muita Armada.

E chegando ao Porto de Batecalou com doze navios de remo, desembarcou em terra, e mandou tirar alguns berços, e munições, e escolheo cento e vinte homens, porque os mais deixou em guarda dos navios, e foi caminhando pera Candea, guiado dos Embaixadores daquelle Rey, que foram a Goa em companhia do Frade de S. Francisco; e assim caminhou alguns dias até chegar á Cidade de Candea; e entrando já por ella, foi avisado da determinação daquelle Rey, e de como estava concertado com o

Ma-

Madune pera o matar a elle, e a todos os da sua companhia; e não se soube de que parte se lhe deo o aviso. Antonio Moniz Barreto vendo aquelle negocio, e que não soffria dilação alguma, tomou huma mui apressada, e resoluta determinação, que foi mandar logo no mesmo instante queimar todo o fato que comsigo levavam, sem deixar mais que o que tinham nos corpos, com hum pouco de biscouto, e as armas, e disse aos seus:

» Bem vedes, valorosos soldados, e companheiros meus, o apressado aviso que nos deram; pero o que he necessario outra apressada determinação pera segurarmos nossas vidas; e não se me offereceo outra melhor que esta, de nos pormos á ligeira, e caminharmos com as armas nas mãos pera a parte de Triquinimalle, pera dahi nos passarmos á Cota, onde temos Rey amigo, porque pera tornarmos pera a Armada, receio tenhamos os caminhos tomados, e que todos nos seram inimigos; e pera estoutra parte temos hum Rey, que nos ha de recolher, e agazalhar mui bem; por isso lembro-vos, que a vida de cada hum está na defensão de seus braços, e de suas mãos, (deixando ás de Deos, que ellas são as que nos hão de defender, e livrar nesta jornada,) por isso segui-me: »

e

e tomando a eſpingarda ás coſtas, começou a marchar pera fóra da Cidade.

ElRey de Candea, que eſtava diſſimulado, eſperando por elles pera depois de agazalhados, e eſpalhados lhe fazer a traição, tanto que teve recado da determinação de Antonio Moniz Barreto, e do que fizera, bem entendeo que fora aviſado; e ſuſpeitando que ſería dos Frades, os mandou logo prender, e deſpedio com muita preſſa alguns Modiliares com muita gente, pera irem apôs os noſſos, como fizeram; e dando-ſe preſſa, os encontráram já huma boa diſtancia fóra da Cidade; e commettendo-os com grande determinação por algumas partes, não deixou Antonio Moniz Barreto ſeu caminho, no meſmo compaſſo que levava, pondo-ſe elle na retaguarda pera mór ſegurança dos ſeus; dando ordem pera que a eſpingardaria foſſe laborando de feição, que nunca ceſſaſſe, pera com iſſo irem entretendo os inimigos, como fizeram. E aſſim foram caminhando todo o dia com muito trabalho, ſem terem tempo de repouſarem hum momento, nem comerem, ſenão mastigando o biſcouto ſecco, e pelejando. Tanto que anoiteceo, tiveram mais algum folego, e foram caminhando ſempre, mas com menos trabalho; porque ainda que os inimigos ſempre os perſeguíram, foi mais floxamente;

mas

nem tanto que amanheceo, tornáram a apertar com grande determinação, porque recrescêram tantos, que passavam de oito mil.

Os nossos vendo que lhes era necessario defender as vidas, e que não podiam ter soccorro de parte alguma, fizeram todos tão grandes cousas, que não ha cópia de palavras com que se possam encarecer; porque chegáram muitas vezes a andarem baralhados com os inimigos a braços, e todavia sempre elles ficáram escalavrados, ficando-lhes de huma vez nas mãos hum Modeliar cativo, que Antonio Moniz Barreto estimou muito, e o mandou levar no meio a bom recado, pera se aproveitar delle quando lhe fosse necessario.

Deste Modeliar soube que os inimigos determinavam de apertar com elle em huma ponte que estava adiante, aonde haviam que todos os nossos lhes ficariam nas mãos, por ser o passo muito estreito. Isto não poz, nem causou temor algum em Antonio Moniz Barreto, nem em todos os mais, sómente em hum Gallego, que dando-lhe o medo da morte, desejando de salvar a vida, foi fazendo seus discursos, e assentou de se entregar aos inimigos; e porque não podia ser de outra maneira, fez que cançava, deixando-se cahir no chão como morto, dizendo que já não podia mais. Antonio Moniz Barre-

reto como não só trabalhava por se sahir dos inimigos, mas ainda por não perder hum só homem, acudio alli esforçando ao Gallego com palavras brandas, dizendo-lhe que o mór trabalho era já passado, que Deos que os tinha livrado até então, o faria de tudo o mais que estava por passar. O Gallego lhe disse, que já não podia comsigo, nem com as Armas, que o deixasse alli morrer. Antonio Moniz Barreto o fez alevantar, e lhe tomou a espingarda, e a poz ás suas proprias costas, e assim mesmo tudo o mais que o podia pejar, e o metteo no meio dos soldados, e o fez caminhar; mas como elle levava já a morte representada na imaginação, dando-lhe grandes accidentes, tornou a cahir no chão, fazendo-se morto. Antonio Moniz Barreto, que levava o olho nelle, acudio logo pera o levantar, o que elle não quiz, dizendo que o deixasse, que não havia de passar dalli.

Entendendo Antonio Moniz Barreto que aquillo eram melancolias de medo, disse a hum soldado que lhe cortasse as pernas, ou o matasse logo, porque não queria que depois dissessem os inimigos, que lhe tomáram hum Portuguez. E querendo-lhe o soldado dar, saltou o Gallego tão vivo, e esperto, como se nunca tivera passado trabalho algum, e começou a caminhar em meio

de

de todos. Os inimigos nunca largáram os nossos, e todavia de longe, porque a espingardaria tinha feito nelles grande estrago; porque como elles haviam que tinham o negocio acabado ao passar da ponte, não se queriam arriscar; mas de longe varejavam os nossos com nuvens de fréchas, de que quasi todos hiam empenados. Desta maneira foram até á ponte, aonde apertáram com os nossos rijamente; e foi a cousa de feição, que se víram perdidos.

Antonio Moniz Barreto fez aqui o officio de muito experto Capitão, e de valoroso soldado, obrando taes cousas por seu braço, e assim mesmo todos os companheiros, que se desazíram dos inimigos, que hiam já de mistura com elles.

Aqui acudio outra apressada, e proveitosa determinação a Antonio Moniz Barreto, que foi mandar cortar as pernas ao Modeliar, que levava cativo, que era pessoa principal, e deitallo no caminho, pera que os inimigos se embaraçassem com elle, como fizeram; porque indo perseguindo os nossos, deram com o Modeliar daquella feição, e detiveram-se em o levantarem, e em o mandarem pera ser curado. Neste pequeno espaço se aproveitáram os nossos do tempo, e do caminho, de feição, que chegáram á ponte, ainda que perseguidos de alguns. Antonio

nio Moniz Barreto tanto que a tomou, se deixou ficar na retaguarda com os mais esforçados, e mandando passar os mais, ficando elles tendo o encontro aos inimigos com a espingardaria, até passarem poucos, e poucos; e elles o foram fazendo com infinitos trabalhos, franqueando tambem os que já estavam da outra parte a passagem com a arcabuzaria, que laborava sem cessar. Antonio Moniz Barreto, como foi da outra banda, mandou desfazer parte da ponte, por os inimigos o não seguirem, porque aquelle rio era tão alto, que se não podia vadear por parte alguma. Com isto ficáram os nossos desassombrados, e foram caminhando sem oppresão até Triquinimalle; e dalli se passáram a Ceitavaca, aonde aquelle Rey os recebeo, e agazalhou muito bem, mandando-lhes dar todo o necessario.

Agora engrandeça Tito Livio o seu Decio, quando estando cercado no monte Gauro dos Samnites, que com poucos Romanos sahio de noite por meio dos inimigos, salvando-se com todos; que posto que nós não temos tanta cópia de palavras, nem tão eloquente estilo pera realçar este feito, elle por si he tal, que contado assim sem mais ornamento, mostra quanta mais vantagem faz ao seu Decio; porque este Capitão não sahio de noite perantre os inimigos, aonde a es-

escuridade della fez parecer aos Samnites muito maior o exercito inimigo; mas na força do dia, e por meio da Cidade do inimigo, cercado de todas as partes, rompendo por meio delles, vendo-se bem que não passavam de cento e vinte, e não por espaço de meia hora, mas por tres dias continuos, sem perder hum dos seus companheiros.

O Madune nas práticas que teve com Antonio Moniz Barreto lhe deo a entender, que seu irmão Rey da Cota induzíra ao Rey de Candea, pera que o matasse com todos os Portuguezes; e que elle havia de mostrar quanto mór servidor de ElRey de Portugal era, que todos os Reys daquella Ilha, offerecendo-se-lhe pera tudo o que lhe cumprisse. Antonio Moniz Barreto teve com elle seus cumprimentos, e se despedio delle; persuadindo os Modeliares a ElRey, que o matasse com todos os Portuguezes, o que elle não quiz fazer pelo que lhe relevava, e importava. Antonio Moniz Barreto chegou a Columbo, aonde poucos dias depois chegáram Embaixadores de Candea, a quem aquelle Rey mandou dizer a Antonio Moniz Barreto, que estava muito arrependido de tomar o conselho do Madune, e lhe fez fazer aquelle desatino; e mandou os braços que lá ficáram, e dez

mil pardáos em dinheiro pera repartir com os soldados. E escreveo aos Frades de São Francisco, que Antonio Moniz Barreto levou comsigo, que se tornassem pera elle; porque queria cumprir sua palavra, e fazer-se Christão; o que Antonio Moniz Barreto não consentio até ir dar conta ao Governador; e como foi tempo, se embarcou pera Goa.

CAPITULO IX.

De como o Idalxá mandou alguns Capitães sobre as terras de Salsete: e de como D. Diogo de Almeida, Capitão de Goa, o foi buscar, e desbaratou.

JÁ que temos concluido com as cousas deste verão, entraremos nas do Idalxá, que guardámos pera este lugar de proposito, por ser assim necessario pera a ordem da historia. Na quinta Decada Cap. XI. do Liv. IX. fica dito, como o Idalxá se concertou com Martim Affonso de Sousa, sendo Governador, que lhe daria as terras de Salsete, e Bardés, de que lhe logo fez entre[illegible] com condição, que mandaria Mealec[illegible] pera Portugal, ou pera Malaca, o [illegible] não cumprio. E depois do Governad[illegible] João de Castro estar na India, lhe [illegible] requerer por algumas vezes, que ll[illegible]

» priſſe os contratos que eſtavam feitos an-
» tre elle, e o Governador Martim Affon-
» ſo de Souſa, com mandar Mealecan pera
» fóra de Goa, ou lhe tornaſſe a fazer en-
» tregadas ſuas terras » a que nunca o Go-
vernador lhe deferio. E vendo a pouca con-
ta que ſe com elle tinha neſte particular, ha-
vendo por affronta ſoffrer tanto, porque não
ſó não mandára Mealecan pera fóra, como
eſtava aſſentado, mas ainda lhe tinha dado
em Goa muito honrada caſa, couſa que el-
le ſentia em eſtremo. E vendo eſte verão oc-
cupado o Governador na guerra de Cam-
baya, e cerco de Dio, deſpedio alguns Ca-
pitães com muita gente, que eſte Janeiro paſ-
ſado entráram pelas terras de Salſete, e Bar-
dés, e ſem contradicção alguma ſe ſenhoreá-
ram dellas, e começáram a arrecadar ſeus
fóros, e rendimentos. D. Diogo de Almei-
da Freire, que era Capitão de Goa, a quem
logo chegáram eſtas novas, praticando-as
com o Biſpo, Regente, e mais do Conſe-
lho, aſſentáram » que pois em Goa *não ha-*
via cabedal pera ſe acudir *áquillo*, por
er todo ao ſoccorro de Dio, que ſe pro-
eſſe a fortaleza de Rachol de gente, e
ições, e os rios de Goa de algumas
huas pera ſua guarda, até verem as
s de Dio em que paravam; e que
) o Governador, proveria naquel-

» las couſas de propoſito ; » e aſſim ſe fez ; ficando as terras em poder dos inimigos.

Depois do Governador D. João de Caſtro chegar de Dio, e de prover nas couſas de Malaca, e Maluco, começou a tratar deſtas ; e pondo-as em conſelho, ſe aſſentou ;
» que ſe mandaſſe acudir áquelle negocio com
» cabedal, e que ſe foſſem buſcar os inimi-
» gos aonde eſtiveſſem ; e que ſe arriſcaſſe
» tudo até os lançar fóra, porque viſſem que
» todas as vezes que a ellas vieſſem, os po-
» deriam ir buſcar. » Com iſto ordenou o Governador, que paſſaſſe a Salſete o Capitão da Cidade D. Diogo de Almeida, aſſinando-lhe oitocentos Portuguezes, em que entravam cento e vinte de cavallo, Cidadãos de Goa, e mil Laſcarins da terra. O Governador ſe foi pôr em Agaçaim pera dar ordem áquella guerra, donde deſpedio o Capitão que ſe poz da outra banda, e foi entrando pelas terras até á Villa de Margão, ſem achar quem lhe reſiſtiſſe. Alli por eſpias que trazia ſoube eſtarem os inimigos nas aldeias de Cocoly, e que ſeriam quatro mi com o que poz a ſua gente em ordem, paſſou a ribeira á outra banda, e foi h dia de madrugada marchando pera on les eſtavam, levando diante alguns c ligeiros, em que hiam deſcubrindo o po.

Os Mouros, que tambem traziam suas espias, foram avisados de como o Capitão de Goa os hia buscar; e não ousando ao esperar, se foram recolhendo pera o certão, deixando todas aquellas terras livres, e desembargadas. Os nossos chegáram a Cocoly, que acháram despejado com medo, e logo mandou D. Diogo de Almeida pergoar seguros Reaes, pera que livremente pudessem vir grangear, e possuir suas terras, e fazendas, acudindo a ElRey de Portugal com os fóros, pelos mesmos foraes dos Mouros. Com isto acudíram todos os Gancares, e Pateis das aldeias, e foram dar de novo obediencia ao Capitão, que os recebeo bem, e os segurou. Daqui despedio suas espias, e soube por ellas, que os Mouros eram passados pera Pondá, do que avisou ao Governador, que lhe mandou se recolhesse, e deixasse hum Tanadar nas terras com quinhentos piães, como fez.

Recolhido elle, mandou o Governador a Francisco de Mello Pereira, que tinha vin-[illegible] de Banda, que fosse estar em Ra-[illegible]ol com duzentos soldados Portuguezes pe-[illegible] segurança das aldeias; e lhe deo titulo [illegible] Capitão mór das terras de Salsete, e mil [illegible]s de ordenado cada anno, pagos nos [illegible] daquellas aldeias. Francisco de Mello Pereira se passou á outra banda, e de Margão

gão pera Rachol gaſtou todo o inverno, quietando, e ſegurando as terras, e arrecadando os fóros dellas. O Idalxá tanto que ſoube da fugida dos ſeus, e de como os noſſos ficavam ſenhores das terras, ſentio-o em eſtremo; e deſpedio logo outro Capitão com mais quatro mil hõmens, pera ir diante tornar a tomar as terras, em quanto elle negociava mór exercito. Em companhia deſte foi Gonçalo Vaz Coutinho, homem Fidalgo, que lá andava homiſiado por caſos grandes, que hia por Capitão de huma companhia, em que entravam alguns Portuguezes, que lá andavam arrenegados. Eſtimava o Idalxá muito eſte homem, por ſer esforçado, e de grande animo, e aſſim o moſtrou bem lá antre os Mouros; e tinha naquelle Reyno rendas, e aldeias. Eſta companhia partio da Corte de Viſapôr eſte Julho em que andamos; e do que paſſou, adiante daremos razão, porque he neceſſario que continuemos com Bernaldim de Souſa, e com algumas couſas, que neſte tempo ſuccedêram em Malaça.

DE-

DECADA SEXTA.
LIVRO V.
Da Historia da India.

CAPITULO I.

Do que aconteceo na jornada a Bernaldim de Sousa: e de como huma Armada dos Achens foi a Malaca: e de como Dom Francisco Deça sahio após ella, e do que lhe aconteceo.

PARTIDO Bernaldim de Sousa de Malaca, (aonde o deixámos,) como fica dito no Cap. IV. do I. Liv., foi na entrada de Dezembro passado tomar a Ilha de Ternate, e surgio defronte da fortaleza, e logo se embarcou em hum batel com seus criados, deixando ElRey na náo, e defendendo a todos os que com elle hiam, que não dissessem que estava elle nella. Chegados a terra, foi á fortaleza, e no caminho achou

achou Jordão de Freitas, que não tinha ainda recado de cousa alguma; e vendo a Bernaldim de Sousa, ficou sobresaltado, porque logo lhe pareceo que hum homem daquella maneira não hia lá senão a cousas grandes; e depois de o receber, se recolhêram pera a fortaleza, aonde acudíram todos os officiaes, e apresentou suas Patentes, por cuja virtude tomou logo posse da fortaleza. Os filhos de ElRey acudíram logo a ella, sem saberem do pai. Bernaldim de Sousa os recebeo bem, e lhes disse, que o fossem desembarcar que estava na náo. Elles como não sabiam cousa alguma, foi tão grande o seu alvoroço, que como doudos se foram á praia, e desembarcáram ElRey, a quem Bernaldim de Sousa foi esperar á praia com todo o povo. Desembarcado ElRey, foi recebido com muito alvoroço, e alegria de todos, levando os grilhões, com que foi prezo pera a India, alevantados no ar na mão direita, pera que lhos vissem todos, e assim se recolheo pera sua casa. Dahi a tres dias o mandou Bernaldim de Sousa chamar, e a todos os Regedores, e povo, que todos se vieram pera a fortaleza, aonde estavam os officiaes; e como os teve todos juntos no terreiro della, tendo já prestes as cousas necessarias pera aquella ceremonia, fez novamente entre os daquelle Reyno

no a ElRey Aeiro, em nome de ElRey de Portugal, dando-lhe alli a posse delle; e os Regedores tambem lhe deram a obediencia a seu modo. De tudo isto mandou Bernaldim de Sousa fazer autos, e papeis assinados por todos. Este auto se celebrou com muitas festas de todo o povo, ficando ElRey Aeiro dalli em diante correndo com as obrigações do Reyno. E porque no principio do seu governo não houve cousa notavel, o deixaremos, porque he razão continuemos com as cousas, que neste tempo succedêram em Malaca.

ElRey de Viantana Soltão Alaudixá (que foi o que Pero Mascarenhas deitou de Bintão, como na quarta Decada Cap. III. do Liv. II. temos dito) tendo alguns aggravos de ElRey de Patane seu vizinho; e havendo-se por muito affrontado, e offendido de elle por cousas que não são da essencia de nossa historia, convocou os Reys de Perá, Pão, e outros vizinhos pera o irem destruir, formando todos huma Armada de trezentas vélas, em que entravam galés, lancharas, bantins, e outras embarcações, em que embarcáram oito mil homens. Esta Armada se ajuntou no rio de Jor. De tudo isto foi avisado Simão de Mello, Capitão de Malaca, e com muita pressa despedio hum bantim muito ligeiro, por quem

es-

escreveo a Diogo Soares de Mello, que estava por Capitão no porto de Patane, em que o avisava daquella Armada, e lhe pedia » que logo se fosse pera Malaca, e não
» se quizesse achar naquella envolta, porque
» como aquelles Reys estavam amigos do Es-
» tado, não era bem que se achasse em Pa-
» tane, porque então sería necessario favore-
» cer aquelle Rey contra estoutros, pois es-
» tava em sua terra, do que poderia resul-
» tar algum grande escandalo; porque de
» toda a maneira que succedesse, sería gran-
» de desgosto; e desbaratando-se os Reys da
» liga, haviam de lançar a culpa aos Portu-
» guezes, que favorecêram o inimigo, e to-
» mariam dahi occasião pera darem traba-
» lhos a Malaca. E se o Rey de Patane fos-
» se vencido, não podia ser sem grande da-
» mno dos Portuguezes; que estava certo
» serem os primeiros que o recebessem, por-
» que sobre elles havia de carregar todo o
» pezo da guerra; pelo que melhor sería es-
» cusar desgostos, e recolher-se a Malaca. »

Esta carta deram a Diogo Soares de Mello; e parecendo-lhe bem o conselho de Simão de Mello, despedio logo alguns navios de Portuguezes, que estavam alli pera a China; e elle se embarcou nas suas galeotas com setenta Portuguezes, em que entravam estes Fidalgos: Manoel de Mello seu ir-

Irmão, (que era Capitão de huma das galeotas,) Ruy de Mello, hum João de Sampaio, Belchior de Siqueira, Balthazar Soares de Mello, filho do meſmo Diogo Soares de Mello, e outros. E tomando o caminho de Malaca, tanto ávante como os Ilheos de Calatão, (que eſtam em ſeis gráos e meio da banda do Norte, perto de vinte e ſinco leguas de Patane,) houveram viſta da Armada dos inimigos, que cubria o mar. E como aquelles Reys eſtavam todos amigos do Eſtado, pareceo-lhe a Diogo Soares de Mello que era obrigação viſitallos, já que ſe não podia deſviar delles; e aſſim foi demandar a galé de ElRey de Viantana, e com muita confiança entrou dentro. ElRey, que já ſabia quem elle era, o recebeo bem, fazendo-lhe grandes gazalhados. Diogo Soares de Mello teve com elle grandes cumprimentos; e deſpedindo-ſe logo delle, foi viſitar os outros Reys, que o agazalhá-ram honradamente. ElRey de Pão lhe deo huma carta pera os ſeus Regedores, em que lhes mandava » que tomando Diogo Soares » de Mello o ſeu porto, e querendo nelle » eſperar a monção pera Malaca, (que ha» via de ſer no fim de Agoſto,) o recolheſ» ſem, e lhe déſſem todas as couſas de que » tiveſſe neceſſidade. » E por virtude deſta carta tomando aquelle porto, lhe deram tu-

do

do o que pedio, despejando os navios, e varando-os, porque se haviam de deter mais de hum mez.

Neste tempo, que sería em Julho, succedeo lançar o Rey de Achém huma Armada de vinte vélas, em que entravam quatro galés muito formosas, de que era Capitão mór hum Mouro muito atrevido. Esta Armada se foi pôr no Estreito de Sabão, aonde fez algumas prezas em juncos, que hiam pera Malaca; e depois que por alli andou hum mez e meio, voltou pera Malaca, aonde chegou de noite. E chegando-se bem á terra, vendo que não era sentido, desembarcou da banda dos Chelins, pera ver se podia fazer alguma preza; mas como tudo estava fechado, não achou mais que huns patos, que ficáram de fóra a hum Chelim rico, e conhecido do Achém, e tomando-os, tornou-se a embarcar. Todavia isto não pode ser tão encuberto, que não fossem sentidos; e dando-se rebate na fortaleza, acudio o Capitão Simão de Mello, que mandou logo sahir fóra D. Francisco Deça seu cunhado com alguma gente, e achou a povoação dos Chelins toda alvoroçada, e posta em armas; e acudindo á praia, vio que os inimigos eram já embarcados, que se hiam recolhendo muito ufanos com os patos que levavam ao Achém, de final de como desem-

embarcáram em Malaca, e foram correndo a costa de Perá, e Quedá ás prezas.

Simão de Mello mandou hum bantim ligeiro a espiar esta Armada, e negociou com muita pressa alguns navios que havia no porto, pera mandar após elles. E andando neste trabalho, chegou á barra de Malaca Diogo Soares de Mello com duas galeotas, o que Simão de Mello estimou muito, porque com ellas fazia Armada bastante pera ir buscar os inimigos. Tinha já negociados dous caravelões de mercadores, de que eram Capitães Diogo Pereira, que depois foi sogro de D. Pedro de Castro; e Gemes Barreto, e seis fustas, de que tinha feitos Capitães seu cunhado D. Francisco Deça, que havia de ser cabeça de toda a Armada, Affonso Gentil, André Toscano, João Soares, Belchior de Siqueira, e D. Manoel Deça, com alguns bantins, de que eram Capitães Antonio de Lemos, Fernão de Alvares, e alguns Chelins; e as duas galeotas de Diogo Soares de Mello, em que elle hia, e seu irmão Manoel de Mello.

Prestes a Armada, em que hia todo o cabedal de Malaca, a despedio o Capitão, dando por regimento a D. Francisco Deça, que fosse após os inimigos; e que passados dez dias, (porque não levavam mantimentos pera mais,) se tornasse a recolher; encom-

commendando-lhe muito, que não fizesse cousa alguma, sem conselho de Diogo Soares de Mello.

Esta Armada foi correndo a costa de Pegú, sem achar novas dos inimigos; e passando adiante, chegáram a Pulo Botum, que he Ilha, entrando por antre ella, e a terra firme, e alli acháram novas que estavam em Quedá. E querendo D. Francisco Deça ir buscar a Armada, houve reboliço na gente della, dizendo os mais dos Capitães » que » não haviam de passar a Quedá, que era » longe, porque se lhes passavam já os dias » do provimento; » e assim se quizeram tornar alguns. D. Francisco Deça tratou de os quietar com brandura, mas não pode. A isto acudio Diogo Soares de Mello, estando todos presentes, e disse com paixão: » Que » todo o que tratasse de deixar o seu Capi» tão mór, que o havia de apregoar por » Judeo, e covarde; e que jurava a Deos, » que o havia de matar, e que pera isso ha» via de tornar a Malaca após elles, por» que por isso lhe havia ElRey de fazer mui» ta mercê, pois eram occasião de se não to» mar huma Armada, que tinha feito tão » grande affronta áquella fortaleza, tendo-a » nas mãos, e em parte que lhe não podia » escapar. » Disto disse tanto, que fez calar a todos; e quietando-se, foram seguindo o seu

ſeu Capitão mór. Chegados a Quedá, doze leguas de Pulo Botum, ſouberam que as galés eſtavam mais adiante oito leguas, em hum rio que ſe chama Parlés. Aqui houve nos da Armada outro reboliço, dizendo: » Que aquillo era já deſatino, andarem de » rio em rio, » e quizeram-ſe tornar alguns eſcondidamente. Diſto foi o Capitão mór aviſado, e acudio a iſſo com muita prudencia, temperando-os, e affirmando-lhes, que ſe os não achaſſem em Parlés, que ſe tornariam; porque já que tinham chegado até alli, não era razão que por mais oito leguas deixaſſem de ir buſcar os inimigos, já que na jornada eſtava mettido tão grande cabedal. E fazendo alli aguada, e negociando as armas á ſua vontade, ſe detiveram aquelle dia, e a outro ſe partíram.

CAPITULO II.

De como a noſſa Armada achou os inimigos no rio de Parlés: e da vitoria que os noſſos alcançáram: e de como foi revelado ao Padre Meſtre Franciſco Xavier da Companhia de Jeſus, eſtando prégando, e a denunciou logo a todos.

Partida a noſſa Armada do rio de Quedá, ao outro dia ſobre a tarde chegáram a Parlés, onde ſurgíram da banda de fóra. E alli ſouberam de huma embarcação eſ-

estar a Armada dentro pelo rio assima, tres leguas junto daquella Cidade. O Capitão mór tomou conselho com todos os Capitães sobre o que faria naquelle negocio, e assentou-se, que fossem buscar os inimigos, e pelejassem com elles, onde quer que estivessem. Com aquella resolução encommendou a Diogo Soares de Mello que fosse sondar a barra pera ver se podiam as caravelas entrar por ella, promettendo-lhe a dianteira daquelle negocio. Diogo Soares metteo-se logo em hum balão ligeiro com hum Piloto, e foi entrando a barra; e sondando os canaes por todas as bandas, achou que poderiam as caravelas entrar descarregadas; e chegando a terra, mandou cortar grandes ramos de arvores, com que abalizou o canal por onde haviam de entrar, porque por derredor eram bancos, e baixos.

Feito isto, e dada informação ao Capitão mór, mandou descarregar as caravelas, repartio o fato dellas pelos navios, e á toa as metteo Diogo Soares de Mello dentro, surtas da boca do rio pera dentro junto da terra. Já sobre a tarde despedio o Capitão mór hum João Soares com sinco companheiros em huma almadía ligeira, pera que fosse espiar os inimigos, e notar a ordem em que as galés estavam. João Soares foi pelo rio assima até descubrir a povoação, e de-

cam

ram com huma almadía que andava tarrafando; e porque os não conheceſſem, por não darem aviſo aos Achéns, tornáram a remar pera traz ſem virar, (porque a almadía tinha dous lemes,) e todavia não pudéram fazer iſto tão apreſſado, que os peſcadores não enxergaſſem os murriões que levavam nas cabeças, e reluzião ao longe, notando que aquella gente era nova. E virando pera a povoação, deram conta ao Capitão mór das galés, daquillo que víram, e que lhes parecêra gente deſacoſtumada. O Mouro mandou logo algumas peſſoas, que foſſem a algum outeiro alto, donde deſcubriſſem a barra, pera verem ſe havia nella alguns navios. Eſtes enxergáram ſó os maſtos, e gaveas das caravelas, e as fuſtas não, por eſtarem cozidas com a terra. Com eſtas novas ſe tornáram ao Mouro, Capitão mór da Armada, que aſſentou que aquillo eram navios de mercadores, que hiam fazer pimenta; com o que ſe ſegurou, e quietou, havendo-os por tomados; e porque já era noite, ſe deixou eſtar pera o outro dia os mandar buſcar. João Soares tornou com o recado a D. Franciſco Deça, dizendo-lhe » que » não pudéra chegar a reconhecer bem as ga- » lés por cauſa da almadía que encontrou, » e que por não ſer reconhecido ſe tornára. »

Eſta noite paſſáram os noſſos em gran-

de vigia com as armas nas mãos. Ao outro dia, que foi Domingo seis de Dezembro, dia de S. Nicoláo Bispo, se poz a nossa Armada em ordem; e levando ancora, se foram pelo rio assima a buscar os inimigos. Diogo Soares de Mello levava a dianteira, e as suas duas galeotas; e Belchior de Siqueira, e João Soares levavam á toa as caravellas de Diogo Pereira, e Gemes Barreto. O Capitão mór dos Achéns tambem tanto que amanheceo, despedio duas galés, e doze lancharas, pera que lhe trouxessem os navios que estavam na barra; e vindo pelo rio abaixo, houveram os nossos vista delles. O Capitão mór D. Francisco Deça tanto que os vio, despedio quatro bantins, Antonio de Lemos, Fernão de Alvares, e outros, pera que fossem diante commetter os inimigos, a fim de elles desPararem nelles a primeira carga, porque por resteiros lhes não podiam fazer damno, e terem os mais navios tempo de ferrarem delles. Os bantins foram com remo em punho demandar as galés, e atiráram-lhe algumas berçadas, e os inimigos de soffregos, alheios de mais consideração, dispararam toda a sua artilheria, que toda lhes foi por alto.

Era isto na volta de huma ponta que entrava no rio, que ficava encubrindo ambas as Armadas; a nossa hia de longo da ter-

terra, e em voltando a ponta, deram de rosto com elles. E como os inimigos vinham já com a sua artilheria descarregada, deolhes a nossa Armada huma formosa salva, acertando hum camello, que se atirou da caravela de Diogo Pereira em huma das galés; e tomando-a hum pouco diante da prôa, a foi varando de parte a parte, mettendo-a logo no fundo. E como os nossos hiam aviados pera sima, e os inimigos vinham com a mesma furia pera baixo, não podendo voltar, investio-os logo Diogo Soares de Mello, e ferrou da outra galé, e os mais navios cada hum do seu, começando-se antre todos huma muito cruel batalha, em que todos os nossos mostráram bem o valor, e esforço Portuguez. O Capitão mór afferrou de huma lanchara, que logo axorou, e passou adiante a favorecer os mais, que pelejavam muito valorosamente.

Diogo Soares de Mello como levava hum navio muito possante com sincoenta bons, e esforçados companheiros, *tanto trabalhou*, que a poder de golpes *se lançou* na galé inimiga acompanhado dos seus, e dentro nella á espada se averiguou aquelle negocio, matando todos os inimigos, sem escapar hum só vivo; e tomando a galé á toa, a trouxe comsigo. Os mais navios, que estavam investidos dos nossos, foram rendidos,

e ſinco delles mettidos no fundo ; e foi a deſtruição tão grande nos inimigos , que o rio ſe tornou da côr do ſangue. Acabou-ſe de arrematar a vitoria ás nove horas do dia. E depois de tomarem alguma refeição , e a darem aos marinheiros , chamou o Capitão mór todos a conſelho , e lhes diſſe : » Que » pois Deos lhes tinha feito mercês tão gran- » des , que o bom ſería não arrefecerem , » nem deixar enxugar o ſangue das eſpadas , » e paſſarem ávante a acabar de concluir » com aquella Armada , porque os inimigos » haviam de eſtar medroſos , e que havia » pouco que fazer com elles. » Os caſados de Malaca diſſeram » que deviam de ſe con- » tentar com a vitoria que tinham alcança- » do ; que além dos inimigos eſtarem bem » caſtigados de ſeu atrevimento , e ouſadia , » não era bem que foſſem pelejar com a » mais Armada nas barbas do Rey da ter- » ra , que era amigo do Eſtado , e Mouro » como os outros , e que forçado ſe havia » de eſcandalizar , e affrontar daquelle ne- » gocio ; que melhor era darem-lhe a enten- » der , que ſe lhe tinha aquelle reſpeito , » porque os noſſos navios coſtumavam ir al- » li todos os annos a fazer ſuas fazendas. » Não pareceo iſto mal ao Capitão mór , e ao outro dia mandou tirar os navios pera fóra ; e querendo-ſe ir pera Malaca , ſe deſ-

pe-

pedio delle Diogo Soares de Mello, porque lhe era necessario chegar a Pegú, e lhe pedio a galé dos Achéns, que elle rendeo, e a levou comsigo, e foi pera Pegú, onde o deixaremos até que tornemos a contar as cousas que naquelle Reyno lhe acontecêram, que foram muito grandes.

D. Francisco Deça se fez á véla pera Malaca; e em quanto não chega, daremos razão do que succedeo naquella fortaleza. Atrás no I. Cap. do V. Liv. démos conta de como o Rey de Viantana com outros amigos, e confederados ajuntáram huma grande Armada contra o Rey de Patane; e depois que fizeram este negocio, que foi concertarem-se, tornáram a voltar pera Jor. E sabendo como a nossa Armada era em busca da do Achém, e que Malaca ficava com pouca gente, como andava espreitando todas as occasiões pera ver se podia lançar mão de alguma em que tomasse aquella fortaleza, que fora dos Reys seus antepassados, foi-se com toda aquella Armada pôr no rio de Muar, seis leguas de Malaca; e dalli despedio hum seu Capitão com huma carta a Simão de Mello, que estava por Capitão daquella fortaleza, em que lhe dizia: » Que » elle fora informado, que a Armada do » Achém desbaratára a dos Portuguezes, de » que estava muito anojado; que elle como » ami-

» amigo , e irmão de ElRey de Portugal ; » a cujas cousas mostrára sempre ter grande » amor, não se quizera recolher sem tomar » satisfação dos Achéns ; que lhe pedia lhe » désse licença pera surgir naquelle porto com » toda sua Armada, porque tinha por cer- » to, que os Achéns triunfadores da vitoria » dos Portuguezes, pertendiam vir sobre a- » quella fortaleza , por lhe parecer que se- » ría muito facil tomalla. E que elle estava » prestes pera arriscar toda sua Armada , » Reyno, e ainda a vida pelo serviço de El- » Rey de Portugal, e pela defensão daquel- » la fortaleza ; e que até não ter resposta sua , » se não bulliria daquelle lugar. » E avisou ao que levava as cartas, que notasse a gen- te que havia na fortaleza, e o modo de co- mo estava.

Esta carta causou em todos grande con- fusão ; mas o Capitão Simão de Mello com muita segurança , assim porque o Embaixa- dor lha notasse, como por curar as descon- fianças que havia nos rostos de muitos, lhe respondeo com os mesmos cumprimentos , e offerecimentos , affirmando-lhe » que pera » o servir contra seus inimigos tinha muita » gente, muitas armas, e muitas munições, » e sobre tudo vontade, e o amor que sem- » pre tivera a suas cousas. E que quanto ás » novas da Armada, que eram falsas as que

» lhe

» lhe deram , porque elle tinha já recado ,
» que os ſeus desbaratáram aos Achéns , e
» que eſperava por horas por toda a Arma-
» da ; e que com ella o poderia ainda ſer-
» vir , ſe quizeſſe tornar contra ſeu inimi-
» go. Por onde podia eſcuſar o trabalho,
» que lhe elle ſerveria muito bem , e reco-
» lher-ſe pera ſeu porto. » E com iſto deſ-
pedio o Embaixador, que deo novas a El-
Rey do que víra , e da confiança que no-
tou no Capitão, e da certeza que tinha de
ſua Armada ter vencida a dos inimigos. Eſ-
ta nova por animar a todos tinha elle man-
dado eſpalhar pela terra, com o que o Rey
Malayo não bullio comſigo; mas deixou-ſe
ficar no rio de Muar vinte e tres dias, que
parecêram aos noſſos outros tantos annos;
porque com não terem certeza da Armada,
e verem hum inimigo tão poderoſo, lhe ti-
nha tirado o ſomno a todos ; e todavia o
Capitão Simão de Mello proveo a fortale-
za de guarda o melhor que pode, e lançou
eſpias ſobre os inimigos de que cada dia era
aviſado.

Eſtavam todos neſte eſtremo , e receio,
que o Padre Meſtre Franciſco Xavier traba-
lhou por remediar com práticas mui eſpiri-
tuaes, e conſolatorias, que muitas vezes fez
em público ; até que eſtando prégando o meſ-
mo Domingo em que os noſſos alcançáram
a

a vitoria, naquelle mesmo ponto que se concluio, fez huma extraordinaria mudança no rosto; e deixando o fio do Sermão, fictou os olhos no Ceo hum pequeno espaço, e depois arrebentando num espirito inflammado, disse: » Que dessem graças a Deos nosso Senhor, que acabára a nossa Armada » de vencer a do Achém. » E assim deo relação da batalha, como se estivera presente a ella, porque particularizou os casos della; com o que todo o auditorio arrebentou em lagrimas, dando graças ao Altissimo, e poderosissimo Deos. E logo o mesmo dia á tarde fez na Ermida de nossa Senhora outra pratica espiritual, em que tornou a declarar, e fallar mais particularmente na batalha, o que deo tal animo a todos, que já não havia tristezas, nem desconfianças. Poucos dias depois chegáram novas, que o Rey Malayo era recolhido, e depois a nossa Armada vitoriosa, com que a fortaleza se desfazia em festas, e louvores de Deos nosso Senhor.

CA-

CAPITULO III.

De como o Idalxá mandou outros Capitães sobre as terras de Salsete: e do recado que o Governador D. João de Castro teve de Dio: e das Armadas que este anno partíram do Reyno.

FIcou o Idalxá tão affrontado de lhe lançarem os seus Capitães fóra das suas terras, que determinou de entrar naquelle negocio com todo o cabedal que pudesse. E depois que despedio os Capitães, de que atrás fallámos no Cap. IX. do IV. Liv., enviou logo apôs elles outros com mais finco mil homens, e hum Capitão dos principaes do seu Reyno sobre todos, com regimento, que logo se tornasse a apossar de suas terras, o que elles fizeram, lançando outra vez mão dellas, sem fazerem mal aos moradores, antes lhes deram liberdades, e lhes fizeram favores. Os nossos se recolhêram na fortaleza de Rachol sem lhes poderem resistir, por ser o poder grande.

Tanto que o Governador teve recado, bem vio que lhe havia aquelle negocio de dar trabalho, e despedio com muita pressa alguns navios pera andarem nos rios, e em guarda daquella fortaleza; e mandou Dom Diogo de Almeida, Capitão de Goa, com cen-

cento e vinte de cavallo, e trezentos de pé, e mil Lascarins da terra, pera ajuntar a si o mais cabedal, que trazia Francisco de Mello Pereira, e pela banda de Rachol ir buscar os inimigos. Esta gente foi toda por mar; e chegados a Rachol, assentáram seu arraial fóra no campo, e dalli fizeram algumas entradas pelas terras até Margão, tendo algumas escaramuças com os inimigos, sem nunca se encontrar o poder junto; e todavia os Mouros ficáram arrecadando os fóros, e senhoreando as terras, sem os nossos lho poderem defender.

O Governador poz este negocio em conselho, porque tratava de passar em pessoa; e assentou-se » que não podia por então ser, » porque era a força do inverno, e as ter» ras estavam alagadas, e intrataveis pera os » Portuguezes poderem andar por ellas; que » se esperasse o verão, que viriam as náos » do Reyno com gente, e que então se fi» zesse aquelle negocio: que se segurasse Ra» chol com gente, e se recolhesse o Capi» tão, porque não fazia mais, que gastar o » tempo em vão, e fazer despezas; » no que logo o Governador proveo em tudo muito bem, mandando dar muita pressa á Armada, porque determinava de ir fóra no verão; visitando elle todos os dias a ribeira, e vendo com os olhos os galeões, e os mais na-

navios. E aos Domingos, e dias Santos fazia exercitar os bombardeiros, e os soldados no campo, em barreiras que pera isso tinha; porque este he o verdadeiro officio do Governador, e esta era a razão, por que então os soldados se prezavam das armas, e se esmeravão em as trazerem limpas, e concertadas, e não empenhadas. E tanto favorecia este Governador os soldados que tinham boas armas, e se prezavam dellas, que passando hum dia pela rua de nossa Senhora da Luz, poz os olhos em huma casa terrea, em que pousava hum soldado, que se chamava Francisco Gonçalves, e vio-lhe de fronte da porta hum cavide com algumas espingardas, espadas, e alabardas, mui limpo tudo, e concertado; e tendo o quartáo em que hia, chegou-se bem á porta, e perguntou quem pousava alli? O soldado acudio de dentro á porta, e elle o festejou muito, gabando-lhe as armas; e mandou que lhe déssem logo trinta pardáos pera azeite pera as untar, e disse-lhe, que como se lhe acabasse, pedisse mais azeite; e o mesmo fez a outros muitos soldados, porque naquelle tempo folgavam os Governadores de fallar com elles, e de os favorecer, e honrar.

Era já entrado o mez de Agosto, e o Governador andava dando pressa ás cousas, por-

porque tinha muito que fazer aquelle verão. E sendo vinte e dous dias do mez, chegou á barra de Goa hum catur, que vinha de Dio, de que era Capitão Francisco de Moraes, que trazia cartas de D. João Mascarenhas, que o Governador vio, e nellas lhe affirmava » que ElRey Soltão Mahamude ti- » nha hum muito grosso poder, pera com » elle vir em pessoa sobre aquella fortaleza; » que o bom sería acudir elle logo em prin- » cipio do verão, porque como lá o visse, » poderia ser se retrahisse, e mudasse o pen- » samento. » O Governador com estas novas despedio logo recado á Cidade de Cochim a pedir-lhe, que o quizessem ajudar nesta necessidade, que de novo se lhe offerecia, com os mais navios, e gente que pudesse. O mesmo escreveo áquelle Rey, pedindo-lhe dous mil Nayres, mandando ordem pera se lhe darem embarcações, e todo o mais necessario. E despedio o mesmo Francisco de Moraes, com cartas a D. João Mascarenhas, em que lhe fazia a saber, que se ficava fazendo prestes; e que tanto que as náos do Reyno chegassem, logo se embarcaria. E escreveo por elle ás Cidades de Chaul, e Baçaim, encommendando-lhes que estivessem prestes pera o acompanharem todos os que pudessem, porque folgaria de os achar negociados, por se não deter. Estas novas cor-

corrêram logo pela Cidade de Goa; e ajuntando-se os Vereadores em Camara, fizeram chamamento do povo, e lhe lembráram a necessidade que de novo se offerecia, e que era razão que não faltassem a ella; que sería bom fazerem seus offerecimentos ao Governador, pois elle era tal, que da outra vez lhe não quizera acceitar cousa alguma. E parecendo bem a todos, foram os Vereadores ao Governador, e lhe fizeram seus cumprimentos, certificando-lhe que estavam todos prestes pera o servirem com o amor, e vontade que sempre nelles achou. O Governador lhes agradeceo aquillo com palavras muito honradas, e lhes pedio dez mil pardáos, que lhe elles logo negociáram.

E passando nesta materia ainda mais adiante, além do dinheiro que lhes pedíram, houve muitas mulheres de Cidadãos ricos, e honrados, que tomáram suas joias em cofres, e bocetas, e as mandáram por suas filhas meninas apresentar ao Governador, pedindo-lhe » que pois da outra vez que lhas » mandáram, as não quiz gastar, ou porque » não fosse necessario, ou por outra alguma » razão, que pera isso teria; que estimariam » muito servir-se elle por então dellas, pois » era pera cousa tão importante, e necessaria. » Vendo o Governador aquella grande lealdade, amor, e liberalidade, ficou ad-

admirado; e não tocando nas joias, lhas tornou a mandar com palavras de grandes agradecimentos, dizendo: » Que mais estimava » aquelle amor, e vontade, que todos os » thesouros da terra; » e ás meninas, que levavam as joias, deo peças de damasco, e de outras sedas. E por aqui se verá o amor, e gosto com que todos serviam o seu Rey, porque achavam nos seus Governadores este primor, honra, e verdade.

Andando o Governador dando pressa á Armada, mandando-a lançar ao mar, e provella de mantimentos, munições, e de todas as mais cousas necessarias, sendo dez dias de Setembro, chegáram á barra de Goa duas náos, de seis que partíram do Reyno, sem trazerem Capitão mór, de que eram Capitães Balthazar Lobo de Sousa, e Francisco de Gouvea. Das quatro náos que faltavam, eram Capitães D. Francisco de Lima, que trazia a Capitanía de Goa, que vinha na náo S. Filippe, e Francisco da Cunha no Zambuco. Estas duas náos partíram tarde do Reyno, e chegáram a Goa a vinte e tres de Setembro. Da outra náo, que era a Burgaleza, era Capitão Bernardo Nacer, que foi tarde tomar Socotorá, onde invernou, e foi tomar Goa em Maio. Da outra náo que faltava, era Capitão D. Pedro da Silva da Gama, filho do Conde Almirante,

te, que hia provído com a fortaleza de Malaca, que por ruim navegação do seu Piloto se foi perder nas Ilhas de Angoxa; mas salvou-se toda a gente, que se passou a Moçambique, e foi á India repartida pelas outras náos de Francisco de Gouvea, e Balthazar Lobo.

Este anno mandou ElRey ao Governador » que logo lhe mandasse fazer huma forta» leza em Moçambique muito forte, e ca» paz de recolher todos os moradores, por» que se receava de Rumes; e que a fizesse » na ponta de sobre a barra, aonde estava » a Igreja de nossa Senhora do Baluarte, » porque tratava de segurar seus vassallos, » ainda que fosse com despezas de sua Fazen» da, e commercio das Minas de Çofala, » e Cuama, e tambem por ser a principal » escala das náos do Reyno, aonde se vão » refazer, e prover de tão longa viagem; » e mettendo alli pé os Rumes, além de ser » perda notavel, dariam grande oppressão » a toda a India. »

CA-

CAPITULO IV.

De como o Governador D. João de Castro partio pera Pondá, e tomou aquella fortaleza: e de hum Embaixador que o Ráo mandou ao Governador: e das pazes que com elle se assentáram.

CHegadas as náos do Reyno, se começou logo o Governador a fazer prestes pera passar, e buscar os inimigos ás terras de Salsete; e fazendo alardo da gente Portugueza, achou tres mil soldados, que repartio em sinco bandeiras, de que deo as Capitanías a seu filho D. Alvaro de Castro, e a D. Bernardo, e D. Antonio de Noronha, filhos do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, e a Manoel de Sousa de Sepulveda, e a Vasco da Cunha; e D. Diogo de Almeida Freire, Capitão da Cidade, levava duzentos de cavallo, em que entravam todos os moradores de Goa. Das Tanadarías vizinhas se ajuntáram todos os piães da terra, que com os que estavam em Rachol, fariam número de mil e quinhentos. O Governador mandou recado a Francisco de Mello, que estava em Rachol com trezentos homens, e quinhentos piães, que estivesse prestes, pera como elle entrasse nas terras pela banda de Agaçaim, que partisse elle de lá,

e

e se ajuntassem na Villa de Margão. Os inimigos tiveram logo aviso dos preparamentos, que o Governador fazia pera os ir buscar; e tomando antre si conselho, assentáram de não esperarem aquelle poder, e de se passarem á fortaleza de Pondá, como fizeram, deixando as terras em poder dos Rendeiros. O Governador estando ultimamente pera se passar á outra banda, teve rebate de como os Capitães do Idalxá eram recolhidos a Pondá; e tomando parecer sobre o que faria, assentou-se » que lá se fossem buscar, e que os desbaratassem de todo, porque não convinha ao Governador acudir ao Norte, deixando aquelles Capitães juntos tão perto; que em se elle embarcando, logo se haviam de tornar a metter nas terras. » Com isto se foi o Governador pôr em Benestarim, donde começáram a passar as bandeiras; e como estiveram da outra banda, dormíram alli aquella noite. Ao outro dia de madrugada passou o Governador, e começou logo a marchar pera Pondá; e chegando a huma ribeira, que está a meio caminho, achárам da outra banda huma companhia de dous mil homens, que os esperavam pera lhes defenderem a passagem. D. Alvaro de Castro, que levava a dianteira, tanto que chegou á ribeira, o começáram da outra banda a festejar com a

arcabuzaria. Elle como levava boas eſpias, o encaminháram pera huma parte por onde começáram a paſſar a váo, com a agua por cima do giolho, jogando tambem a ſua eſpingardaria em roda viva. As mais bandeiras tambem chegáram á ribeira, e foram todas commetter a paſſagem por differentes váos.

D. Alvaro de Caſtro ſe poz da outra banda, aonde travou com os inimigos huma boa eſcaramuça, em que os noſſos apertáram tanto com elles, que os arrancáram do campo, e ſe foram recolhendo pera Pondá. O Governador paſſou a ribeira á outra banda, e foi marchando em muito boa ordem, levando a gente de cavallo pelas ilhargas do exercito; e por todo aquelle caminho foram achando muitos eſtrepes, em que alguns dos noſſos ſe encraváram, levando ſempre os inimigos diante, jogando com ſua eſpingardaria; e aſſim foram até chegarem á viſta da fortaleza. E da banda de fóra acháram todos os Capitães do Idalxá poſtos em ſom de batalha.

O Governador mandou a ſeu filho, que rompeſſe nelles por huma parte, e D. Diogo de Almeida, Capitão de Goa, com toda a gente de cavallo por outra; e arrancando elles com grande furia, appellidando o Apoſtolo Sant-Iago, aos primeiros golpes

pes viráram os inimigos as coſtas, e foram fugindo, não pera a fortaleza, mas pera o certão, porque ſe não atrevêram a defendella. D. Alvaro de Caſtro chegou a ella; e da banda de fóra eſperou o Governador, que lhe mandou que entraſſe dentro, como fez, ſem achar peſſoa viva, nem fato, mais que algumas couſas de pouca importancia, por onde pareceo que tinham já os inimigos recolhido tudo, com tenção de largarem a fortaleza.

O Governador tomou parecer ſobre o que faria naquelle negocio; e aſſentou-ſe, » que ſe recolheſſem ſem tocar na fortaleza, » nem derriballa; porque viſſe o Idalxá o » pouco caſo que della fazia, porque todas » as vezes que a quizeſſem tomar, o podia fa» zer. » O Governador tornou a voltar pera Goa, aonde chegou aquelle dia, tratando logo de ſe embarcar; e eſtando pera o fazer, chegou hum Embaixador de ElRey de Canará, mui grandemente acompanhado. Reinava então naquelle Reyno Cidoça Ráo, que andava havia muitos annos em grandes guerras com o Idalxá. Eſte ſabendo as differenças que havia antre elle, e o Governador, deſejando de ſe confederar com os Portuguezes, pera juntamente com elles lhe fazer guerra, e o deſtruir de todo, deſpedio eſte Embaixador, que era hum dos prin-

cipaes Capitães do seu Reyno, e dos mais chegados de sua casa.

Sabendo o Governador da sua chegada, lhe mandou ordenar grande recebimento, como se lhe fez, e o recebeo em sala com grande apparato; e depois de passadas as palavras da visitação, lhe deo as cartas de ElRey, e algumas joias ricas, e curiosas, que lhe mandava de presente. O Governador como estava de caminho, o ouvio logo ao outro dia, e o Embaixador lhe disse » que ElRey seu Senhor desejava mui» to de ter paz, e amizades com elle Go» vernador; e que estava prestes de sua par» te pera tudo o que fosse justo, e honesto; » porque sempre os Reys seus antecessores » corrêram em muita paz, e amizade com » os Governadores passados. » O Governador lhe respondeo » que estimava muito que» rer ElRey Cidoça Ráo ser amigo de El» Rey de Portugal seu Senhor; e que elle » estava de caminho pera fóra, e por con» cluir primeiro aquelle negocio, elle remet» tia o assento das pazes ao Veador da Fa» zenda, e Secretario, e que se ajuntasse lo» go com elles, e as concluissem, porque » elle desejava muito de servir ElRey de Ca» nará em tudo. » O Embaixador folgou com aquella resolução; e ajuntando-se os Officiaes assima nomeados com elle, dando huns,

e outros ſeus apontamentos, vieram a concluir os Capitulos ſeguintes:

» Que ElRey de Portugal, e o de Ca» nará ſeriam amigos de amigos, e inimigos » de inimigos; e que ſendo neceſſario, ſe aju» daria hum ao outro com todas as forças, » e poder que tiveſſem contra todos os Reys » da India, tirando o Zamaluco.

» Que lhe deixariam tirar da Cidade de » Goa todos os cavallos que a ella vieſſem » de Perſia, e de Arabia, e que nenhum paſ» ſaria ao Idalxá, nem a porto ſeu: e que » elle ElRey de Canará ſería obrigado a fa» zer comprar todos os que ſe levaſſem a » ſeus pórtos, e faria dar breve deſpacho aos » mercadores que com elles foſſem.

» Que ElRey de Canará não conſenti» ria que mantimento algum, de qualquer ſor» te que foſſe, ſahiſſe de porto algum ſeu » pera os Reynos do Idalxá; e que todos » ſe ajuntariam em Onor, e Barcalor, aon» de ElRey de Portugal teria Feitores pera » os comprarem todos: e que os Governa» dores da India ſeriam obrigados a manda» rem lá os mercadores Portuguezes aos com» prar. E que pela meſma maneira ElRey » de Canará defenderia que de nenhum por» to ſeu, nem lugar do certão, paſſaſſe pe» ra o Reyno do Idalxá ferro, nem ſalitre; » e que os mercadores dos ſeus Reynos le-

» va-

» variam estas fazendas aos pórtos maritimos
» do Reyno de Canará, onde os Governa-
» dores da India os mandariam comprar lo-
» go, porque os donos não recebessem perdas.
» Que todas as roupas do Reyno de Ca-
» nará não iriam a algum dos pórtos do Idal-
» xá, mas que iriam a Ancolá, e a Onor;
» e que pela mesma maneira obrigariam os
» Governadores aos mercadores Portuguezes
» a que as fossem lá comprar, e lhes leva-
» riam cobre, coral, vermelhão, azougue,
» sedas da China, e todas as mais mercado-
» rias que vinham do Reyno; e que elle se
» obrigava a lhas fazer comprar.
» Que vindo alguma Armada de Turcos
» á India, ou qualquer navio seu particular,
» que elle Rey de Canará os não agazalha-
» ria em porto algum dos seus; e todos os
» Turcos que nelles viessem, os mandaria
» prender, e prezos os enviaria ao Governa-
» dor da India, que pelo tempo fosse.
» Que concertando-se ElRey de Canará
» com o Governador da India, pera ambos
» fazerem guerra ao Idalxá, que em tal ca-
» so todas as terras que se tomassem seriam
» do Rey de Canará, excepto as que jazem
» do Gate pera baixo desde Banda até o rio
» de Cintacorá, porque todas estas por an-
» tiguidade pertencem ao senhorio, e juris-
» dicção da Cidade de Goa; e que estas fi-
» ca-

» cariam pera todo ſempre da Coroa de Por-
» tugal. »

Eſtes contratos, que foram eſcritos pelo Secretario Coſme Annes, ſe juráram logo pelo Governador, e pelo Embaixador de Canará, com as ſolemnidades coſtumadas, e logo ſe pregoáram por toda a Cidade de Goa com grandes feſtas. Feito tudo iſto, deſpedio o Governador o Embaixador, mandando por elle a ElRey hum muito rico preſente de cavallos formoſos, peças de eſcarlatas, e de veludos de cores; e deo outras ao Embaixador, com que ſe foi muito ſatisfeito. O Governador ſe começou a embarcar; e em quanto o fez, nos pareceo bem darmos razão do fundamento deſte Reyno de Canará, e de todos os ſeus Reys por ſer couſa muito curioſa, e que até hoje ninguem eſcreveo.

CAPITULO V.

Do fundamento deſte Reyno Canará, e origem de ſeus Reys com todos os que até hoje reináram: e donde naſceo chamarem a eſte Reyno de Biſnagá, e de Narſinga.

ESte Reyno de Canará, ſegundo ſuas eſcrituras, teve principio quaſi nos annos de mil duzentos e vinte de noſſa Redem-

dempção. O ſeu proprio nome he Charná Thacá, que de corrupção em corrupção ſe veio a chamar Canará. E porque, como já muitas vezes temos dito, todos eſtes Gentios do Oriente fabulão mil patranhas, pera virem dar hum honroſo principio a ſeus Reys, aſſim eſtes o fazem, e contam muitos desbarates.

E continuando ao pé da letra com ſuas eſcrituras, affirmam que todos eſtes Reynos, antre o Indo, e Gange, foram povoados de diverſas caſtas de Gentios, repartidos em muitos Senhorios, e Reynos, com eſte titulo de a Ayas, que eram como Juizes, e cabeças de Tribus, debaixo de cujo governo vivêram muitas centenas de annos em mui grande liberdade, ſem conhecerem Rey, Imperador, nem até os annos aſſima ditos; e que naquella parte aonde depois ſe fundou a formoſa, e rica Cidade de Biſnagá (como logo diremos) ſe levantou hum Bragmane de vida ſanta, e religioſa antre elles, e lhes começou a prégar, e dar leis, e coſtumes novos. Deſte affirmavam que não comia mais que huma vez na ſemana, e ainda eſſa hum pouco de leite, que lhe coſtumava a levar hum paſtor daquelles campos, que hia ao mato aonde ſe elle apoſentava, e aonde muitas vezes o achava enlevado em contemplação. Tanto continuou elle paſtor

iſto,

isto, que nunca lhe faltou com o seu ordinario serviço, aquelle dia determinado. E hum delles o achou em hum grande extase, e arrebatamento, que lhe durou grande espaço. E tornando em si, achou o pastor apar de si com a reção do leite; e pondo-lhe a mão na cabeça, o benzeo, dizendo-lhe: » Tu serás Rey, e Imperador de todo este Industão, e eu o pedirei a Deos. »

Isto se soube logo antre os pastores, e começáram a tratar aquelle com differente veneração, e o fizeram cabeça de todos. Elle como era sagaz, e astuto, ajuntando hum grande exercito delles, se fez jurar por Rey, e sahio a conquistar aquelles Rayas, e seus Estados, que estavam já reduzidos a sinco; porque fazendo a cubiça seu officio, os que mais pudéram, lançáram mão dos Estados dos outros; e assim tinham constituidos sinco Reynos mui prosperos, e grandes, que eram os do Canará, Taligás, Canguivarão, Negapatão, e o dos Badagás. E assim o favoreceo a fortuna, que se senhoreou de todos estes Reynos, e Estados. E vendo-se tão grande Senhor, se intitulou Bocá Ráo, que quer dizer Imperador. Sabendo hum Rey do Dely como aquelle pastor se tinha alevantado com tantos Reynos, o foi buscar com muito grande exercito, e juntos ambos em huns campos, que se chama-

vam

vam Quis Quedá, vieram a batalha, em que o Rey do Dely foi desbaratado; e em memoria daquella vitoria fundou o Bocá Ráo, no mesmo lugar em que a batalha se deo, huma formosissima Cidade, a que poz nome Visajá Nager, que quer dizer, Cidade de vitoria, a que nós corruptamente chamamos Bisnagá, e ainda damos della o nome a todo o Reyno, não se chamando antre os naturaes senão o Reyno de Canará.

Este Bocá Ráo, tendo reinado vinte e sinco annos, entregou o Reyno a hum filho seu, chamado Harcará Rayo, e elle se recolheo a acabar em vida solitaria, no mesmo lugar em que aquelle Bragmane santo viveo. O filho que lhe succedeo foi homem valoroso, e conquistou muita parte dos Reynos do Decan; e depois de reinar quarenta annos faleceo, deixando por herdeiro hum filho, chamado Dava Rayo, que conquistou todos os Reynos do Balagate, e reinou vinte annos. Por sua morte lhe succedeo no Reyno seu filho Visia Ráo, que foi valoroso, e muito rico de thesouro, teve grandes guerras com o Rey do Dely, que era Mouro, com quem confinava da parte do Norte; e em huma batalha que ambos tiveram, foi este Visia Ráo morto, tendo reinado vinte annos. Succedeo-lhe nos Estados seu filho Diva Ráo, que foi vingar a morte do pai,

e conquiſtou os Reynos do Dely, e mandou, e reinou dez annos, ficando-lhe dous filhos meninos, a que não ſoubemos os nomes, que ambos reináram, hum doze annos, e outro dezeſeis. E em tempo do primeiro irmão, que ficou menino em poder de tutores, tornáram-ſe-lhe a rebellar os Reynos do Dely, e Mandou, e aquelle Rey (que era Xano Saradim, como João de Barros lhe chama, e ás eſcrituras Canarás, Tagalaca, como já na quinta Decada temos dito) entrou pelos Reynos do Decan, perto dos annos de mil trezentos e doze, com grandes exercitos, e os conquiſtou todos, deixando nelles hum ſobrinho por Governador. O Rey do Canará ficou recolhido na Cidade de Viſaya Nager, com todos os Reynos que poſſuíram ſeus primeiros fundadores, que são os ſinco que atrás ficam nomeados.

Falecidos eſtes dous irmãos, filhos de Diva Ráo, ſem terem herdeiros, lhes ſuccedeo no Reyno hum tio irmão de ſeu pai, chamado Narſinga, que foi muito valoroſo. Eſte não quiz tomar o titulo de Ráo, que he de Imperador, nem o de Rayo, que he o de Rey, (como alguns dos Reys paſſados ſe intituláram,) mas tomou o de Naique por mais humilde, que he tanto como dizer Capitão, ou Duque, e aſſim ſe ficou chamando Narſinga Naique. E porque eſte vi-

viveo muitos annos, e foi valoroso, e fez sempre muitas guerras aos Mouros, foi muito nomeado no Mundo; e os Estrangeiros Italianos, que antes dos Portuguezes vieram á India por terra, como este Reyno era o mais rico de todos os do Oriente, e o Rey Narsinga grande favorecedor de Estrangeiros, e todos o continuavam mais, diziam cá na Europa, que vinham do Reyno de Narsinga, ou que hiam pera o Reyno de Narsinga, dando a todo o Reyno o nome do Rey; e assim o nomeam João de Barros, e Damião de Goes, porque lhes não souberam dizer a razão deste nome.

Viveo este Rey vinte annos, e succedeo-lhe Crisna Ráo, que foi o mais valoroso Rey de todos, e tornou a conquistar o Reyno do Dely, onde já reinava Soltão Hamed, filho de Togalaca. E aos vinte e oito annos do reinado deste Crisna Ráo se levantou o grande Tamurlang, que foi perto dos annos de Christo de mil trezentos e noventa e quatro, e teve com este Crisna Ráo aquella asperissima batalha, que conta Ruy Gonçalves de Clavijo no seu Itinerario, quando foi por mandado de ElRey D. Henrique IV. ao Grão Tamurlão (como já na quinta Decada temos dado mais particular razão.)

E porque este Crisna Ráo levava no seu

ex-

exercito grande número de Chriſtãos, dos que fez o Apoſtolo S. Thomé, que eram ſeus vaſſallos, houve Ruy Gonçalves de Clavijo, que aquelle Rey era Chriſtão; e aſſim o affirma no ſeu Itinerario. Reinou eſte Criſna Rão trinta annos. Succedeo-lhe Rama Ráo, que reinou ſeſſenta e dous, e já em ſeu tempo o Decan era todo poſſuido de Mouros. Por ſua morte herdou o Reyno Marſanay Ráo, e ſuccedeo-lhe ſeu filho Criſna Ráo, que teve grandes guerras com o Idalxá, porque em ſeu tempo ſe alevantáram aquelles Capitães com os Reynos de Decan (como na quinta Decada diſſemos.) E o Idalxá lhe tomou as fortalezas de Rachol, e Mundager, que eram os eſtremos de ſeus Reynos. Reinou eſte vinte e ſinco annos, e em ſeu tempo deſcubrio aquelle valoroſo Capitão Vaſco da Gama a India. E ſegundo Fernão Lopes de Caſtanheda, eſte foi o que mandou offerecer as terras de Salſete, e Bardés a Ruy de Mello, Capitão de Goa, ſendo o Governador Diogo Lopes de Siqueira no Eſtreito de Meca; mas João de Barros diz, que no desbarato do Idalxá, depois que eſte Criſna Ráo lhe deo batalha, e tornou a ganhar as ſuas fortalezas, que lançáram mão das terras de Salſete, e Bardés huns Gentios, de alcunha os Gijs, que eſtavam em poder de hum Mou-

ro,

ro vaſſallo do Idalxá, e que eſte vendo que os Gentios ſe levantáram contra elle, mandáram recado a Ruy de Mello, Capitão de Goa, que foſſe tomar poſſe daquellas terras, como fez; mas como quer que foſſe, ellas foram dadas a ElRey de Portugal.

Por morte de Criſna Ráo ſuccedeo ſeu filho Trimal Ráo, que ficou continuando a guerra com o Idalxá. Eſte falleceo depois de reinar dezeſeis annos, ſem deixar herdeiro, e ſuccedeo-lhe hum tio ſeu, chamado Uche Tima Ráo, que era hum doudo, como o nome o declara, porque Uche em lingua Canará quer dizer doudo, e Tima era o ſeu nome proprio. Eſte fez tantos deſatinos, e tantas deſtruições nos Reynos, e theſouros, que não o podendo ſoffrer os póvos, o matáram, tendo reinado tres annos; e alevantáram por Rey hum ſobrinho de Criſna Ráo, filho de ſeu irmão, chamado Achita Ráo, que reinou quinze annos, e falleceo ſem herdeiro. Os Grandes alevantáram por Rey hum menino de pouco mais de treze annos, chamado Cidoça Ráo, que era neto de Criſna Ráo, e he eſte, em cujo nome vieram os Embaixadores do Capitulo atrás ao Governador D. João de Caſtro.

Tanto que eſte moço foi jurado por Rey, acudio á Cidade de Biſnagá Rama Rayo, que era caſado com huma filha de ElRey Criſ-

Crisna Ráo, e Capitão geral de seu Reyno, que estava governando aquella parte dos Badaguas, e Taligas; e como era muito poderoso, e grande Capitão, metteo-se na Corte, e lançou mão do Rey moço, e o metteo em huma torre fortissima, com grandes vigias, e portas de ferro, aonde o teve em quanto viveo, como huma estatua, com o nome só de Rey; mas com todas as despezas, gastos, e apparatos que pudéra ter, se fora, e estivera livre. Tinha este Rama Rayo outros dous irmãos, antre quem repartio o governo do Reyno; convem a saber, Atrimal Rayo, a quem deo tudo o que pertencia á Justiça; a Vingata Rayo tudo o da Fazenda, ficando elle só com o cargo de Capitão geral, e Governador de todo o Reyno. E pera encubrirem sua tyrannia, hiam todos tres hum dia no anno á torre aonde estava o Rey, e se lhe prostravam pelo chão, fazendo-lhe sua veneração como vassallos, e cativos, sendo-o na verdade o Rey delles. Este Rama Rayo foi grande Capitão, e fez grandes guerras a todos os Reys Mouros do Decan, como pelo discurso da historia côm o favor Divino contaremos. E desta maneira fica bem clara, e entendida a origem, e principio deste Reyno, de seus Reys, e tirada a confusão que havia em seus nomes.

CA-

CAPITULO VI.

Da grande Armada com que o Governador D. João de Castro partio pera o Norte: e de como mandou seu filho D. Alvaro de Castro a Surrate, e do que lhe aconteceo.

DEspedidos os Embaixadores do Rey do Canará, se embarcou logo o Governador em navios ligeiros, pondo-se no mar com huma Armada de cento e sessenta fustas, em que entravam algumas que já eram chegadas de Cochim, com que se fez á véla. Os Capitães que nellas o acompanháram, foram, D. Alvaro de Castro seu filho, D. Roque Tello, D. Pedro da Silva da Gama, D. João de Abranches, D. Jorge Deça, D. Bernardo da Silva, Vasco da Cunha, D. Francisco de Lima, Francisco da Silva de Menezes, D. Jorge de Menezes Baroche, Manoel de Sousa de Sepulveda, Cide de Sousa, Duarte Pereira, Diogo de Sousa, Garcia Rodrigues de Tavora, D. João de Taíde, D. João Lobo, Gaspar de Miranda, D. Braz de Almeida, Jorge da Silva, D. Pedro de Almeida, Pero de Taíde Inferno, Antonio Moniz Barreto, Cosme Anes Secretario, Belchior Correa, Bastião Lopes Lobato, Antonio de Sá

o

Rume, Alvaro Serrão, D. Antonio de Noronha, Diogo Alvares Telles, Antonio Henriques, Aleixos de Abreu, Antonio Dias, Balthazar Lopes da Costa, Damião de Sousa, Manoel de Sá, Fernão de Lima, Affonso de Bonifacio, Antonio Rabello, Antonio Rodrigues, Antonio Dias Pereira, Belchior Cardoso, Cosme Fernandes, Nuno Fernandes, Francisco Marques, Duarte Dias, Diogo Gonçalves, Francisco Alvares, Francisco Varela, Luiz de Almeida, Francisco de Brito, Gonçalo Gomes, Gregorio de Vasconcellos, Gomes Vidal, Capitão da guarda do Governador, Antonio Pessoa, Veador da Fazenda da Armada, Gonçalo Falcão, Gonçalo de Valladares, Galaor de Barros, Gaspar Pires, João Fernardes de Vasconcellos, Fernão de Alvarez Cernache, João Soares, Ignacio Coutinho, João Cardoso, João Nunes Homem, João Lopes, Lopo de Faria, Manoel Pinto, Lopo Soares, Manoel Pinheiro, Lopo Fernandes, Manoel Affonso, Marcos Fernandes, Nuno Gonçalves de Leão, Pero de Caceres, Pero de Moura, Ruy Paes, Pedro Affonso, Pero Preto, Luiz Lobato, Simão de Arede, Francisco da Cunha, Simão Bernardes, Thomé Branco, Patrão mór da ribeira, que hia no galeão S. João, carregado de mantimentos, e munições, Coge

Percoli, lingua. E os navios que vieram de Cochim, de que eram Capitães, Francisco de Siqueira, Vasco Nunes, Balthazar Dias Nobre, Francisco de Siqueira o moço, Francisco Fernandes o Moricale, que traziam quinhentos Nayres, que ElRey de Cochim mandava, e mais navios de Cochim, e Cananor, que chegáram, indo já o Governador á véla, de que eram Capitães, Luiz da Veiga, Guilherme Pereira, Gomes Carvalho, João Fernandes, Pedralvares, Lançarote Gonçalves, Paulo de Pedrosa, Pedro Anes, Rodrigo Ribeiro, Simão Ferreira, João de Magalhães, Cosme Brandão, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros, que nesta jornada foram em navios seus, a que não achámos os nomes. Com toda esta frota foi o Governador surgir na barra de Baçaim, donde despedio espias a Cambaya, pera saber da determinação de ElRey. E escreveo a D. João Mascarenhas, como já ficava tão perto delle, pera que o avisasse de todas as cousas.

Estando o Governador aqui dando despacho a muitas cousas, teve aviso que Caracen, Genro de Coge Çofar, estava por Capitão de Surrate, e que tinha muito pouca gente, e tão descuidado, que muito facilmente se podia tomar aquella fortaleza. O Governador como não dormia nesta mate-

keria, nem hia buſcar alvitres, nem fazendas, deſpedio logo ſeu filho D. Alvaro de Caſtro com oitenta navios, dos melhores da Armada, dando-lhe por regimento, que tomaſſe de noite o rio de Surrate, e mandaſſe em muito ſegredo eſpiar a fortaleza, e achando que eſtava com tão pouca gente, como lhe tinham dito, lhe déſſe hum aſſalto, e a commetteſſe, e levaſſe nas mãos, porque elle hia logo apôs elle. D. Alvaro de Caſtro deo á véla, e ao terceiro dia chegou a Surrate; e entrado de noite o rio, ſurgio no primeiro poço, e deſpedio logo ſete navios ligeiros, pera que foſſem até haver viſta da fortaleza, e a reconheceſſem bem, e trabalhaſſem por tomar alguma eſpia, que lhes déſſe razão do eſtado em que ella eſtava. Eſtes navios foram entrando o rio com o começo da enchente, e chegáram até haverem viſta da fortaleza, donde lhes atiráram algumas bombardadas, porque foram ſentidos; e ſem aguardarem mais, voltáram pera o Capitão mór, brádando Dom Jorge Baroche (que era hum dos Capitães) » que não ſe recolheſſem ſem verem de que, » porque as bombardadas não os comiam; » e todavia elles ſe foram retrahindo. E como já eram ſentidos de todos, paſſando por huma eſtancia, que eſtava da banda da Villa dos Abexins, lhes atiráram algumas bom-

bardadas; e como elles hiam já desconfiados, chegando á falla, assentáram que déssem naquella estancia, por se não recolherem sem fazerem alguma cousa. E armando-se, puzeram as prôas em terra, onde saltáram com grande determinação; e remettendo com as estancias, as entráram a poder de golpes, matando alguns Mouros, que alli estavam em guarda de algumas peças de artilheria, que alli tinham pera defenderem aquelle canal, que tomáram todas, e embarcáram muito a seu salvo, e foram-se recolhendo com a vasante da maré.

D. Alvaro de Castro, depois de despedir estes sete navios, o fez logo a outros dous, de que eram Capitães Francisco da Silva de Menezes, e João Fernandes de Vasconcellos, pera que fossem ver se podiam tomar alguma pessoa em terra, de quem se pudessem informar do que passava na fortaleza. Estes foram pelo rio assima com a mesma maré até hum Pagodinho, que está antes da Villa dos Abexins, que he hum poço, em que surgem as náos de Meca, e alli desembarcáram em terra, mandando Francisco da Silva os marinheiros do seu navio com algumas vasilhas, pera fazerem agua em hum tanque que estava hum tiro de espéra pela terra dentro, ficando os Capitães com sua gente em terra pera os favorecerem. Caracen,

Ca-

Capitão de Surrate, tanto que vio voltar os nossos navios, e ouvio as bombardadas nas estancias dos Abexins, deitou logo quinhentos homens, pera que fossem soccorrer os seus, porque logo entendeo que pelejavam. Estes quando chegáram, acháram já a estancia, e artilheria perdida; e passando adiante, foram até o pagode, aonde os outros dous navios estavam, sem saberem huns dos outros, sómente terem os nossos rebate por alguns moços que andavam desviados, que appareciam Mouros.

Francisco da Silva de Menezes ficou enfadado, porque os seus marinheiros estavam fazendo aguada, e se lhos matassem, ficaria elle arriscado a se perder, ou ao menos o navio; e disse a João Fernandes de Vasconcellos, que elle havia de ir buscar os seus marinheiros, e arriscar-se a tudo. João Fernandes lhe disse, que o acompanharia. E assim se foram com setenta soldados, que ambos tinham, em que entravam trinta de espingardas; e póstos em muito boa ordem, foram demandar o tanque, e recolhêram os marinheiros todos. E voltando pera as fustas por antre hum palmarinho, que alli estava, acháram mais de duzentos Mouros mettidos nelle, que lhes tinham tomado o caminho das fustas. Os nossos cerráram-se em hum esquadrão, repartindo as espingardas

das pelas ilhargas; e assim com muita determinação commettêram os inimigos, desparando sua arcabuzaria. E passando ávante, os dividíram, rompendo por antre elles; e naquella ordem se foram recolhendo, e pelejando pera todas as partes sem cessar a arcabuzaria, com que derribáram muitos Mouros. Desta maneira chegáram á vista das fustas a tempo, que as sete de sima vinham emparelhando com aquelle lugar. E vendo D. Jorge Baroche os dous navios surtos, e ouvindo a espingardaria em terra, poz nella a prôa, e desembarcou com os seus soldados, e achou ainda os nossos baralhados com os inimigos; e dando de refresco nelles, os fizeram recolher, e com isto todos se embarcáram a seu salvo com poucos feridos, e com hum só menos, que os Mouros matáram, porque o acháram no palmarinho subido em huma palmeira pera lhe tirar os cocos; e depois de morto o despíram, e lhe acháram derredor da cinta hum cerrião com duzentos Venezeanos, que não fiava senão de si, com que determinava de se embarcar aquelle anno pera o Reyno. Embarcados os nossos, se foram ao Capitão mór, honde já estavam os outros seis navios; que tinham dito a D. Alvaro de Castro tantas carrancas da fortaleza de Surrate, que desistio do negocio; posto que D. Jorge Baroche gritou,

e

e brádou ſobre iſſo, dizendo a D. Alvaro de Caſtro, que lhe roubavam ſua honra. D. Alvaro de Caſtro deſpedio hum catur ligeiro ao Governador com novas de tudo o que era paſſado, deixando-ſe elle ficar ſurto nos canaes da barra.

CAPITULO VII.

Das couſas que o Governador D. João de Caſtro fez: e de como chegou a Surrate, e paſſou a Baroche, onde achou ElRey de Cambaya com hum poderoſo exercito: e de como deſembarcou á ſua viſta: e do mais que lhe aconteceo.

O Governador depois de deſpedir ſeu filho D. Alvaro de Caſtro, ficou dando ordem, e deſpachou a algumas couſas. E como além de ſer muito Cavalleiro, era fonfarrão, e roncador, ſabendo que andava gente de Cambaya naquella Cidade, que forçado havia de eſcrever lá novas, deitou fama que havia de ir até á Cidade de Amadabá, e tomar ElRey ás mãos, e que o havia de eſpetar, e aſſar vivo. E mandou fazer na ferraria (que elle muitas vezes viſitava) huns eſpetos de ferro mui grandes, dizendo: » que eram pera aſſar ElRey, e os » ſeus Capitães. » E porque ſobre iſto aconteceo huma galantaria de hum ſoldado com

o

o Governador, não deixaremos de a contar.

Estando o Governador hum dia na praia, onde estava a ferraria vendo os espetos, atravessou hum pouco affastado hum soldado, chamado Fausto Serrão de Calvos, filho de Vasco Serrão, que foi Juiz do Terreiro do trigo de Lisboa. Hia este soldado em corpo, com suas armas, como todos andavam, e levava na cinta detrás huma machadinha de Rume mui bem feita, que era cousa que costumavam a trazer os soldados, porque lhes servia, quando entravam em algum navio de inimigos, de cortar huma enxarcea, huma driça, e huma amarra; e além disso servia tambem de arrombar caixões, e fardos pera tomarem suas prezas. Isto estranhava o Governador muito, e tinha má opinião do soldado que trazia estas machadinhas; porque dizia, que mais andava com o tento em roubar, que em pelejar. E como elle conhecia este Fausto Serrão do Paço, aonde servio ElRey limpamente, vendo-o passar, chamou-o, e lhe disse: » Se » quer vós senhor soldado, pera que trazeis » essa machadinha? » O outro entendendo-o, lhe respondeo: » Trago-a, Senhor, pera es» quartejar ElRey de Cambaya, e seus Ca» pitães, quando os vossa Senhoria mandar » assar nesses espetos, porque inteiros não o

» po-

» poderáõ fazer bem. » O Governador lhe gabou muito a resposta, e lhe disse, que folgava muito com aquillo.

Acabados os negocios que o Governador tinha pera fazer, se embarcou, e foi ter á barra de Surrate, aonde D. Alvaro seu filho havia oito dias que estava. E de huma espia que D. Jorge Baroche tinha tomado de novo, soube como a fortaleza estava soccorrida de muita gente; e não se querendo deter alli, foi passando adiante até á barra de Baroche, onde entrou, e mandou Francisco de Siqueira, Capitão dos Nayres de El-Rey de Cochim, que fosse sondar todo o rio, e espiasse a fortaleza, e trabalhasse por saber do modo que estava. Elle o fez assim, e foi pelo rio assima até perto da fortaleza, e vio nos campos della (que são mui grandes) assentado o exercito de ElRey de Cambaya, em que havia mais de cento e sincoenta mil homens, que tinha alli chegado aquelle dia em soccorro das fortalezas de Baroche, e Surrate, por lhe terem dado aviso, que o filho do Governador estava sobre Surrate, e que elle ficava em Baçaim com grande poder pera se ir ajuntar com elle. O Siqueira tanto que soube as novas pela gente de huma almadía que tomou, voltou pera o Governador, e lhe disse tudo o que víra. E como elle estava já determina-

do

do a entrar dentro, e haver vista da fortaleza, dando-lhe a desconfiança, não querendo que em algum tempo se dissesse que se recolhêra de medo de ElRey de Cambaya, determinou de lhe dar vista. E para isso mandou embandeirar toda a Armada, e pôr toda a gente em armas; e tanto que a enchente começou, entrou pelo rio assima com aquella multidão de fustas, que o entulhavam todo. E chegando á vista da fortaleza, menos de meia legua della, poz a prôa em terra, e mandou desembarcar todo o poder, ordenando, e formando hum muito formoso esquadrão. Estava ElRey de Cambaya á vista do Governador pera o certão, com o seu exercito em fórma de lua, com oitenta peças de artilheria de campo na testa delle, e diante della lançou seis mil homens pera a encubrirem, porque se os nossos o commettessem, o fossem estes levando até os metter na artilheria, com que esperava de o desbaratar, como já o fizera o Turco Selym, quando nos campos Calderanes desbaratou o Xeque Ismael.

Estavam antre o nosso exercito, e o de ElRey de Cambaya humas grandes varzeas de milho já alto, e crescido, por antre quem se mettêram alguns Portuguezes desmandados com seus arcabuzes, para verem se podiam derribar alguns dos inimigos. O Gover-

vernador ajuntando os Capitães, lhes disse, » que a elle lhe parecia bem dar batalha a » ElRey de Cambaya, por honra, e credito » do Estado da India; porque não era bem » que dissessem, que o Governador della se » recolhêra, e refusára batalha alguma; que » elle esperava em Deos havia de alcançar » huma muito honrosa vitoria com pouco ris» co, e perigo; e que quando seus pecca» dos fossem grandes, retrahindo-se com as » costas na sua Armada, que estava com as » prôas em terra, cuja artilheria varejava to» do aquelle campo, não podia acontecer » desastre, » dando-lhe sobre isto outras muitas razões. Os Capitães todos não só foram de contrario parecer, mas antes lhe reque» rêram » que não quizesse pôr a India em » balanço, porque o poder do inimigo era » muito grande, e que já começava a cingir » todo aquelle campo. » (E assim era, porque ElRey de Cambaya, tanto que vio o Governador em terra, assentou de lhe dar batalha; e fez o seu exercito em fórma de lua, vindo cingindo todo o campo, sahindo até o rio com duas pontas, em que havia distancias de huma a outra de mais de huma legua,) dizendo-lhe os Capitães » que atten» tasse bem aquelle negocio; porque se an» tre os nossos soldados, que eram bisonhos, » começasse a haver desmancho, que pode-

» ria

» ria acontecer huma grande desaventura á
» embarcação ; que o bom sería contentar-
» se com aquella honra de esperar alli na-
» quelle lugar ElRey de Cambaya, com as
» costas na sua Armada, pera se ElRey de
» Cambaya o quizesse commetter, o espe-
» rar de rosto a rosto ; e que se contentasse
» com o que fez o Imperador Carlos V,,
» quando esperou o Turco Soleimão em Vie-
» na, porque tudo o outro mais era teme-
» ridade. » O Governador vendo todos con-
tra si, desistio de sua opinião.

Vendo D. Jorge Baroche, que o Governador mudára o conselho, pedio-lhe quinhentas espingardas pera se metter antre aquelles milharaes, pera dar dous pares de cargas nos inimigos; e que esperava em Deos de lhes derribar huma cópia delles, e que não quizesse mór honra, que fazer-se aquella affronta nas barbas do seu Rey. O Governador lho concedeo; e andando D. Jorge ajuntando os soldados de espingardas, passou por hum que estava armado com a sua ás costas, muito bem posto no chão, e de muita pessoa. D. Jorge lhe perguntou se hia com elle? o soldado lhe disse » que não,
» porque aquillo era desatino; e que estava
» certo quantos lá fossem, ficarem todos es-
» pedaçados, e seus corpos pera mantimen-
» to das gralhas, e adibes daquelles cam-

» pos

» pos de Baroche.» Foi isto em parte que o Governador o ouvio; e chamando o soldado, lhe perguntou o que dizia? Elle lhe disse: » Não vedes, Senhor, aquella multi-
» dão de Mouros, que cobrem os campos;
» pera que deixais arriscar quinhentos ho-
» mens perantre aquelles milhos, aonde se
» houver hum desmancho, todos se hão de
» perder?» O Governador tomando aquillo por agouro, mandou a D. Jorge que sobreestivesse na ida; e havendo tres horas que estava em campo, se embarcou muito a seu salvo, sem os inimigos o inquietarem, nem commetterem; e com a vasante da maré se sahio pera fóra, ficando ElRey de Cambaya affrontado de o Governador desembarcar á sua vista, e de elle o não commetter, nem lhe dar batalha.

CAPITULO VIII.

De como o Governador D. João de Castro passou a Dio, e metteo de posse daquella fortaleza a Luiz Falcão, e D. João Mascarenhas se embarcou pera o Reyno: e de como o Governador destruio as Cidades de Pate, e Patane.

Partido o Governador de Baroche, foi atravessando pera Dio, mandando alguns navios diante, e outros por dentro da en-

enceada a fazerem toda a guerra que pudessem, como fizeram, tomando muitos navios, e dando em muitos lugares, que puzeram a ferro, e a fogo, sem deixarem cousa em pé. O Governador chegou a Dio, aonde D. João Mascarenhas o foi buscar á barra, e elle desembarcou em terra, e Dom João Mascarenhas lhe pedio logo que provesse aquella fortaleza de Capitão, porque era tempo de se elle ir embarcar pera o Reyno, como ficára assentado na entrada do inverno passado. O Governador lhe disse que sim, e mandou que se negociasse, tratando de prover a fortaleza, sem saber determinar o que nisso faria, porque já o verão passado lhe engeitáram alguns, e não ousava de commetter a alguem com ella.

Estando nesta indeterminação, chegou áquella fortaleza Luiz Falcão, que vinha de servir a Capitanía de Ormuz, aonde ficava D. Manoel de Lima, que foi bem recebido do Governador, porque logo determinou de lhe dar aquella fortaleza, sem embargo de ter delle grandes culpas, que de Ormuz lhe mandáram; porque além de ter muitas partes, era rico, e tinha que gastar. E logo ao outro dia estando ambos sós, lhe disse » que elle como seu amigo que era, » desejava de pôr suas cousas em bom esta» do, e de não chegarem a ElRey as culpas

» pas que delle havia ; e que pera isso não
» havia outro melhor meio, que acceitar el-
» le aquella fortaleza, e servir ElRey nel-
» la, porque então lhe ficaria lugar pera rom-
» per suas devassas, e escrever a ElRey co-
» mo o ficava servindo naquella fortaleza,
» que muitos lhe engeitáram por estar rota,
» e aberta.» Luiz Falcão lhe teve em mer-
cê aquella lembrança, e desejo que mostra-
va de lhe fazer mercê, dizendo-lhe » que
» estava muito prestes pera servir a ElRey as-
» sim naquillo, como em tudo o mais que
» lhe mandasse, e despender quanta fazen-
» da tinha com muito gosto.» O Governa-
dor lho agradeceo muito, e logo lhe deo
a posse da fortaleza, e D. João Mascare-
nhas se embarcou pera Cochim, e dahi pe-
ra o Reyno.

Passado este negocio, que foi em bre-
ves dias, se embarcou o Governador, e se
passou á costa de Pór, e Mangalor, e por
toda ella fez huma cruelissima guerra, des-
truindo, e assolando de todo as Cidades de
Pate, e Patane, que eram formosissimas,
posto que as acháram despovoadas de seus
moradores, que se tinham recolhido pera o
certão com medo do açoute Portuguez. A
Cidade de Pate tinha a huma banda hum
formoso, e forte Castello, com tres muros
mui fortes, e tres cavas mui largas; as por-

tas eram de madeira mui grossas, todas chapeadas, e atravessadas de barras de ferro, grandes, e fortes, que o Governador desejou de mandar levar pera Goa; mas não pode ser por sua grandeza, e os soldados as tiráram de seus couces, e as lançáram no mar. Aqui acháram duas costas de balêa tamanhas, que depois em Goa (pera onde o Governador as mandou embarcar) fizeram dellas hum arco na boca da rua, que vai dos açougues pera a porta da Cidade, que tomavam do canto onde pousa hum livreiro, até o outro onde está hum cirgueiro, que será de largura de treze passos. Este arco durou alli até o tempo do Governador Francisco Barreto. Nesta Cidade de Pate tomáram os nossos muitas fazendas, que seus moradores não pudéram recolher; e em seu porto, e em outros se queimáram perto de duzentas embarcações de toda a sorte, em que acháram muitos mantimentos, de que se a Armada proveo, e algumas fazendas.

Destruida, e assolada toda esta costa, voltou o Governador pera Baçaim pera escrever ao Reyno, e desembarcou em terra, onde determinava de estar de vagar, porque queria gastar todo aquelle verão na guerra de Cambaya; e porque também em quanto ElRey Soltão Mahamude o visse andar por alli, não buliria comsigo. Daqui des-

re-

pedio eſpias a Cambaya a ſaber o que lá hia; e foi aviſado, que tanto que elle ſe partio de Baroche, provêra ElRey aquella fortaleza, e a de Surrate, e ſe recolhêra á Cidade de Amadabá.

Aqui ſoube o Governador de hum mercador Gentio, (que ao tempo que D. Alvaro de Caſtro chegou a Surrate, eſtava naquella Cidade com ſua fazenda,) que Caracen, Capitão da fortaleza, tanto que ſoube eſtar a Armada de D. Alvaro de Caſtro ſobre a barra de Surrate, fora tão grande o ſeu medo, que mandára ſuas mulheres, e theſouros pera as Cidades do certão, ficando elle preſtes, e á ligeira, pera ſe a Armada commetteſſe a fortaleza, largalla, e recolher-ſe. O Governador tanto que ſoube iſto, quizera morrér de paixão, pondo a culpa daquelle negocio aos Capitães dos navios, que D. Alvaro de Caſtro mandou reconhecer a fortaleza; ficando tão melancolizado, e triſte de perder huma tamanha occaſião, que não tinha goſto de couſa alguma, nem o viam rir. E hum dia ſolemne, eſtando na Igreja de noſſa Senhora armando Cavalleiro Vaſco Nunes, Capitão dos Nayres de ElRey de Cochim, ſendo preſentes todos os Fidalgos, e depois de fazer eſte officio, que foi feito com grande ceremonia, como a mágoa da perda de Surra-

te lhe não sahia do coração, chamou alli por Antonio Pessoa, Veador da Fazenda, e lhe disse: » Antonio Pessoa, quando vos » relevar alguma cousa de vossa honra, fa- » zei-a por vós, e não a encommendeis a ou- » trem. » D. Alvaro de Castro seu filho, e os Capitães que com elle foram naquella jornada, sentíram muito aquelle negocio, e andavam tão envergonhados, que não ousavam de apparecer diante do Governador, que ficou escrevendo pera o Reyno, por ser já entrada de Dezembro.

CAPITULO IX.

De como o Idalxá mandou Calabatecan sobre as terras de Salsete: e de como os Vereadores de Goa não deixáram passar D. Diogo de Almeida, Capitão da Cidade, em busca delles: e da pressa com que o Governador D. João de Castro se embarcou pera Goa: e de como destruio a Cidade de Dabul.

O Idalxá tanto que lhe deram as novas do desbarato dos seus Capitães, e de como o Governador lhe tomára a sua fortaleza de Pondá, e que estava outra vez de posse das terras de Salsete, havendo-se por muito affrontado, e offendido, despedio com muita pressa hum Capitão principal, cha-

chamado Calabatecan, com vinte mil homens, em que entravam tres mil de cavallo, mandando-lhe que tornasse a ganhar as terras, e se deixasse ficar nellas, fazendo guerra á Cidade de Goa. Este Capitão ajuntou a si os mais, que já andavam por Pondá, e por aquellas partes, que eram os que fugíram ao Governador; e entrando pelas terras de Salsete, se tornáram a apossar dellas; e Fernão de Araujo, Capitão de Rachol, com Diogo Soares Contador, que era Capitão da gente da terra, se recolhêram na fortaleza, aonde se fortificáram muito bem. As novas disto chegáram logo a Goa; e ajuntando-se o Bispo, Capitão, e mais Regentes, praticáram sobre o modo que naquillo se teria, e o Capitão se offereceo pera ir com toda a gente que havia em Goa, a lançar os inimigos fóra, dando razões pera assim ser necessario; e parecendo bem a todos, assentáram que fosse. E logo se começou a preparar, e a fazer chamamento dos casados pera o acompanharem. Os Vereadores de Goa tanto que aquillo víram, sabendo que o poder dos inimigos era muito grande, e que acontecendo hum desastre ao Capitão, se poderia perder aquella Cidade, foram á casa do Bispo, aonde mandáram chamar o Capitão, e lhe requerêram » que não passasse á outra banda, nem sa-

» hisse fóra da Cidade, e Ilha de Goa, por-
» que lho não haviam de consentir, nem dei-
» xar passar com elle os moradores, encam-
» pando-lhe a Cidade, e Ilha de Goa. » O
Capitão lhes disse » que não era credito do
» Estado dissimular com aquelle negocio, que
» Cavalleiros, Cidadãos, e soldados estavam
» em Goa pera poderem dar batalha á pes-
» soa do Idalxá, quanto mais áquelles Ca-
» pitães, que ainda que traziam muita gen-
» te, era toda fraca, e coitada; e que elle
» esperava em Deos de os desbaratar com
» pouco risco. » Os Vereadores replicáram
» que em nenhuma maneira o haviam de con-
» sentir; que pois não havia perigo na tar-
» dança, que se sobreestivesse, porque aquil-
» lo não duraria mais que até á chegada do
» Governador, e que então todos passariam
» aos lançar fóra. » O Capitão não pode por
então fazer cousa alguma, e despedio logo
recado ao Governador de tudo o que era
passado, provendo entretanto Rachol de gen-
te, e munições, e os rios de navios, e man-
chuas.

Este recado chegou ao Governador; e
vendo as cartas, e o que era passado, es-
bravejou contra os Vereadores por impedi-
rem a passagem ao Capitão, e o mesmo dia
tornou a despedir a mesma embarcação com
cartas ao Bispo, e Capitão, de agradecimen-
tos,

tos, do modo de como procedêram naquelle negocio, affirmando-lhes que logo sería naquella Cidade; encommendando muito ao Capitão, que com toda a gente de cavallo, e de pé que houvesse o esperasse em Agaçaim, porque dalli pertendia de passar a Salsete. E aos Vereadores escreveo huma carta mui azeda, reprehendendo-os de impedirem a passagem ao Capitão, com palavras asperas.

Despedida esta embarcação, logo o Governador se embarcou, e deo á véla pera Goa. E chegando defronte da Cidade de Dabul, que he a principal escala que o Idalxá tem naquella costa, determinou tomar nella vingança do atrevimento que teve, em mandar seus Capitães sobre as terras que eram de ElRey de Portugal; e deo recado aos Capitães da Armada, pera que se fizessem prestes pera o outro dia, ficando fóra aquella noite. E tanto que foi o quarto d'alva, commetteo a barra, dando a dianteira a D. Alvaro de Castro, e foi pôr a prôa na praia da Cidade, por meio de todas as bombardadas que lhe atiráram. D. Alvaro de Castro, que levava ordem do Governador do que havia de fazer, saltou em terra com dous mil homens, e com os Nayres de ElRey de Cochim, e na praia achou o Tanadar da Cidade com hum grande corpo

po de gente, com quem travou huma formosa batalha, em que houve algum damno de parte a parte, mas todavia os inimigos foram arrancados do campo.

O Governador desembarcou com toda a gente, e fez della duas batalhas, huma deo a seu filho, e a outra tomou pera si, e assim foram commettendo a entrada da Cidade, onde acháram muito grande resistencia, porque pelejavam seus moradores pela defensão das mulheres, filhos, e fazendas. E posto que os nossos tiveram grande trabalho, e risco, por fim do negocio apertáram com os inimigos de feição, que os rompêram, entrando a Cidade de envolta com elles, tendo-lhes os inimigos sempre o rosto, e pelejando com muito valor; mas como os nossos hiam com aquelle impeto, e o Governador com todo o cabedal era já entrado, foram levados os Mouros de rondão com grande estrago seu, e de tal maneira apertáram com elles, que os deitáram fóra da Cidade, ficando ella em poder dos nossos, com hum muito grosso recheio, que se metteo a sacco; e foi de feição, que se enchêram todos os navios, sem se ensacar a terça parte da Cidade. E depois de todos fartos á sua vontade, puzeram fogo a tudo o mais que sobejou, destruindo, assolando, derribando toda a Cidade de sorte, que nada

da

da della ficou em pé. Queimáram-se assim em terra, como no rio, muitas náos, e embarcações de toda a sorte, ficando aquella misera Cidade convertida em carvões, e cinza. Em fim o castigo foi tal, que em quanto durar a India, durará sua memoria.

O Governador se embarcou logo por se não deter, e deo á véla com muita pressa pera Goa, e foi demandar a barra de Murmungão, que he a de Goa velha, por onde entrou, e foi surgir em Agaçaim, onde achou D. Diogo de Almeida, Capitão da Cidade de Goa, com cento e sincoenta de cavallo, com muitas barcassas, e jangadas pera a passagem da outra banda. O Governador se deteve alli aquelle dia, tomando informação do estado das cousas, e despedio espias pera saber a ordem, e modo em que o inimigo estava. Ao outro dia pela manhã começou a passar todo seu exercito da outra banda de Salsete, no que gastou todo o dia, e noite.

CA-

CAPITULO X.

De como o Governador D. João de Castro passou a Salsete em busca dos inimigos, e batalha que lhes deo, em que os desbaratou de todo.

PAssado o Governador á outra banda, teve logo aviso pelas espias, que Calabatecan estava com todo o poder na Villa de Margão, que sería duas leguas e meia dalli onde estava. E pondo sua gente em ordem, fez de toda a de pé duas batalhas de dous mil homens Portuguezes cada huma. A primeira, que era a vanguarda, deo a D. Alvaro de Castro seu filho, com quem haviam de ir todos os Nayres de Cochim, e Lascarins da terra, de baixo da bandeira do Tanadar mór de Goa. A outra batalha tomou o Governador pera si, com quem ficáram todos os Capitães, e Fidalgos velhos. Da gente de cavallo, que hia toda debaixo da bandeira do Capitão da Cidade, tambem fez duas batalhas, que haviam de ir pelas pontas do esquadrão da vanguarda; e nesta ordem foram caminhando em busca dos inimigos ás tres horas da tarde, deitando diante alguns cavallos ligeiros pera lhes descubrirem o campo. E antes de chegarem a Margão, distancia de meia legua, teve o

Ca-

Calabatecan rebate do Governador ir em pessoa a buscallo; e não ousando ao esperar, levou-se com tanta pressa, que deixou as tendas armadas, e os caldeirões no fogo com a cea, e passou o rio á outra banda pelos vallos, que logo mandou quebrar por os nossos o não seguirem, e se recolheo pera as aldeias de Cocoly. O Governador foi caminhando até Margão, e antes da Villa, teve recado que os inimigos hiam fugindo com muita pressa. E chegando ao lugar onde os inimigos haviam estado, achou o arraial com todas suas tendas, camas, e mezas, onde se todos aposentáram, e agazalháram á sua vontade, porque acháram tudo o de que tinham necessidade pera comer. Aquella noite passáram alli com grandes vigias; e ao outro dia, que foi do Apostolo S. Thomé, Padroeiro da India, se levantou o exercito, e foi marchando em busca dos inimigos, mandando o Siqueira diante com huma companhia de Nayres aos espiar, e a descubrir o campo; e chegando á ribeira, houve vista dos Mouros da outra banda, porque o Calabetecan tanto que amanheceo, acudio a tomar os passos da ribeira, porque o Governador não passasse. O Siqueira voltou logo ao Governador, e lhe disse, que alli tinha os inimigos da outra banda da ribeira. O Governador hia em hum palanquim,

de

de que em lhe dando as novas ſaltou logo fóra, e cavalgou em hum formoſo cavallo melado; e tomando huma lança, e adarga, correo por todo o exercito muito rizonho dizendo a todos:

» Eia, filhos, alli temos os inimigos: va» mos a elles, que pouco tendes que fazer, » porque pera voſſo esforço, e pera o alvo» roço que em todos ſinto, tomára que fo» ram mais, pera que ficára a vitoria mais » glorioſa. »

E paſſando-ſe á dianteira, aonde hia ſeu filho D. Alvaro de Caſtro, e D. Diogo de Almeida com a gente de cavallo, lhes deo a nova, e mandou que ſe puzeſſem em ordem. E chegando á ribeira, querendo-a commetter a váo, a acháram muito alta; e indo demandar o vallo, tambem o acháram quebrado; mas com a preſſa ficou ainda alguma parte pequena por onde os noſſos de pé começáram a paſſar, e da outra banda acháram Calabatecan, que mandou hum Capitão que os accommetteſſe, como fez. E como aquella parte era eſtreita, carregando os inimigos ſobre os noſſos, os tornáram a lançar fóra dos vallos. O Governador acudio áquella parte; e vendo retirar os noſſos, ficou tão enfadado, que começou a brádar com elles, dizendo-lhes, que fugiam. O Capitão D. Diogo de Almeida foi aviſado, que abai-

xo fazia a ribeira hum váo, por onde a gente de cavallo podia passar com a agua pelas cilhas; e indo-o demandar, chegou a elle, e começou a passar; e sendo já com alguns da outra parte, chegou Calabatecan com dous mil homens, porque teve aviso que a nossa gente de cavallo passava pelo váo. Hia o Mouro em hum soberbo cavallo acubertado, e elle armado de armas inteiras, e fortes, e em lugar de elmo, e viseira, levava huma mascara de aço, que elles usam; e chegando áquella parte diante dos seus, foi remettendo aos nossos. Dom Diogo de Almeida que o conheceo, assim pelos sinaes, como pelo capitanear que fazia, em o vendo, poz a lança no reste, e abalou pera elle, dizendo: » Ah cão, olha » por ti, que deste encontro se acabará tu» do. » E encontrando-se ambos de meio a meio, barafustando os cavallos hum com o outro, foi Calabatecan do encontro ao chão; e ainda não foi nelle, quando se levantou com o terçado na mão; e lançando a esquerda ás redeas do cavallo de D. Diogo de Almeida, (que estava como atordoado da pancada,) foi pera descer com o golpe, e sem dúvida o tratára mal se lhe dera; mas foi sua dita tal, que hum pagem de cavallo que levava, com outra lança, chegou áquella hora pera lhe soccorrer com ella; e ven-

vendo o Mouro que levantava o braço, abaixou a lança, e poz as pernas ao cavallo, e tomando o Mouro pelos peitos, deo com elle no chão; mas tambem logo se tornou a levantar com grande furia, e remettendo com o pagem, lhe levou as redeas, e ao mesmo tempo desceo com hum tão façanhoso golpe, que tomando-o pela adarga, lhe cortou huma borda, e foi descendo aos peitos do cavallo, e o abrio todo, cahindo elle no chão. D. Diogo de Almeida, posto que o seu cavallo estava fraco, lhe poz as pernas, e encontrando o Mouro, o levou por debaixo dos pés, onde foi morto de alguns, que lhe puzeram tambem as lanças, sem se poder averiguar quem foi o que o matou, porque houve muitos que lhe tomáram peças de seu corpo; mas ficou melhor de partido hum Jorge Madeira, que lhe tomou o terçado, e adarga, que eram de ouro, com muita pedraria, e tambem algumas cadeias, e anneis ricos; e se affirma, que valêram as peças dez mil pardáos.

Os nossos de cavallo, que já a este tempo estavam da outra banda, andavam baralhados com os Mouros, assignalando-se de todos o Capitão Francisco da Silva de Menezes, Tristão de Taíde, Alvaro da Gama, Antonio Pereira, Alvaro de Caminha, Anto-

tonio Ferrão, e outros, que todos matáram, e derribáram tantos, que o menos que toube a cada hum dos nossos sessenta de cavallo, (que não passáram mais até então,) foram tres.

Andando assim a cousa baralhada, correo a nova pelo exercito da morte de Calabetecan, com o que os seus se foram recolhendo. D. Alvaro de Castro pela outra banda do vallo commetteo outra vez a entrada; e os seus soldados envergonhados do que lhes o Governador disse, a pezar de golpes entráram por elle, e se puzeram da outra banda. O Governador como vio o vallo franco, passou com o resto do exercito, e achou o filho baralhado com os inimigos, que acudíram alli; e remettendo com a sua batalha, (porque o campo era muito grande,) deo Sant-Iago por huma banda, e appellidando o Bemaventurado Apostolo São Thomé, cujo dia era. Salvador Fernandes, Alferes da bandeira Real, se foi mettendo com ella no meio dos inimigos, a que acudio o poder, e se travou huma muito aspera batalha de parte a parte. D. Diogo de Almeida, Capitão da Cidade, tanto que (por onde passou) se vio desapressado dos Mouros, ajuntou toda sua gente a si, e foi demandar a batalha, porque vio a bandeira Real da outra banda. E rompendo nos-

nos inimigos por huma ilharga, começou a fazer nelles grande deſtruição.

Eſtando a couſa neſte eſtado, chegou a nova da morte de Calabatecan aos outros Capitães; e em lha dando, largáram o campo, deitando a fugir, e deſamparando tudo. Os noſſos foram ſeguindo o alcance, matando, e derribando nelles ſem virarem, até á outra ribeira, aonde ſe lançáram á agua como deſatinados, e alli fizeram os noſſos nelles muito grande eſtrago. O Governador tocou a recolher, e mandou recado aos de diante, que ſe vieſſem pera elle, como fizeram, ficando o Governador no campo, em que houve a vitoria, vendo os mortos, e acháram dos de cavallo perto de duzentos, e ſeiscentos de pé, a fóra os que ſe matáram no alcance, que foram mais de dous mil. E muitos mais ſe perdêram, ſe não mettêram nas toucas ramos verdes, que era o ſinal que os noſſos piães Gentios traziam pera ſerem conhecidos dos noſſos, com o que eſcapáram a mór parte delles. O Governador ſe tornou pera Margão, aonde deſcançou aquelle dia.

Foi eſta vitoria tão celebrada, e feſtejada em Goa, que nos dias das feſtas nas folías, a que o Governador era muito afeiçoado, ſe lhe cantava hum Romance, que hum curioſo fez, que começa:

Pe-

Pelos campos de Salſete
Mouros mal feridos vão,
Vai-lhes dando no alcance
O de Caſtro D. João:
Vinte mil eram por todos, &c.

Ao outro dia diſſe o Governador aos ſoldados: » Filhos, e Cavalleiros meus, com- » voſco hei de ir tomar o Idalxá pela barba: » fazei-vos preſtes, ide conſoar a Goa, que » eu vos vou eſperar em Pangim, que te- » mos muito que fazer. » E partindo-ſe dalli, ſe embarcou no rio de Agaçaim, e á viſta da Cidade, que lhe fez grande ſalva, ſe foi pera Pangim, aonde teve a feſta, e toda a gente ficou em Goa. Alli em Pangim acabou o Governador de eſcrever pera o Reyno, e pelas Oitavas deſpedio as vias pera Cochim, e tomáram as náos de verga de alto, e até vinte de Janeiro ſe fizeram todas á véla, e tiveram boa viagem.

Neſtas náos foi D. João Maſcarenhas, que ElRey recebeo muito honradamente, pelo grande cerco que ſuſtentou em Dio, e lhe fez depois muitas honras, e mercês. Eſte Fidalgo nunca mais quiz tornar á India, e dizia-ſe que fora muitas vezes commettido pera a ir governar. ElRey o fez do ſeu Conſelho do Eſtado, e lhe deo tenças, e Commendas groſſas; e depois ſendo o Car-

deal

deal D. Henrique Rey de Portugal, foi hum dos ſinco Governadores do Reyno. Foi filho de D. Nuno Maſcarenhas, filho ſegundo do primeiro Capitão dos Ginetes D. Fernão Martins Maſcarenhas. Caſou, depois que da India veio pera o Reyno, com Dona Helena, filha de D. João de Caſtello-branco: deo-lhe ElRey a Alcaidaria mór de Caſtello de Vide: teve dous filhos, D. Nuno Maſcarenhas, D. Pedro Maſcarenhas.

CAPITULO XI.

De como o Governador D. João de Caſtro proveo nas couſas das terras de Salſete: e de como partio pera o Norte, e deſtruio toda a coſta do Idalxá.

COmo o Governador D. João de Caſtro pertendia continuar na guerra do Idalxá, e deſtruir-lhe todos os ſeus pórtos do mar, naquellas Oitavas proveo nas couſas de Salſete, deixando ordenado o Capitão D. Diogo de Almeida com cento e vinte de cavallo, e mil piães da terra pera quietar, e ſegurar aquellas aldeias; e nos rios de Rachol deixou alguns navios da Armada pera guarda delles, cujos Capitães eram, Gaſpar Fernandes, Gonçalo Gomes, Luiz de Almeida, Jorge Fernandes, Ignacio Cou-

ti-

finho, João Pires, João Homem, e outros. E deixando dado ordem a outras muitas cousas, tanto que a festa passou, logo se embarcou na mesma Armada, acudindo-lhe toda a gente, sem faltar huma pessoa, porque andavam todos satisfeitos, e contentes; e o de que andavam mais, era das palavras, honra, e amor com que o Governador os tratava; e assim desejavam de se aventurar debaixo de sua bandeira, e pôr as vidas a todos os riscos, e perigos. Pelo que devem de trabalhar muito os Governadores, e Viso-Reys de ganharem os corações dos homens, se querem vir a ser famosos no Mundo, com aquellas tres cousas, em que o grande Capitão Gonçalo Fernandes encerrava todas as leis da guerra, que eram Capitão clemente, mão larga, e boca prudente; porque nenhuma cousa ata mais os corações dos homens, que prudencia nas palavras, presteza nas obras, humanidade na execução. Anno 1548.

E tornando ao nosso fio, recolhendo o Governador toda a Armada, sahio pela barra fóra na entrada deste mez de Janeiro de quarenta e oito, em que com o favor Divino entramos; e começando no rio de Chaporá, duas leguas de Goa, que he o primeiro do Estado do Idalxá, mandou assolar, derribar, e queimar tudo, e que se não

perdoasse a cousa alguma, nem se deixasse em pé arvore de fruto, nem palmeira; que era toda a sua substancia. E em muitas partes, em que o Governador desembarcou em pessoa, tanto que via a algum soldado cortar huma palmeira, ou qualquer outra arvore, o abraçava, dizendo-lhe: » Ah soldado, agora mataste dous Mouros. » Tanto trazia os olhos nos serviços dos homens, que nunca algum fez cousa boa, que não fosse logo louvada publicamente delle, e depois satisfeita conforme ao tempo, e á posse do Estado. E assim foi destruindo Banda, Meludi, Achará, Tamboná, Mazagão, Carapatão, Rayapor, e todos os mais lugares daquella costa até Dabul, fazendo as mores cruezas, e damnos que se podiam imaginar.

E porque hia avisado que a Cidade de Dabul de sima estava com hum grosso recheio, porque se tinham recolhidos os mais dos mercadores do derredor a ella, pela haverem por segura por estar duas leguas pelo rio assima, deo recado aos Capitães pera que se fizessem prestes pera o outro dia, porque determinava de a destruir. E sendo no quarto d'alva, entrou com toda a Armada pelo rio dentro, e passáram pela Cidade, que estava ainda escondida debaixo das cinzas, e carvões, em que havia pouco a dei-

deixáram os nossos consumida, e chegáram á outra Cidade ao romper da manhã; e pondo as prôas em terra, saltou nella D. Alvaro de Castro com sua companhia, porque em todas estas cousas sempre levou a dianteira; e commettendo a Cidade, a acháram despejada de gente, e fazendas, porque o terror, e espanto do que o Governador hia fazendo por aquella costa, fez recolher tudo o mais pera o certão. E não achando os Portuguezes em que executar sua furia, o fizeram nos antigos, e soberbos templos, e edificios, por ser a Cidade em si mui populosa; e deixáram assolado, e destruido até os derradeiros alicerses, dando fogo a tudo, que consumio as pedras em cinza, cortando, e destruindo as hortas, fazendas, e palmares, sem deixarem huma arvore em pé; e o mesmo fizeram a todas as aldeias, que havia pelo rio assima, de huma, e outra banda, em que cativáram alguns mesquinhos, matando muito gado grosso, e miudo; e em fim ficou tudo pera muitos annos não tornar em si.

Dalli se embarcou o Governador, e foi dando, e destruindo todas as mais povoações, que havia até o rio de Cifardão, que divide o Estado do Idalxá do Melique, não deixando cousa em pé, de sorte que por toda aquella costa não havia outra cousa, se-

não nuvens de eſpeſſo fumo, que cubriam os ares, e eſcondiam a claridade do Sol. Chegado a Chaul, entrou no rio a dar deſpacho a alguns negocios, e alli ouvio na ſua galé hum Embaixador do Melique, que havia dias alli eſtava eſperando por elle, por quem aquelle Rey lhe mandou fazer muitos offerecimentos pera contra o Idalxá, porque não eſtavam amigos. O Governador o ouvio bem, agradecendo-lhe aquella vontade, confirmando com elle novamente as pazes com os Capitulos em damno do Idalxá, e deſpedio o Embaixador muito ſatisfeito.

Acabado eſte negocio, ſe foi pera Baçaim, donde deſpedio D. Antonio de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, com vinte navios ligeiros pera continuar na guerra de Cambaya, da outra banda da coſta de Dio até Pór, e Mangalór; e o meſmo fez a D. Jorge Baroche com outros tantos navios, pera andar de Agaçaim até Baroche, defendendo aquelle mar; porque não entraſſe couſa alguma em Cambaya, nem ſahiſſe pera fóra, por lhe dar perda em ſuas entradas, e Alfandegas, como lhe deo notaviliſſima. Em Baçaim deſembarcou o Governador em terra, e mandou dar quatro mezas aos ſoldados, cujos Capitães eram, D. Alvaro de Caſtro, D. Bernardo de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de Noro-

ro-

ronha, D. Pedro da Silva da Gama, filho do Conde Almirante, que descubrio a India, e Gomes Vidal, Capitão da guarda do Governador; deixando-se alli ficar, com determinação de se não recolher, senão a invernar; porque dalli queria mandar fazer guerra a Cambaya, e ao Idalxá, por ficar em meio de ambos aquelles Reynos, como fez, espalhando navios por suas costas, que lhe fizeram toda a que lhe pudéram fazer, tomando-lhes muitas embarcações carregadas de fazendas, e mantimentos. E porque não houve cousa notavel que succedesse a estas Armadas, concluimos com ellas assim em somma, porque temos outras muitas cousas que nos chamam, a que he necessario acudir.

FIM DO LIV. V. DA DECADA VI.

00046071

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016